

A woman with long dark hair, wearing a strapless purple dress, is sitting on a beach. She is looking up and to the left, with her hand behind her head. The background is a bright, hazy sky over the ocean. The text is overlaid on the right side of the image.

*Ela dá-lhe uma razão
para viver...*

*Todos
os teus
beijos*

*Laura
Lee Guhrke*



Sinopse:

Todos conhecem Dylan Moore – o seu brilhante talento e a sua busca pelo prazer – mas ninguém sabe o tormento que esconde. Apenas uma mulher se apercebe da força que impele a alma de Dylan, uma mulher que o persegue em sonhos e desperta nele paixões que nenhuma outra despertou

Desgraçada e agora muito pobre, Grace Cheval nada quer ter com o sedutor que a deseja. Quando Dylan lhe oferece o emprego de preceptora para a filha que há pouco encontrou, sabe que as suas intenções não são honradas. Porém, é-lhe difícil resistir a este homem tão carismático e devolve-lhe os beijos apaixonados com todo o ardor. Atrever-se-á Dylan a esperar que esta beldade orgulhosa e intrépida derreta o gelo que envolve o seu coração.

Ficha Técnica

Título original: His Every Kiss

Autor: Bárbara Nortonde Matos

Revisão: Domingas Cruz

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789897260629

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro — Sociedade Editorial, Lda uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide — Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Laura Lee Guhrke, 2004

Publicado com o acordo de Avon, uma chancela de HarperCollins Publishers.

e Oficina do Livro — Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Para o meu pai, William Guhrke, por ser a única
pessoa na nossa família com talento musical
e por me ter ensinado a apreciar música clássica.

Adoro-te, paizinho, mas como não consigo cantar
uma nota afinada, porque não me
passaste também a tua magnífica voz?

Prólogo



Londres

1827

Sentia-se enlouquecer. Maldito ruído, maldito ruído angustiante. Parecia um gemido alto que lhe queimava o cérebro como fogo, um som incessante, constante que lentamente o enlouquecia. Se ao menos conseguisse calá-lo. Mas era impossível.

Dylan Moore afastou bruscamente o lençol soltando uma imprecação e levantou-se da cama. Nu, atravessou o quarto e abriu os pesados reposteiros de brocado para olhar para fora. O céu estava negro como breu, naquela hora entre a meia-noite e a madrugada, e apenas um candeeiro à esquina iluminava lá em baixo a rua vazia. Tudo estava em silêncio, exceto no seu espírito. Ficou a olhar pela janela, sentindo ódio por todos os seres humanos de Londres que podiam desfrutar do silêncio que a ele lhe era negado.

Os seus movimentos acordaram Phelps e o criado entrou, vindo do quarto de vestir, com uma vela acesa na mão.

— Também não consegue dormir esta noite, senhor?

— Assim é. — Dylan soltou um suspiro. Havia já três meses. Por quantas mais noites poderia continuar assim, dormindo apenas uns minutos de cada vez? A cabeça latejava-lhe num doloroso protesto pelo ruído infundável e pela falta de sono; inclinou a cabeça e encostou-a à janela, controlando o impulso de partir com ela o vidro e pôr fim àquele tormento.

— O láudano que o doutor Forbes receitou... — O criado hesitou, vendo a expressão zangada com que o amo se voltou para ele, mas a preocupação levou-o a insistir. — Talvez o senhor deseje que prepare outra dose?

— Não. — Deitar-se na cama a aguardar o efeito do opiáceo seria uma ideia intolerável. Dylan voltou as costas à janela e dirigiu-se a passos largos para o quarto de vestir, passando pelo criado. — Vou sair.

— Vou acordar Roberts para que traga a carruagem para a frente da casa.

— Não quero a carruagem. Vou dar um passeio a pé.

— Sozinho, senhor?

— Sozinho.

Na opinião de Phelps, passear sozinho, a meio da noite, pelas ruas de Londres, não seria uma boa ideia, mas a sua expressão não demonstrou qualquer parecer sobre o assunto. Dylan fazia o que lhe apetecia e não seria apropriado o criado pôr em causa a sensatez da decisão.

— Sim, senhor — disse Phelps e ajudou-o a vestir-se.

Dez minutos depois, Phelps voltou para a cama e Dylan desceu as escadas, empunhando a vela acesa que lhe iluminava o caminho através da casa escura. Entrou no escritório, dirigiu-se à secretária e abriu uma gaveta. Ficou por momentos a olhar para a pistola e depois pegou-lhe. Um homem envergando roupas caras e percorrendo sozinho a cidade, durante a noite, estava a pedir

complicações e o mais sensato seria tomar precauções. Carregou a arma, meteu-a no bolso da longa capa negra e saiu do escritório. Passou pela sala de música a caminho da porta da rua, mas alguma coisa o fez parar. Talvez que um passeio não fosse realmente a distração de que necessitava. Hesitou, depois voltou-se e entrou na sala de música.

Passara ali muitas horas até ao acidente. Um momento de descuido, uma queda do cavalo, a pancada da cabeça contra uma pedra e tudo mudara. Só dois dias depois o ouvido deixara de sangrar e levava duas semanas a recuperar do traumatismo. Durante esse tempo esperara que o zumbido dos ouvidos desaparecesse, mas afinal parecera piorar. Durante o mês seguinte à sua recuperação, entrara todas as manhãs naquela sala para trabalhar. Sentara-se ao piano de cauda, fingindo que nada se passava, repetindo para consigo que o seu estado seria temporário, que não perdera o dom, que, se tentasse, seria capaz de voltar a escrever música. Por fim, desesperado, desistira e desde aí não voltara a entrar na sala.

Dirigiu-se lentamente para o enorme piano de cauda *Broadwood*, olhando fixamente para o reflexo do brilho da vela na tampa de nogueira envernizada. Talvez nos últimos três meses uma qualquer transformação tivesse acontecido por magia e, quando pousasse as mãos nas teclas, a música surgisse de novo. Pelo menos podia tentar. Depois de colocar a vela no castiçal trabalhado de madeira de castanheiro do piano, ergueu a tampa e sentou-se no banco.

Dylan olhou para as teclas durante muito tempo, depois passou por cima delas, os dedos nas notas de um minueto, a primeira peça de música que compusera. Muito bom para um menino de sete anos, admitiu. Mas nos vinte anos seguintes compusera dezanove sinfonias, dez óperas e tantos concertos, valsas e sonatas, que lhes perdera a conta. Nascera rico e abastado e, a partir da sua música, conseguira não só mais dinheiro mas também fama e sucesso. Porém, sabia que nada disso importava. Era a música que ele amava.

Olhou para a pauta que tinha à sua frente, escrita por si próprio, como se pertencesse a um estranho. Era de *Valmont*, a sua última composição, a ópera que escrevera baseada no escandaloso romance *Ligações Perigosas*. Terminara o trabalho no dia anterior àquele desditoso passeio a cavalo pelo Hyde Park.

Escrevera a ópera em menos de uma semana. A música sempre surgira nele com toda a facilidade. Sempre ouvira as melodias dentro de si; brotavam-lhe do espírito para as pautas com toda a facilidade, um dom que sempre tivera como certo. Reconhecia agora a verdade com uma nitidez brutal. *Valmont* fora a última peça que escrevera, a última peça que alguma vez escreveria. Porque não admiti-lo? Já não conseguia ouvir a música. O gemido afogava-a dentro da sua cabeça.

Quatro médicos disseram-lhe que os danos seriam crónicos, que tinha a sorte de não ter ficado completamente surdo, que se habituaria ao ruído. Bateu com os dedos nas teclas e pôs-se de pé. Criar música era a paixão da sua existência. Agora o dom desaparecera. Nunca se habituaria.

Apagou a vela e saiu de casa. Caíra um pesado nevoeiro, a maldição do inverno em Londres, mas caminhou distraidamente através dele, concentrando-se no som das botas contra as pedras da calçada. Caminhou sem qualquer direção consciente, apercebendo-se apenas do local onde os seus passos o conduziam quando se encontrou diante do Charing Cross Palladium.

A outrora popular sala de concertos dera, havia muito, lugar ao mais opulento Covent Garden. O dono pouco interesse mostrara em tentar recuperar a antiga excelência do Palladium, mas fora nessa sala, então no auge, que, dez anos antes, Dylan dirigira a sua primeira sinfonia. Ironicamente, o local era agora pouco utilizado, por isso Dylan não pôde evitar um sorriso triste. Pareceu-lhe apropriado, uma sala de concertos que já não o era, para um compositor que já não compunha.

Uma leve luz coava-se por baixo das portas duplas e Dylan franziu a testa. Porque haveria candeeiros acesos dentro do edifício, àquela hora? Tocou no puxador de uma das portas e reparou que não estava trancada. Então entrou.

— Está alguém aí? — perguntou, mas a sua voz ecoou lá dentro e morreu sem resposta. Atravessou o átrio enorme, passando por baixo de um dos arcos que levava ao teatro propriamente

dito. A luz de vários projetores piscava, revelando um balde e uma esfregona no chão do palco, sem que, contudo, houvesse quem quer que fosse à vista.

Dylan chamou de novo, mas também não recebeu resposta. Provavelmente, a mulher da limpeza ter-se-ia esquecido de apagar as luzes e trancar as portas antes de sair, o que seria desculpável já que nada haveria para roubar. Sem produções, não havia no teatro adereços, trajes ou instrumentos musicais. Mas os candeeiros acesos eram outra história. Sem ninguém presente poderiam causar um incêndio.

Percorreu uma coxia, pensando em apagar as luzes antes de se retirar, mas deteve-se ao chegar ao poço da orquestra. O poço estava vazio, salvo uma batuta de madeira caída no chão, talvez esquecida pelo último maestro. Olhou-a por uns instantes, depois desceu os degraus do poço e apanhou-a.

Fez girar a batuta entre as palmas das mãos, recordando-se da primeira vez que ali dirigira uma orquestra, da aclamação da crítica e do êxito que se seguira. Em breve tudo desapareceria. As pessoas falavam já do seu humor lúgubre e das suas dores de cabeça. Embora apenas os quatro médicos e o criado tivessem conhecimento do seu estado, não sabia como escondê-lo para sempre. As pessoas aperceber-se-iam que, depois de duas décadas de prolífica composição, a sua música acabara. Em breve seria do domínio público que Dylan Moore, o mais famoso compositor inglês, perdera os seus dons musicais.

A música era a sua vida. Enraivecido por aquilo de que tanto gostava lhe ter sido arrebatado, atirou a batuta que saltou pelo chão de madeira do poço da orquestra. Que faria sem música? Teria de sofrer para sempre aquela intolerável agonia? Passar o resto da vida a ouvir apenas um som, um som que nunca se alterava, nunca vibrava e não tinha fim?

Havia uma maneira de acabar com ele. A ideia penetrou-o como um vento de enregelar os ossos e Dylan apercebeu-se da verdadeira razão por que trouxera a pistola consigo e por que razão os seus passos se tinham dirigido ao teatro. Deveria morrer naquele momento, no pico da fama, na sala de concertos em que conseguira o seu primeiro êxito, antes que os críticos o arrasassem e os amigos pudessem — que Deus não o permitisse — ter pena dele. Meteu a mão no bolso da capa e retirou dele a pistola.

Dylan fechou os olhos e ergueu a arma, colocando a extremidade do cano diretamente debaixo do queixo, com o objetivo de calar de uma vez por todas o ruído que lhe percorria o cérebro com tal monotonia. Puxou o cão. Seria tão simples. Bastava apertar o gatilho e depois... silêncio. Um silêncio abençoado.

A música apanhou-o de surpresa. Ficou imóvel ao reconhecer as primeiras notas de uma das suas sonatas para violino, uma peça alegre que flutuava até ele, vinda do lado esquerdo do palco. Abriu os olhos e olhou nessa direção, admirado por ver ali uma jovem com um violino nas mãos.

Dylan ficou a vê-la caminhar pelo palco, tocando ao mesmo tempo, sem que a melodia hesitasse quando se deteve no centro do palco, a poucos passos dele.

Dylan observou-a à luz dos candeeiros que cintilavam sobre o seu belo cabelo dourado e os botões metálicos do vestido verde-escuro. Era alta e esguia, mas torneada. E graciosa, balançando-se enquanto tocava, como se fosse levada por uma brisa suave. Voltara um pouco o rosto, descansando o queixo sobre o instrumento enquanto tocava para ele. Tocava muito bem, sendo ainda tão jovem, mas não foi essa habilidade com o violino que o fascinou. Tinha nela um toque do folclore do West Country, do mistério que evocava recordações da infância dele no Devonshire e de histórias de ninfas dos bosques, duendes e magia. Com a imaginação algures, baixou a pistola que tinha na mão.

A música deixou de se ouvir.

Ela baixou o instrumento para olhar para o poço da orquestra onde ele se encontrava e Dylan susteve a respiração. Nunca vira mulher mais encantadora na sua vida. Tinha todos os requisitos de

beleza — rosto oval, feições bem proporcionadas, pele cremosa, lábios que apeteçiam beijar —, mas não foi a beleza dela que o fez estremecer interiormente: foi uma coisa doce e dolorosa como o travo da primeira garfada de uma refeição.

Não, eram os olhos dela. Olhos enormes de uma indescritível cor verde-clara, calmos e pacíficos como a sombra de um salgueiro. Neles não havia coqueteria, nem interesse feminino, apenas um olhar tranquilo e firme com uma sugestão de tristeza. Era jovem, talvez com menos de vinte anos, contudo, os seus olhos pareciam não ter idade. Aqueles olhos ainda seriam belos quando a sua dona tivesse oitenta anos.

O olhar da jovem manteve-se preso ao dele. Baixou lentamente o instrumento e, durante um longo momento, olharam um para o outro. No silêncio, para lá do gemido que lhe invadia a cabeça, Dylan ouviu subitamente algo mais, uma vaga melodia que pairava na beira da sua consciência, as notas de abertura de uma nova composição. Esforçou-se por fazê-las avançar no seu cérebro, mas, como a bruma lá fora, foi-lhe impossível prendê-las. Quanto mais se esforçava por ouvi-las, mais elas se escapavam. Momentos depois, as notas musicais desapareceram e apenas o gemido ficou.

A jovem observou-o por mais um momento, depois o seu olhar deteve-se sobre a pistola que ele tinha na mão.

— Preferia que não o fizesse — disse. — Sou a encarregada da limpeza e tenho a responsabilidade de manter tudo impecável. Se se matar com um tiro, terei de limpar tudo.

O comentário dela foi tão prosaico, tão prático e tão desadequado à ideia de uma mística ninfa do bosque que Dylan quase soltou uma gargalhada.

— Tem toda a razão. Como pôde uma mulher de limpeza aprender a tocar violino?

— Tudo seria muito desagradável para mim — continuou ela, sem lhe responder à pergunta —, pois não suporto ver sangue. E haveria uma enorme discussão por causa das manchas no soalho... as manchas de sangue não saem da madeira, sabe? E seria imediatamente despedida por permitir que Dylan Moore se suicidasse.

Tinha uma voz educada, dificilmente a de uma mulher de limpeza, com a inegável sugestão do sotaque da Cornualha. West Country. Uma voz rica, baixa, suave, capaz de provocar a imaginação erótica de qualquer homem.

Como poderia uma simples mulher de limpeza ter uma voz assim.

— Sabe quem eu sou — disse ele. — Mas não a conheço. Já nos encontramos?

— Claro que sei quem o senhor é. Afinal também sou música. Vi-o reger em Salzburgo no ano passado, por isso reconheci-o imediatamente.

Aquilo era ridículo. As mulheres de limpeza não iam a concertos em Salzburgo, nem tocavam violino. Certamente estava a sonhar. Antes de lhe poder fazer perguntas que o ajudassem a esclarecer tudo, ela falou de novo.

— Se o senhor se tivesse matado, perderia o meu emprego por sua causa e, sem qualquer recomendação que me ajudasse a arranjar outro, ficaria desamparada. A sua morte também provocaria grande desgosto noutras pessoas. E a sua família, os seus amigos e conhecidos? Aqui o dono do teatro ficaria com um edifício sem qualquer valor, pois nunca mais ninguém teria interesse em comprá-lo.

À medida que a jovem ia enumerando as consequências do seu suicídio numa tentativa bastante óbvia de o fazer sentir-se culpado, Dylan começou a perder o encanto pela suavidade da voz dela.

— Os seus conhecidos — prosseguiu ela — teriam não só de viver com o desgosto causado pela sua morte, mas também com a desgraça do seu suicídio. Mas, afinal, as suas preocupações são mais importantes que tudo e estou certa de que as consequências que isso pudesse trazer aos outros não lhe interessam absolutamente nada.

Nunca lhe tinha ocorrido que houvesse consequências para os outros e a censura oculta na fingida compaixão daquela jovem atrevida irritava-o.

— A vida é minha — declarou com mau modo. — Porque não hei de acabar com ela se me apetercer?

A expressão dela tornou-se ainda mais grave quando o olhou de cima do palco.

— Porque seria errado.

— Ah sim? E quem é a menina para me pregar moral? O meu anjo da guarda, a minha alma, a minha maldita consciência?

— Seria errado — repetiu.

— Que diabo, mulher! Tenho o direito de acabar com a minha vida, se assim o desejar.

Ela abanou a cabeça.

— Não, não tem. Pode ser necessário para uma coisa importante.

Ele soltou então uma gargalhada, um som rouco que ecoou pelo teatro.

— Necessário para quê? Talvez para salvar damas aflitas? — perguntou, troçando da seriedade da voz dela, da paciente gravidade dos seus olhos. — Para matar dragões? Necessário para quê?

— Não sei. — Ela avançou e saltou do palco para o poço da orquestra, indo parar junto dele. Meteu o violino e o arco debaixo do braço, estendeu a mão e fechou-a sobre o cano da pistola. Retirou-lhe suavemente a arma da mão, como se soubesse que ele não poderia evitá-lo sem a possibilidade de a ferir, como se soubesse que ele não correria tal risco. Voltou-se e apontou a arma para os assentos vazios até a travar; depois meteu-a no bolso do vestido.

— Será um pouco fútil, não crê? — censurou-a. — Tenho muitas pistolas em casa.

Ela encolheu os ombros.

— Todos podemos escolher. Não posso impedi-lo de tentar de novo matar-se. Mas não creio que o faça.

Dylan ficou surpreendido com o tom prático da voz dela.

— Parece muito certa disso.

— E estou. Já ouvi falar de si o suficiente para saber que não é homem para isso. Tenho a certeza.

— Já ouviu então falar de mim, não é verdade? — Depois não conseguiu conter a inevitável pergunta. — Então, que género de homem sou?

— Arrogante — respondeu a jovem imediatamente. — Suficientemente arrogante para acreditar que o mundo da música ficará diminuído se não fizer parte dele. Voluntarioso. Obcecado. O seu trabalho tem precedência sobre tudo e todos.

«Uma opinião pouco lisonjeira», pensou ele, «mas brutalmente precisa.»

— É também muito forte — acrescentou ela. — Suficientemente forte para ter coragem para viver, penso eu.

Dylan não tinha a certeza se era aquela a verdadeira opinião da jovem ou se o dizia para meramente o encorajar a mudar de ideias.

— Pensa muito para uma simples mulher de limpeza.

Ela fingiu não o ouvir.

— Agora que já ultrapassou o momento mais tenebroso, encontrará todo o tipo de desculpas

para não usar o suicídio como fim do seu sofrimento.

Dylan não queria ouvi-la falar do seu sofrimento.

— Nada sabe a meu respeito a não ser o que ouviu dizer. Nem sequer sabe as razões que me levaram a esta decisão.

— Não há razão que justifique o suicídio.

A retidão moral da jovem começava a ter o tom irritante de um sermão.

— Uma opinião sem dúvida proveniente dos seus muitos anos de experiência — ripostou ele imediatamente.

Ela desviou o olhar.

— Porquê? — murmurou, parecendo exasperada, quase irritada. — Porque sois todos tão miseravelmente atormentados?

Ele ergueu uma sobrancelha ao ouvir a pergunta inesperada e aquele tom de voz.

— Todos? — repetiu.

— Artistas. Músicos, atores, pintores, poetas, compositores. Não é necessário, sabe?

— A menina também é música.

— Sei tocar, mais nada. Não sou um virtuoso. Não tenho o brilho de um verdadeiro artista. — Olhou de novo para ele e Dylan apercebeu-se de que aquela mulher e os seus olhos lhe assombrariam os sonhos durante muito tempo. — Mas o senhor tem. Possui o toque da grandeza.

— Tudo isso é passado. Nunca mais escreverei música.

Ela não lhe perguntou porquê. Mas os seus lábios esboçaram um meio sorriso muito irónico.

— Há de escrever. Um dia.

Ela não fazia ideia do que falava, mas, antes que pudesse discutir o assunto, a jovem voltou-lhe as costas. Retirou o arco e o violino de debaixo do braço, subiu os degraus do poço da orquestra, deteve-se no palco e voltou-se para ele.

— Apague os candeeiros quando sair, por favor.

Ela regressou ao lado esquerdo do palco. Dylan ficou a vê-la partir, deixando-se ficar onde estava por alguns momentos, perguntando a si próprio se não teria sido apanhado num qualquer sonho estranho.

De repente, sem saber de onde, chegou-lhe de novo a música misteriosa, obrigando-o a fechar os olhos para tentar escutá-la. Notas de uma nova composição dançavam como uma promessa tentadora fora do seu alcance, mas, como não conseguia agarrá-las, não retinha a melodia. Mais uma vez esta se desvaneceu em nada. Abriu os olhos, mas a mulher que lhe trouxera um tal momento de música desaparecera.

— Espere! — chamou. — Volte!

Subiu os degraus e seguiu-a, mas, quando chegou aos bastidores, já não a viu. Percorreu os corredores chamando por ela. Abriu as cortinas do camarim enquanto passava, mas sem a encontrar. Quando chegou à porta das traseiras e a abriu, não havia sinal dela na bruma que rodopiava no beco por trás do teatro.

— Nem sequer sei o seu nome! — gritou.

Não houve resposta. A mulher e o violino haviam desaparecido e as notas que tivera na cabeça desapareceram com ela. Esforçou-se por ouvi-las mais uma vez, mas tinham-se desvanecido. Estava mais uma vez só com o seu tormento.

Dylan tapou os ouvidos com as mãos, num gesto vão. Não conseguia apagar o ruído no

cérebro com as mãos. Havia apenas uma maneira de o deter, mas era já tarde de mais.

Com um rugido de frustração e raiva, bateu com o punho na porta, quase sem dar pela dor. E a jovem tinha razão. Perdera o ímpeto para pôr fim à vida e amaldiçoava-a por ela o ter impedido de seguir o caminho mais fácil. Sabia agora que o seu destino era viver com aquela tortura até enlouquecer.



Londres

Março de 1832

A pluma de avestruz fazia-lhe cócegas no nariz, mas Grace Cheval não podia evitá-lo. Fez deslizar o arco pelas cordas do seu violino, tentando concentrar-se no *allegro* do *L'Autunno* de Vivaldi e não na enorme pena que se lhe soltara do chapéu e caíra para a frente tocando-lhe na face. Rezava para não espirrar.

A pena não era o seu único problema. Os salões de baile eram sempre muito quentes principalmente naqueles eventos de caridade sempre tão concorridos. Pior, o baile exigia traje de máscara e o fato que lhe tinham arranjado para vestir não ajudava. O pesado gibão de veludo de ladrão de estradas tornava extremamente cansativo tocar violino durante uma noite inteira. A combinação do gibão, chapéu de pluma e máscara de cabedal faziam-na sentir como se estivesse num forno. Enquanto tocava, Grace abanou a cabeça várias vezes, tentando afastar a pluma do rosto, sem perder uma nota da música, mas era em vão. A pena insistia em cair de novo e em fazer-lhe cócegas no nariz.

Para seu grande alívio, a peça de Vivaldi chegou ao fim. Enquanto os pares que dançavam a quadrilha saíam do recinto, pousou o violino e o arco no colo, depois ergueu as mãos para arrancar a pluma de avestruz do chapéu. Quando o conseguiu, deitou-a para o lado e voltou a página para a valsa de Weber que seria a última dança da noite. Ergueu de novo o violino enquanto um dos outros músicos se inclinava para ela.

— Só arrancaste metade — disse-lhe em voz baixa. — A outra metade está a sair-te do chapéu.

— Bolas! — exclamou enquanto metia o violino debaixo do queixo. — És um mentiroso, Teddy.

— Não estou a mentir — respondeu o jovem, assentando com maior firmeza a coroa de César sobre o cabelo castanho, antes de erguer o arco e chegar ao violoncelo que tinha entre os joelhos. — Assim espetada parece a chaminé de uma casa, só que fofa.

Grace ergueu o arco.

— Sei sempre quando estás a mentir. Ficas com as orelhas vermelhas.

Ele soltou uma gargalhadinha e começaram a tocar. Grace tocara em tantos bailes nos últimos três anos que conhecia de cor a maior parte das valsas publicadas, o que lhe permitia olhar para os dançarinos enquanto tocava

A rainha Isabel dançava com o seu par Henrique II. Helena de Troia dançava a seguir com um homem com um traje negro e uma capa comprida forrada de tecido dourado. Fê-la pensar imediatamente em Mefistófeles, o demónio de Fausto. Os dois formavam um par extraordinário, pois a túnica branca da mulher fazia um contraste evidente com o fato negro e a cor do homem. Quando o par rodopiou junto a ela, reparou que ele usava o cabelo comprido preso atrás, coisa

estranha e havia muitos anos fora de moda, contudo, pouco compatível com o fato. Como não usava máscara quando lhe avistou o rosto, Grace sentiu a mão estremecer-lhe de surpresa. O violino emitiu uma nota estridente. Recompôs-se e o par saiu da sua linha de visão, mas Grace sabia que não se tinha enganado ao reconhecê-lo.

Dylan Moore.

Nunca esqueceria a noite em que tinha conhecido o famoso compositor e duvidava que qualquer outra mulher o esquecesse. Um homem atraente, alto, de olhos imensamente negros. Olhá-los fora como olhar para o abismo, em cujas profundezas era impossível penetrar a luz. Um homem de maxilar resoluto, o que significava que geralmente conseguia o que queria, e uma boca cínica que revelava enfadar-se rapidamente. Um homem com um gênio incomensurável, riqueza e posição, um homem que parecia ter tudo o que a vida tinha para oferecer, um homem que encostara o cano da pistola ao queixo.

Ainda se lembrava do aperto do estômago que sentira quando o vira por trás do pesado pano de veludo do Palladium, naquela noite, cinco anos antes. Também nessa ocasião tocava violino, na esperança que as notas da música do próprio Moore não fossem abafadas por um tiro de pistola.

No dia seguinte, Etienne levava-a de volta para Paris e nunca mais vira Moore, mas ouvira falar dele durante os cinco anos que se seguiram àquele estranho encontro. Todos de Paris a Viena se mostravam desejosos de discutir as últimas notícias sobre o mais famoso compositor inglês. E houvera muitas.

O seu agitado caso amoroso com a atriz Abigail Williams fazia parte da lenda, um caso que tivera o seu início quando ele saltara do camarote no Covent Garden para a levar do palco no meio de uma peça e terminara quando ela o encontrara na cama com uma bela prostituta chinesa que supostamente ganhara às cartas. Vivera abertamente com meia dúzia de mulheres durante os últimos cinco anos, incluindo com uma bailarina russa e a filha ilegítima de um rajá indiano.

Para além das notícias, havia a maledicência acerca de Moore. Dizia-se que a queda de um cavalo lhe afetara o cérebro e que enlouquecia lentamente. Dizia-se que bebia e jogava excessivamente, que usava opiáceos e fumava haxixe. Dizia-se que passava dias sem dormir, travava inúmeros duelos, mas apenas com espada, e cavalgava a alta velocidade quer fosse na pista do Hyde Park ou a saltar sebes no campo. Dizia-se que não havia desafio que não aceitasse ou deixasse passar, não havendo regra que não quebrasse.

Moore e o seu par passaram de novo diante dela, apenas a uns passos de distância, e Grace susteve a respiração surpreendida com a mudança que aqueles cinco anos tinham operado nele. Tinha ainda a constituição que ela recordava, os ombros largos e as ancas estreitas, o corpo de um homem hábil no desporto, mas a sua expressão alterara-se. O seu rosto era ainda belo, mas nele viam-se as inegáveis rugas de dissipação e descuido, rugas permanentes na testa, no canto dos olhos, nas comissuras dos lábios, rugas que não deveriam existir no rosto de um homem com apenas trinta e dois anos. Apercebeu-se com alguma raiva de que afinal a maledicência era verdadeira. Sempre fora um homem arrojado, mas agora parecia exatamente transformado no despudorado libertino de que falavam as más-línguas.

Grace não sabia o que o levava a contemplar o suicídio cinco anos antes, mas recordava-se da sua própria convicção de que ele não faria nova tentativa e parecia ter acertado. Em vez de se decidir a morrer, preferira evidentemente o extremo oposto, vivendo a toda a pressa, como se tentasse aproveitar todas as sensações de todos os momentos.

Apesar da declaração que lhe fizera de não voltar a escrever música, parece que afinal escrevera. A sua ópera *Valmont*, publicada havia quatro anos, continuava em cena nos teatros de Inglaterra e do resto da Europa. A sua *Décima Nona Sinfonia* do ano anterior, embora não tão aclamada como o seu trabalho anterior, fora um sucesso estrondoso. Mas não produzia música com a energia fervorosa dos anos anteriores e durante o último ano apenas publicara uma sonata.

«Talvez demasiado ocupado», pensou ela, reparando como Dylan estreitava Helena de Troia

enquanto dançavam a valsa, em como se inclinava para lhe segredar ao ouvido. Um comportamento escandaloso, principalmente num baile público, mas muito de acordo com a sua reputação.

Nesse momento, Dylan olhou na sua direção e ela baixou os olhos para a pauta, grata por o chapéu lhe ocultar o rosto. Quando ergueu de novo os olhos, ele e o par já tinham sido de novo absorvidos pela multidão de dançarinos, o que lhe agradou. Sabia que não era da sua conta, mas não podia evitar uma certa sensação de frustração por ter salvado a vida de um homem que a desperdiçava agora em devassidão e excessos.

A valsa terminou, os pares abandonaram a pista e os músicos começaram a guardar os instrumentos. Enquanto Grace arrumava o seu violino e o arco dentro do estojo forrado de vermelho, afastou Moore do seu pensamento. A sua vida, ou aquela que desperdiçava, era problema dele.

Colocou a pauta sobre o violino, fechou a tampa e afivelou as correias de couro. Agarrou no estojo pela pega e usou a mão livre para agarrar na estante.

— Vou ter contigo e com os outros atrás das cavalariças — disse a Teddy. — Esta sala está muito abafada. Preciso de apanhar ar.

Ele acenou afirmativamente.

— Da próxima vez que tocarmos num baile de máscaras tentarei arranjar-te um fato mais confortável — disse com um sorriso.

— Faz isso — concordou ela com fervor enquanto lhe voltava as costas. — Leva-me um pouco de língua fria e presunto da ceia, por favor, Teddy — pediu, voltando-se para trás ao mesmo tempo que se dirigia para a porta do salão de baile. — Isto é, se, quando saíres, conseguires convencer uma das criadas com as tuas falinhas mansas.

Grace saiu do salão de baile, deixando os músicos homens à sua prática habitual de namoriscarem as criadas que haviam servido a ceia, conseguindo uma refeição grátis de restos e roubar-lhes um beijo ou dois. Voltou as costas à enorme escadaria que levava à entrada do salão de baile e dirigiu-se ao outro extremo do corredor. Do mesmo modo que os criados, os músicos contratados usavam as escadas das traseiras. Desceu até ao rés-do-chão e escapuliu-se para a noite fresca e banhada pelo luar.

Grace passou pela fila de carruagens que atravancava a rua e acenou aos cocheiros que aguardavam a hora de levar os veículos para a frente quando terminassem as festividades da noite. Atravessou as cocheiras para chegar à rua de trás, onde esperaria por Teddy. Este vivia perto dela, em Bermondsey, e acompanhá-la-ia para que chegasse em segurança a casa.

Grace colocou o estojo do violino e a estante junto ao muro de tijolo que separava os estúbulos da rua que ficava por trás e começou a retirar as peças sufocantes do seu traje. Retirou o chapéu, deixando o longo cabelo liso cair-lhe pelas costas, depois arrancou a máscara dos olhos e despiu o gibão, satisfeita por se ver só com os calções, as botas e a camisa de linho branco, que era tudo o que restava do traje.

Embora a primavera estivesse no princípio, o inverno parecia relutante em se afastar. Um leve vento gelado soprava pela rua, mas o ar frio refrescou-lhe o corpo coberto de suor depois da atmosfera sufocante do salão cheio de gente. Infelizmente, a brisa trazia consigo o cheiro desagradável da cidade de Londres. Até em Mayfair, e com frio, era impossível escapar à mistura de odores vindos do rio, do lixo podre e da fuligem do carvão que impregnavam o ar.

Fechou os olhos e encostou-se ao muro inalando com desagrado os cheiros que rodopiavam em seu redor, desejando poder voltar para o campo inglês da sua juventude — o ar sonolento do verão, o barulho do mar, o perfume das rosas, mas não era possível. Não podia voltar atrás, as mulheres arruinadas não podiam voltar a casa.

Etienne prometera mostrar-lhe o mundo e fizera-o. Lembrava-se de todos os locais belos e

emocionantes a que o marido a levava durante o seu casamento. Paris, Salzburgo, Florença, Praga, Viena... todas as capitais europeias onde Etienne fora admirado pelos seus mecenas cujas posses mais estimadas eram os seus quadros.

Mas não mais teria verões no campo, rosas ou a sua casa. Os proventos de uma vendedora de laranjas, que tocava violino nas festas, mal pagavam a renda do pequeno quarto e aquilo que comia. Nunca chegariam para pagar uma casa.

— Um dia... — suspirou ela no ar da noite, dando voz ao seu desejo mais ansiado. — Um dia terei de novo uma casa minha no campo. De cor creme — acrescentou — com portadas azuis e um jardim de rosas.

— Posso sugerir também uns vasos nas janelas com cravos silvestres, gerânios e hera?

A pergunta trocista interrompeu-lhe o devaneio e Grace abriu os olhos para encontrar a forma inconfundível de Dylan Moore a uma dezena de passos.

— E talvez um castanheiro — acrescentou.

Estava junto ao muro do estábulo, já com o cabelo solto, a capa a pender-lhe dos fortes ombros como uma sombra e a gravata branca cintilando por entre as dobras negras como a noite.

— É seu hábito falar sozinha? — perguntou.

— Só quando não me apercebo de que há alguém à escuta.

Moore não se desculpou.

— Pelo menos, volto a ver a minha mulher da limpeza. — Avançou um passo. — Tentei a todo o custo encontrá-la. Procurei-a por todo o lado. Voltei ao Palladium, mas deixara o seu emprego sem qualquer aviso e ninguém sabia para onde fora ou qualquer outra coisa a seu respeito. Observei todos os rostos na multidão na esperança de encontrar o seu. Observei todas as mulheres que via a esfregar o chão. Estudei o rosto de todas as violinistas que cruzaram o meu caminho. Pedi até informações à associação dos músicos. Tudo em vão.

— Porque me procurou?

— Para lhe dizer que a detestava, evidentemente.

As palavras foram pronunciadas num tom alegre, mas Grace percebeu que eram sentidas.

— Detesta-me? Mas salvei-lhe a vida.

— Sim. E amaldiçoei-a por isso — avançou um pouco mais e esse movimento fê-lo sair da escuridão para a luz do candeeiro da rua que se encontrava atrás dela. — Por vezes, tentava convencer-me de que a tinha visto em sonhos — continuou. — Que se tratava da imaginação agitada pelos meus mais profundos desejos e que nunca voltaria a vê-la porque não existia. Porém, foi impossível aceitar essa ideia. Queria tanto que fosse real. Por muito que tentasse, não conseguia continuar a detestá-la, embora salvasse a minha vida quando eu não desejava ser salvo.

— Mas agora, que o tempo passou, não está satisfeito por estar vivo?

— Satisfeito? Valha-me Deus, não! — A veemência dele sobressaltou-a. Dylan baixou a cabeça, apertando entre as mãos a cabeça como se esta lhe doesse. — Valha-me Deus, não!

Havia uma angústia tão genuína na voz dele que Grace o olhou com uma compaixão que imediatamente afastou.

Artistas.

O marido absorvera de tal modo a sua compaixão que pouca lhe restara. Os artistas atormentados haviam perdido o encanto.

— Coitado — disse. — Riqueza, fama, conhecimentos, sucesso, beleza e talento. Como deve ser difícil.

Ele ergueu a cabeça, lançando o cabelo para trás como um garanhão inquieto, mas quando falou o tom descuidado voltara à sua voz.

— Mas claro que é difícil, minha senhora. A vida é extremamente cansativa.

— Não tenho dúvidas — disse em tom reprovador. — Da maneira como tem vivido...

— Tem dado atenção, não é verdade?

Dylan parecia satisfeito com a sua descoberta, o que provocou nela alguma raiva.

— O bastante para saber que o senhor tem vivido como se desejasse morrer. Troce se quiser, mas não vejo nisso nada de divertido. Se me enganei a seu respeito, se ainda deseja morrer, então porque está aqui a falar comigo? — Sentia-se cansada de tudo aquilo, cansada de discutir com homens de temperamento artístico. Havia muito que escapara dessa prisão. — Seria simples matar-se. Porque não o fez?

— Por sua causa — disse ele com tal paixão que Grace se sobressaltou. Com alguns passos largos estava a menos de um metro dela. — Não percebe? Foi por *sua* causa.

Ergueu os braços para a agarrar.

Grace endireitou-se sentindo uma súbita pontada de medo. Encostou-se ao muro de tijolo atrás de si e ergueu o queixo para o olhar diretamente nos olhos. Banhava-os a luz do candeeiro do outro lado do muro e, nesse halo dourado, os olhos dele pareciam opacos, como o céu de uma noite sem estrelas.

— Não pode pôr nos meus ombros a responsabilidade da sua vida ou da sua morte.

— Não posso? — Inclinou-se mais e o seu hálito morno acariciou a face dela na noite fresca. — O seu rosto... a sua voz, os seus olhos... meu Deus, os seus olhos. A música que a rodeia. Tudo isto me assombrou nestes cinco anos. A esperança de a voltar a ver, de ouvir a música que vem de si... essa esperança fez com que eu conseguisse viver os meus dias, um após outro.

— Eu? — Grace abanou a cabeça admirada. — Eu, porquê? Que música?

Ele afastou-se um pouco e não respondeu. Os sons das carruagens que passavam perto, na rua ruidosa, ecoavam ali onde se encontravam a olhar silenciosamente um para o outro. Grace aguardou, sem se atrever a mexer-se, sem saber o que aconteceria se o fizesse. O vento da primavera soprava suavemente, puxando-lhe para o rosto uma madeixa loira do longo cabelo.

Foi isso que chamou a atenção de Dylan. Ergueu a mão para afastar a madeixa, antes que ela o pudesse fazer e alguma coisa mudou nele. Descontraiu o corpo e a sua expressão suavizou-se numa ternura que ela nunca antes lhe vira no rosto.

— É tão bela como me lembrava — murmurou, passando-lhe suavemente os dedos pelo rosto. — Tão bela.

Grace sobressaltou-se com aquelas palavras e sentiu uma centelha completamente inesperada de algo que, havia muito, matara dentro de si. O desejo físico. Revivera-o imediatamente quando evocado pela carícia da mão de Moore na sua face.

Grace respirou fundo, tentando em vão afastar aquele sentimento. Parecia que a morna luz do Sol lhe atravessava o corpo depois da fria escuridão do inverno. Esquecera-se... esquecera-se completamente do que era o toque de um homem. Quando os dedos dele lhe afloraram ao rosto e ele lhe passou a madeixa para trás da orelha, quase se voltou para lhe beijar a mão. Quase.

— Que quer de mim? — perguntou, tentando manter a racionalidade dos seus pensamentos, mas o calor do corpo dele ali tão perto e o forte impacto dos seus próprios sentimentos impediam-na de pensar como devia ser. — Está a tentar seduzir-me?

— Seduzi-la? — repetiu ele pensativo, passando-lhe a ponta do dedo pela curva da orelha. — Não imagino nada de mais agradável. A menina embriaga-me.

— O senhor é um homem ardente, não é verdade? — Grace desviou o olhar, mas ele fez deslizar a mão sobre o cabelo dela obrigando-a a manter o olhar sobre o seu rosto. Ela fitou-lhe os olhos escuros e apaixonados e a boca sensual. Era ridículo, bem o sabia, que um homem praticamente estranho a pudesse fazer sentir daquele modo, suave e morna como o caramelo ao sol. As carícias dele derretiam-na. Poderia passar-lhe por baixo do braço e fugir, contudo continuou imóvel.

— Isto é absurdo — disse em tom enfadado, mas a voz saiu-lhe baixa e rouca, a voz de uma mulher que estava a ser seduzida e a desfrutar. — O senhor nem sequer me conhece.

— Sinto-me como se a conhecesse — afirmou acariciando-lhe as têmporas com o polegar. — Oigo música quando olho para si.

Grace soltou uma pequena risada ao ouvir aquela frase feita. Certamente que aquele homem sabia o que estava a fazer.

— Claro que ouve.

As suas palavras trocistas pareceram incendiar qualquer coisa dentro dele. Avançou de novo, inclinando a cabeça e chegando-se a ela, encostando-a ao muro com o peso do seu corpo.

A pulsação de Grace aumentou e sentiu-se tremer interiormente com aquele movimento agressivo. Não por medo, apercebeu-se, para seu grande desgosto, mas por antecipação. Não admirava que Dylan tivesse levado tantas mulheres para a cama. Tinha um verdadeiro talento para as conduzir até lá.

Ele inclinou a cabeça e antes que ela pudesse fazer o que quer que fosse abria os lábios para receber o beijo dele. Era um beijo exuberante que lhe enviou pelo corpo centelhas de prazer, um prazer tão assombroso que a fez gritar junto à boca dele.

Ele acariciou-lhe a língua com a sua, aprofundando o beijo. Como se o corpo dela tivesse vontade própria, Grace agarrou-lhe as pontas da capa, ergueu-se nas pontas dos pés e correspondeu ao beijo com a despudorada avidez de uma prostituta. Há quanto tempo não se sentia assim. Há quanto tempo não sentia desejo do beijo de um homem, do seu toque, do seu corpo. Sentia-se tão viva nesse momento que lhe soltou a capa e lhe rodeou o pescoço com os braços encostando-se mais à dura parede do corpo dele.

Dylan soltou um som rouco e ardente contra a boca dela. A mão deslizou-lhe do cabelo dela para o lado do pescoço, para o colo, para o seio. Aí fez uma pausa de um segundo, o bastante para lhe sentir o bater do coração de encontro às pontas dos dedos através da camisa de linho, antes de descer para se deter na cintura. Afastou-a do muro para passar um braço em seu redor e erguê-la até que as ancas dela estivessem encostadas às suas.

Aquilo era uma loucura.

Ofegante, Grace afastou o rosto para terminar o beijo. Baixou os braços, mas ele não a soltou. Continuou a apertá-la contra si, encostou os lábios ao cabelo dela, mantendo-a erguida do chão. Era impossível a Grace não sentir o quanto ele estava excitado, sentindo-se mortificada por permitir que um homem que mal conhecia a tivesse colocado naquela posição, um homem que admitira mesmo detestá-la. Retribuiu-lhe o olhar ao mesmo tempo que tentava controlar a turbulência das suas emoções.

— Solte-me.

Ele afrouxou o abraço, mas apenas para permitir que o corpo dela deslizesse até que as botas tocassem o chão.

— Da primeira vez que a vi, ouvi música dentro da minha cabeça. Quando voltei a vê-la aqui, no salão de baile, foi pela música que a reconheci. Apesar dessa máscara e desse chapéu ridículos, apesar da valsa de Weber e de todo o ruído das conversas, soube que eras tu pela música que ouvi dentro da minha cabeça.

— O senhor é compositor — disse ela quase sufocada. — Atrevo-me a dizer que está sempre a ouvir música. Que significado tem isso? — Encostou as palmas das mãos ao peito dele, sentindo os músculos duros quando tentou empurrá-lo.

Foi como empurrar um muro, pois ele não se moveu.

— Significa mais do que pode imaginar.

Começou a libertá-la ao mesmo tempo que outra voz, uma voz masculina ofendida entrou na conversa.

— Afaste-se da senhora!

Grace olhou por cima do ombro de Moore e viu Teddy dobrar a esquina dos estábulos em direção a eles. Tinha ainda vestido o traje, mas segurava debaixo do braço um embrulho de comida. Trazia na mão o estojo do violoncelo e a estante que deixou cair para apressar o passo.

Moore voltou-se para olhar para Teddy, mas não pareceu perturbado pela ira do jovem.

— Não me atrevera a enfrentar um cavalheiro tão galante — disse, voltando-se para ela com uma nota divertida e sardónica na voz. — Principalmente porque enverga uma toga.

Moore pousou-lhe nos lábios um beijo rápido e soltou-a, afastando-se de modo a permitir que Teddy se interpusesse.

O jovem cerrou os punhos diante dela e encarando Moore.

— Estás bem, Grace? — perguntou, voltando-se para olhar para ela.

Teddy acabara de fazer dezoito anos, mas estava disposto a defendê-la de um homem quinze centímetros mais alto do que ele e com, pelo menos, mais vinte e cinco quilos. Grace pousou-lhe a mão no braço.

— Estou perfeitamente, Teddy — respondeu e olhou para Moore por cima do ombro do jovem. — Ele ia já retirar-se.

Moore fez uma reverência.

— Desejo-lhe muito boa noite — disse, ignorando o jovem que viera socorrê-la. Deu meia volta para se encaminhar para o salão de baile, mas fez uma pausa e olhou-a por cima do ombro.

— Uma vez falou-me de responsabilidade — declarou. — Os chineses dizem que quando se salva um homem da morte passa a ser-se responsável pela vida dele. Voltaremos a ver-nos, Grace. Garanto.

Ela ficou a vê-lo afastar-se com a beira da capa resplandecendo e contorcendo-se ao sabor da brisa, o forro dourado cintilando à luz dos candeeiros da rua.

Como era apropriado aquele homem ter escolhido o disfarce de Mefistófeles num baile de máscaras, pensou. Salvava-lhe a vida com a melhor das intenções, mas, enquanto Dylan Moore se esbatia nas sombras da noite e desaparecia, Grace perguntava a si própria com um mau pressentimento se as boas intenções não teriam construído uma estrada para o inferno.



Ela existia. Dylan encostou-se no assento da carruagem e fechou os olhos. Durante aqueles cinco anos quase acreditara que a noite no Palladium fora fruto da sua imaginação e que a criara por desespero da sua alma, uma musa sentada no seu ombro, uma fada que o provocasse com uma série de notas e a doce promessa de uma sinfonia. Mas afinal existia.

No momento em que a vira, escutara de novo a mesma ária musical. Se, ao menos, conseguisse lembrar-se das notas, ouvi-las nitidamente para as escrever, mas, embora tentasse, não conseguia recuperá-las. Tinham sido sufocadas pelo ruído no seu cérebro que lhe provocava dores de cabeça e pelo som do trânsito enquanto a carruagem fazia o lento percurso em volta de Piccadilly Circus.

Porém, pelo menos desta vez, a música não se perderia. Encontrara a sua musa e, com ela, a música. Agora sabia o suficiente a respeito dela para poder localizá-la com facilidade e fora essa a única razão que o levava a deixá-la partir. Sabia como voltar a encontrá-la.

Grace, com aqueles olhos verdes e cabelo castanho-dourado. Uma mulher de beleza extraordinária e surpreendente paixão. Quando a encostara àquele muro e a beijara, ela reconhecera o seu corpo masculino, sabia o que significava, desfrutara. E ele também. A sua musa não era uma virgem tímida. Não. Era uma mulher que conhecera o toque de um amante e o saboreara. Imaginava a música que o doce calor do corpo dela inspiraria se fizessem amor. Tencionava arranjar maneira que isso acontecesse.

A carruagem deteve-se diante de uma sala de jogo no Soho. Dylan gostava particularmente daquela por ter um pequeno piano, prostitutas e uma multidão de homens, sendo assim suficientemente ruidosa para abafar qualquer som do seu cérebro. Era também suficientemente honesta para não pôr pesos nos dados, não marcar as cartas ou diluir as bebidas em água. Mais importante ainda, estava sempre aberta. Às duas e meia da manhã, a noite de Dylan mal começara.

Nessa ocasião, a sorte favoreceu-o e afastou-se das mesas de bacará seis horas e duas garrafas de brande depois, trezentas e dezassete libras mais rico. Não que durasse, claro. Da vez seguinte, perderia tudo e ainda mais, mas pouco lhe importava ganhar ou perder. O jogo era uma distração e isso é que importava. Nesse tempo vivia para as suas distrações, para tudo o que o impedisse de deixar que o gemido que tinha dentro da cabeça o deixasse louco.

Pouco passava das nove da manhã, o que para ele não era raro, quando Dylan chegou a casa em Portman Square. Embora a casa não fosse grande, Dylan divertira-se a enchê-la com todas as modernas e luxuosas comodidades. Mais uma diversão, pois, na verdade, o piano era o único bem material importante para Dylan.

Apesar do cansaço não voltara para casa para se meter na cama. Nunca dormia bem e, depois dos acontecimentos daquela noite, sabia que seria vã qualquer tentativa de conciliar o sono. Deixou Roberts à espera, diante da casa, com a carruagem, pois tencionava tomar um banho, fazer a barba e mudar de roupa antes de partir mais uma vez.

Quando Osgoode, o mordomo, abriu a porta, Dylan deu apenas um passo dentro do vestíbulo de azulejos pretos e brancos antes que ele lhe anunciasse:

— Tem uma visita, senhor.

Dylan entregou-lhe a capa, o chapéu e as luvas.

— Quando?

— Ela chegou há duas horas.

— Ela? — Embora várias mulheres pudessem sentir-se inclinadas a visitá-lo aquela hora escandalosamente matutina, duvidava que a única mulher que, naquele momento, lhe espicaçava o interesse fosse uma delas.

— Quem é?

— Uma freira, senhor. Uma freira católica.

Apesar da dor de cabeça, Dylan não pôde deixar de rir.

— Se já é inacreditável que uma freira me venha visitar, às sete da manhã é perfeitamente ridículo — disse enquanto atravessava o vestíbulo até às escadas. — Será que espera encontrar benfeitores meio adormecidos na esperança de que contribuam com mais dinheiro para a sua obra de caridade?

— Ela não veio pedir para uma obra de caridade, senhor — disse o mordomo, que o seguira. — Veio entregar uma coisa.

— Ah sim? — Falava descontraidamente, olhando para trás. — Folhetos religiosos, sem dúvida.

Para seu espanto, o mordomo seguiu-o pelas escadas.

— Perdão, senhor — disse, ofegante, tentando acompanhar Dylan, cujas pernas compridas e impaciência lhe haviam conferido o hábito de subir os degraus dois a dois. — É muito mais importante do que isso. Creio que deveria ver por si, senhor. Imediatamente.

Dylan fez uma pausa no primeiro andar, tocando no corrimão de pau-rosa das escadas de ferro forjado e olhou para o mordomo que se detivera vários degraus abaixo. Aquela instância era de extrema impertinência e Osgoode nunca era impertinente.

— Sim? — murmurou Dylan, começando a descer as escadas. — A tua insistência deixa-me curioso. O que me trouxe essa freira?

O mordomo esperou até estarem de novo no vestíbulo para responder.

— É uma coisa difícil de descrever, mas a freira disse que era um presente. E também que sempre lhe pertencera.

Os enigmas divertiam-no.

— Estás a intrigar-me, Osgoode. Traz lá isso.

— Sim, senhor.

O mordomo voltou-se para se encaminhar para as salas das traseiras da casa e Dylan atravessou o largo vestíbulo para abrir as portas que davam para a sala de música. Dirigiu-se ao piano e empurrou a tampa de nogueira, revelando as teclas de marfim. Havia tanto tempo que não tentava tocar uma peça. Quase hesitando, colocou as mãos sobre as teclas e pressionou meia dúzia delas numa lenta sucessão. Fora aquilo, pensou. Fora o que ouvira a partir dela.

Não sabia por que razão, quando olhava para aquela mulher, ouvia as notas, ou porque haveria um vazio negro depois delas, onde a melodia deveria estar. Não compreendia por que razão aquela mulher parecia levar-lhe a única sugestão de música que ouvira em cinco anos. Porém, sabia que, desta vez, não a deixaria fugir.

Uma leve tosse quebrou-lhe o fio dos pensamentos, mas Dylan não ergueu os olhos do instrumento musical que tinha diante de si.

— Bom, que presente é esse que a freira me trouxe, Osgoode? — perguntou enquanto tocava

as mesmas notas.

O mordomo não respondeu por isso Dylan levantou a cabeça e verificou que ele já não estava presente. Viu então à porta uma figura muito mais pequena. Uma menina.

Endireitou-se e ficou a olhar para a criança. Embora não estivesse muito habituado a elas, calculou que esta teria oito ou nove anos. Vestia um vestido de xadrez azul e verde com uma gola branca, meias e segurava nos braços uma trouxinha de lã. Sabia que nunca antes tinha visto aquela criança, mas as tranças compridas e negras e os olhos redondos e da mesma cor eram iguais aos seus. Dylan soltou uma imprecação digna de um marinheiro.

A menina entrou na sala.

— Não me parece que queira um pai que pragueje.

— Pai? — E voltou a praguejar.

As sobranceiras negras da criança juntaram-se numa expressão dúbia que fez ver a Dylan que, na opinião da menina, ele não era lá grande coisa.

— Como o senhor é rico, poderei ter um quarto só para mim?

Dylan não respondeu. Passou pela criança e saiu da sala de música para ir ter com o mordomo que se encontrava perto.

— Osgoode, vem comigo!

O mordomo fechou a porta da sala de música, deixando a menina lá dentro e seguiu o patrão pelo vestíbulo até à sala em frente.

— Sim, senhor?

Dylan ouviu um som estridente, olhou para o outro extremo do vestíbulo e viu que as portas da sala de música estavam de novo abertas. O rosto da criança espreitava-os detrás de uma das portas, agarrando-a com os dedinhos. Dylan fechou a porta da sala para evitar aquele olhar curioso, voltando-se imediatamente para o mordomo.

— Quem raio é ela? — perguntou espetando um polegar na direção da porta.

— Creio que se chama Isabel, senhor.

— Não quero saber o nome dela! Quero saber o que faz aqui. Perdeste a cabeça, homem, aceitando crianças desprotegidas que as freiras trazem à minha porta?

O tom alto da sua voz fez com que Osgoode lhe lançasse um olhar implorando perdão.

— A irmã Agnes disse que Isabel era sua filha, senhor, e que, a partir de agora, deveria viver aqui. Falou como se tudo estivesse tratado.

— Como? Eu não tratei de coisa nenhuma.

— Tentei convencer a irmã disso mesmo, sabendo que, se fosse verdade, o senhor ter-me-ia prevenido da chegada da menina — apressou-se Osgoode a garantir. — Mas a irmã explicou que viera propositadamente do Orfanato de Santa Catarina, em Metz, para lhe trazer a sua filha. O navio que a levaria ao continente ia partir dentro de uma hora, por isso não teria tempo para esperar...

— Podia até ter-se alistado na Marinha Britânica e estar de partida para as Índias Ocidentais, que tanto me fazia. Nunca vi esta criança, nem ouvi falar dela e tens toda a razão em pensar que, se eu tivesse tratado das coisas, te teria avisado. Valha-me Deus, mas o que estavas a pensar? Qualquer mulher se poderia vestir de freira, esperar que eu saísse e deixar aqui uma criança para eu sustentar. Não seria o primeiro cavalheiro em tais circunstâncias.

— Isabel parece-se consigo, senhor.

— O que importa isso?

— Peço perdão se o ofendi — disse o mordomo parecendo preocupado com a ideia. — Mas não sabia que mais fazer. A irmã Agnes recusou-se a levar a menina ou a esperar até que o senhor voltasse. Não podia atirar a criança tão novinha para as ruas de Londres, não é verdade, senhor? Ficaria à mercê de todos os rufias e malvados? A filha do meu senhor?

— Não é minha — vociferou Dylan. — Essa freira forneceu-te alguma prova da minha paternidade? Uma prova, pequena que fosse?

Osgoode tossiu ao de leve, naquele modo irritante que os mordomos usam quando têm de dar aos amos as notícias que estes não desejam ouvir. Meteu a mão no bolso do casaco e retirou uma folha de pergaminho dobrada.

— Creio que a prova é aqui mencionada.

Dylan tomou a carta da mão do criado, quebrou o lacre e desdobrou-a. Era da madre superiora da Ordem de Santa Catarina, um convento e orfanato em Metz. A reverenda madre afirmava que a criança, Isabel, nascida em 1824, era filha de uma francesa chamada Vivienne Moreau que morrera de escarlatina havia seis semanas. No seu leito de morte, a menina Moreau jurara perante Maria, Santa Mãe de Deus, que o pai da sua filha era Dylan Moore, o compositor inglês. Como fazia a sua última confissão a Deus, acrescentava a reverenda madre, a jovem não estaria a mentir.

— Pois claro que não — murmurou Dylan, perante essa frase irónica, pensando que as irmãs deveriam ter começado a cultivar um estranho sentido de humor.

Continuou a ler. A menina Moreau garantira ainda à reverenda madre que Moore era um homem rico e aceitaria toda a responsabilidade pela educação e sustento da sua filha. Entregara também o dinheiro suficiente para a passagem para Inglaterra de modo a que a irmã Agnes pudesse entregar a menina diretamente nas mãos do pai. E era tudo. Não havia qualquer prova ou ligação a ele.

Dylan dobrou a carta e meteu-a no bolso, voltando as costas a Osgoode enquanto repetia para consigo o nome da mulher.

Vivienne Moreau. O nome não lhe provocava qualquer recordação. Tentou pensar no que se passara nove anos antes. Dois anos depois de Cambridge, fizera uma turné pelas capitais europeias para apresentar as suas peças para piano e reger as suas sinfonias. Era nessa altura um jovem de vinte e três anos, orgulhoso do fantástico sucesso da sua terceira sinfonia, lascivo, envolvendo-se com uma infinidade de mulheres. Nesses tempos, levava sempre consigo uma boa provisão de preservativos, mas era demasiado jovem e descuidado para se preocupar com a proteção que tais invólucros ofereciam. Podia ter sido pai de uma criança sem o saber. Provavelmente seria pai de várias.

Por outro lado, poderia nunca ter conhecido esta Vivienne. Se assim fosse, porque teria essa mulher esperado tanto tempo para reclamar a paternidade da sua filha? Poderia ser a invenção de uma mulher desesperada para garantir o futuro da filha. Ele era famoso na Grã-Bretanha e no resto da Europa. Conhecendo a sua riqueza e sucesso — e também a reputação, tinha de o admitir —, qualquer mulher poderia indicá-lo como pai de um filho e exigir o sustento.

A reverenda madre não mencionara um local, uma data ou um encontro. Não mencionara objetos ou cartas que pudessem estabelecer uma ligação. De facto, com exceção da cor de cabelo e olhos nada mais poderia provar que a menina era sua filha. Sem provas e sem qualquer recordação da mulher, não tinha intenção de cumprir com essa obrigação. Poderia tratar da adoção da menina por uma família do campo, mas mais nada.

Tomada esta decisão, Dylan saiu da sala. No momento em que Osgoode lhe abriu a porta, Dylan descobriu que a menina já não espreitava pela porta, no outro extremo do vestíbulo. As duas portas da sala de música estavam abertas de par em par e a criança estava sentada ao imenso piano a tocar uma invulgar peça que ele nunca antes tinha ouvido. A música fluía do instrumento por entre os dedos da menina com uma facilidade e habilidade raras na sua idade.

Dylan dirigiu-se à sala de música e deteve-se à entrada escutando até ela chegar à nota final. Quando a menina se voltou como que à espera da opinião dele sobre a sua habilidade, Dylan afirmou:

— Tocas extraordinariamente bem para uma menina da tua idade.

— Toco extraordinariamente bem para uma pessoa adulta — respondeu Isabel, sem falsa modéstia.

Dylan quase sorriu. Despudorada, aquela criança.

— Falas um inglês excelente — disse-lhe.

— Tu és inglês. A mamã pensou que eu deveria aprender a falar bem a língua, já que és meu pai.

Isabel calou-se e houve um silêncio desagradável. A menina falava da sua paternidade com absoluta convicção, ao contrário dele, que não tinha a certeza. Alguma vez um homem poderia ter a certeza?

Olhou para a trouxinha de lã que ela abrira sobre a carpete e para o que ela continha — um maço de pautas.

— Não reconheço a peça que acabaste de tocar — disse ele. — Mas é única e muito bela. Quem a compôs?

A criança fitou-o sem pestanejar com os seus enormes olhos negros.

— Fui eu.

Para os ricos e abastados, fazer uma visita matutina significava chegar pelas três horas da tarde. Porém, Dylan não era homem que deixasse que uma trivialidade como a convenção o impedisse de atingir os seus objetivos e havia uma visita que tinha de fazer o mais depressa possível.

Deixando a minúscula versão dos seus próprios talentos musicais ao cuidado de Osgoode, pois não sabia o que mais fazer com ela, Dylan tomou banho, fez a barba, vestiu roupa interior limpa e um fato — negro, conforme o seu perverso sentido da moda sempre ditava — e saiu de casa, deixando instruções ao mordomo para instalar a menina nos aposentos do segundo andar, onde antigamente ficavam os quartos das crianças, e que mandasse a cozinheira arranjar-lhe alguma coisa para comer.

Pouco depois das onze, chegou a Enderby, propriedade de Lorde e Lady Hammond, logo à saída de Londres. Foi informado que a viscondessa estava em casa, embora talvez não o quisesse receber imediatamente.

Esta informação foi fornecida com um olhar cheio de tato, mas apontando para o enorme relógio do vestíbulo e um gesto em direção à bandeja dos cartões-de-visita, mas Dylan não fazia a mínima intenção de deixar o seu. Disse que aguardaria para saber se a senhora o poderia receber.

O criado sabia que o compositor era amigo de Lady Hammond e do irmão, o duque de Tremore, e que o consideravam praticamente como um membro da família. Aceitou a capa, o chapéu e as luvas que Dylan lhe estendia e que logo entregou a uma criada antes de o conduzir pela imensa escadaria até à sala de visitas.

A sala de vistas de Enderby era inteiramente feminina. Os estofos e cortinados em delicadas cores pastel-rosa e verde pálido, os desenhos complicados do estuque com *trompe l'oeils* florais proclamavam mais que as palavras impressas nos jornais de escândalos que Lorde Hammond raramente se encontrava presente nesta casa ou em qualquer outra em que a mulher estivesse. A separação de Viola e do marido durava havia oito anos e já ninguém a discutia. O irmão afirmava

muitas vezes que se fizesse o que lhe apetecia, a cabeça de Hammond estaria já enfiada numa estaca na Ponte de Londres.

Dylan nunca admitira perante Anthony ou Viola que conhecia bem o renegado visconde. Farinha do mesmo saco, já se sabe... Nos últimos anos, haviam partilhado as mesas e consumido grandes quantidades de brande nas mal-afamadas casas de jogo. Viola era um tópico nunca discutido.

Dylan atirou-se para uma cadeira estofada de brocado às riscas e apertou a cana do nariz entre o polegar e o indicador. O zumbido era enorme naquela manhã, quase um ferro em brasa dentro do seu crânio. As dores de cabeça eram um incómodo a que se habituara havia muito. Baixou a mão e levou-a ao bolso interior do casaco de onde retirou um frasquinho azul que trazia sempre consigo. Abriu-o e sorveu um gole de láudano para logo o voltar a rolar e a guardar no bolso. Ajudaria até conseguir dormir um pouco.

Um dia nem o opiáceo resultaria, nem as mulheres, o brande, o haxixe ou o jogo. Um dia todas as imprudências cometidas só porque sim já não lhe afastariam a atenção daquele ruído permanente. Então enlouqueceria.

A menos que a música o pudesse salvar. Não escrevera uma única peça em cinco longos anos. Para calar a má-língua, publicava de vez em quando uma antiga composição e nada mais.

Se ao menos conseguisse compor, a vida teria de novo objetivo. Era aquela mulher, Grace, que tinha a chave, embora ele não soubesse porquê. Nunca acreditara em musas. Nunca precisara de uma. Mas Dylan sabia que teria de a encontrar. E mais, que teria de a manter junto a si até escrever a composição que ela inspirara. Sempre ambicioso, esperava uma sinfonia, embora uma sonata ou um concerto fossem mais prováveis. Naquele ponto, tudo o que conseguisse escrever seria um milagre.

Ao pensar na música, veio-lhe à ideia a peça tocada pela menina Isabel. Rápida e complicada, teria sido difícil de tocar para qualquer pessoa. Se, de facto, a menina a compusera, talvez então o seu sangue lhe corresse nas veias.

Dylan meteu as mãos no cabelo com um suspiro. Não havia dúvidas. Podia não se lembrar da mãe, mas a filha era dele. Embora quisesse negá-lo sabia a verdade. Soubera-a desde que a ouvira tocar, desde que a olhara nos orgulhosos e imperiosos olhos negros e em que ela declarara a peça como sua. Sentiu uma onda de piedade pela criança que o tinha por pai. Deus a ajudasse, mas não era homem para tal papel. Mal sabia tomar conta de si mesmo.

Enviá-la-ia para casa de parentes no campo até ter idade para ir para a escola. Certamente não poderia viver com ele.

— Dylan!

A exclamação de boas-vindas obrigou-o a pôr-se de pé quando Lady Hammond entrou na sala. Viola era tão feminina como o ambiente que a rodeava, com a sua figura pequena e torneada, a pele clara, o cabelo cor de mel e as feições delicadas. Linda como o nascer do Sol no seu traje matinal cor de damasco, estendia as mãos para o cumprimentar enquanto ele atravessava a sala.

— Mal são onze horas — disse ela com um sorriso imediatamente seguido de um lindo bocejo. — Só de ti, meu querido, aceitaria uma visita a uma hora tão imprópria.

Aceitou os beijos na face, prova de uma longa amizade, depois sentou-se no sofá de chintz branco, em frente da cadeira de riscas em que Dylan se instalara e onde se encontrava quando ela entrara na sala.

— O que te traz por cá? — perguntou.

— As minhas desculpas pela hora imprópria desta visita — respondeu, sentando-se de novo. — Porém, garanto-te que se trata de um assunto de grande importância. Creio que foste uma das senhoras patrocinadoras do baile de caridade de ontem à noite.

— O dos hospitais de Londres? Não me sentia muito bem, por isso não pude estar presente mas, sim, fui uma das patronas. Tu foste?

A pergunta tinha um toque de surpresa, pois os bailes de caridade não estavam exatamente de acordo com a ideia que Dylan tinha de divertimento. Embora, de uma maneira geral, não frequentasse esses eventos, sabia que Viola o inscrevia na lista de convidados, pois o seu nome atraía para eles os amantes da música ou os leitores da imprensa de escândalos, na esperança de o poderem conhecer, e assim conseguia mais dinheiro para a associação de caridade em que estava envolvida.

— Assim foi — confirmou Dylan. — Suponho que por capricho. Se não apareço de vez em quando numa dessas coisas, começam a circular boatos de que, por fim, me transformei num fiasco. Vim visitar-te para saber quem era a violinista de ontem à noite.

— Violinista? — Viola soltou uma gargalhada. — Só tu, Dylan, virias visitar-me a esta hora para perguntar pelos músicos e dirias que é muito importante.

— Estou interessado num músico em particular. Ela era um dos quatro violinos e estava disfarçada de salteador de estradas com uma máscara a cobrir-lhe o rosto.

— Trata-se então de uma mulher?

— Chama-se Grace. Onde posso encontrá-la?

— Valha-me Deus! Não sei! — exclamou Viola, divertida. — Mas de que se trata? Uma violinista disfarçada de salteador. Que estranho! Tocou assim tão bem que a queres no teu próximo concerto ou quere-la simplesmente para ti?

Era uma ideia atraente, mas afastou-a naquele momento.

— Nem uma coisa nem outra — mentiu e olhou os olhos cor de avelã de Viola com uma expressão grave. — Minha querida amiga, é mais importante para mim do que possas imaginar.

Viola nada sabia da aflição de Dylan, mas o desespero dele deve ter-lhe transparecido no olhar, pois deixou de parecer divertida.

— Posso perguntar a Miss Tate. Ela deve saber, creio...

A viscondessa levantou-se e foi puxar o cordão da campainha junto da parede. Momentos depois, um criado apareceu a correr.

— Stephens, por favor, vai ver onde está Miss Tate e manda-ma cá.

Cinco minutos depois a secretária particular de Viola entrava na sala.

A viscondessa pediu-lhe que descobrisse quem eram os músicos do baile da noite anterior e a secretária retirou-se para regressar poucos minutos depois, empunhando uma folha de papel.

— O octeto foi contratado à Companhia dos Músicos da City Livery, minha senhora — declarou, entregando o papel a Viola. — São estes os nomes.

Viola mandou Miss Tate sair e observou a lista.

— Tens a certeza de que foste ao meu baile de caridade? Todos os músicos que aqui estão são homens. Os quatro violinistas foram Cecil Howard, Edward Finnes, William Fraser e James Broderick.

— Viola, eu estive com ela. Falei com ela. — *Beijei-a*, acrescentou para consigo, pois a recordação da sua musa estava ainda viva no seu espírito, o doce calor da pele da jovem, a sensação do corpo dela nos seus braços, a paixão que se revelara no instante em que a tocara. — Estava vestida de homem, mas era uma mulher, acredita. Tenho de a encontrar.

Dylan olhou para Viola, reparando na preocupação que mostrava perante a veemência das suas últimas palavras. Pela melancolia e o comportamento cada vez mais volátil que demonstrara

nos últimos cinco anos, sabia que Viola tinha uma certa tendência em se preocupar com ele, mais do que o necessário.

— Estou perfeitamente — afirmou Dylan. — Garanto-te que não preciso de imaginar mulheres.

— Claro que não! — Viola aproximou-se dele e colocou-lhe a mão suave no ombro. — Mas não posso deixar de me preocupar contigo, com as tuas... — Fez uma pausa tentando definir o que queria dizer.

— Excentricidades — ajudou ele. — Talvez seja uma maneira delicada de o dizeres.

Ela apertou-lhe o ombro.

— Anthony e Daphne também estão preocupados contigo. E Ian...

— Ian? — Dylan riu-se ao ouvir o nome do irmão mais velho e pôs-se imediatamente de pé. — Ian está demasiado ocupado, a aproveitar a Europa, para se preocupar comigo. Neste momento, está em Viena num congresso qualquer, uma crise de proporções gargantuescas. Ainda bem que é bom rapaz e se tornou embaixador. A família não precisa de duas ovelhas negras.

Pegou na lista de nomes que Viola lhe estendia e meteu-a no bolso. Depois levou a mão da amiga aos lábios.

— Muito obrigado, viscondessa. Fico com uma dívida de gratidão.

— Mas fiz tão pouco...

— Pelo contrário.

Soltou-lhe a mão, inclinou-se e dirigiu-se à porta. Embora nunca lho pudesse explicar, Viola fizera por ele mais do que alguma vez imaginara.



Chovia a cântaros enquanto Grace arrastava o seu cesto de laranjas pela nova Ponte de Londres. Passava os dias a vender laranjas a um *penny* cada, na esquina de Ludgate Hill com o Old Bailey, e nos dias frios e chuvosos como aquele o trabalho era muito difícil. Sentia-se satisfeita por poder voltar a casa.

O cesto estava quase cheio, o que significava que essa semana não teria dinheiro para pagar a Mrs. Abbott. Com o pagamento do baile da noite anterior tinha podido pagar à senhoria metade da sua dívida de três semanas de renda e prometera entregar-lhe o restante nessa sexta-feira juntamente com o dinheiro da semana a seguir. Uma promessa vã naquele momento, visto que apenas tinha seis *pence* no bolso.

Esse dinheiro não amoleceria o coração da Mrs. Abbott. A senhoria apenas a deixara ficar porque, durante os seis meses anteriores, tinha pago o devido todas as semanas. Era sossegada, não recebia cavalheiros no quarto e não se queixava. A bondade da Mrs. Abbott não se estenderia para lá de sexta-feira e já era quarta.

Grace sentira o medo invadir-lhe o espírito durante todo o dia e o medo crescera com cada pessoa que passara por ela, pois num dia como aquele todos estavam mais preocupados em fugir à chuva do que em comprar laranjas. A falta de sono da noite anterior não ajudava a aflição de Grace, uma vez que o baile impedira-a de gozar mais do que duas horas desse bem precioso.

Ao voltar na St. Thomas Street em direção ao seu alojamento em Crucifix Lane, Grace apertou mais a capa para se abrigar da chuva. O quarto não era muito bom, pois tratava-se apenas de uma pequena mansarda à entrada de um bairro miserável, mas era limpo, respeitável e tinha fechaduras fortes. E, mais importante, era dela, pelo menos por mais dois preciosos dias.

Estremeceu ao pensar o que aconteceria se não conseguisse pagar a dívida. Mrs. Abbott pô-la-ia na rua e não teria outra alternativa senão mudar-se mais uma vez para uma pensão horrenda, onde as mulheres ficavam amontoadas como sardinhas em lata. Poderia empenhar o violino, a única coisa de valor que lhe restava, mas que não a salvaria a longo prazo dado que a música era a mais lucrativa forma de rendimento quando arranjava trabalho. Mas não acontecia muitas vezes pois não fazia parte da Musician's Livery.

Já nada tinha do dinheiro que o irmão lhe dera quando fora a casa no passado outono. A mãe e o pai tinham morrido e James fora o único membro da família que concordara em recebê-la. A visita não fora um êxito. O irmão dissera-lhe que abandonasse Stillmouth para nunca mais voltar. Grace suspeitara que ele lhe dera dinheiro para se ver livre dela o mais depressa possível.

Grace agarrou com mais força o cesto e acelerou o passo, tentando escapar à chuva e à escuridão cada vez maior. Não queria vender o violino nem voltar para a lata de sardinhas. A ideia de prostituição punha-a doente de medo. A outra opção seria escrever a James e implorar.

Ou poderia posar.

Grace nunca tivera qualquer falsa modéstia em relação à sua aparência. Era bela e aceitava-o, tal como aceitava os irrefutáveis factos da vida. Fora a sua beleza que fizera com que o grande Cheval se apaixonasse por ela e fora essa beleza que impelira os amigos e alunos de Etienne a pedirem-lhe constantemente licença para a pintar. Deveria haver artistas em Inglaterra dispostos a fazer o mesmo. Teria de posar nua, claro, já que exigia mais do que o pagamento habitual de uma

refeição e sugestões indecentes. Para pagar a Mrs. Abbott precisava de dinheiro sonante.

Nunca posara despida senão para Etienne e a ideia de o fazer incomodava-a, principalmente porque teria de se preparar para desagradáveis expetativas masculinas que nada tinham a ver com a arte. Porém, seria sempre uma melhor alternativa do que a prostituição.

Sentia o estômago roncar de fome. Um pouco de língua e presunto do baile na noite anterior e uma laranja do cesto naquela manhã não puderam sustentá-la durante todo um dia de trabalho. Encostou a mão ao ventre e, ao passar a mão pelas inequívocas linhas das costelas por baixo do vestido e da capa de lã, Grace apercebeu-se de que poucos artistas desejariam pintá-la nua. Preferiam modelos com curvas sensuais e generosas e ela estava demasiado magra.

Grace continuou a andar. No dia seguinte escreveria a James, mas passariam mais de dois dias antes que recebesse o dinheiro, se o irmão lho enviasse. Entretanto, tentaria ganhar alguma coisa posando. Se não desse resultado, teria de empenhar o violino. Se James recusasse mandar-lhe o dinheiro, a prostituição seria a única alternativa.

Para distrair o espírito de tão tristes circunstâncias, Grace pensou na sua casinha de campo. Enquanto caminhava, imaginava o telhado de colmo, as janelas das mansardas e as portadas azuis. Nos dias escuros e desagradáveis como aquele, quando tinha de pensar nas duras realidades da vida, ajudava-a acreditar que era possível encontrar um lugar assim. Passara tanto tempo desde que tivera uma casa.

Ela e Etienne haviam viajado por toda a Europa, de e para Inglaterra, a todos os locais que os caprichos dele os levassem. A princípio, a vida em comum parecera uma fantástica aventura romântica e os dois primeiros anos haviam sido os mais felizes da vida dela. Nem sabia exatamente quando tudo começara a correr mal, mas, no terceiro ano de casados, surgira pouco a pouco o lado obscuro do temperamento do marido. Era um inferno viver com Etienne, mas, meu Deus, como o amara. Muito mais tempo do que deveria.

Havia dois anos que morrera e era difícil para Grace recordar por que razão uma respeitável menina de dezassete anos, oriunda da Cornualha, desgraçara a família ao fugir com um francês que conhecia havia apenas uma semana. Recordando esses anos, depois de o amor ter morrido, o facto de Cheval ter sido cativado pela cor dos olhos dela já não lhe parecia romântico.

Já estava escuro quando Grace entrou em Crucifix Lane. Ao dirigir-se a casa, que ficava a meio do quarteirão, reparou numa luxuosa carruagem ali perto, mas estava demasiado preocupada com os seus pensamentos para se interrogar acerca do veículo que ali estacionara.

Deteve-se diante da porta, hesitando entrar, pois sabia ter de confrontar-se com a senhoria; mas já estava encharcada, fazia frio e não podia dar-se ao luxo de se resfriar. Grace soltou um resignado suspiro e retirou a chave do bolso.

Uma mão tocou-lhe no ombro. Sobressaltada, soltou um grito de susto e a chave soltou-lhe dos dedos, caindo nas pedras com um som metálico. Então voltou-se e encontrou-se frente a Dylan Moore.

— O senhor! — Sem saber se era o pânico que a invadia ou o alívio por não se tratar de um malfeitor disposto a roubar-lhe as preciosas laranjas. — O que faz aqui?

— Vim visitá-la, claro. Que outra coisa poderia vir fazer a Bermondsey?

Grace olhou-o enquanto a chuva escorria por ambos e o vento agitava as capas dele e dela, recordando que Dylan declarara que haveriam de voltar a encontrar-se. Agarrou com força as asas do cesto, admirada pela rapidez com que a previsão se tinha cumprido.

— Como me encontrou?

— O seu amigo Teddy é membro da Musician's Livery — Moore baixou-se para apanhar a chave que caíra junto aos pés dela. Com a chave na mão, endireitou-se. — O rapaz não queria dizer-me nada a seu respeito, mas mudou de ideias quando viu o brilho de uma moeda de um soberano.

As tentativas heroicas de a proteger foram por água abaixo e deu-me a direção dos seus aposentos.

Grace não ficou surpreendida. Afinal, Teddy era tão pobre como ela.

— Pagou-lhe uma libra para me encontrar? Mas porquê?

Em vez de responder, Dylan entregou-lhe a chave e disse:

— Não poderíamos continuar esta discussão lá dentro, onde não chove e está mais calor?

Ela não se mexeu e ele prosseguiu.

— Tenho uma proposta de negócios a discutir consigo

Uma proposta de negócios de um homem. Sabia *bem* o que significava.

Ele apercebeu-se do ar irónico.

— Só quero que oiça o que tenho para lhe dizer — referiu.

— Ouvir? — contrapôs. — É isso que as pessoas elegantes lhe chamam agora?

Ele esboçou um sorriso ao ouvir a pergunta.

— Quero simplesmente *conversar* consigo. Pago o seu tempo. — Reparou na capa de lã já puída e no cesto das laranjas e acrescentou. — Parece-me que precisa de alguns fundos.

— Vai pagar-me só para o ouvir? — repetiu ela, cética, recordando-se da noite anterior. Falar com ela não seria a única coisa que ele queria fazer.

— Só para me ouvir. Dou-lhe a minha palavra. — Afastou uma madeixa de cabelo molhado do rosto e olhou para a pobreza que os rodeava. — Uma nota de cinco libras chegaria para muito neste bairro.

Era indiscutível que aquilo era a resposta às suas preces. As cinco libras pagariam tudo o que devia à senhoria e ainda ficaria com alguma coisa para comprar comida decente. Além do mais, o vento frio começava a entrar-lhe pelas roupas molhadas e já batia os dentes. Capitulou.

— Muito bem — concordou e enfiou a chave na fechadura.

Moore seguiu-a. Entrou no vestíbulo da casa de hóspedes e fechou a porta atrás de si enquanto ela começava a subir as escadas. Ela voltou-se e disse-lhe:

— Tem quinze minutos.

Dylan soltou uma gargalhada que a fez voltar de novo para lhe tapar a boca com a mão num esforço aflito para o calar.

— Chiu — disse com um olhar apreensivo para o corredor onde ficava a sala da Mrs. Abbott.

— Não sei se quinze minutos valerão cinco libras — murmurou Dylan por entre os dedos dela, com um sorriso evidente nos olhos negros que a observavam.

A voz dele fez com que a ideia de escutar a oferta parecesse só por si ilícita e os lábios dele estavam quentes contra a sua pele. Retirou rapidamente a mão e voltou a palma para cima, olhando-o com severidade.

Dylan retirou de um bolso dentro da capa uma carteira chata de couro negro, mas antes que pudesse abri-la foram interrompidos.

— Boa noite, menina.

Grace fez uma careta à voz avinagrada que a cumprimentava e voltou-se quando a senhoria grisalha surgiu do corredor.

Mrs. Abbott olhou para Dylan que retribuiu o escrutínio com descontraído divertimento. Lançou um olhar perspicaz à carteira na mão dele e observou-lhe a figura alta, as roupas caras e de bom corte e as belas botas e não pareceu importar-se que ele escorresse água para o chão.

Logo a seguir voltou a sua atenção para Grace e, quando falou, o seu tom era brusco e prático, mas havia nele alguma conciliação.

— A menina sabe as regras. Não quero cavalheiros nos quartos. E com o dinheiro que ainda me deve, e a renda desta semana ainda por pagar, não posso abrir exceções, não acha?

Enquanto fazia a pergunta, lançava a Dylan um olhar de soslaio. Grace abriu a boca para falar, mas antes que o pudesse fazer Moore extraía da carteira a nota de cinco libras.

— Compreendo perfeitamente o seu dilema, boa mulher — disse, estendendo-lhe o dinheiro. — Imagino que com isto possa retirar as suas objeções.

Admirada, Grace viu Mrs. Abbott arrancar a nota que lhe fora prometida da mão de Moore, antes que ela própria pudesse protestar.

— Com efeito, senhor — garantiu a senhoria, tornando-se mais solícita.

— Não, espere! — exclamou Grace, aflita. — Não é nada do que está a pensar. Este homem não é...

— Ótimo. — Dylan interrompeu-a para falar com a senhoria e guardar a carteira dentro da capa. — A dívida desta senhora está agora saldada e a renda da próxima semana está paga. Pode guardar o resto para si desde que me permita cá vir quando me aprouver.

Grace soltou uma exclamação ofendida. Sentiu-se ignorada enquanto Dylan e Mrs. Abbott trocavam olhares.

— Estamos entendidos, não é verdade? — perguntou ele à senhoria.

— Sim, com certeza. Deseja alguma coisa para amanhã de manhã, senhor? Água quente, claro, e chá. Deseja tomar o pequeno-almoço? Posso trazer torradas quentinhas. E *bacon* e rim se desejar.

Dylan olhou para Grace atentamente. Era evidente que tinha falta de se alimentar, por isso voltou-se para Mrs. Abbott.

— Para mim, nada, mas amanhã de manhã pode trazer um pequeno-almoço completo para ela, por favor. O que ela quiser. — Sorriu para a mulher. — Gosto que ela se sinta satisfeita.

Mrs. Abbott devolveu-lhe o sorriso.

— Compreendo, senhor.

— Excelente — disse Dylan. — Agora deixe-nos sozinhos.

O sorriso irónico manteve-se no rosto da senhoria, que fez uma reverência enquanto Grace ardia de humilhação.

— Veja o que fez! — exclamou ela assim que a senhoria se afastou, desejando esmagar-lhe uma laranja na cabeça.

— Paguei-lhe porque foi um expediente. Nada mais. Porque se importa com o que ela possa pensar?

— Porque agora vai julgar que eu estou disponível para qualquer homem que ela queira mandar ao meu quarto — respondeu Grace, nauseada com a ideia. — Desde que receba uma parte.

— Não, não vai. Agora não.

— Porquê? Porque o senhor lhe pagou mais três libras do que o que eu lhe devia, para cá poder vir quando lhe apetecer? Não tinha direito a fazê-lo e espero que ainda me pague as outras três libras.

Dylan soltou uma exclamação de impaciência.

— Qual é o seu quarto? Não vou ficar aqui com a depravada da sua senhoria a escutar a nossa

conversa.

— Se ela é depravada, a culpa é sua. Graças a si, considera-me uma prostituta!

— Não, considera-a uma mulher mantida.

Grace riu sem vontade.

— E haverá diferença?

— Certamente. As mulheres mantidas são mais dispendiosas, mas também são exclusivas. Como a senhora é mantida por mim, ficará a salvo das visitas de outros cavalheiros que a sua senhoria lhe pudesse enviar, pelo menos por enquanto. Dê-me a sua chave.

Ele tinha razão, claro. Grace entregou-lhe a chave.

— Último andar. E eu não sou mantida por si. Nem serei.

Moore não respondeu. Subiu a escada com ela atrás até chegarem ao pequeno quarto da mansarda. Abriu a porta e entraram ambos e depois ele fechou a porta, correu o ferrolho e devolveu-lhe a chave.

— Pronto. Agora teremos alguma privacidade.

Como era exatamente isso que a tornava cautelosa, Grace não afastou os olhos dele enquanto colocou o cesto sobre o assento de madeira da única cadeira que havia no quarto junto à porta, com costas de traves e já muito velha, a pintura a cair. Pendurou a capa num gancho na parede e meteu a chave no bolso da saia.

Ele despiu a capa molhada e atirou-a para cima do cesto das laranjas. Descalçou as luvas enquanto examinava o quarto, as traves do teto, lá em cima, e a mobília, escassa e delapidada, incluindo uma cama estreita debaixo da janela, com armação de ferro ferrugento e colchão de palha.

Atirou as luvas para cima da capa e depois despiu o casaco. Puxou a gravata, desatou-a e levou a mão ao botão de cima da camisa.

— Presume então que eu aceitei a sua proposta ilícita ainda antes de a ter feito! — exclamou Grace. — Nunca tive a mínima intenção de a aceitar. Saia!

— Não presumi coisa alguma — respondeu ele, ignorando a ordem de saída. — Grace, não faz a mínima ideia de como um colarinho alto e uma gravata podem ser irritantes quando estão molhados. Como paguei este tempo, tenciono sentir-me confortável. Mais nada. — Desapertou mais dois botões da camisa, alisou o colete e endireitou os punhos. — E se nos sentássemos?

— Quando a minha cama é o único assento que há neste quarto? Julgo que não!

Dylan encolheu os ombros e passou por ela.

— Se quiser, fique de pé, mas eu não durmo há dois dias e faço tenções de me sentar.

Tensa e cautelosa, ela viu-o passar das palavras à ação e a apreensão deve-se-lhe ter espelhado no rosto, pois algo quase suave surgiu nas feições dele, belas e endurecidas.

— Grace, dou-lhe a minha palavra.

Ela encostou-se à porta.

— Vá direito ao assunto.

Ele instalou-se na cama, apoiando o peso nos braços e disse a última coisa que ela esperava ouvir.

— Seria capaz de ser precetora?



Grace olhou para aquele homem de má reputação estendido na sua cama.

— Precetora?

— Sim. Da minha filha. — Lançou-lhe um olhar de soslaio. — Parece surpreendida. Estava à espera de uma oferta diferente, não?

— Se estivesse, não me poderia censurar. Tem realmente uma filha?

— Sim. Isabel tem oito anos.

— Mas... — Interrompeu o que estava a dizer e soltou uma pequena gargalhada. Era tão ridículo, principalmente por estar à espera de outro tipo de proposta. — Não sabe nada a meu respeito e mesmo assim quer confiar-me a sua filha?

— Salvou-me a vida, por isso, o mínimo que posso fazer é salvá-la da pobreza. Os músicos com quem falei, e que a conhecem, têm a mais elevada opinião a respeito do seu caráter.

— Mas como sabe que estou habilitada a ser precetora?

— Sei que toca violino, portanto, teve provavelmente professores de música. Sabe ler pautas. Disse-me que me viu reger um concerto em Salzburgo. Embora tenha trabalhado como mulher de limpeza e agora venda laranjas na rua, duvido que as circunstâncias tenham sido sempre assim tão difíceis. Apercebo-me pelo modo como se movimenta, como caminha, como fala, que é uma mulher educada. Da Cornualha. Percebo-o pelo seu sotaque. Em menina teve também uma precetora, creio.

Grace escutava todas as conclusões a seu respeito que não deixavam de ser, todas elas, verdadeiras. Era um pouco desconcertante saber que um homem, principalmente aquele homem, fosse capaz de a avaliar com tanta precisão.

— Não sabia que era tão fácil entender.

— Não é fácil. Mas eu sou um homem atento.

— Em relação às mulheres. Tenho consciência disso. — Não pôde deixar de sentir curiosidade em relação à filha dele, por isso perguntou. — Não caberá à mãe da criança contratar a precetora?

A expressão dele não se alterou.

— A mãe de Isabel já faleceu.

— Mas decerto poderá arranjar uma precetora habilitada entre os seus conhecimentos ou até numa agência. Porque me oferece essa posição?

— Porque quero.

— Atrevo-me a dizer que não será razão suficiente.

Aquilo fê-lo sorrir. Um sorriso malicioso com intenções pouco dignificantes.

Grace conhecia o mundo; fora casada com um homem apaixonado e mundano. Sabia tudo acerca do amor físico entre um homem e uma mulher, mas, por uma qualquer razão que não sabia

explicar, o sorriso de Dylan Moore fazia-a corar. *Deus do céu*, pensou consternada, *não coro desde menina*.

— Precetora, uma ova — resmungou baixinho.

Ele estendeu-se na cama, apoiando o peso no cotovelo e a face na mão. Com o cabelo despenteado pelos ombros e a sombra da barba por fazer no rosto, os olhos escuros e enigmáticos, as espessas pestanas escuras e aquele sorriso parecia exatamente o demónio hedonista descrito pela imprensa de escândalos. E sabia-o. Aquele homem não tinha vergonha.

— Grace. — Pronunciou o nome dela em voz baixa e suave, como se experimentasse aquele som pela primeira vez. Tão sensual como uma carícia. Ela sentiu-se corar ainda mais. E a tensão transformou-se noutra coisa. Inesperadamente, tal como na noite anterior, sentiu uma onda de calor invadi-la interiormente.

— Sou uma mulher virtuosa — exclamou sem pensar.

Ele nem pestanejou.

— Nunca disse que não o era.

Grace cruzou os braços e inspirou profundamente para se acalmar, desejando morder a língua por ter dito o que não devia.

— Se eu concordar em ser precetora da sua filha, qual o salário que me oferece?

Para alívio dela, o sorriso dele desvaneceu-se. Dylan sentou-se na cama, muito direito.

— Antes de o discutirmos, devo dizer-lhe que há uma condição. Juntamente com os seus deveres para com Isabel, há mais uma coisa que exijo em troca do que lhe vou pagar.

Grace respondeu-lhe com um trejeito cínico dos lábios.

— *Hum, hum.*

— Mas só eu imponho condições. Quero dizer que a posso despedir se me apetecer, mas a senhora não pode desistir de trabalhar para mim.

Ela semicerrou os olhos.

— Então não se trata de emprego, mas sim de escravidão.

Ela viu-o olhar em redor do pequeno quarto da mansarda. Observador como era, Grace sabia que nada daquela penúria lhe escaparia. Dylan olhava para os dois vestidos gastos pendurados dos cabides da parede — os únicos que possuía para além do de xadrez verde que usava. Reparava na pequena quantidade de carvão que havia no balde ao lado da lareira. Sentia a insignificante qualidade do colchão e a ínfima espessura do cobertor por baixo do seu corpo e recordava a dificuldade de Grace para pagar a renda.

Fazia notar o óbvio, sem pronunciar palavra, mas, apesar do que Dylan lhe oferecia, Grace não concordava em sujeitar-se aos caprichos dele para sobreviver.

— Não consinto em nada que se pareça, sem um limite de tempo.

— Muito bem. — Olhou-a por um instante. — Um ano. Nessa altura, pagar-lhe-ei todo o salário que acertarmos, seja ele qual for. Nada receberá até lá, pois não deixarei que meta dinheiro no bolso durante um ou dois meses e depois me deixe.

— Porquê? As... *hummm...* precetoras são assim tão raras nos tempos que correm?

— Basta dizer que, quando pago as coisas, gosto de as ter à minha maneira.

Grace não queria rodear mais a questão. Se a proposta fosse honesta, aceitá-la-ia. Se não, escreveria ao irmão.

— Por que serviços acha que me deve pagar?

— Pelos de precetora. — Como ela não respondesse, ele continuou. — Como parece gostar de franqueza, confesso que vim aqui pensando fazer-lhe uma oferta diferente, mas é evidente que não está de acordo com a ideia de ser minha amante. — O sorriso dele era insinuante e depois suavizou-se. — Mas vou avisá-la de que tentarei fazê-la mudar de ideias a esse respeito. Entretanto, ofereço-lhe o lugar de precetora da minha filha.

— Estou a ver. Pelo menos o senhor é sincero. E o que acontecerá se continuar a fazer essas tentativas e eu o recusar?

— Recusa. — Semicerrou um pouco os olhos negros. — Não a forçarei, se é isso que receia.

Na verdade, não precisara forçá-la na noite anterior, pensou ela angustiada.

— Porquê eu? — perguntou ela. — Um homem como o senhor não tem qualquer dificuldade em arranjar uma amante.

— A senhora não é uma mulher qualquer. Já lhe disse ontem à noite que ouvia música vinda de si.

— Disse por dizer — retorquiu Grace com maus modos. — Não falava a sério.

— Claro que falava. Quando estou consigo, oiço música. A senhora inspira-me.

Valha-me Deus. Grace fechou os olhos e viu-se numa encosta da Cornualha com outro homem, um homem que quisera dela exatamente a mesma coisa. Um homem de olhos azuis e não negros, olhando-a por cima da tela num rochedo sobranceiro ao mar.

A minha musa, chamara-lhe Etienne. Etienne Cheval, o maior pintor do seu tempo, que acreditara que uma vulgar jovem inglesa de uma vulgar família do campo seria a fonte de onde poderia retirar toda a sua inspiração e brilho e que a culpara e lhe partira o coração quando nada resultara.

— Não precisa de olhar para mim como se a fosse levar ao cadafalso — disse Moore, interrompendo-lhe os pensamentos.

O seco comentário de Moore, obrigou Grace a abrir os olhos. A imagem de Etienne desapareceu imediatamente, derrotada pela presença dominante do homem que tinha diante de si, moreno, marcado e muito vivo.

— Por que razão Dylan Moore precisa de uma musa? — perguntou.

— Porque lhe desagrada a ideia de o ser?

Grace olhou-o, incapaz de explicar. Sentia que a história se repetia e não sabia porquê. Não era o que deveria ser a amante de um artista. Era prática, séria, tinha moral e nada excitante. Era tão estranho, pensou, que, não um homem de génio, mas dois pudessem ver nela a mesma coisa, uma coisa que lhes cativava a inspiração e os inspirava a criar obras de arte. Não compreendia, ela era tão vulgar.

Sabia que as musas não existiam. O seu desânimo deu lugar a um cansaço magoado.

— Não resulta, sabe.

Uma leve centelha de dor perpassou os olhos de Dylan, mas em menos de um segundo a sua expressão era de novo imperscrutável.

— Resulta. Tem de resultar.

Grace suspirou. Um artista bloqueado e frustrado, num período sem inspiração, desejando uma maneira fácil de sair dele. Embora fosse uma oportunidade ideal para fugir às dificuldades em que se encontrava, aceitar a oferta de Moore seria como acorrentar-se. Não queria ter mais nada a ver com artistas e a sua arte.

— Obrigada pela sua oferta, Mister Moore — disse abanando a cabeça. — Tenho de a

recusar. Não posso dar-lhe o que deseja. Prometeu-me cinco libras, duas das quais já deu à minha senhoria. Gostaria que me desse as outras três, por favor. E depois que se fosse embora.

Grace esperava que ele se recusasse a pagar-lhe ou que amuasse ou discutisse e fizesse perguntas cansativas acerca das suas razões, mas nada disso aconteceu. Sentou-se a observá-la, com os olhos profundos firmes no seu escrutínio. Grace aguardou, mas os segundos passavam e ele não se mexia.

— Gostaria que saísse — disse ela, quebrando o desconfortável silêncio.

— Portadas azuis — murmurou ele, fitando-lhe intensamente o rosto. — E muitas rosas.

As palavras atingiram-na como um soco no estômago. Grace inspirou profundamente ao ouvir o seu mais profundo desejo. Maldito homem.

— Uma casinha no campo com um jardim — continuou ele. — Se é o que deseja, Grace, posso tratar disso.

Claro que podia. Ela deveria saber que aquele demónio a tentaria com o que ela mais desejava.

— Acontece que tenho uma casinha exatamente assim. As portadas não são azuis, é verdade, mas pode remediar-se. E, se a memória não me falha, há muitas rosas no jardim.

Grace levou a mão à testa, pensando na sua desgraçada família e na fama de Dylan Moore. Se fosse viver com ele, mesmo como precetora, as pessoas pensariam o pior. Por outro lado, a sua reputação já não tinha remédio e, afinal, que importava? Já era rejeitada por quem restava da sua família. Seria estúpido recusar uma oferta assim. Muito, muito estúpido. Sentiu-se vacilar.

— Por favor, diga-me que a casinha não é na Cornualha.

— Não, para falar verdade é no Devonshire. Fica numa propriedade que me pertence. É sua se trabalhar para mim nos próximos doze meses. Porém, aplicam-se os mesmos termos. Não pode despedir-se, a menos que eu lhe diga para se ir embora, e só lhe pagarei no final do ano. Então, porei a casinha em seu nome e pagar-lhe-ei os salários que lhe dever.

— Qual será o salário?

— Acha mil libras aceitável?

— Mil libras? O salário de um ano para uma precetora? Deve estar...

— Louco? — Inesperadamente, Dylan endireitou-se e levantou-se da cama com os movimentos concisos e fluidos de um animal predador quando atravessou o pequeno quarto, Grace recuou involuntariamente e bateu com a cabeça na porta atrás de si. — Não estou louco. Por enquanto, não. — Deteve-se, mal deixando um passo entre eles. — Quero-a e não fiz segredo disso. Espero que com o tempo a faça sentir o mesmo e que se torne minha amante de verdade durante o tempo que seja agradável a ambos. Se tal acontecer, dar-lhe-ei presentes mais maravilhosos do que uma simples casinha e mil libras, acredite. Se preferir ser apenas precetora durante o próximo ano, está no seu direito. Saiba que nunca faria uma oferta tão generosa a outra mulher para que fosse apenas uma precetora. Só a faço a si.

— Porquê a mim? — exclamou, frustrada, porém, a pergunta não era apenas para ele, mas para o grande Cheval. Etienne que não lhe podia responder, que nunca lhe soubera responder.

Moore, um dos mais famosos compositores do mundo, também não sabia, ao ponto de lhe passar pelo rosto um reflexo do assombro dela.

— Também não sei — disse num murmúrio rouco. — Não consigo explicar.

Grace passou por ele, dirigindo-se ao outro extremo do quarto para se distanciar mais dele. Como poderia aceitar? Como poderia não aceitar?

Voltou-se para olhar para ele. As mangas da camisa branca de linho fino e os botões de ouro

do colete de riscas creme e preto pareciam tão caros e elegantes comparados com a parede esburacada e desbotada do seu quarto. Moore esperava que ela fizesse aquilo que, com todo o seu dinheiro, posição e talento lhe era impossível fazer. Livrá-lo do desespero. Não seria capaz e ele odiá-la-ia, não poderia evitá-lo. Mas transformara-se na única possibilidade honrosa de Grace ter uma vida para além da pobreza, por isso ia aceitá-la.

— Muito bem, aceito.

— Então está combinado. — Passou por ela para se dirigir à porta, apertando, entretanto, os botões da camisa. Pegou na gravata, que estava nas costas da cadeira, subiu o colarinho e colocou a tira de seda molhada em redor do pescoço.

— Que tipo de educação deseja para a sua filha? — perguntou ela, enquanto ele se aproximava do espelho emoldurado a lata, pendurado na parede junto à porta. Fez o nó da gravata, inclinando-se para ver as mãos refletidas no vidro distorcido enquanto ela prosseguia. — Posso ensinar-lhe violino, mas não sou muito entendida em piano, receio...

Dylan soltou uma gargalhada abrupta que a impediu de continuar. Depois endireitou-se, lançou-lhe um olhar de soslaio e retirou o casaco das costas da cadeira para o vestir.

— Isabel é melhor compositora do que eu fui com a idade dela. Toca piano extraordinariamente. Aprender violino certamente não seria mau — fez uma pausa com a testa franzida. — A menos que já saiba tocar violino. Com aqueles talentos, não me surpreenderia.

— O senhor não sabe se a sua filha toca violino?

— Não. — Dylan não lhe explicou. — Deixo nas suas mãos criar um conjunto de disciplinas apropriadas. Imagino que saiba melhor que eu quais as necessidades no que diz respeito à educação de uma menina. — Retirou o cartão do bolso e atirou-o para cima do cesto das laranjas. — Espero que possa começar amanhã — continuou, colocando três notas de libra em cima do cesto. — Espero-a às onze horas.

— Isto é absurdo — gritou ela, ainda incapaz de aceitar as coisas. — Sou paga como amante para fazer o trabalho de precetora.

— O absurdo faz parte da vida, não é verdade? — Atirou a capa para os ombros e estendeu a mão para o puxador da porta.

Ela ficou a vê-lo abri-la para se retirar.

— E se achar que eu sou uma precetora horrível?

— Isso não interessa.

— Então, ser precetora da sua filha é um mero pretexto para me instalar em sua casa? Não tem nada a ver com ela, pois não?

Ele deteve-se e voltou-se para olhar para ela.

— Não! — E com isto retirou-se, fechando a porta atrás de si.

Grace ficou a olhar para a porta depois de ele ter saído. Os sentimentos acerca do que acabara de fazer eram confusos e contraditórios. Por um lado, sentia-se tão aliviada por ter emprego, alimentação e um teto seguro sobre a cabeça, que as pernas lhe fraquejavam e a ideia de que uma casa sua e mil libras a esperavam ao fim de um ano era quase boa de mais para ser verdade.

Não estava preocupada por ser precetora. Tendo sido a mais velha de sete irmãos, sabia o suficiente para poder tomar conta de crianças e lidar bem com uma menina de oito anos. O padrão é que a preocupava. Dylan Moore era um homem obcecado pela sua própria música e no auge de uma criatividade frustrada. Era voluntarioso, arrogante e inconstante como um dia de primavera inglesa. Olhou para a cama, imaginando-o ainda ali, momentos antes, o seu corpo alto e forte, estendido no colchão, observando-a com os olhos escuros, a sorrir. Era um homem estranhamente sedutor.

«Oíço música quando olho para si. A senhora é a minha musa.»

Ele acreditava naquilo e ela sabia o que a ideia significava para um artista. Ali ficou, durante muito tempo, a pensar em Fausto, que vendera a alma ao diabo para conseguir o seu maior desejo. Ao aceitar a oferta de Moore, não pôde deixar de perguntar a si própria se não teria acabado de cometer um erro.

A chuva abrandara para um leve chuveiro quando a carruagem de Dylan se deteve em Portman Square. Uma vez dentro de casa, entregou a capa a Osgoode e informou-o de que a precetora da filha chegaria às onze horas da manhã seguinte. Depois ordenou que lhe levasse uma garrafa de brande ao quarto e perguntou por Isabel.

— Uma das criadas meteu-a na cama há duas horas, senhor.

— Excelente — respondeu Dylan e foi para cima aliviado. Podia ser o pai da criança, mas não fazia a mínima ideia do que fazer com ela e sentia-se satisfeito por não ter de a educar. A maioria dos pais que conhecia não educava os filhos. Entregavam-nos ao cuidado de amas, tutores e precetoras e depois mandavam-nos para o colégio, como ele tencionava fazer. Depois da morte da mãe, quando era pequeno, via o pai apenas uns minutos por dia, que se transformaram em duas horas duas vezes por ano, depois de ter sido mandado para Harrow. Se tivesse de ser pai, tencionava ser um pai típico.

Quando chegou ao primeiro andar e seguiu pelo corredor em direção ao quarto, Phelps já fora informado da sua chagada. Dylan encontrou o criado à sua espera à porta, horrorizado, vendo-o aproximar-se. Ainda não chegara a meio do corredor e já ele lamentava a roupa e o cabelo molhados que certamente o fariam adoecer de sezões.

Dylan passou por Phelps e entrou no quarto, fingindo não ouvir as suas bem-intencionadas admoestações para que usasse chapéu e levasse guarda-chuva quando saísse. O criado ajudou-o a despir a roupa húmida e, como eram apenas dez horas, sugeriu que escolhesse um dos vários fatos para noite, mas Dylan interrompeu-o.

— O tempo está muito mau esta noite. Vou ficar em casa.

Vestiu um par de calças de cossaco e o seu roupão preferido, uma peça de pesada seda negra com dragões vermelhos bordados. Quando saiu do quarto encontrou no corredor o criado que vinha trazer-lhe o brande. Retirou a garrafa do tabuleiro ao passar por ele, desceu a escada, entrou na sala de música e dirigiu-se imediatamente ao piano.

Acendeu o candeeiro e sentou-se no banco olhando para a única pauta que restava na estante e que mal continha uma dezena de notas. Mais se seguiriam com Grace, embora não conseguisse explicar porque tinha tanta certeza.

Dylan sorveu novo gole de brande e descansou a mão livre sobre o teclado. Fechou os olhos, tocou várias vezes as notas, esforçando-se por calar o outro ruído, enquanto se concentrava na mulher e na música que lhe invadia a imaginação sempre que ela estava próxima.

— Porque tocas sempre as mesmas notas uma e outra vez?

Dylan abriu os olhos e voltou a cabeça para ver Isabel deitada na *chaise longue* de veludo castanho que se encontrava num canto escuro do quarto. A camisa de dormir da menina cintilava nas sombras. Quando se endireitou e surgiu à luz do candeeiro do piano, viu que ela escondia ao canto da boca um chupa-chupa de hortelã-pimenta. Nem sabia que havia doces em casa.

Franziu a testa.

— Pensei que estavas na cama.

Ela franziu também a testa sem se deixar intimidar.

— O teu criado acordou-me — afirmou com um sotaque forçado brandindo o chupa-chupa em direção a ele. — Não consigo dormir bem enquanto ele se queixa do teu cabelo molhado mesmo em frente da porta do meu quarto, não achas?

— O que estás a fazer num quarto em frente ao meu? O teu quarto fica nos aposentos das crianças, no segundo andar.

— Mudei-me. Não há mobília no segundo andar.

— Os criados deveriam ter levado mobília de outro quarto.

— Disse-lhes que não se incomodassem. Não gosto dos aposentos das crianças. Faz muito calor lá em cima.

Dylan sentiu vontade de rir ao ouvir a mentira, mas calculou que um pai deveria ter um ar severo perante coisas como aquela.

— Esta noite não está calor. Está até bastante fresco na rua.

— Talvez — respondeu ela. — Mas dentro de meses já não será assim e seria uma tolice dormir lá em cima e ter de me mudar mais tarde, não achas?

Dylan suspeitou que, se Isabel já conseguira convencer o pessoal a deixá-la dormir num quarto que não fazia parte dos antigos aposentos das crianças, seria capaz de muito mais disparates com o passar do tempo. Grace teria muito que fazer.

— Contratei-te uma precetora.

— *Ugh!* — A menina fez uma careta e mastigou ruidosamente o chupa-chupa. — Que horror — disse girando os bocados de hortelã-pimenta na boca. — Não posso ter antes um mordomo?

— Só as princesas têm mordomos. As outras meninas têm amas e precetoras.

— Bem sei, mas é tão estranho. Preferia ser uma princesa. Assim podia dar ordens a toda a gente, até a ti. — Brandiu o resto do chupa-chupa em direção a ele. — Dá-me um quarto como deve ser ou mando-te fechar na Torre de Londres — entoou com toda a majestade que os seus oito anos lhe permitiam. Ele sorriu e ela meteu de novo o chupa-chupa na boca. — Além do mais — continuou em voz normal —, as precetoras são horríveis. Andam mal vestidas e são feias. Estão sempre a obrigar-nos a fazer contas de somar, ralham e aborrecem-se se não passajamos as meias.

Dylan acreditou nela.

— Esta precetora não é nada assim.

— É bonita?

Bonita? Não seria bem a palavra para definir a pessoa que lhe assombrava os sonhos havia cinco anos.

— Sim, suponho que seja bonita — respondeu, levando aos lábios a garrafa de brande.

— É tua amante?

Ele engasgou-se.

— Por amor de Deus, como sabes tu dessas coisas? Não importa — acrescentou imediatamente, apercebendo-se de que não seria um tópico apropriado para discutir com uma criança. — Creio que devias ir para a cama.

— Podes dizer-me. — Descansou o queixo nos joelhos cobertos pelo algodão da camisa, comendo o chupa-chupa, olhando-o com uma espécie de ceticismo entendido. Dylan não queria saber como o aprendera.

— Não é minha amante — respondeu, dizendo a si mesmo que aquilo era verdade, pelo menos naquele momento. — E não vamos falar mais deste assunto. Vai para a cama.

Ela desceu da *chaise longue*, mas em vez de se dirigir à porta foi para o lado dele.

— Não estou cansada. Posso tocar piano contigo? Podíamos fazer um dueto.

Ele abanou a cabeça, mas ela insistiu.

— Eu acompanho-te, juro, papá.

Papá. Nem sequer gostou da palavra. Nela estava implícito o afeto que a menina, possivelmente, não sentiria por ele. Estava implícita a responsabilidade que ele não desejava. Devia dizer-lhe para não o tratar assim.

Isabel pôs a mão no teclado e tocou umas notas ao acaso.

— Fiz isto agora — disse. — E gosto. Creio que será uma serenata, não achas?

— Talvez.

— Tens uma propriedade no campo, não tens? — perguntou e tocou mais umas notas. — Pomares. Peras e maçãs. Num lugar chamado Devonshire. Li a esse respeito. — Deteve-se e fitou-o. — Li tudo a teu respeito.

Dylan não sabia o que dizer. A maior parte das coisas publicadas a seu respeito não eram apropriadas para uma criança ler. Sentindo-se de repente pouco à vontade, desviou os olhos, baixando-os para a mãozinha sobre o piano. Viu-a colocar a outra mão sobre o teclado e começar a improvisar a sua pequena serenata.

— Podemos lá ir um dia, papá? — perguntou. — Nunca estive no campo.

— Isabel...

— Seria bom ir ao campo e ter um pónei.

Havia uma nota triste na voz dela e, quando a olhou, viu-lhe os olhos tão tristes, tão melancólicos.

Sem pensar, inclinou-se e deu-lhe um beijo na têmpora, o mesmo gesto descontraído de afeição que faria a qualquer mulher com esperanças pouco convenientes.

— Tenho de trabalhar e tu tens de ir dormir. Falamos de póneis noutra altura.

Relutante, Isabel afastou-se do piano.

— Se eu não gostar da minha precetora, posso despedi-la.

— Não.

Ela deteve-se à porta.

— Despede-la por mim?

Ele disse a verdade.

— Não.

— Amante — disse, acenando com a cabeça, com um ar demasiado entendido para os seus oito anos. — Era o que eu pensava.

E saiu e Dylan ficou a vê-la ir embora, sentindo-se desgostoso com as suposições da menina, embora não lhes achasse nada de errado. Seria verdade, se ele conseguisse os seus intentos.

Era desconcertante ouvir uma menina falar daquelas coisas e ele duvidava que, com aquela idade, pudesse sequer entender o conceito de amante. Mas, afinal, o que sabia ele de meninas?

Nada, respondeu à sua própria pergunta. Mais uma razão para a mandar para a escola quando o ano terminasse. Seria para bem dela. Se não fosse tão dotada, enviá-la-ia a uns parentes, como de princípio tencionara, mas os seus dotes musicais deveriam ser desenvolvidos. O talento de Isabel justificava um conservatório musical na Alemanha ou em Itália.

Li tudo a teu respeito.

As palavras de Isabel agitavam-no interiormente, invadia-o uma inquietação acerca do que poderia ter lido. Era como era. Nem precisava de pedir desculpa por isso. Pôs rapidamente de lado qualquer sensação de desassossego.

O seu plano traria tudo de bom. Durante o ano seguinte, Isabel teria Grace para olhar por ela, ele teria Grace consigo e Grace conseguiria segurança para o futuro. Dylan terminou o brande, dizendo para consigo que seria a melhor solução para todos.



No dia seguinte, quando Grace chegou a casa de Dylan Moore, não fazia ideia do que esperar, mas, sabendo o que sabia acerca do dono da casa, concluiu que nada sobre a sua nova situação a deveria surpreender. Porém, a esse respeito, estava enganada.

— A senhora é a amante do meu pai?

A pergunta ecoou abruptamente no vestíbulo por cima da cabeça de Grace, interrompendo a sua apresentação aos outros criados feita pelo mordomo. Estes ficaram em silêncio enquanto ela erguia a cabeça para olhar para a menina que se debruçava do corrimão da escada de ferro forjado. Ali não era necessária qualquer apresentação.

Isabel tinha os mesmos olhos escuros que o pai, o mesmo maxilar decidido e, obviamente, a mesma capacidade de falar de maneira direta sempre que necessário. Estava em bicos de pés, com as tranças a penderem-lhe e a cúpula azul e branca do teto servindo de contraste ao seu cabelo negro.

Grace não era mulher que se chocasse facilmente, mas a pergunta, vinda da boca de uma menina, era ofensiva. Baixou o olhar para o rosto impassível do mordomo, Osgoode, e olhou em redor para os vários membros da criadagem. Ninguém disse palavra. Os criados perfeitos, que sabiam o seu lugar, comportavam-se todos como se fizessem parte do papel de parede. Não sabia se tinham formado a mesma opinião que Isabel a seu respeito, mas tinha a certeza de que teria de contrariar tais ideias pelo comportamento, não pelas palavras.

— Osgoode? — Olhou para o mordomo e depois para a pequena mala a seus pés.

Este percebeu imediatamente e fez sinal a um criado para que levasse a malinha para cima. O rapaz obedeceu e o mordomo voltou a atenção para ela.

— O senhor deseja vê-la esta tarde, às quatro horas — disse ele com uma vénia. Saiu do vestíbulo, levando consigo Mrs. Ellis, a governanta baixa e rotunda. As criadas e criados dispersaram, deixando Grace sozinha com a sua pupila.

Olhou para a menina debruçada no corrimão.

— Sou Mistress Cheval — disse. — A menina deve ser Miss Isabel Moore. — Fez uma pausa. — Mas talvez esteja enganada — acrescentou. — O pai da menina Isabel disse-me que ela era uma jovem senhora e as jovens senhoras não fazem perguntas indiscretas.

A criança endireitou-se e começou a descer a escada.

— As únicas perguntas não indiscretas são acerca do tempo, das estradas ou da saúde das pessoas. São as perguntas indiscretas que ajudam a saber as coisas.

Havia tanta verdade nas palavras daquela criança que Grace sentiu um sorriso bailar-lhe nos lábios.

Isabel deteve-se diante dela, inclinando a cabeça para trás.

— Vai responder-me?

— Certamente que não. As pessoas bem-educadas não fazem perguntas dessas.

— O meu pai respondeu. Disse que não era, mas não sei se acredite nele.

— Não acredita nas coisas que lhe diz o seu pai?

Isabel encolheu os ombros.

— Os adultos mentem — respondeu num tom prático, mas estranhamente patético. — Tenho de descobrir se o meu pai é daqueles que dizem mentiras. — Fez uma pausa semicerrando os olhos com uma expressão ameaçadora. — E a senhora talvez minta também.

Grace não sabia como lidar com as perguntas e afirmações da menina, mas ao olhar para o rosto de Isabel apercebeu-se de que, apesar do cinismo das palavras e das suas maneiras entendidas, a criança estava muito apreensiva em relação à nova precetora.

— Eu não minto.

— Veremos — declarou Isabel mostrando ceticismo. — Se for amante dele, em breve saberemos.

— Não me parece um tópico de discussão apropriado e creio que a menina o sabe. Além do mais, esse assunto só ao seu pai diz respeito.

A expressão de Isabel endureceu de uma forma que não deveria ser possível numa menina tão pequena.

— Engana-se! — exclamou com tanta veemência que Grace se sobressaltou. — Também me diz respeito a mim. Não vou deixar que esse tipo de coisas volte a acontecer.

Então era isso. Amantes que entravam e saíam. Grace sentiu uma onda de compaixão pela menina que tinha um libertino como pai, que não tinha mãe nem educação. Olhando-a diretamente nos olhos Grace declarou:

— Por minha causa não acontecerá.

— *Humf...* — foi a única resposta da menina, sem fazer caso desta afirmação.

Seria preciso tempo para mudar a opinião da menina, mas Grace resolveu não tentar nada mais de momento.

— Gostaria de ver os aposentos das crianças — disse. — Importa-se de mos mostrar, por favor?

A expressão de Isabel endureceu quando cruzou os braços.

— Pode já ficar a saber que não quero uma governanta.

— Quer queira quer não — respondeu Grace em tom jovial —, já tem uma.

A menina voltou as costas e dirigiu-se à escada.

— Se assim é, não será por muito tempo. Não vai aguentar. Nunca aguentam.

Grace tencionava aguentar durante um ano.

— Aguentam? — repetiu enquanto subia a escada com Isabel. — Quantas precetoras já teve?

Isabel fez uma pausa e Grace parou a seu lado. A menina contou silenciosamente pelos dedos, depois ergueu os olhos e esboçou um sorriso malicioso, igual ao do homem que lhe tinha dado o ser.

— A senhora é a décima terceira. Está cheia de sorte.

Meu Deus, pensou Grace, tal pai tal filha. Em que me vim meter?

O sono era um bem precioso e imprevisível para Dylan. Consegui-lo necessitava geralmente de ajuda. Na última noite, embora tivesse passado duas noites sem descanso e bebido praticamente

uma garrafa de brande, fora incapaz de aquietar o espírito e deitar a cabeça na almofada. Ao nascer do Sol só conseguira adormecer depois de um cachimbo de haxixe e alguns goles de láudano.

Quando acordou, Dylan pagou essa ajuda. Sabe-se lá por que razão pouco razoável, Phelps decidiu abrir os reposteiros e o ruído das argolas batendo no varão de madeira acordou-o. Abriu os olhos e a luz forte provocou-lhe na cabeça ondas de dor. Logo aquele tinha de ser um dos raros dias de sol brilhante em Inglaterra.

Dylan voltou-se de barriga para baixo com um gemido.

— Valha-me Deus, homem, que estás a fazer? — resmungou, cobrindo o rosto com a almofada. — Fecha essas malditas coisas.

— Bom dia, senhor — cumprimentou-o o criado com a irritante alegria de quem nada sabe acerca dos excessos de complacência e das suas consequências. — Deseja o pequeno-almoço?

Pequeno-almoço? A língua de Dylan parecia colada ao céu da boca, sentia o corpo mais seco que o deserto e a ideia de ter de comer provocava-lhe vômitos.

— Não — disse com os dentes cerrados. — Se sentir o mais leve cheiro de arenques neste quarto, desces de categoria e contrato outro criado. Agora deixa-me descansar.

— Peço perdão, senhor, mas são três e um quarto e o senhor tem um compromisso às quatro horas. Pensei que desejasse fazer a barba e tomar banho antes, por isso este já está à sua espera.

Naquele momento, Dylan não queria saber de fazer a barba ou tomar banho, nem sequer dos compromissos ou qualquer outra coisa. Apenas desejava voltar a adormecer, o único refúgio que lhe restava. Afundou-se ainda mais na roupa da cama e esforçou-se por adormecer de novo, mas era demasiado tarde. O seu companheiro já o torturava, sussurrando como um diapasão avariado que não conseguia chegar ao som perfeito. Gemeu e agarrou noutra almofada que encostou ao ouvido, mas foi infrutífera a tentativa para abafar o gemido.

— Devia dizer a Mistress Cheval que deseja adiar o compromisso.

Dylan não conhecia ninguém com esse nome. Além do mais, no seu estado atual, nem uma mulher o entusiasmava.

— Quem?

— A precetora da menina Isabel. Creio que o senhor avisou Osgoode ontem à noite de que ela deveria chegar esta manhã e que desejava reunir-se com ela às quatro horas para discutirem os deveres dela.

Então o apelido era Cheval, pensou, atordoado. Nunca lhe ocorrera que fosse casada. A cama do quarto dela era estreita. Mesmo casada, vivia só. Tinha de ser viúva, ou talvez estivesse separada do marido. Não importava a sua situação atual, era uma mulher experiente. Exatamente como gostava.

Meio a dormir, Dylan concentrou nela os seus sentidos embotados pelo sono e sorriu. Grace. O nome assentava-lhe bem. Apertou a mão em redor da almofada de penas imaginando o corpo esguio da jovem nos seus braços, sentindo de novo na mão a forma redonda e perfeita do pequeno seio. O gemido regrediu no seu cérebro, sentindo-se excitado ao lembrar-se de como a boca dela tinha cedido aceitando avidamente o seu beijo. Naquela noite, nunca esperara acordar nela tal desejo e a surpresa fora extremamente doce.

Tinha a certeza de que havia muito tempo nenhum homem a tocava e ansiava remediá-lo. Se estivesse ali perto dele naquele momento, descobriria todos os locais secretos que lhe dariam o maior prazer, explorando-os até ela não poder suportar, até entrar nela e os únicos sons que se pudessem ouvir fossem os seus gritos frenéticos ao atingir o clímax.

— Posso dizer-lhe que o senhor está doente — declarou a voz digna de Phelps vinda do quarto de vestir e arruinando a fantasia mais sensual e erótica que Dylan alguma vez tivera.

Esqueceu a ereção e jurou que em breve deixaria de ser uma fantasia.

Minutos depois, afastou as almofadas e a colcha para sair da cama. No momento que o fez sentiu a cabeça explodir-lhe e apertou a testa com as mãos.

Phelps entrou, vindo do quarto de vestir, a tempo de ver a careta de dor.

— Talvez uma chávena de chá? — sugeriu o criado. — Com hortelã. Vai melhorar se o beber.

Chá era a última coisa de que precisava.

— Detesto chá, Phelps — resmungou, esfregando a cara com as mãos. — Trabalhas para mim há treze anos. Sabes perfeitamente que detesto chá.

— Então uma tisana de camomila? Ou café?

Uma tisana de camomila parecia ainda pior do que o chá. Pelo menos o café seria... tolerável.

— Sim. Manda vir café. Tomo-o no banho. E manda uma criada dizer a Mistress Cheval que irei ter com ela à sala de música. — Atravessou o quarto de vestir completamente nu e entrou noutro onde uma enorme tina de cobre tinha sido cheia de água a ferver.

Depois do banho, de fazer a barba e tomar café, Dylan sentiu-se consideravelmente melhor. O relógio batia as quatro quando entrou na sala de música, onde Grace o esperava. Fez uma pausa junto às portas para a observar.

Grace encontrava-se atrás do piano e não reparou que ele entrava. Olhava para a pauta rascunhada que se encontrava na estante. Enquanto Dylan a observava tocou sucessivamente várias notas. Bocadinhos da sua pessoa, presos no papel. Gostaria de saber o que pensaria ela se lho dissesse.

Era a primeira vez que a via à luz do dia e o sol não lhe prejudicava a pele, pois esta parecia tão suave e luminosa como na noite anterior. A luz do Sol refletia-se em tons de dourado e caramelo na coroa entrançada do cabelo, muito simples, sem os adornos absurdos agora em voga. Nada de penas ou fitas, nada de caracóis frisados feitos com ferros quentes, nada de paus com frutas espetadas. Embora a falta de tais ornamentos se devesse provavelmente à sua pobreza, Dylan apreciou o que viu, pois o cabelo dela não precisava de ornamentos. Se estivesse caído seria ouro líquido nas suas mãos — espesso, pesado, brilhante.

A fantasia de uma hora atrás veio atormentá-lo e foi muito mais difícil esquecê-la, pois tinha Grace diante dos olhos. Entrou na sala.

Ela apercebeu-se do movimento e ergueu a cabeça. Os seus olhos eram ainda mais claros do que ele pensara, de um verde translúcido, uma cor acentuada pelo castanho-escuro do vestido que usava, um dos dois que vira pendurados em casa dela. Estava muito gasto e um pouco largo para a sua figura esguia, acentuando as dificuldades com que ultimamente vivia.

— Disse-me ontem à noite que não era entendida em piano — comentou, fechando as portas. — Mas sabe tocar.

— Perdão — disse, retirando a mão do teclado. — Sei que o instrumento de um compositor é território sagrado. Não quis invadi-lo.

— Não se sinta incomodada, não sou assim tão temperamental — aproximou-se dela. — Se deseja tocar, há pautas no armário.

Apontou para o armário de mapas de mogno, atrás deles, onde guardava as pautas, mas ela abanou a cabeça.

— Disse-lhe a verdade e não quero torturá-lo com as minhas tentativas ao piano. Sempre preferi o violino.

— Deve guardar o seu violino aqui na sala de música para que possa praticar sempre que tiver oportunidade. Talvez possamos tocar juntos.

Grace não pareceu entusiasmar-se com a ideia.

— Creio que desejava encontrar-se comigo para discutirmos o assunto para que fui contratada — recordou-lhe ela, parecendo exatamente uma precetora, formal, brusca e eficiente, provocando nele um desejo imediato de lhe destruir o porte.

— Assim é. — Dylan sentou-se no banco e fez um gesto para que ela fizesse o mesmo. — Quais são os divertimentos das precetoras — acrescentou quando ela obedeceu.

Ela lançou-lhe um olhar reprovador.

— Pensei que quisesse falar de Isabel.

— Claro — respondeu Dylan, fingindo-se surpreendido, mas observando-a enquanto, ao acaso, começava a tocar as teclas do piano. — Que outra coisa poderíamos discutir? No seu plano de estudos não haverá lugar para divertimentos?

— Para ela sim. — O rubor invadiu-lhe o rosto, obrigando-a a voltá-lo, enquanto ele soltava uma gargalhada.

— Ainda bem — disse Dylan. — O divertimento é importante.

— A sua filha parece uma criança muito inteligente.

— Demasiado esperta — respondeu ele, continuando a percorrer as teclas ao acaso. Fechou os olhos e concentrou os sentidos na mulher que tinha a seu lado, à espera, desejando ouvir a mais leve sugestão musical.

Sentia-lhe a presença perto de si; era quase como se se tocassem. Com os olhos fechados, voltou levemente a cabeça para ela e sentiu um aroma qualquer. Inspirou profundamente, saboreando a fragrância leve e delicada de óleo de pera. Recordou-se do Devonshire e da sua casa.

— Isabel tem muito talento para o piano — disse ela. — Foi o senhor que a ensinou?

— Não. — Dylan não se recordava daquele perfume quando estivera no quarto dela, na noite anterior, nem quando a encontrara na rua estreita, depois do baile. Abriu os olhos e viu que ela o olhava de soslaio sob as pestanas, vendo-o tocar, movendo as mãos intencionalmente duas oitavas acima da escala. — Gosto do seu perfume — declarou com o antebraço a uma leve distância do seio dela, enquanto brincava com as teclas. — Porque não o usa sempre?

O semblante grave de Grace não se alterou com o elogio.

— É sabonete, não é perfume.

— As minhas propriedades fazem sabonete de pera. E também as do meu irmão.

— Sim, a criada que o trouxe para que me refrescasse informou-me. — Parecia não permitir sentir-se afogueada pela proximidade ou intimidade do assunto. — Mister Moore — disse, sem o olhar. — Se não deseja falar acerca da sua filha, deixo-o com a sua música.

Ergueu-se do banco, mas ele falou para a impedir.

— Se sair daqui, despeço-a, Grace — declarou em tom agradável.

Ela voltou a sentar-se.

— Isso é chantagem.

— Chantagem é uma palavra muito dura — respondeu, olhando-a e sorrindo enquanto continuava a tocar. — Prefiro chamar-lhe influência.

— Por favor, não o faça... — interrompeu ela, mordendo o lábio e voltou a cabeça para a afastar dele. — Preferia não discutir consigo pormenores da minha *toilette* — afirmou um momento depois.

Meu Deus, como gostava do som da voz dela. Tentava falar em tom de reprovação, mas não o

conseguia. Dylan gostaria de saber se ela tinha noção disso. Possuía uma voz calma, melódica, como o borbulhar de um ribeiro do bosque.

— Muito bem — disse ele, fechando os olhos enquanto tocava. — Discutiremos então o assunto que prefere.

— Os aposentos das crianças estão vazios — referiu. — Isabel informou-me que o seu quarto era no primeiro andar. Mas uma menina deve dormir nos aposentos das crianças, por isso será aceitável se mudar Isabel lá para cima? A ama deveria lá dormir também, claro.

— Mude-a se assim o deseja, mas ela não tem ama. Vai ter de contratar uma.

— Muito bem. Posso também adquirir mobiliário apropriado para esses aposentos?

— Como por exemplo?

Ele ouviu-a desenrolar a lista de todas as coisas necessárias para os aposentos de uma criança — mobiliário, estantes para os livros, uma mesinha para o chá, um quadro preto, manuais, livros, jogos, *puzzles*, mapas e, enquanto ela falava, o ruído dentro da cabeça dele começou a desvanecer-se. Dylan deixou de tocar e ficou a ouvi-la.

— Isabel tem muito pouca roupa. Apenas dois vestidos simples e outro reservado para os domingos. Gostaria de a levar a uma modista. Acha razoável?

— Com certeza. Peça a Osgoode que trate das contas da modista e que compre tudo o que for necessário. E equipe os aposentos das crianças com o mobiliário que julgar adequado. Peça a Osgoode a lista de lojas em Bond Street onde tenho contas. Quanto aos seus aposentos, espero que esteja satisfeita com o seu quarto.

— É muito bonito.

— Precisa de alguma coisa? Se precisar, bastará pedir a Osgoode ou a Mistress Ellis.

— Muito obrigada. — Voltou a desviar o tema da sua pessoa. — Gostaria de fazer um plano de estudos para Isabel, mas, para isso, preciso de saber que tipo de educação teve até agora.

— Não sei. Suponho que o melhor seja perguntar-lhe.

— Já perguntei.

Dada a experiência que tivera até ali, não era difícil adivinhar o resultado da conversa de Grace com Isabel.

— E...?

— Não quis falar acerca do que já tinha aprendido, mas não hesitou em dizer-me o que deseja fazer a partir de agora. Não quer aprender matemática e recusa-se a colecionar borboletas ou a aprender alemão. Em relação aos outros predicados femininos, digamos que não se mostrou muito entusiasmada. Quer tocar piano e compor. Mais nada.

— Já tocou para si?

— Claro que sim. Uma sonata, uma serenata e dois concertos, tudo composto por ela. Disse-me que está a começar uma sinfonia.

Dylan sentiu uma estranha centelha de orgulho, pois mal conhecia a menina.

— É muito talentosa.

— Claro que é. Mas suspeito que o seu principal talento seja conseguir as coisas à sua maneira. — Fez uma pausa e continuou em tom irónico. — Parece-me que se parece bastante com o pai.

Ele riu. E, inesperadamente, ela imitou-o. Dylan deixou de tocar e voltou-se para ela observando o sorriso que lhe iluminava o rosto.

— É a primeira vez que a vejo sorrir. — E, sem sequer pensar, ergueu a mão para lhe tocar.

O sorriso dela desapareceu quando sentiu os dedos dele aflorarem-lhe a face. Ele deteve-se, olhando-lhe os olhos extraordinários, verdes e extraordinariamente belos como a primavera, como tudo o que recomeça. Se ao menos também ele pudesse recomeçar.

Dylan tinha os dedos calejados de uma vida a tocar piano, mas a pele dela parecia tão suave junto a eles. Tocou-lhe o rosto com a palma da mão e passou-lhe o polegar pelos lábios. O delicioso aroma de pera invadiu-lhe os sentidos e o ruído dentro da sua cabeça transformou-se num murmúrio longínquo e desapareceu completamente. Durante uns abençoados momentos, não ouviu absolutamente nada.

Fechou os olhos e deixou de respirar. Não se moveu. Havia tanto tempo que não escutava os sons do silêncio que já não se lembrava como era. Era como se estivesse no céu.

Ela abriu a boca junto ao polegar dele.

— Não fale — disse ele num murmúrio rouco. — Ainda não. Não estrague este momento.

Dylan sentia a respiração dela junto ao seu polegar e esperava. Queria extrair a música que havia nela para a colocar no papel. Queria prová-la, senti-la, sentir a paz que viria depois.

Apercebeu-se do regresso do ruído. Desesperado para o afastar, passou o polegar debaixo do queixo dela e inclinou-lhe a cabeça para trás para a beijar. O ruído aumentou, mas, no momento em que os seus lábios tocaram os dela, deixou de ter importância. Meu Deus, como era doce, mel na sua língua.

— Não.

A palavra foi abafada pela sua boca, mas ele ouviu-a e abriu os olhos enquanto Grace se afastava dele, levantando-se do banco do piano e para fora do seu alcance. Viu-a voltar-lhe as costas e passar para o outro lado do piano de cauda. E Grace ali ficou, muda, a olhar para ele.

— Grace — disse ele numa voz o mais suave possível. — Vem cá.

Ela abanou a cabeça, recuou dois passos e voltou-lhe as costas. Abriu as portas de par em par e retirou-se. Ele deixou-a ir.

Atrás de si ficou a fragrância a pera e mais alguma coisa. Sem pensar, Dylan pousou as mãos no teclado e extraiu dele uma rápida série de notas, não as que sempre ouvia com Grace, mas outras, austeras, em dó menor. Apercebeu-se de que criara a abertura do primeiro movimento de uma sinfonia. O tema masculino. Cinco anos antes, Grace inspirara o tema feminino que se seguiria.

«Claro», pensou e dirigiu-se à escrivaninha em busca de uma pena, tinta e papel de música. Regressou ao piano e começou a improvisar as notas que acabara de tocar.

A ideia parecia agora tão óbvia. O masculino e o feminino. Usaria os temas não só no primeiro movimento, mas em toda a peça. Uma sinfonia escrita como um caso amoroso.

Criativamente, a ideia era excelente, mas desejava ainda mais a realidade. Mesmo enquanto trabalhava, Dylan não deixava de pensar em Grace, no perfume da sua pele, na forma do seu corpo, no sabor do seu beijo. Torturava-se repetidamente sem a poder esquecer e, se alguma vez albergara dúvidas de que ela o inspirava, estas dissiparam-se no final daquele dia.

Dylan pousou a pena e olhou para a pauta que compusera e que agora se encontrava sobre o piano. Tinha a estrutura básica do primeiro movimento, a primeira prova tangível de que ainda conseguia compor, mas de bom grado a ofereceria aos deuses em troca de mais um momento com ela, de mais um beijo dela e do silêncio.



Encher uma enfiada de cinco quartos requeria uma enorme lista de compras. Grace retirou o lápis detrás da orelha e acrescentou dois armários no final da lista.

— Não percebo por que razão tenho de dormir cá em cima — declarou Isabel a seu lado, aborrecida por o pai e a precetora estarem de acordo que uma menina de oito anos devesse dormir nos aposentos das crianças.

— Pense nas coisas desta maneira — sugeriu Grace usando a parede como superfície para escrever enquanto anotava um quadro preto e giz a seguir aos armários. — Tem a maior suíte desta casa.

Olhou para Isabel mesmo a tempo de ver alegrar-se o rosto da criança.

— É verdade — concordou. — Ainda é maior do que a do papá, mas só porque não tenho irmãos com quem a partilhar. Pode pôr papel de música na sua lista? Montes e montes?

— O seu pai disse-me para comprar o que fosse preciso. Creio que é muito importante ter montes de pautas.

— E eu.

— E eu também — corrigiu Grace, continuando a espreitar a lista. Talentosa como era, uma criança com a inteligência de Isabel requeria uma educação mais substancial do que as outras crianças, para não se aborrecer, e precisava de outros interesses que não a música. À sua lista cada vez mais extensa, Grace acrescentou um conjunto de aguarelas e outro material de pintura, um serviço de jantar e outro de chá de criança e um ábaco.

Isabel examinou a lista.

— Para que precisamos de rede de pesca?

— Pensei que pudéssemos ir ao Hyde Park apanhar pequenos insetos que andam pelos lagos. Se arranjarmos um microscópio poderemos vê-los muito de perto.

— E para quê?

Grace percebeu que a biologia não era muito atraente para Isabel. Mudou de tática.

— É necessário irmos aos parques para desfrutarmos do ar livre.

— Toda a vida fui a parques. São todos iguais.

Grace olhou para a menina.

— Ai são? — perguntou, reparando que Isabel parecia subitamente melancólica.

— Preferia ir à propriedade que o papá tem no campo. Há lá póneis, disse-me Molly.

— Molly?

— É a terceira criada. Disse-me que a propriedade do papá se chama Porta do Rouxinol e que tem pomares de maçãs, peras e ameixas. E que a casa é perto do mar. Nunca vi o mar, bem, exceto quando atravessei o Canal.

— O mar é maravilhoso — disse Grace. — Cresci em Land's End.

— Land's End? Fica mesmo na pontinha de Inglaterra, não é verdade?

— É, sim. Da casa dos meus pais via-se o oceano. — Grace sentiu-se invadida por uma inesperada onda de nostalgia que tentou afastar. Mostrou a lista a Isabel. — Lembra-se de mais alguma coisa que possa fazer-nos falta? — perguntou.

Isabel leu mais uma vez a lista e abanou a cabeça.

— Não. Há muita coisa para comprar, não é verdade? Vamos levar dias a fazer compras.

— Espanta-me que não haja nada aqui. Sei que teve várias precetoras, por isso não percebo por que razão os aposentos das crianças estão vazios. Mandaram-na para o colégio?

— Não. Sempre tive precetora, até ir para as freiras, claro.

— Freiras? A sua família é católica?

— A mamã era, penso eu, mas nunca ia à missa nem nada disso. O papá é inglês, por isso não creio que seja católico. De facto — acrescentou, erguendo os olhos para Grace com ar pensativo —, não vejo que o papá tenha alguma religião. O que acha?

Só se a religião dele for o hedonismo.

— Então, se teve precetoras, por que razão não há aqui nada?

Isabel abriu muito os olhos, surpreendida.

— O meu pai não lhe disse? Só cá cheguei há três dias. Nasci em França, em Metz. A minha mãe morreu há três meses de escarlatina e eu tive de ir para o convento. A irmã Agnes trouxe-me para que viesse viver com o meu pai, o que foi muito melhor. Mas acho que ele não estava à minha espera.

— Só está há três dias com o seu pai? Ele não me disse nada disso.

— Antes de cá chegar não o conhecia, mas sabia muito a respeito dele. Os jornais estão sempre a publicar histórias sobre as coisas que faz. Sabia que ganhou uma prostituta a um jogo de cartas? Foi amante dele antes da senhora.

— Isabel!

— Também fuma haxixe. Vi na outra noite. Tem um cachimbo de vidro no quarto. É azul.

Como seria que aquela criança reconhecia o haxixe? Grace perguntava a si própria como responder àqueles comentários. Pensou no que faria a sua própria precetora, mas duvidava que Mrs. Filbert alguma vez tivesse precisado de tratar de uma criança como Isabel ou de enfrentar um homem como Moore.

— Já basta, Isabel.

A criança olhou-a com enganosa inocência.

— Incomoda-a?

Grace apercebeu-se de que a intenção da menina era irritá-la e por isso mentiu.

— Não, mas deveria incomodá-la a si. Pensei que não queria que o seu pai tivesse amantes, porém, fala delas com toda a liberdade.

Isabel franziu a testa, obviamente infeliz por a precetora não ter reagido do modo que esperava.

— Além do mais — continuou Grace em tom agradável —, não são tópicos apropriados para uma jovem discutir seja com quem for e preocupa-me pensar que, quando estiver em sociedade, será evitada por dizer coisas tão ofensivas.

— O papá diz coisas ofensivas e não o evitam.

Era verdade, mas Grace não estava disposta a discutir pormenores. Voltou-se para a parede, alisou o papel e acrescentou reposteiros e tapetes à lista.

— O seu pai é artista. Os artistas são... diferentes.

— Também sou artista!

— Talvez, mas é uma menina e não é a mesma coisa — Grace fez uma pausa, apertando o lápis e fitando a parede. — É uma coisa horrível, uma menina ser evitada pela sociedade. Se soubesse o que isso significa, deixaria de falar desse modo. — Colocou de novo o lápis atrás da orelha e voltou-se para a menina. — Também li coisas acerca do seu pai — acrescente. — Sei o mesmo que a menina acerca da sua reputação. Mas isso não tem nada a ver connosco.

Isabel franziu a testa e olhou para ela.

— Afinal, porque veio para cá? — perguntou uns momentos depois.

— Precisava de trabalhar.

— Porque é pobre. Posso dizê-lo pelos seus vestidos. São horrorosos.

Grace sorriu.

— Muito obrigada.

Isabel mordeu o lábio e ficou em silêncio durante algum tempo. Depois, soltou um profundo suspiro, desviou os olhos e declarou:

— Fui indelicada. Peço desculpa.

— Aceito as suas desculpas.

— A senhora é muito simpática, sabe? — disse Isabel, refugiando-se na oferta de um sábio conselho. — Uma preceptora não deve ser tão simpática.

— Pensava que me podia vencer, não é verdade?

— Sim. — Inesperadamente Isabel sorriu. Um sorriso malicioso e sedutor, ficando tão parecida com o pai que Grace se sobressaltou. — Era exatamente isso que estava a pensar.

— Então devia desistir — respondeu Grace a rir. — Como consigo adivinhar o que pensa, não tem muitas possibilidades.

O sorriso de Isabel desvaneceu-se e olhou para Grace, pensativa.

— Não compreendo. A senhora não se parece nada com as minhas outras preceptoras.

— E a menina é diferente das outras crianças que já conheci. Em grande parte parece-se muito com o seu pai.

Isabel pareceu satisfeita.

— Acha que sim?

— Sim. Como era a sua mãe?

A menina virou as costas encolhendo os ombros.

— Quase nunca a via, a menos que viesse dar-me um presente ou me levasse a passear de carruagem. Por vezes fazia-o, se não estivesse a dormir de tarde.

Isabel dirigiu-se à janela e olhou para fora, como se o assunto da mãe não lhe interessasse, mas esta falecera havia apenas três meses e por isso Grace não se deixou enganar.

— Mas deve sentir a falta dela.

Isabel voltou-se repentinamente.

— Não, não sinto. Quase nem me lembro de como ela era. Nunca a via. Porque haveria de

sentir a sua falta?

A veemência da resposta demonstrava que tinha muitas saudades da mãe.

Grace encaminhou-se para a janela.

— Porque não vamos até aos outros aposentos para vermos o que vai ser preciso comprar para os mobilarmos como deve ser, *hum*?

Antes que a menina pudesse responder, um criado entrou.

— Trago um recado do senhor, Mistress Cheval — disse o rapaz enquanto atravessava o aposento para logo lhe fazer uma vénia e apresentar uma folha dobrada. — O senhor pediu-me que aguardasse a resposta.

— O que diz o bilhete? — perguntou Isabel, aproximando-se de Grace enquanto esta quebrava o lacre e desdobrava a mensagem.

— Uma jovem não faz perguntas acerca da correspondência alheia — disse Grace delicadamente, erguendo a carta para a afastar do olhar curioso da menina. Leu as poucas linhas rascunhadas como se uma aranha embriagada tivesse entrado no tinteiro.

Grace

Preciso da sua companhia esta tarde. Peço-lhe que venha ter comigo às quatro horas à sala de música.

Moore

Parecia que o encontro do dia anterior seria uma ocorrência diária e, embora não ficasse surpreendida, não a recebeu de bom grado. Demasiados fantasmas, pensou. Demasiadas esperanças.

Demasiada sedução.

Não fale, dissera Moore tocando-lhe o rosto. *Não estrague este momento*. Que diabo quisera dizer? Estragar o quê? Aparentemente, tudo o que quisera fora sentar-se em silêncio, com ela a seu lado, à escuta, como se houvesse música. E depois beijara-a.

Tocou na face, onde ele a tocara e sentiu-se afogueada. Porque seria que tudo o que dizia respeito àquele homem a afetava tanto? Conhecera outros homens brilhantes e poderosos. Seria a criatividade torturada de Moore que a fascinava e a atraía para ele qual borboleta para a luz? Se assim era, precisava de mergulhar em água fria antes que o fogo a queimasse.

— Porque está a esfregar a cara? — perguntou Isabel.

Grace retirou a mão do rosto e levantou os olhos para encontrar Isabel a seu lado.

— Estou? — perguntou desconcertada ao ouvir que a sua própria voz lhe soava um pouco sufocada.

— Sim — Isabel olhou-a com a testa franzida. — Mas não tem nenhuma borbulha — garantiu. — Nem a picada de uma aranha ou de outro bicho qualquer.

— Ainda bem — respondeu Grace, afastando a ideia de que Moore era encantador. Era um homem impudico, violento e sem princípios. Ainda não teria aprendido. Os artistas só se preocupavam consigo próprios. Mesmo por uma breve atração, mesmo que ele lhe tivesse aquecido o sangue e a tivesse magoado, já não queria um homem como ele. Nunca mais.

Estava só havia tanto tempo e quando ele a tocara e a beijara dera-lhe a impressão de nunca ter tocado uma pele tão suave ou lábios tão doces, mas não era verdade. Podia tratá-la como se fosse a única mulher do mundo, mas continuava a ser Dylan Moore e ela conhecia suficientemente a vida dele para saber que numa qualquer outra noite outra mulher seria para ele a única no mundo.

Grace voltou-se para a parede, encostou nela o papel e pegou no lápis. Escreveu a resposta logo abaixo das palavras dele.

Senhor

Peço desculpa pela informalidade da resposta, mas estou sem papel e tinta. Já tratei do horário de Isabel com a criadagem. Das três às cinco tem comigo aulas de alemão. Janta às cinco horas. Depois, ela e eu desfrutamos de algum tempo para brincar até que, às oito, Isabel vai para a cama. Assim, receio não poder encontrar-me consigo à hora que sugere. Peço-lhe respeitosamente que adie essa reunião até amanhã de manhã. Talvez às nove horas?

Mrs. Cheval

Voltou a dobrar a folha e entregou-a ao criado. Este pegou no papel e partiu fazendo nova vénia e Grace esqueceu Moore e voltou a sua atenção para a lista de compras, discutindo os móveis com Isabel.

— Vamos ter jogos? — perguntou Isabel.

— Sim.

— Ótimo. Quais?

— Pensei talvez que os jogos de raquetes, das escondidas e da cabra cega seriam engraçados. Isabel franziu o nariz com desprezo.

— Isso é para criancinhas.

Grace apertou os lábios, tentando esconder um sorriso.

— Então que jogos prefere?

— Fazer versos e rimas. Gamão. Xadrez.

Isabel seria provavelmente melhor do que muitos adultos nesses jogos próprios para o serão.

— Vamos jogar todos eles. — E acrescentou à lista um jogo de xadrez e um tabuleiro de gamão. — E agora vamos falar dos móveis para o seu quarto.

Dirigiu-se para o maior dos quatro aposentos, mas a voz de Isabel deteve-a.

— Gosto do meu quarto lá em baixo.

— É um quarto muito bonito, mas, como não fica nos aposentos das crianças, não serve.

Isabel tentou argumentar que já tinha idade para dormir num quarto como devia ser e queria ficar onde estava, mas antes de Grace poder dizer que o pai concordava consigo, o criado regressou.

Trazia uma bandeja de prata com uma nota de Moore, várias folhas de papel e um complicado conjunto para secretária com tinta, pena e outros materiais de escrita. Grace retirou da bandeja a resposta de Moore e leu-a.

Grace

Nenhum cavalheiro elegante se levanta a uma hora tão matutina, principalmente se vive em Londres, durante a temporada, facto de que, tenho a certeza, tem consciência. Quanto à responsabilidade de servir o jantar à minha filha e de a meter na cama, são os deveres de uma ama. Já lhe dei carta-branca para contratar uma. Por isso, espero a sua chegada à sala de música pelas quatro horas.

Moore

A resposta que Grace lhe enviou foi rápida e escrupulosamente delicada.

Senhor

Tenho a certeza de que deseja que eu contrate uma ama qualificada, o que levará pelo menos alguns dias. Recomendo que esta reunião seja adiada até segunda-feira.

Grace enviou mais uma vez o criado e, antes que Isabel continuasse a defender os seus direitos, Grace disse:

— Compreendo as suas razões, Isabel, mas é hábito as meninas dormirem nos aposentos das crianças até aos catorze anos, e a menina tem oito. Assim, dormirá aqui. O seu pai deu-me instruções para contratar uma ama... — o gemido de Isabel interrompeu-a apenas por um momento — ... e, depois de o fazer — prosseguiu Grace —, a ama também dormirá aqui. Até a menina fazer os catorze anos, estes aposentos são os únicos apropriados para si. O seu pai disse o mesmo.

As crianças são muito insistentes. Isabel recomeçou a sua argumentação. Queria um quarto de rapariga e não se interessava pela maneira como as coisas deviam ser feitas.

E, aparentemente, o pai dela também não.

Não posso permitir um adiamento, Grace, pois anseio a sua companhia. Tenho quatro criadas. Escolha uma para assumir as funções da ama que há de contratar. Espero a sua presença às quatro horas.

Grace meteu a carta no bolso e olhou para o criado, que ficara à porta a aguardar a resposta. Cedeu ao inevitável.

— Diga a Mister Moore que irei ter com ele conforme me pediu.

O criado partiu mais uma vez. Grace voltou a sua atenção para Isabel e para o mobiliário do quarto, tentando afastar Moore do pensamento. Porém, durante todo o dia, sentiu o calor do seu toque no rosto, mas disse para consigo que seria rigorosa e não deixaria que tal voltasse a acontecer.

Quando entrou na sala de música nessa tarde, Moore já lá estava. Ergueu-se do banco do piano quando ela entrou e, quando a observou, abanou a cabeça, franzindo a testa.

— Grace, esse vestido é um horror. Mande-o para o lixo, por favor.

Grace deteve-se do outro lado do piano e olhou para si própria. Naquele dia, envergara o vestido cinzento, de lã fina, que a cobria do pescoço ao chão e cuja gola e punhos brancos estavam amarelados e puídos.

— De facto, é um horror — concordou, erguendo o olhar. — Mas paguei muito pouco por ele.

— Acredito. Quero que, amanhã, logo de manhã, vá à costureira e compre uns vestidos bonitos. Ponha na minha conta.

Grace mudou o peso do corpo de um pé para o outro. Não queria pôr-se bonita para ele. Não queria sentir-se bonita junto dele. Seria um território perigoso.

— Não será próprio o senhor comprar-me roupa.

— A senhora vive agora na casa de um homem solteiro sem estar acompanhada. Acha que a roupa interessa assim tanto?

Grace serviu-se de outra desculpa.

— A sua filha já pensa que sou sua amante. Que pensará se eu permitir que me compre vestidos?

— Que a senhora é sensata? — sugeriu. — Compre vestidos novos, Grace. É uma ordem. Não quero que a precetora da minha filha ande por aí com ar de ajudante de cozinha desmazelada.

— Quando os seus amigos me virem não acreditarão nem por um momento que sou a precetora da sua filha.

— Mais uma razão. Nunca permitiria que a minha amante andasse por aí com um vestido desses. — Parecia ofendido mas tinha no olhar a centelha de um sorriso. — Grace, pense na minha reputação. Toda a gente ficaria horrorizada só de pensar que eu era tão mesquinho para com a minha amante.

— Pronto! Está muito bem! — cedeu Grace, exasperada. — Vou comprar roupa nova. Insisto que deduzo o preço no meu salário.

— É sempre assim tão puritana?

— É sempre assim tão indiferente em relação à propriedade?

— Sou. — E o seu sorriso não era um pedido de desculpas. — Sou a ovelha negra da minha família, para grande aflição do meu irmão. Pouco me importam as convenções sociais. A propósito, já que vou pagar esses vestidos, não arranje nenhum que se pareça com esse. — Apontou para o vestido. — Só a senhora, Grace, conseguiria vestir um vestido tão horroroso e ficar tão bela que faria chorar um padre.

Ela ruborizou-se.

— Faz sempre elogios desses às mulheres?

— Sim.

— Porquê?

— Porque geralmente resultam — respondeu Dylan com ar pesaroso.

Grace não conseguiu conter-se. Soltou uma gargalhada.

— Realmente, o senhor não tem mesmo vergonha!

— Pelo menos, consegui de si um sorriso, pelo que não me arrependo.

— Alguma vez se arrepende, seja do que for?

Foi a vez de ele rir.

— Raramente — admitiu e, com um gesto, pediu-lhe que se sentasse junto a si no banco do piano.

Contudo, Grace fingiu não ver e sentou-se numa cadeira à direita, a alguma distância de Dylan, pois seria muito mais seguro. Não queria que ele a beijasse de novo, evitando assim que a transformasse interiormente em caramelo líquido.

Para alívio seu, ele não questionou e voltou a sentar-se voltando ligeiramente o banco do piano para ficar de frente para ela.

— Desde que nos conhecemos, aprendi pelo menos uma coisa a seu respeito. A senhora não é vaidosa.

— Sou, sim. Tenho pequenas vaidades, como toda a gente.

— Gostaria de descobrir quais são.

— Não vai descobrir.

— Não?

Grace sentiu uma onda de excitação naquela voz suave e também determinação, mas fingiu não se alterar.

— Não merecem o seu interesse, pode crer.

— Mas se as descobrir posso explorá-las sem pudor.

Antes de Grace poder pensar numa resposta, Dylan voltou-se para o piano e começou a tocar escalas.

Ela baixou o olhar para as mãos dele, para os dedos longos e fortes movendo-se sobre as teclas, quase numa carícia lenta e deliberada e com o mais inteiro apreço pelo que fazia.

A princípio, tocou de modo vulgar, uma nota após outra, numa ordem perfeita. Mas, minutos depois, alterou-a. A mão direita subia no teclado, a esquerda descia formando uma imagem que refletia maiores e menores, quanto os braços se estendiam para os dois lados do piano. Depois fez o oposto e acelerou o tom de quartas para oitavas enquanto as mãos voltavam ao dó central, depois ainda mais rápido, enquanto passava às extremidades do piano.

A seguir as mãos tocavam em paralelo, acrescentando acidentes. Grace observava-o fascinada enquanto ele mudava para escalas menores harmónicas e melódicas e círculos de quintas. Brincou algum tempo com eles e depois passou das escalas a modos, movimentando os dedos com maior força e rapidez. Modo jónico, dórico, frígio, lídio. Foi algures durante o modo lídio que ela deixou de pensar nas notas individuais que Dylan tocava para ficar a ouvir, olhando fascinada, o movimento frenético das mãos dele. O tempo pareceu parar e os modos transformaram-se em partes de melodias ligadas entre si. Reconheceu algumas, mas não todas. Seriam provavelmente inventadas por ele.

Grace ignorava que tempo tinha já passado, mas, quando a mão esquerda de Dylan se deteve e a direita voltou às notas mais básicas, sentiu que a música em breve chegaria ao fim. Enquanto tocava o leve e feliz dó maior, Dylan voltou a cabeça para olhar para ela e o seu longo cabelo tocou o teclado junto ao polegar. Sorrindo, chegou às notas finais, um trio brincalhão de dó-si-dó.

— Está a exibir-se — acusou-o Grace, tentando não rir. — As escalas vulgares são demasiado aborrecidas para si?

Ele retirou as mãos das teclas.

— Pratico diariamente as escalas porque é necessário, mas sempre detestei fazê-lo, mesmo em criança — confessou ele, lançando o cabelo para trás e voltando-se para ela com a expressão de um rapazinho apanhado numa travessura. — Passava muito tempo a inventar uma maneira de as tornar mais interessantes.

— E aposto que dava com os professores de música em loucos.

— Não. Nessa altura, já tinham saído da sala de música para entregar a carta de demissão à minha mãe.

— Então devia preocupar-se. Isabel é tão parecida consigo que eu posso vir a fazer o mesmo.

— Ah, mas não pode, não se lembra?

Grace sentiu-se um pouco nervosa, recordando o combinado e o facto de que, se partisse sem ser despedida, não receberia o salário.

— Devo preocupar-me com isso? — perguntou, fingindo alguma alegria na voz.

— Deve e muito. — Dylan voltou-se para o piano e começou a bater nas teclas ao acaso, como fizera no dia anterior. — Sou mais difícil de aturar do que a minha filha.

Grace não tinha qualquer dúvida, mas preferiu manter a conversa acerca da menina.

— Tal como pediu, deixei Isabel ao cuidado da sua criada Molly Knight. Amanhã, quando levar Isabel às compras, vou visitar as agências. Tenciono começar a entrevistar as amas o mais

depressa possível.

— Excelente.

Dylan nada mais disse e Grace franziu a testa.

— Parece-me pouco interessado na educação da sua filha.

— Ai sim? — Continuou a tocar piano sem olhar para ela. — Talvez seja por não estar habituado a esse papel.

Aquelas palavras confirmavam o que Isabel lhe dissera e havia apenas uma conclusão a retirar. Nunca se interessara pela criança.

— Compreendo.

Dylan olhou para ela, franzindo a testa como que irritado pela suave censura.

— A mãe de Isabel morreu. A menina apareceu à minha porta e foi então que tive conhecimento da sua existência. Nunca fui avisado da minha paternidade. Foi um choque.

— E agora?

— Estou... — Fez uma pausa e olhou para as teclas do piano. — Não sei bem o que fazer com ela.

— É compreensível. Imagino que a maioria dos pais na sua situação a princípio se sintam assim. Mas, por que razão a mãe de Isabel não o informou há muito tempo?

— Se me está a pedir uma opinião acerca do carácter da mãe de Isabel, receio não poder dar-lha. Não me recordo dessa senhora.

— Não se recorda mesmo?

Ele encolheu os ombros.

— Foi há muitos anos, nos meus tempos de juventude.

— Pelo que sei — disse ela secamente —, os seus tempos são sempre de juventude.

Ele soltou uma gargalhada, sem reparar na ironia das palavras dela.

— Nem por isso. Atualmente sou muito mais bem-comportado.

Grace quase desejou enganar-se, pensando que o sorriso dele era apenas para ela. Fazia-a sentir a jovem apaixonada e aventureira que desejara outras coisas para além da vida do campo, dos bailes campestres e de se casar com um importante proprietário rural. Essa jovem acreditara que existia um mundo à sua disposição para ser completamente desfrutado e saboreado, e que um homem que lhe invadisse os sentidos e lhe chegasse ao coração faria com que o melhor lhe acontecesse.

Era isso que tornava Dylan Moore tão perigoso para as mulheres. Os seus olhos escuros e profundos e o seu sorriso pecaminoso eram a promessa embriagadora de que, quando estavam com ele, a vida seria sempre jovem.

Grace recordou-se de que já não era a jovem tola e apaixonada e terrivelmente vulnerável. Agora era uma mulher, uma mulher formada não só pelo romance, amor e aventura, mas também por tempos difíceis e duras realidades e pela luta por manter o equilíbrio. Aprendera a lição. A vida não era boa para quem quebrava as regras. Grace respirou fundo.

— Os tempos de juventude acabam por enjoar — respondeu. — Já não me tentam.

— Não? — Dylan ergueu-se do piano e ela sentiu-se tensa e apertou as mãos no colo sentindo-o passar para trás de si. Ele pousou as mãos nas costas da cadeira e inclinou-se junto ao ouvido dela.

— O que a tenta, Grace?

— Coisas simples — disse ela firmemente. — Papas de aveia. Carne cozida com couve. Coisas assim.

— Falou como uma precetora muito eficiente. — Dylan riu baixinho com o hálito morno junto ao ouvido dela. — Não acredito nem por um momento. Sente o mesmo que eu pelo alimento da vida.

Ela voltou-se na cadeira e olhou-o por cima do ombro.

— Certamente que não.

— Se assim fosse, não beijaria como beija.

Grace estremeceu na cadeira. Não lhe perguntaria, nunca, como beijava.

Mas, de qualquer forma, ele disse-lhe.

— Beija como se fosse a primeira e a última vez que fosse beijada.

Grace engoliu em seco.

— Creio que se engana. Ao contrário do senhor, prefiro não ceder a todos os impulsos que sinto, ou a todos os caprichos que me passam pela cabeça, cometendo ações ofensivas. Chama-se contenção. Deveria por vezes exercitá-la.

As palavras dela, tão horivelmente hipócritas até para os seus próprios ouvidos, pareceram diverti-lo.

— A minha puritana — murmurou. — Fala então de contenção. Onde estava essa contenção na outra noite em que me beijou tão apaixonadamente?

— Eu não o beijei — corrigiu ela imediatamente. E era tecnicamente verdade. — Foi o senhor que me beijou.

— Então deve ter sido a sua contenção que a impeliu a que me lançasse os braços ao pescoço e retribuísse o beijo.

Ela voltou a cabeça e franziu a testa.

— Não fiz tal coisa!

— Fez sim. Pelo menos seja sincera e admita.

— Mas eu nem sequer o conheço! — exclamou ela, horrorizada porque se lembrava com todos os pormenores como tinha sido pouco contida. Desviou os olhos. — Não fazia tenções de... isto é, eu não estava... — A voz desvaneceu-se. — Foi um momento de fraqueza — admitiu. — Não estava a pensar corretamente.

— Grace, a senhora lisonjeia-me. Não fazia ideia de que os meus beijos tinham sobre si o poder de fazer com que deixasse de pensar.

— Nunca disse isso.

— Desculpe. Pensei que tinha dito. — Inclinou-se um pouco mais. — Além disso, a senhora pensa demasiado.

Dylan tocou-lhe a face com os lábios e ela inclinou-se para o lado de modo a evitá-lo.

— Perto do senhor, pensar é uma ideia sensata.

Moore aproximou-se para se ajoelhar ao lado da cadeira dela. Tomou-lhe o queixo na mão e voltou-lhe o rosto para o seu.

— Por quê? — perguntou, aproximando-se ainda mais dela.

Grace sentia o seu propósito deslizar um pouco com a proximidade da boca dele, com o toque da mão dele no seu rosto, mas recompôs-se e afastou-se dele.

— Por favor, não se comporte de modo desonroso para comigo.

Ele riu, soprando-lhe o hálito morno na nuca.

— Roubar beijos a uma mulher bela é desonroso? Meu Deus, ficarei no inferno para sempre.

— Deu-me a sua palavra — recordou-o, pondo-se de pé de um salto, desapontada por sentir dificuldade em se afastar. Assim que sentiu entre eles uma razoável distância, voltou-se para ele. — Exijo que a honre.

Ele levantou-se.

— Quebrei a minha palavra? Diga-me como.

— Quebrou e pronto.

Ele cruzou os braços e inclinou a cabeça, olhando-a com uma expressão de fingida perplexidade.

— Será que não dei pelo momento em que me disse que não?

— Não me deu oportunidade de dizer que não!

— Teve muitas oportunidades, só que preferiu não as aproveitar.

Era verdade.

— Espero que se comporte como um cavalheiro honrado — retorquiu Grace, tentando manter algum domínio da situação.

— Estou a esforçar-me o mais possível — respondeu ele sem tentar mostrar-se arrependido. — Mas sempre que a senhora está perto de mim, perco a cabeça. E não pode negar que sente igual paixão por mim.

— Aquilo que sinto num determinado momento não tem qualquer significado! — exclamou ela. — Não vivo como o senhor, saltando de sensação em sensação, vivendo apenas pelo prazer e para o conseguir. — Fez uma pausa para respirar fundo. — Para si, eu sou apenas a última de uma longa lista de mulheres, uma lista onde haverá muitas mais depois de mim.

— Então é disso que se trata? Orgulho feminino?

— Não, trata-se do senhor. Não lhe posso dar o que deseja. O senhor quer mais do que o meu corpo, mais do que a minha companhia. Quer uma coisa que ninguém mais lhe pode dar, nem sequer eu.

— E o que é?

— A capacidade de ser sempre brilhante.

Ele não se mexeu, mas algo no seu rosto mostrou que ela tinha acertado em cheio. E Dylan sentiu-se magoado. Durante um longo momento, deixou-se ficar, depois voltou as costas, resmungando em surdina. Afastou-se e andou pela sala de um modo inquieto.

— Quantas vezes terei de lhe dizer que a senhora é a minha musa? — perguntou sem a olhar. — Que eu oiço música consigo.

— As musas não existem. A música está aí, dentro de si. Porque não consegue vê-la? Não precisa de mim.

— A senhora percebe muito de arte criativa, não é verdade.

— Percebo mais do que possa imaginar. — Passou-lhe pelo espírito a imagem de Etienne e os sete dias e noites frenéticos e insones que ele passara cobrindo as paredes das divisões da casa de Viena com várias camadas de tinta negra, só porque não conseguia pintar mais nada. Grace cruzou os braços em redor do próprio corpo, subitamente com frio. — Não pode conseguir a sua inspiração criativa a partir de mim. Ou, já agora, de qualquer outra mulher.

Moore soltou uma gargalhada e voltou-se para ela.

— É isso que pensa? Julga que eu procuro mulheres para poder criar música?

— Penso que tal seja possível.

— Se é isso que julga, então nada sabe a meu respeito. Procuro mulheres pelo prazer e distração que a companhia delas me oferece. A senhora é diferente. É... — interrompeu-se, enfiando os dedos no longo cabelo negro com um suspiro de frustração. — Não consigo explicar.

— Se eu sou tão diferente, então não me trate como trata as outras mulheres.

— Como haveria de a tratar? Não sugira sequer que deveria tratá-la como mais um membro da minha criadagem.

Grace propôs a única opção de que se lembrou.

— Não podíamos ser apenas amigos?



— Amigos? — Dylan nunca ouvira falar de uma coisa tão pouco atraente. Não queria ser amigo de Grace. Queria estreitá-la nos braços, arrastá-la para debaixo dele, beijá-la, tocá-la, incendiar-lhe o corpo e retirar-lhe do espírito as ideias de amizade.

Queria ser seu amante. A amizade era um substituto patético e completamente inadequado. Que diabo, não queria compor um divertimento, a única peça cuja inspiração poderia resultar de uma coisa tão insípida como a amizade. Estava a compor uma sinfonia, por amor de Deus — uma grande paixão, um caso de amor e não música de fundo para um jantar de festa. Infelizmente, a sua *inamorata*, neste caso de amor, recusava-se a cooperar.

— Os amantes não podem ser amigos? — perguntou com algum esforço.

— Falei de sermos amigos no sentido vulgar — declarou ela. — Amigos platónicos.

Ele disse-lhe a verdade e fê-lo bruscamente.

— Para um homem, ser amigo de uma mulher sem a esperança de mais é um exercício inútil, já para não dizer intolerável.

— Muitas pessoas de sexos opostos são amigas apenas pelo prazer da companhia. Discutem temas atuais interessantes que fazem parte das conversas da sociedade civilizada e intelectual.

— Estou a par do conceito, muito obrigado — disse em tom irónico. — Está a dizer-me que deveremos ser conhecidos indiferentes. Perdoe-me se mostro pouco entusiasmo com tal perspectiva. Por um lado, interesse-me pouco pelos temas interessantes. Por outro, não percebo como uma musa que é apenas minha amiga poderá ser inspiradora. E mais: não posso prometer manter-me fiel a tal amizade, pois continuarei a roubar-lhe beijos sempre que puder. Como vê, não sou um bom amigo para uma mulher.

Ela fingiu não o ter ouvido.

— Nunca teve uma mulher como amiga?

— Não — fez uma pausa e logo corrigiu. — Deixe-me ser mais preciso. Há duas mulheres na minha vida que podem ser descritas segundo a sua ideia de amizade. Uma é a duquesa de Tremore, a mulher do meu maior amigo. A outra é a irmã de Tremore, cujo marido é também meu amigo. Com essas duas mulheres apenas me é permitida uma amizade platónica. Há algumas regras em relação a esse tipo de coisas.

— Regras? — Grace abanou a cabeça, incrédula. — Nunca me apercebi de que se comportasse segundo quaisquer regras.

— Um homem não deve enfeitar a cabeça dos amigos. Existem convenções que nem eu desejo quebrar — acrescentou secamente.

— Talvez uma dessas convenções seja que a preceptora da sua filha não deva ser para si mais que uma amiga. É assim tão difícil de aceitar?

Dylan olhou demoradamente o corpo dela e imagens eróticas percorreram-lhe o espírito.

— Diria que é impossível.

— Então é uma pena, porque só lhe posso dar a minha amizade.

Grace parecia tão certa das suas afirmações que ele teve vontade de a atrair aos seus braços para as transformar em mentiras. Tinha ainda muito viva no seu espírito a reação apaixonada dela ao seu beijo. Ela desejava-o tanto como ele a desejava e a amizade surgia aqui apenas porque ela não o queria desejar. As mulheres tinham de complicar tudo. E embora Dylan detestasse admiti-lo, aquilo fazia parte do encanto delas.

— Muito bem. Sejam os amigos. — Dylan tomou-lhe a mão e beijou-lhe os nós dos dedos. — Por enquanto — acrescentou antes de a soltar. — Jante comigo esta noite.

Ela desviou o olhar, mas depois enfrentou-o.

— Não creio que seja boa ideia.

— Os amigos jantam juntos, não é verdade?

— Claro, mas...

— Jantar juntos, significa conversar sobre temas atuais interessantes — prosseguiu, usando contra Grace as palavras que ela própria tinha pronunciado.

— Sim, mas...

— Para mim, parece-me que isso é conversa intelectual em companhia civilizada. Não concorda?

Grace franziu a testa, sabendo que tinha sido apanhada e que ele não a deixaria escapar. Dylan tomou-lhe as faces nas mãos e inclinou-se para lhe dar um beijo exatamente entre as sobrancelhas franzidas e depois deixou-a ir.

— Excelente — disse como se ela aceitasse o convite. Depois deu meia volta e encaminhou-se para a porta. — Encontro-me consigo esta noite na sala de visitas e vamos jantar os dois. Às oito horas.

— E se eu não for? — perguntou Grace atrás dele. — Irrompe pelo meu quarto e leva-me para baixo como se eu fosse Abigail Williams no palco?

— Não — disse ele, olhando para trás e rindo enquanto abria as portas da sala de música. — Levo o jantar para cima e fazemos um piquenique na sua cama. Só Deus sabe como eu preferia as coisas assim.

Dylan saiu da sala de música pensando que não se recordava da última vez que se sentira tão entusiasmado com a companhia de uma mulher. Uma amizade assim era para ele uma nova experiência. Sentia-se desafiado pela declaração de Grace quando esta dissera nunca lhe poder dar mais que amizade. Dylan adorava as novas experiências e um desafio era sempre irresistível, além do mais, nunca era muito tempo.

Grace estava abismada consigo própria. Olhou para o seu reflexo no espelho e perguntou a si própria por que razão se teria proposto a um compromisso de amizade. Ser amiga de Dylan Moore era como ser amiga de um tigre. Podia fazer-lhe companhia durante algum tempo, mas, por fim, servir-lhe-ia de jantar.

Recordou-se de que por muito que ele tentasse, bastar-lhe-ia a ela dizer não. Podia sempre dizer não. Devia dizer não. O problema estava em que, quando ele a beijava, quando lhe tocava, não lhe queria dizer não e, malicioso e inteligente como era, Dylan sabia-o. Sentira a sua dolorosa solidão naquela noite, atrás das cavalariças, e agora explorava-a. E Grace permitia-o. Gostava de o permitir. Era a dança embriagadora e estonteante do romance, um jogo que havia muito não jogava e, só por isso, a emoção se tornava irresistível.

Enquanto crescera havia recusado muitas coisas. Fora bondosa, sensata e respeitável enquanto

rapariguinha. Depois surgira Etienne, que a enlouquecera, e a palavra *não* deixara de existir durante muito, muito tempo. Em troca, recebera alegria, aventura, amor e um profundo sofrimento. Ser boa era muito mais fácil, muito mais seguro. Muito mais sensato.

Grace olhou para o relógio sobre a lareira. Passavam dez minutos das oito. Se se demorasse demasiado, ele poria em prática a sua ameaça. Compôs uma madeixa solta do cabelo na trança no alto da cabeça. Alisou a lã vermelho-escuro da saia, ajustou as mangas e puxou o seu único par de luvas de cerimónia, recordando-se, enquanto realizava estas ações, de que se tratava apenas de um jantar entre amigos. Se ele fizesse avanços impróprios, bastaria lançar-lhe à cara o seu acordo acerca da amizade platónica e retirar-se.

Grace desceu à sala onde Dylan já a esperava. Este vestia um impecável traje de noite, mas mantinha os longos cabelos soltos sobre os ombros, como se fosse um salteador de estradas no século anterior. Embora parecesse uma afetação deliberada, surtia efeito. O contraste entre a elegância e a negligência era espantoso e ficava-lhe tão bem que qualquer mulher o consideraria atraente. Pelo menos ela, sim.

— Lamento ter chegado atrasada — disse ao entrar na sala, esperando não parecer tão nervosa como se sentia.

— Por favor, não se desculpe — respondeu ele. — O importante é ter vindo.

— Pensou que não viesse? — Soltou uma gargalhada nervosa e imediatamente se censurou por isso. Meu Deus, que se passava com ela? Ele não iria comê-la à mesa do jantar. Por outro lado, quem sabe, com ele nunca poderia ter a certeza. — Depois do que ameaçara fazer, não podia recusar.

— Mesmo que tivesse sido essa a única razão para ter vindo, sinto-me recompensado. Embora deva confessar que preferia fazer o piquenique.

Uma imagem atravessou o espírito de Grace, uma imagem de ambos acampados na cama dela, nus, com um cesto de comida. Foi tão súbita e tão real que se sentiu estremecer interiormente e a imaginação correu-lhe livremente acerca do que ele poderia fazer-lhe com morangos.

— Vamos?

A pergunta suave invadiu-lhe o corpo com ondas de desejo. Sim, queria ela dizer, mas preferiu calar-se.

Ele voltou-se e ofereceu-lhe o braço.

— Oh! — disse ela, olhando-o e esforçando-se por se acalmar. — O jantar.

Ele sorriu, malicioso.

— Sim, o jantar. Disse que o servissem na sala de jantar.

Porque não teria trazido o leque consigo quando descera? Precisava dele. Grace voltou-se para lhe dar o braço, mas, quando lhe sentiu a dureza dos músculos através da camisa e da casaca, não conseguiu controlar a imaginação.

Dylan poderia carregar uma mulher com facilidade, pensou enquanto abandonavam a sala. Arrebatá-la de um palco. Trazê-la do quarto para a sala de jantar. Do céu ou do inferno. Afinal, se ela aprendera o que era a vida, porque exerceria esse tipo de viagens uma atração tão grande sobre ela?

Para desviar tais pensamentos, sentiu-se obrigada a dizer qualquer coisa e, enquanto se dirigiam à sala de jantar, escolheu o muito experimentado e seguro assunto do tempo.

Embora Dylan já tivesse tornado claro o muito que lhe desagradava a conversa mundana, respondeu de maneira séria e atenta que as temperaturas mais amenas de abril seriam agradáveis após os ventos frios de março. Mas as rugas de riso ao canto da boca denunciaram-no quando afirmou:

— Apesar das grandes chuvas que tivemos, disseram-me que o estado das estradas é excelente para os que chegam agora, vindos do campo.

Grace fingiu não reparar.

— É bom sinal, para esta época do ano — disse quando entraram na sala de jantar, onde Osgoode e dois criados os esperavam.

A sala de jantar da casa de Dylan era pequena pelos padrões do seu círculo social, pois a mesa tinha lugar para apenas dez pessoas. Os tetos eram baixos para uma sala de jantar, conferindo-lhe uma atmosfera de intimidade. Como todos os outros compartimentos da casa, este estava destinado ao luxo e ao conforto e não a seguir as convenções. O tapete turco, muito espesso, tinha um desenho extravagante, mas as cores douradas, azuis e berinjela eram ténues. As paredes pintadas de creme, os ornamentos brancos eram vulgares «ovo-e-dardo» e a lareira de mármore branco tinha motivos simples. Havia dois quadros nas paredes, duas paisagens de Gainsborough, e os únicos espelhos estavam situados por detrás dos castiçais, com o único intuito de refletirem a luz. Não havia candeeiros a gás na sala, apenas o brilho dourado das velas. Era uma sala para que os convidados se sentissem à vontade, embora não conseguisse tranquilizar a trémula combinação de nervoso e antecipação que Grace sentia dentro de si.

Um criado puxou-lhe a cadeira e, depois de se sentar, Dylan fez o mesmo, à sua esquerda e à cabeceira da mesa. Assim que se sentaram, ele inclinou-se de modo confidencial, como se estivessem num jantar elegante e lhe fosse transmitir uma novidade interessante.

— Sabe que as anfitriãs se decidiram por fim a resolver a questão das espadas nos bailes?

Grace respirou fundo, grata por ele acompanhar o seu desejo de conversa inócua. Começou a descalçar as luvas.

— Ah, sim?

— Sim. Ficou por fim resolvido que, num baile, um cavalheiro militar deve entregar a sua espada, caso pretenda dançar. Se não o fizer, nenhuma anfitriã ou patrona o convidará de novo.

— Realmente, trata-se de uma notícia interessante — respondeu ela. — E é um alívio para as senhoras, saber que já não seremos picadas pela incomodativa bainha de um tenente durante uma quadrilha.

No momento em que pronunciou estas palavras apercebeu-se de como poderiam ser tomadas e voltou o rosto para sufocar uma risada.

— Eu podia dizer agora qualquer coisa de malicioso — murmurou ele.

— Não o faça — Grace sacudiu a cabeça e retirou o guardanapo do prato para o levar aos lábios, abafando o riso. — Não diga uma palavra.

Para seu alívio, ele obedeceu.

— Ainda bem — disse com uma leve tosse enquanto alisava o guardanapo no colo — que as elegantes resolveram essa questão.

— De uma importância vital, diria eu. — Dylan fez uma pausa. — Principalmente para a virtude das damas.

Ela lançou-lhe um olhar reprovador e voltou a sua atenção para o criado que aguardava à sua direita para servir o primeiro prato. Quando este lhe apresentou a sopa, Grace ficou a olhar para o prato perfeitamente estupefacta. Papa de aveia?

Espantada ergueu os olhos para o criado, mas o rosto inexpressivo do homem nada revelou. Olhou de novo o prato de sopa, enfeitado com um filete prateado que tinha diante de si e percebeu que não se enganara. Tratava-se de papas de aveia. Olhou para Dylan e viu que o criado colocava diante dele um prato de *vichyssoise*. Embora ele mantivesse os olhos no prato e Grace não pudesse olhá-lo de frente, viu-lhe um canto da boca começar a subir. De súbito, recordou-se das suas

próprias palavras.

Pratos simples. Papas de aveia. Carne cozida e couve. Coisas assim.

Não se conteve. O riso subiu dentro dela obrigando-a fazer borbulhar o champanhe dentro do nariz ao recordar-se da conversa.

— O senhor é um homem impossível! — exclamou entre gargalhadas. — Verdadeiramente impossível e está a troçar de mim.

Dylan ergueu os olhos da sopa. O sorrisinho desaparecera, sendo substituído por uma perplexidade tão inocente que Grace teve de continuar a rir.

— Grace, Grace... — murmurou. — Como pode dizer tal coisa? Pensei apenas nas suas preferências.

— Depois da sopa, calculo que me esperem na cozinha mais pratos de alimentos nutritivos — disse ela ainda a rir. — Carne cozida com couve, talvez?

— Declarou-me que era particularmente apreciadora desse prato.

— É verdade que sou. Diga-me, por favor, que pratos lhe vão servir?

— O prato de peixe será cauda de lagosta, o meu preferido, embora tenha a certeza de que não aprecia. Sei que os seus gostos são contra alimentos tão ricos. Contudo... — Fez uma pausa e as suas linhas de riso aprofundavam-se a olhar para ela. — Creio que Mistress March preparou duas lagostas. Sabe como eu aprecio esse prato.

— Duas lagostas para um homem só? Que extravagância.

— É verdade. Creio que Mistress March preparou como prato de carne peito de borrego com cenourinhas e espargos. Para sobremesa, pedi-lhe que fizesse os meus doces preferidos, torta de limão e suflê de chocolate. Não que as sobremesas lhe interessem, claro.

Grace olhou para a *vichyssoise* e depois para as papas de aveia. Aclarou a garganta.

— Creio que estou a mudar de opinião no que diz respeito a preferências gastronómicas e começo a concordar com o seu modo de pensar — disse gravemente.

— Não me diga! — Quando ela assentiu com a cabeça, Dylan fez um sinal a Osgoode. — Creio que Mistress Cheval mudou de opinião.

Era evidente que tanto o mordomo como o criado perceberam o que ele quis dizer, pois Osgoode acenou ao criado que imediatamente saiu da sala de jantar para voltar uns minutos depois e servi-la da sopa fria de batata e alho francês.

Grace pegou na colher e sorriu.

— Sabe qual é o seu pior defeito?

— Bom, eis um esplêndido tópico de conversa entre amigos. Continue.

— O senhor é um patife e por isso eu deveria detestá-lo — disse ela ainda a sorrir. — Mas não consigo. Sempre que penso que não gosto de si, faz uma coisa que me obriga a mudar de ideias.

— Muito obrigado. — Dylan inclinou a cabeça para o lado parecendo duvidar. — Creio eu.

Aquela pretensa dúvida fê-la sorrir ainda mais.

— Bem sei que parece um insulto disfarçado, mas é verdade. Queria não gostar de si, mas é impossível.

— Porque haveria de querer não gostar de mim?

— Porque devia.

— Faz sempre o que devia?

— Sim — mentiu ela.

— Se assim é, Grace, está a perder muito do que a vida tem para lhe oferecer.

— Talvez — disse ela sem acrescentar que já vira grande parte das coisas que a vida tinha para lhe oferecer e não valera a pena o preço que pagara. Voltou imediatamente à conversa fútil. — Li no *Times* esta manhã que a população britânica está agora calculada em cerca de catorze milhões de pessoas.

Dylan ergueu os olhos para o teto com um suspiro.

— Grace, por favor, não me fale desses assuntos enfadonhos. Vamos discutir coisas interessantes. Política, por exemplo.

Ela sorriu e acompanhou-o.

— Se insiste em tanta emoção, faça-lhe a vontade. Esperemos que a Lei da Reforma passe esta primavera na Câmara dos Lordes.

Enquanto o jantar avançava a conversa transformou-se num jogo em que cada um deles tentava ultrapassar o outro, apresentando as novidades mais enfadonhas. Quando chegou a sobremesa concordaram em que Dylan tinha vencido ao anunciar que Lorde Ashe desmaiara ao saber que uma sua prima terceira casara com um comerciante. Ambos acharam a notícia escandalosa ao mesmo tempo que o criado lhes apresentava a torta de limão e o suflê de chocolate.

Grace observou a bandeja tentando decidir-se.

— Tem a certeza de que não preferia um pudim normal? — perguntou Dylan divertido ao ver que ela hesitava, incapaz de se decidir.

— Não! — respondeu ela, dando-lhe um pequeno pontapé por baixo da mesa. — Vou comer das duas.

— Das duas? — Dylan olhou-a como se estivesse chocado. — Mas, Grace, um pudim seria mais fácil de digerir. Não seria mais sensato?

— Estou a ser sensata — disse-lhe enquanto os dois pratos eram colocados diante dela. — Como não consigo decidir-me, a única coisa sensata a fazer é provar as duas.

— Estou a contagiá-la com os meus maus hábitos — avisou-a enquanto o criado colocava igualmente dois pratos diante dele. Devorou rapidamente as duas sobremesas com o prazer descontraído de uma pessoa habituada a tais luxos. Ela não foi tão apressada. Grace alternou entre os dois, comendo uma colher ou duas do macio suflê de chocolate com um pouco da ácida torta de limão. Não se lembrava de ter provado uma coisa tão boa. O único doce que ingerira nos últimos meses fora açúcar no chá e até desse pequeno luxo tivera de desistir algum tempo atrás. Dylan encostava-se na cadeira, parecendo simplesmente fascinado por vê-la comer. Por fim, Grace pousou o garfo com um suspiro satisfeito.

— Ainda não terminou — disse ele, apontando para um pouco de torta de limão que ela deixara no prato.

Grace olhou e pegou no garfo, mas logo mudou de ideias.

— Não posso — gemeu. — Estou repleta. Se comer mais esse bocadinho vou sentir-me mal. Há muito tempo que não jantava assim.

Osgoode e os criados levantaram os pratos e trouxeram a fruta e o queijo. O mordomo apresentou a Grace vários vinhos de sobremesa dos quais ela escolheu o xerez. Ele serviu um brande a Dylan e os três serviçais abandonaram a casa de jantar deixando-os sozinhos.

Dylan ergueu o copo, olhando por cima da borda.

— Agora que o jantar terminou, penso que devemos abandonar os assuntos triviais e falar de coisas importantes.

Grace olhou-o desconfiada.

— Porque será que sinto que o senhor tem em vista um determinado tópico?

— Porque tenho mesmo. Quero falar consigo. Quero saber como uma jovem de boas famílias da Cornualha, que me viu reger em Salzburgo, se transformou numa mulher de limpeza. Como uma mulher que obviamente teve uma boa educação se viu reduzida a vender laranjas na rua. Grace, o que lhe aconteceu?

Grace desejava saber a resposta àquela pergunta. Olhou-o, impotente.

— Aconteceram-me muitas coisas de que prefiro não falar com pessoa alguma. O meu passado é para mim um assunto doloroso. Por favor, não me faça perguntas sobre ele.

— Muito bem — disse ele calmamente. — Então vamos divertir-nos. O que gostaria de fazer?

— Porque não toca piano para mim?

— Preferia que tocasse violino para mim.

— Para si — abanou a cabeça. — Nunca.

— Não fale como se nunca tivesse tocado para mim.

— Toquei apenas uma vez porque foi a única coisa que me lembrei de fazer.

— Para me impedir, é isso? — Ele olhou para dentro do copo e ficou em silêncio durante muito tempo. — Tinha razão, sabe — disse então com uma estranha nota de doçura na voz. Embora sentada perto dele, Grace teve de se inclinar para o ouvir. — Nunca mais tentei. Pensei nisso. Pensei em onde, como e quando. Cheguei mesmo a carregar uma arma. — Não olhou para ela, mantendo o olhar no copo e baixando as pestanas espessas. — Nunca consegui levar o cano à cabeça. Ouvia sempre a sua voz a dizer-me que estava errado fazê-lo.

Grace não sabia o que dizer, por isso nada disse.

Dylan fez girar o conteúdo do copo e sorveu um gole. Depois recostou-se e olhou-a.

— Quando pratica no seu violino, que música escolhe?

Ela sorriu docemente.

— Mozart

— Mozart! — Dylan endireitou-se na cadeira, pousou o copo e olhou para ela, abismado. — Esse fulano desinteressante que nunca compôs uma peça verdadeiramente significativa em toda a sua vida?

— Desculpe. — Grace tentou parecer constrangida. — Também gosto muito de Beethoven, mas é muito mais difícil de tocar.

— Cada vez pior! O que aconteceu à lealdade? A senhora deveria ser a minha musa, lembra-se?

— A verdade é que nunca gostei de tocar a sua música.

— Como?

— As suas peças são extremamente difíceis! São tão intrincadas que cansam o executante. De facto, são mais complicadas que as de Beethoven. Sabe como é difícil tocar o seu *Concerto Número Dez para Violino*? Nunca consegui fazê-lo corretamente.

— Fala como uma estudante, Grace. Um solista deve tocar sempre um concerto de cor. A única maneira correta é aquela que sentimos que deve ser.

— Então, tocar uma peça tem apenas a ver com os sentimentos dos músicos? — questionou ela sorrindo, satisfeita por poder troçar dele. — Então porque é tão difícil trabalhar consigo?

— Nunca trabalhámos juntos — garantiu ele enquanto se inclinava para arrancar um bago de uva do cesto de fruta que tinha em frente sobre a mesa. — Lembrar-me-ia se tal tivesse acontecido. De qualquer modo, não sou difícil. Quem lhe disse essas mentiras monstruosas?

— Toda a gente! Todos os músicos que conheço e que trabalharam consigo numa orquestra queixam-se que é muito difícil satisfazê-lo.

— Ser solista num concerto é muito diferente de tocar numa orquestra e a senhora sabe-o perfeitamente. Além do mais, os músicos de uma orquestra queixam-se sempre.

— Não senhor.

Ele pegou noutra bago de uva e deu-lhe uma dentada.

— Queixam-se, sim.

Ela agarrou também numa uva e soltou uma exclamação de indignação. Mas antes de poder discutir com ele, Dylan perguntou:

— Onde tocou, Grace? Não foi em Inglaterra.

— Não. Em Viena, em Salzburgo e também em Paris. Como sabe, o continente é menos preconceituoso acerca de aceitar mulheres nas orquestras. Em Inglaterra é muito difícil, com a Musician's Livery e tudo o mais.

— O que, na minha opinião, não passa de uma tolice — disse ele, dando nova dentada na uva. — Eu deixava-a pertencer à minha orquestra.

— Mesmo que tal fosse verdade, não o conseguiria. Haveria muitos problemas com os homens. A menos que vestisse um traje de noite masculino, colocasse um bigode falso e cortasse o cabelo para enganar os outros músicos.

Dylan soltou uma gargalhada.

— Não os enganaria. Vi aquele disfarce de salteador de estradas, lembra-se? Quanto a cortar o cabelo... — Dylan interrompeu-se e o seu ar divertido desvaneceu-se quando olhou para a trança que ela usava enrolada no alto da cabeça. — Quanto a cortar o cabelo — disse com acentuação lenta e deliberada —, pareceria um travesti. Nem pense nisso.

— Agradeço o cumprimento, mas não necessito da sua autorização.

— Está outra vez a amesquinhar-me, não é verdade, Grace?

— Tonto. — Olhou-o de novo, desta vez com expressão duvidosa. — Não creio que esteja a dar resultado.

— Está — respondeu Dylan, metendo na boca o resto da uva. — Garanto que me tem metido na ordem. Infelizmente, não é a mim que adora, mas a Mozart...

— Não é justo! — protestou ela. — Gosto verdadeiramente da sua música, só quis dizer que...

— Gosta? Mais nada? — Olhou-a com um ar sério e vexado, contudo, pela expressão dos olhos dele, Grace apercebeu-se de que Dylan troçava de novo. — Deus me salve do dia em que a única emoção que a minha música provoque seja simplesmente gostarem dela. Está a ver como me quer amesquinhar sem sequer se aperceber.

— Que homem absurdo — exclamou ela a rir. — Afinal, o que quer de uma musa? Quer que me sente todo o dia a seu lado para lhe dizer o quanto é maravilhoso?

— Sim — disse ele, rindo também. — Claro que sim.

— Como se isso o inspirasse verdadeiramente! Tornar-se-ia presunçoso e complacente e não escreveria uma nota.

— Eu dir-lhe-ia o quanto é maravilhosa se tocasse para mim — ripostou ele.

— Conforme afirmou, eu já toquei para si.

— Há cinco anos.

— E no baile, há umas noites.

— Num octeto. Quero ouvi-la a solo.

Ela torceu o nariz.

— Não sou uma virtuosa.

— Preferia julgá-lo por mim próprio. — Dylan levantou-se e estendeu a mão. — Toque para mim o meu *Concerto Número Dez para Violino*.

— O quê? — Acabara-se a troça. Dylan falava a sério. Receosa, ela abanou a cabeça. — Não, não, oh, não.

— Porque não? Os amigos tocam uns para os outros.

Ela mordeu o lábio e olhou para a mão que ele lhe estendia. Desesperada procurou uma desculpa.

— Não posso tocar um concerto de violino. Não tenho orquestra para me acompanhar.

— Eu acompanho-a ao piano — disse ele, evitando a desculpa.

Grace estava prestes a entrar em pânico. Não queria tocar diante dele. Aquele era Dylan Moore.

— Acompanho-a ao piano — insistiu ele, eliminando-lhe a falsa desculpa.

Grace sentiu-se em pânico. Não queria tocar diante dele. Afinal, tratava-se de Dylan Moore e não de uma simples anfitriã de um jantar para o qual necessitassem de músicos. Nunca fora escolhida como solista. Nem sequer o desejara muito.

— Por favor, preferia não o fazer. Seria muito melhor se o senhor tocasse para mim. Seria muito melhor, muito mais divertido para ambos.

Ele abanou a cabeça sem sorrir, continuando a estender-lhe a mão.

— Grace, não quero fazer-lhe uma audição.

— Nunca toquei como solista. E quando toquei apenas para si, o meu único objetivo foi impedi-lo de... — Deteve-se, mas logo continuou: — Percebe o que quero dizer. Não estava a pensar na música. Peguei no violino e comecei a tocar.

— Então faça-o de novo.

Grace não queria fazê-lo. Havia qualquer coisa que a inquietava na ideia de tocar para ele. A música que Dylan compunha era bela e complexa e ela não se sentia capacitada para lhe fazer justiça.

— Não me vou rir, se é isso que receia — prometeu Dylan. — Não vou criticá-la.

Grace permitiu que ele lhe tomasse a mão e a ajudasse a levantar. Seguiu-o, relutante, até à sala de música e deixou que ele enviasse um criado ao seu quarto para lhe trazer o estojo do violino. Queria pedir-lhe a pauta, mas os solistas não deviam necessitar dela. Pegou no instrumento e colocou-se ao lado dele no piano.

— Não creio que goste — declarou.

— Se eu gostar ou não, não importa. A senhora é a solista, a senhora é quem manda. Agora toque.

Ele começou e ela fez o mesmo. Dylan tornou as coisas mais fáceis não se desviando da música que originariamente publicara, dando-lhe liberdade para fazer o que ela quisesse com o

violino. Ela tocou com toda a concentração possível, certa de que sem a pauta se esqueceria e saltaria um ou dois trechos pelo caminho. Dentro de cada cadência, usava as notas dele e acrescentava variações de outros solistas. Se fosse uma virtuosa teria inventado imediatamente as suas, mas era-lhe impossível assim, com ele a ouvi-la. E lá se arranjou.

No final, limitou-se a suspirar de alívio por ter terminado e ficou à espera que ele dissesse alguma coisa. Dylan prometera não troçar dela, nem a depreciar, por isso, o que dissesse seria simpático, inócuo e muito pouco sincero.

— Grace, porquê toda essa relutância? A senhora toca maravilhosamente, embora um pouco mais de confiança em si própria não ficasse mal.

— Obrigada — disse ela pouco à vontade. — Mas deve ter percebido que as cadências não eram minhas.

— Mas improvisou.

— Para tornar tudo mais fácil.

Dylan abanou a cabeça sem querer acreditar.

— Repita a sua cadência do primeiro movimento.

Grace obedeceu, mas a meio ele deteve-a.

— Aí mesmo — disse ele. — Aí está um exemplo. A senhora improvisou a versão de Paganini. Fez aquele pequeno trilo no meio e os trilos geralmente surgem no final. Aquilo que fez foi maravilhoso e muito certo. Adorei.

Ela respirou fundo.

— Não precisa mentir-me.

— Não minto. A senhora fez uma dezena de pequenas inovações e todas elas foram corretas e especiais.

Dylan levantou-se do banco do piano e voltou-se para ela. Grace olhou-o de soslaio, sem se atrever a fitá-lo e a ler-lhe a mentira no olhar.

— Creio que, se confiasse mais em si, poderia inventar as suas próprias cadências — disse. — Nem precisaria das minhas notas para o fazer.

— Não está a dizer isso só por dizer?

— Nem sequer para conseguir levá-la para a cama.

Grace quase soltou uma gargalhada, mas algo nos olhos dele a impediu. Nenhum deles falou e ela sentiu uma pesada tensão crescer entre ambos. Não conseguia mover-se. O relógio da lareira começou a tocar as horas, mas mesmo assim ela não sabia dizer que horas eram. Não conseguia deixar de fitar aqueles olhos negros.

— Está a fazer-se tarde.

A voz dele quebrou o estranho feitiço. Grace engoliu em seco e olhou para o relógio. Meia-noite.

— Sim — respondeu ela, sentindo-se de repente pouco à vontade. — Tenho de subir.

Ele inclinou-se.

— Boa noite, Grace.

— Boa noite.

Dylan acompanhou-a até às portas fechadas e abriu uma delas para que ela saísse. Grace passou diante dele, mas deteve-se.

— Creio que estava enganada a seu respeito — disse. — Creio que sabe ser um verdadeiro amigo para qualquer pessoa, incluindo uma mulher.

Ele tomou-lhe a mão enluvada e beijou-lhe e lançou-lhe um sorriso verdadeiramente simpático.

— Está a dizer que confia em mim.

— Nem por um instante — respondeu ela com um sorriso.

E, com isto, deixou-o. Enquanto subia a escada para se dirigir ao quarto, apercebeu-se de que poderia estar ainda mais em apuros do que antes. Inventara a ideia daquela amizade para conseguir um compromisso da parte dele. Teria de ficar um ano e a única coisa sensata a fazer seria manter as distâncias, contudo, não se sentia muito sensata naquele momento.

Sentia-se como se se dirigisse para a beira do mundo, para um território de ladrões, onde podia acreditar que o amor e um caso amoroso eram a mesma coisa, onde poderia brincar com o fogo dos ladrões sem se queimar.

Grace fechou a porta do quarto atrás de si e encostou-se a ela. Tivera razão acerca de uma coisa quando descera quatro horas antes. Com aquele homem ficava com a cabeça completamente perdida.



Na tarde seguinte, Grace descobriu que Dylan Moore não era a única pessoa a ter dificuldade em respeitar as regras. A filha dele parecia sofrer do mesmo problema. Depois de um dia inteiro de compras, Grace conseguiu compreender perfeitamente por que razão era a décima terceira precetora daquela menina.

— Isabel, não vamos discutir sobre isto — disse Grace detendo-se no vestíbulo enquanto os dois criados que as tinham acompanhado às compras traziam inúmeros sacos e caixas da carruagem. — Já tem brinquedos suficientes para escolher. Não precisa de animais exóticos da Argentina. Quando estiver no campo terá animais com que brincar. Entretanto, se os quiser ver, podemos visitar o jardim zoológico.

No rosto de Isabel espelhavam-se enfado e ressentimento.

— A minha outra precetora deixava-me ter animais de estimação.

— Ainda bem para eles — contrapôs Grace, concluindo pela expressão aborrecida do rosto da menina que já não seria considerada demasiado simpática para uma precetora. Entregou a capa, o chapéu e as luvas à criada e voltou-se para o mordomo que a esperava no vestíbulo para receber ordens.

— Osgoode, os móveis que escolhi serão entregues dentro de uma semana. Encarregue-se, por favor, de que, quando chegarem, sejam colocados nos aposentos das crianças.

— Já lhe disse que não quero ficar nos aposentos das crianças! — choramingou Isabel.

No dia anterior, Isabel parecera aceitar a situação desses aposentos, mas hoje não. Indiferente a este capricho da sua pupila que estava cansada, com fome e principalmente birrenta, Grace retirou dois sacos do monte que estava no chão.

— Eu levo estes — disse a Osgoode. — Por favor, mande colocar os restantes no quarto da menina Isabel, nos aposentos das crianças.

— Com certeza. — O mordomo deu as instruções aos dois criados que traziam para dentro o resultado da excursão de compras enquanto Isabel começava a chorar.

Grace agarrou num saco pela asa de verga e dirigiu-se à sala de música decidindo que estava farta daquele comportamento. Isabel seguiu-a protestando tanto mais ruidosamente quanto mais se aproximavam do pai.

Um criado abriu uma das portas e Grace entrou, seguida pela criança zangada e a chorar. Dylan erguera-se do piano e dirigia-se à porta, provavelmente por ter ouvido a filha soluçar, mas deteve-se quando elas entraram.

Isabel correu imediatamente para ele.

— Papá! — exclamou, lançando-lhe os braços ao pescoço. — Papá, detesto-a! Ela é horrorosa. Por favor, ajuda-me!

Grace acenou-lhe com a cabeça, ignorando a fúria da criança que se agarrava a ele como a um salva-vidas. Passou pelos dois, dirigiu-se à *chaise longue* e colocou o saco sobre a almofada de veludo castanho.

— Boa tarde — cumprimentou Grace docemente, descalçando as luvas e pondo-as ao lado. Meteu a mão no saco e retirou de lá uma mão-cheia de meadas de linhas de bordar e outra cheia de fitas.

— O que prefere começar a fazer, a bordar ou a enfeitar uma touca?

O longo gemido da filha fez com que Dylan lançasse a Grace um olhar pensativo. Depois, libertou-se dos braços de Isabel e sentou-a no banco do piano de frente para Grace e não para o teclado. Esperou um momento, mas como Grace se mantivesse de pé, sentou-se ao lado da filha.

— Deixa de chorar, Isabel — ordenou. — Imediatamente.

Os soluços da menina foram-se desvanecendo enquanto ela cruzava os braços e olhava a sua preceptora com uma expressão furibunda no rosto manchado de lágrimas. Nada impressionada, Grace fingiu não reparar e guardou as meadas de linha e as fitas dentro do saco, pois já se tinha feito entender.

— Mistress Cheval — disse Dylan, interrompendo o súbito silêncio. — Creio que me deve esclarecer de que se trata tudo isto.

— Certamente — respondeu Grace. — Isabel não quer dormir nos aposentos das crianças. Não quer estudar as lições. Não quer aprender a bordar almofadas ou a enfeitar toucas. Não quer aprender alemão, nem matemática, não quer ler. Também não quer ir ao Hyde Park, não quer tomar banho, não quer tomar as refeições a horas, não se quer levantar de manhã. Hoje todas as suas tentativas para discutir comigo foram em vão e por isso está zangada. Resumindo, senhor, a sua filha está a fazer uma birra.

— Não estou! — exclamou Isabel, limpando as lágrimas zangadas com as mãos.

Dylan suspirou e passou os dedos pelo cabelo, apreciando o facto de Grace lhe colocar diretamente nas mãos a responsabilidade da sua paternidade.

— Não quero aprender a bordar ou a fazer toucas — disse-lhe Isabel. — São coisas estúpidas. Não quero aprender matemática nem alemão. Só quero escrever a minha música, brincar e divertir-me.

Dylan esboçou um sorriso inesperado e Grace franziu a testa.

— Não se atreva a incentivá-la.

— Mas ela é muito parecida comigo, não é verdade?

Nesse momento, Grace pensou que não seria obrigatoriamente uma coisa de que se devesse orgulhar.

— Isabel precisa de uma educação completa apropriada para uma jovem. A música não é tudo.

O sorriso desapareceu, dando lugar a uma expressão de quem pede desculpas.

— É-o para alguns de nós.

Depois de ele o ter afirmado, Isabel, sentindo o apoio da parte do pai, puxou-lhe pela manga.

— Foi um dia terrível, papá! — Continuou a encarar Grace com animosidade. — Ela obrigou-me a fazer várias vezes a tabuada da multiplicação logo de manhã. Depois fomos às compras e ela foi tão má. Não quis comprar nada do que eu gostava.

— Escarlata não será exatamente uma cor apropriada para o vestido de uma menina. E também não precisa de um lagarto de estimação.

— Ela quis que a modista pusesse renda no meu vestido — disse Isabel, desgostosa.

— Não gostas de rendas? — perguntou Dylan espantado, o que lhe valeu um gemido de exasperação da parte da filha. Voltou-se para Grace para que esta o esclarecesse.

— Diz que faz comichão — explicou esta.

— Depois — prosseguiu Isabel, como se Grace não tivesse falado —, quando disse que tinha fome, não me deixou comer nada.

— Como já lhe expliquei, Isabel, a menina não teria fome se tivesse tomado a sua refeição antes de sairmos.

Isabel cruzou de novo os braços, com ar de extrema indignação e encostou-se ao piano fazendo soar as teclas.

— Vês, papá. Ela é má e avarenta e vai matar-me à fome. É tal e qual as freiras.

Dylan olhou para Grace e as linhas de riso voltaram-lhe aos cantos dos olhos.

— Ela não é como as freiras — disse ele à filha. — Mas por vezes parece ser.

Grace não achou graça. Lançou a Dylan um olhar de censura para afirmar melhor que por palavras que ele não estava a ajudar a situação.

— Papá, devias ter visto as amas que ela entrevistou hoje na agência. Vi-as em fila junto à porta e quase morri de medo só de pensar que uma delas me iria aconchegar a roupa à noite. Ainda bem que não contratou nenhuma delas. Disse-lhe que fugia se o fizesse.

— Não seja absurda, Isabel — disse Grace suavemente. — Se fugisse, o seu pai teria mandado um polícia atrás de si para a trazer e eles são muito mais assustadores do que qualquer ama.

— Porque tenho de aprender a bordar? — perguntou a menina. — Tenho a certeza que detesto.

Tinha sido assim durante todo o santo dia. Como aquela criança era teimosa. Grace inspirou profundamente e expirou lentamente o ar contando até dez.

— Nem sequer experimentou. Não pode detestar uma coisa que nunca experimentou.

— Experimentei coser e odiei. Sei que vou odiar também os bordados! — Apelou de novo ao pai que ouvira em silêncio aquela troca de palavras. — Por favor, papá — implorou. — Não quero bordar amostras, nem ler poesia. Não quero aprender alemão e tenho mesmo muita fome. Mistress March tem uns doces deliciosos, mas ela — Isabel fez uma pausa e apontou para Grace — disse a Mistress March para não mos dar. Não me quer deixar ter os vestidos de que eu gosto e não consegui tocar piano durante todo o dia.

— Não se pode tocar piano e comer doces o dia inteiro — Grace voltou-se para Dylan. — A menos que seja isso que o senhor deseja que eu faça com ela.

Dylan olhou para a filha que lhe devolveu o olhar, como se o regime de Grace fosse a mais bárbara das torturas.

Dylan não se impressionou.

— Compreendo a tua paixão pela música melhor que ninguém, Isabel, mas Mistress Cheval tem razão. As meninas precisam de aprender outras coisas para além do piano. De manhã vais estudar matemática, geografia, alemão e bordar... tudo o que Mistress Cheval considerar apropriado. De tarde podes tocar piano até ao jantar.

Isabel começou a protestar, mas ele interrompeu-a.

— Já basta — disse Dylan numa voz que não admitia discussões e Grace suspirou aliviada. — Dormirás nos aposentos das crianças — disse à filha. — E obedecerás às ordens de Mistress Cheval. Se assim não for, ela tem a minha autorização para te castigar conforme ache apropriado. Estamos entendidos?

Isabel não replicou. Mordeu o lábio trémulo e deixou que as lágrimas lhe corressem pelo

rosto. Era o perfeito quadro da infelicidade.

A sombra de um sorriso nos cantos da boca de Dylan tornava claro o que ele pensava acerca de tal espetáculo emocional.

— Se tens alguma coisa nos olhos, talvez precises de um lenço — disse-lhe delicadamente.

Outra criança teria reagido frustrada e o subterfúgio não teria resultado, mas Isabel era inteligente e passou a novo campo de batalha.

— Tenho muita fome, papá — gemeu, parecendo ainda extremamente patética. — Não comi antes de sairmos porque a empada tinha ervilhas e eu odeio ervilhas e faltam ainda duas horas para o jantar. Não posso comer qualquer coisa?

— Deus nos acuda! — resmungou Grace, encostando os dedos às têmporas. — Esta criança não desiste.

Dylan olhou-a com um sorriso.

— Bem lhe disse que ela era como eu. Também detesto ervilhas. — Olhou de novo para Isabel. — Vais fazer o que Mistress Cheval te disser, não é verdade?

Houve um longo silêncio

— Sim — respondeu finalmente.

— Promete-me.

Isabel suspirou e cedeu.

— Prometo, prometo — disse, lançando ao pai um olhar esperançoso. — Podemos comer agora alguma coisa?

— Não quer que ela se habitue a comer entre as refeições — Grace sentiu-se compelida a acautelá-lo. — Se ela comer agora, não vai jantar.

— Talvez — respondeu ele. — Mas lembro-me de como faltava sempre tanto tempo para o jantar. E também eu, depois de um dia de compras e de tentar dar ordens à minha precetora, precisaria de algum sustento.

Dylan passou o braço em redor da filha e levantou-se do banco do piano levantando-a consigo. Isabel soltou um grito de alegria e todo o fingimento de tristeza desapareceu. Passou os braços à volta do pescoço do pai e dirigiram-se para a porta.

— Onde vamos, papá?

— Vamos para onde houver comida, claro — respondeu enquanto a fazia sair da sala. — Vou levar-te às cozinhas, Beatrice! Vou levar-te às cozinhas!¹

— É ao céu, papá — corrigiu ela, a rir. — Ao céu e não às cozinhas.

— Ora, nunca me lembro do meu Shakespeare. Além do mais, quando se tem fome, qual a diferença entre o céu e a cozinha?

Grace seguiu-os, satisfeita por Dylan a ter apoiado e feliz por ele passar algum tempo com a filha. Um jantar estragado valia a pena em troca da atenção do pai que a criança tão desesperadamente precisava.

Junto à esquina que dava para a cozinha, Dylan parou com a filha ao colo e Grace deteve-se atrás deles. Escondendo a menina, ele espreitou pela porta para examinar o que lá se passava e depois recuou.

— A oportunidade é perfeita — murmurou à filha, suficientemente alto para que Grace

também o ouvisse. — Mistress March está sozinha com mais de uma dezena de canudinhos doces. Vou distraí-la enquanto agarras um prato. Sai pela despensa e eu vou atrás de ti.

Pôs a filha no chão e entrou na cozinha para cumprimentar a cozinheira. Isabel tirou os sapatos para não fazer barulho e esperou, espreitando à porta para agir no momento certo.

Grace ficou a ver Dylan encantar Mrs. March com cumprimentos acerca da sua deliciosa cozinha, afastando a mulherzinha gorducha dos rolinhos doces que já tinha feito. Só então Isabel passou em bicos de pés por detrás da cozinheira e retirou da mesa o prato dos doces. Grace encostou os dedos aos lábios a sorrir.

Isabel não proferiu um som enquanto escapou da cozinha com o prato dos doces. Dylan demorou mais uns momentos a conversar acerca de culinária, escutando como se estivesse fascinado pelas explicações prestadas por Mrs. March no seu cerrado sotaque escocês acerca do segredo dos rolinhos que estava em encontrar as amoras mais ácidas. Quando viu que Isabel se retirara em segurança, pediu licença à cozinheira com uma vénia e Mrs. March voltou as suas atenções para a massa que estava a estender. Dylan seguiu a filha, que já saíra da cozinha, fazendo com a mão atrás das costas sinal a Grace para que esta a seguisse.

Grace pegou nos sapatos de Isabel e tratou de obedecer, mas, obviamente, não tinha tanto jeito para dissimular como os outros dois, pois Mrs. March olhou por cima do ombro e deteve-a no preciso momento em que ela atravessava a cozinha.

— Ah, Mistress Cheval, tem um momento para conversarmos acerca das refeições de Isabel?

Grace escondeu apressadamente os sapatos da menina atrás das costas, enquanto a cozinheira se voltava para ela. Mrs. March perguntou-se se, a partir dali, escolheria ela própria a ementa de Isabel ou se Mrs. Cheval desejaria encarregar-se desse assunto. A cozinheira acrescentou que tinha preparado sopa de carne com legumes e empada de peixe para o jantar de Isabel, com rolinhos doces para sobremesa.

— Parece-me perfeitamente aceitável — replicou Grace, tentando manter uma expressão séria, e não se denunciar, na esperança que a cozinheira não reparasse que a sobremesa em questão tinha desaparecido. — Se for mais fácil para si planear as ementas de Isabel, esteja à vontade — disse tossindo um pouco. — Peço desculpa, mas tenho de ir.

A cozinheira voltou-se com um aceno para dar de novo atenção à sua massa. Grace dirigiu-se à despensa, mas depois deteve-se.

— Mistress March?

— Sim, minha senhora?

— Uma única exigência para as refeições de Isabel. Nada de ervilhas. Ela detesta ervilhas.

A cozinheira olhou-a, espantada pelo facto de os desejos de uma criança terem importância na sua alimentação, mas Grace não se deteve para explicar que não valia a pena travar algumas batalhas. Pelo contrário, atravessou a despensa e saiu.

Quando voltou à sala de música, apercebeu-se de que pai e filha juntos eram um problema muito maior. Uma autêntica confusão.

Era muito difícil comer rolinhos doces sem se sujarem, pois cada tubo de massa tinha a infeliz tendência para se desmanchar na altura em que se lhe dava uma dentada espalhando o *chantilly* pelos dedos. Todavia, nem se haviam dado ao trabalho de tentar comê-los com algum asseio. Tinham migalhas e bocadinhos de açúcar na roupa e havia-os também sobre a mesa. Dylan tinha uma mancha de creme na lapela do casaco preto e outra na manga e havia grande quantidade de creme na parte da frente do bibe cor de alface de Isabel, bem como no rosto da menina. Até havia *chantilly* no cabelo.

— Valha-me Deus! — Grace olhou para ambos e soltou uma gargalhada. — Se Mistress Ellis vos pudesse ver. Tremo só de pensar no que diria.

— Sabes, Isabel — murmurou Dylan à filha em tom de confiança. — Bem te disse que ela não era como as freiras. Não consegue ser assim tão má.

— Acho que tens razão, papá. Já lhe disse que era demasiado simpática para ser preceptora.

— Voltei então a cair nas suas graças, não é verdade? — Grace voltou-se para Dylan. — Mister Moore, as minhas felicitações. Acabou de ensinar a sua filha a roubar a cozinheira.

— Isso já eu sabia fazer — esclareceu Isabel.

Grace gemeu com uma falsa expressão de desespero, cedendo à brincadeira.

— Não há nada a fazer convosco.

— Falou como uma verdadeira preceptora de crianças. — Dylan pegou noutra canudinho doce, lançando, com uma dentada, uma chuva de migalhas e açúcar sobre a mesa de mogno.

Grace ficou a olhar para os rolinhos doces que restavam. Também ela estava já com fome embora tivesse comido a sua empada, servira-se até duas vezes. Agora que vivia numa casa em que a comida era abundante, parecia que nunca estava satisfeita.

— Também pode comer, sabe — disse Dylan interrompendo-lhe os pensamentos em tom divertido. — Uns rolinhos não irão estragar-lhe o apetite.

Grace afastou o olhar dos doces, sabendo que não poderia fazer tal coisa após ter assumido aquela posição.

— Não, muito obrigada — replicou, tentando não olhar para os rolinhos enquanto se dirigia à mesa e se sentava.

— Nunca roubou doces à sua cozinheira, Mistress Cheval? — perguntou Isabel. — Nem uma única vez?

— Valha-me Deus, claro que não. Nem me atreveria. E logo a Mistress Crenshaw.

Olhou para Dylan e reparou no seu olhar incrédulo.

— É verdade — disse. — Nunca o fiz. Parece uma tolice nunca ter surripiado doces da cozinha, mas paciência.

— Como sou o dono da casa e de tudo o que ela contém, incluindo os rolinhos doces, também não posso dizer que seja roubar. — Lambeu um pouco de creme do polegar e olhou para a sua parceira no crime. — Não é verdade?

— Verdadinha! — concordou a criança com a boca cheia de *chantilly*.

— Por favor, Isabel não diga «verdadinha» — admoestou-a Grace. — E não fale com a boca cheia. — A sorrir, Grace voltou a sua atenção para Dylan. — Não creio que tenha dito a Mistress March que queria os rolinhos e que os tenha ido naturalmente buscar.

— Que graça teria assim? — replicou ele. — É muito melhor quando lhos surripiamos mesmo debaixo do nariz.

Isabel parecia concordar.

— Se os tivéssemos pedido não teria sido a mesma coisa.

— Talvez. Mas não o faça todos os dias, Isabel, ou Mistress March deixará de fazer doces.

— Não, não deixará. — Isabel meteu o último bocado na boca e dirigiu-se ao piano. — Não há de apanhar-me.

— Quando ela descobrir que os rolinhos desapareceram, saberá quem os surripiou, já que a menina é a única criança cá em casa. — Grace olhou de novo para Dylan. — Bom, talvez até não seja a única.

Ele sorriu. Grace endireitou-se na cadeira vendo-o lamber o creme dos dedos um a um. Um

gesto inocente, mas o modo deliberadamente lento com que o fez e o riso nos seus olhos disseram-lhe que o pensamento de Dylan não era de modo algum inocente.

Homem despudorado. Grace baixou os olhos para a mesa.

— Papá! — A palavra quebrou o feitiço quando Isabel se voltou para eles. — Posso tocar no teu piano de cauda? É muito melhor do que o piano vertical que levaram para os aposentos das crianças.

Dylan olhou para o relógio e sacudiu a cabeça.

— Esta tarde tenho de trabalhar. Podes praticar esta noite antes de te deitares, se Mistress Cheval não tiver outra coisa planeada para fazeres.

— Estará muito bem — disse Grace. — Isabel, talvez devesse vir agora tomar banho. Está toda suja de creme e migalhas.

— Tomar banho às três horas da tarde? — Isabel olhou-a de soslaio.

— Vá ter com Molly e diga-lhe que lhe arranje o banho para agora e não para depois do jantar. Porque logo que acabe de comer, terá duas horas completas para tocar no piano do seu pai antes que sejam horas de se deitar.

Isabel não precisou de mais incentivo. Dirigiu-se à porta e deteve-se para lançar ao pai um olhar esperançoso.

— Seria muito melhor para os dois se também eu tivesse um piano de cauda.

— Não creio — Dylan apontou para a porta.

— Papá! — Isabel soltou um profundo suspiro. — Pensei que pelo menos tu compreendesses como é importante ter um bom piano — disse com toda a dignidade ferida possível numa criança de oito anos, mas logo deu meia volta e saiu.

— Pelos vistos — disse Dylan —, deixei de estar nas boas graças de Isabel.

— Nunca. O senhor é pai dela e a menina já o adora.

— Só porque a deixei comer uns rolinhos doces.

— Não. As meninas adoram sempre os pais — Grace encostou-se na cadeira com um suspiro. — Só sei que ela me cansou. Todo o dia com ela deixou-me semelhante a uma alface murcha.

— Suspeito que fosse essa a intenção dela.

— Oh, sim. Quer cansar-me, na esperança que eu pense que será mais fácil ceder às exigências dela do que contrariá-la em tudo.

— Não é uma estratégia muito eficaz da parte dela, calculo. Alemão, matemática, nada de comer entre as refeições. A senhora é uma excelente precetora, um pouco parecida com um general do exército.

Grace endireitou-se na cadeira, indignada.

— Um general do exército? Nada disso!

— Ainda bem que não estou ao seu cargo — continuou, ignorando o protesto. — Nunca conseguiria nada do que quero.

— Sou de manteiga quando comparada com a precetora que tive com a idade de Isabel. Mistress Flibert era muito parecida com um general do exército, muito rigorosa e salientando sempre a autodisciplina.

— Ah, autodisciplina! Isso explica porque continua a olhar para o último rolinho doce com tal desejo, mas não o quer comer.

— Não tenho estado a olhar para ele.

— As minhas desculpas — disse Dylan gravemente. — A propósito, não acredito naquilo da sua cozinha. Nenhuma criança atravessa a infância sem roubar doces da cozinha.

— Eu atravessei — disse ela e começou a rir por ele se mostrar incrédulo. — É verdade, sempre fui muito boa menina.

— Não me diga — disse ele, baixando as opulentas pestanas e olhando para a boca de Grace. — Nunca fez nenhuma maldade?

— Não — disse ela recusando-se a sentir-se afoguada pela pergunta e pelo modo impróprio como ele a fazia.

— Nunca?

Nunca, até ter escandalizado todos, ter envergonhado a minha família e arruinado a minha reputação.

— Nunca.

— Porque não?

A pergunta era séria e ela pestanejou, desconcertada.

— O que quer dizer com isso?

— Estou a fazer uma pergunta direta. Porque foi sempre uma boa menina?

— Eu... — Grace deteve-se, incapaz de responder, pois nunca pensara no assunto. — Nem sei.

Dylan empurrou o prato um pouco mais para junto dela.

— Não, não quero — disse ela decidida. — Tento dar um bom exemplo à *sua* filha.

— Bem sei. Mas agora Isabel não está aqui.

Grace apercebeu-se do movimento da mão dele e baixou os olhos enquanto ele retirava o último rolinho doce do prato. Dylan inclinou-se para diante e levou-o até junto dos lábios dela. Grace aspirou o aroma do brande e do gengibre e sentiu uma ferroadada de fome.

Ergueu os olhos e viu que os lábios dele lhe sorriam.

— Vá — desafiou-a ele em voz baixa. — Não digo a ninguém.

Grace sentiu a garganta seca e não conseguia mexer-se. Dylan era absurdo, surripando doces da sua própria cozinha e fingindo que se tratava de uma coisa proibida. Era absurdo que lho fizesse a ela, que segurasse num rolinho doce e quisesse que ela o considerasse a maçã do paraíso.

— Deve ter sido muito traquina quando era pequeno — acusou-o Grace, com palavras sufocadas, os dedos agarrando com força os braços da cadeira.

— Muito — concordou ele. — Quando não roubava rolinhos doces, passava o tempo... — Interrompeu o que dizia e chegou-lhe o doce à boca, tocando-lhe com o creme nos lábios. — Passava o tempo a tentar que Michaela Gordon me deixasse espreitar para baixo dos saíotes.

— Quem era Michaela Gordon? — murmurou ela com a língua a tocar no creme enquanto ele lhe metia o doce na boca.

— Uma ruiva muito bonita — disse ele alegremente. — A filha do vigário.

— O senhor tentava espreitar por baixo dos saíotes da filha de um vigário? — surpreendeu-se ela já com o doce entre os lábios. Provou o *chantilly* e deu uma dentada sem conseguir conter-se. O rolinho partiu-se e ela engoliu a massa e o creme. Dylan empurrou o resto com os dedos e os lábios dela abriram-se para comer o que restava do doce: migalhas e muito creme. Parte devia ter acabado no rosto dela e não na boca, pois Dylan começou a rir quando retirou a mão.

Grace também não pôde deixar de rir, um riso abafado pelo que tinha na boca. Engoliu,

continuando a sentir nos lábios a doçura suave do creme e então lambeu-os.

As pestanas de Dylan baixaram um pouco e o seu sorriso desapareceu, estendeu de novo a mão e encostou os dedos sujos de creme aos lábios dela.

Oh, meu Deus!

Quando olhou para ele o desejo invadiu-a como uma onda de mel morno. Fechou os olhos e sentiu os lábios entreabrirem-se em contacto com os dedos dele, enquanto lhe atravessava o pensamento a ideia de que ele tinha feito muitas vezes aquele tipo de coisas.

Grace endireitou-se, voltando a si. Ele deixou cair a mão e ficou a olhá-la, já sem alegria. O silêncio era apenas interrompido pela respiração rouca da jovem e, pela escuridão opaca dos olhos dele, passou uma centelha indefinível, quase terna.

— Tem a cara toda suja de creme — disse Dylan, confirmando a suspeita dela e baixando os olhos procurou o lenço no bolso, mas também a mão dele estava suja de *chantilly*. Pegou cuidadosamente no triângulo de linho branco com as pontas de dois dedos, retirou o lenço do bolso e entregou-lho.

Ela aceitou-o e limpou a boca e o queixo. *Pelo menos, já o fez uma centena de vezes*, disse para consigo, tentando não sucumbir ao olhar dele. Devolveu-lhe o lenço, vendo-o limpar o *chantilly* dos dedos.

Como Etienne, Dylan era um artista, mas as suas mãos não tinham dedos compridos de ossos finos como as do seu falecido marido. Não, as mãos de Dylan eram grandes, de palmas largas e dedos fortes, diferentes das dos outros artistas que Grace conhecera. Mas sabiam a força que haviam de usar ao tocar piano e a suavidade necessária para acariciar uma mulher.

— O senhor tem umas mãos maravilhosas — disse ela, sem pensar, para logo se arrepender.

— Muito obrigado — respondeu ele. Seguiram-se uns segundos de silêncio, mas ele não repetiu o que já fizera. — Grace?

Ela nem ergueu os olhos.

— *Hummm?*

— Somos só amigos, não é verdade?

Ela fez um esforço para o olhar de frente.

— Sim.

A malícia espreitou-lhe de novo nos olhos negros.

— Raios!



A abertura era brilhante. O resto não prestava. Dylan gemeu numa agonia criativa e riscou o que acabara de escrever. Aqueles acordes deveriam tornar mais rico o tema criativo, mais profundo, mais sensual, mas tal não acontecia. Qualquer coisa não estava bem.

Exasperado, deixou cair a pena na pauta que se encontrava sobre o piano, uma pauta já marcada por vários borrões de tinta e arranhões — o triste resultado dos seus esforços dessa noite. Estudou o papel que tinha diante de si, olhando para uma coisa que nem por sombras poderia ser considerada uma exposição musical. Apetecia-lhe rasgá-lo em pedaços e atirá-lo para o lixo.

Mas, pelo contrário, pegou na garrafa de brande que tinha junto de si, olhou para a folha de papel cheia de manchas e borrões, bebeu uns goles de brande e os seus pensamentos passaram da música para a sua musa. Havia três semanas que Grace estava em sua casa. Aquela primeira tarde com ela trouxera-lhe uma onda de inspiração que durara uma semana, levando-o a escrever a primeira metade da abertura da sua exposição, o tema masculino. Na noite a seguir a terem comido rolinhos doces com Isabel começara a segunda parte, tentando criar o tema feminino baseado na vaga melodia que ouvira no Palladium na primeira noite.

Nas duas semanas anteriores, passara inúmeras horas ao piano, mas nada tinha como resultado dos seus esforços, exceto a frustração que sentia e meia dúzia de ideias mal formadas. O tema feminino não surgia. O pouco que tinha parecia forçado e arrancara-o por pura teimosia.

Olhou para o relógio da lareira e apercebeu-se de que estava ali sentado havia praticamente nove horas. Observou em volta e reparou que a luz do dia tinha chegado e partido, que um criado estivera no aposento para acender os candeeiros e fechar os reposteiros. Obcecado pelo trabalho, não dera pelo passar do tempo e apercebeu-se de que já eram quase onze horas. Àquela hora costumava estar na rua, desfrutando das agradáveis diversões de Londres.

A preocupação com a sua sinfonia não tinha diminuído a sua necessidade de distrações. Continuava a passar as noites nas salas de jogo, em festas e no clube. Durante as últimas semanas visitara os antros de má reputação, incluindo dois ou três dos seus haréns e prostíbulos preferidos, divertindo-se e namoriscando com as cortesãs, mas sem subir com nenhuma delas. E porque não? Porque nenhuma delas era Grace.

Amigos. Que ideia tão pouco atraente.

Dylan pegou na pauta e observou-a por um momento. De qualquer forma, não era inspirador que a sua musa fosse meramente uma amiga. Amachucou a página e atirou-a para trás de si, para a *chaise longue*, onde se juntou a pelo menos uma dúzia de outras.

Podia sair. Dylan sorveu novo gole de brande. Mas nesse momento disse a si próprio que não queria distrações. Queria tentar mais uma vez. Respirou fundo, pousou as mãos nas teclas, esforçando-se por esquecer o ruído do seu cérebro e poder concentrar-se. Tocou vários acordes, de diferentes maneiras, tentando arranjar forma de o incluir no tema, mas nada funcionava. Por muito que tentasse improvisar, nada dava resultado.

— Maldição, maldição, maldição! — Dylan bateu com os cotovelos nas teclas, fazendo soltar um som discordante semelhante ao seu estado de espírito e que pouco servia à sua composição. Esfregou as pálpebras com as pontas dos dedos, ouvindo o relógio bater a meia-noite. Mais uma hora passara e não produzira uma nota capaz. Cinco anos de ruído, depois de esperança e de um

primeiro andamento quase formado, mas, depois, mais nada, apenas mais ruído.

Talvez se estivesse a enganar a si próprio. Talvez Grace tivesse razão e as musas não existissem. Talvez estivesse certo cinco anos atrás e apenas ouvisse agora murmúrios, sombras do que haviam sido sonatas e sinfonias.

A cada momento que passava, o medo oprimia-o cada vez mais, apertando-o interiormente como as garras de pássaros desesperados. Queria... meu Deus, quanto o queria... ser de novo o que tinha sido, ser o homem capaz de se sentar e escrever uma sonata sem falhas, como se escrevesse uma carta, ser o homem que não precisava esforçar-se para exteriorizar o que ouvia e sentia, o homem que tudo podia dizer com notas e melodia. Ser de novo o homem que não precisava preocupar-se com o fracasso e que não conhecia o significado da dúvida acerca das suas capacidades.

Após o acidente, sentara-se muitas, muitas vezes assim, tentando, hora após hora, sem resultado, mas dizendo para consigo que, se ali ficasse o tempo suficiente, algo haveria de acontecer, encontraria a chave do segredo e tudo voltaria a ser igual. Tantas vezes se afastara desesperado até que um dia já não se sentara ali, nem pousara os dedos sobre as teclas. Deixara de tentar. E fora nesse dia que a sua alma começara a morrer.

Desde que se lembrava, sempre soubera o que queria fazer — tomar toda a turbulência da sua alma e transformá-la numa coisa finita, uma coisa com substância e forma que pudesse ser escrita em notas e em claves numa pauta, para não se perder.

Sem dúvida que era um egoísta para acreditar com convicção absoluta que o que estava na sua alma valia a pena ser gravado para a humanidade, mas para ele era como respirar. Não tivera outra alternativa. Se não desse voz ao que tinha dentro de si, acabaria por deixar de existir, não metendo uma bala na cabeça, mas pela morte da sua alma.

O relógio bateu a meia-noite e um quarto.

Doíam-lhe as mãos, o gemido era uma dor escaldante dentro da cabeça e ali estava, sentado, a olhar para uma fila de riscas negras e cor de marfim. Tinha de terminar o tema. Sem tema não havia exposição. Sem exposição não havia música. Sem música nada tinha. Não era ninguém.

Mas o que pensaria ele? Nunca poderia escrever uma sinfonia. Nem sequer tinha o suficiente para uma sonata. Estes pensamentos murmuravam-lhe, ondulavam-lhe no cérebro como serpentes, ameaçando extinguir-lhe a esperança. Não deixaria que tal acontecesse. Levantou-se com força tal que lançou para trás o banco do piano, sentindo apenas o desejo avassalador de se afastar, de substituir a dor, o medo e o desespero por outra coisa, por uma coisa bonita, divertida ou que lhe entorpecesse o cérebro para conseguir passar mais uma noite.

Abriu uma das portas da sala de música e dirigiu-se à escada para ir mudar de roupa; porém, ouviu um som triste que se sobrepôs ao ruído e ao medo, uma melodia que vinha do lado esquerdo do corredor. Fez uma pausa para ouvir o violino de Grace.

Desde a tarde dos rolinhos doces, duas semanas atrás, que ela o evitava e ele permitira-o. Não tinha qualquer intenção de manter platónica a relação de ambos, mas ela não estava preparada para mais e ele não estava preparado para menos. Havia duas semanas que se encontravam num impasse. Mas talvez ele conseguisse pôr-lhe fim naquela noite.

Dylan voltou-se e dirigiu-se à biblioteca pelo longo corredor, ouvindo a música aumentar de volume à medida que se aproximava. Era a melodia pungente da *Pathétique*. Deteve-se por um momento junto à porta fechada, rodou a maçaneta e entrou.

Grace estava sentada no sofá de brocado cor de marfim junto à janela, com os olhos fechados, tão absorvida na música que nem o ouviu entrar.

Tinha retirado o instrumento da sala de música um ou dois dias após o jantar em que tocara para ele. Dylan reparara na sua falta e apercebeu-se de que ela devia usar aquele aposento para

praticar à noite, depois de Isabel se deitar.

A madeira envernizada do violino cintilava à luz da vela e o cabelo dela brilhava como ouro contra o fundo vermelho escuro dos reposteiros. Sem fazer barulho, Dylan fechou a porta e encostou-se a ela, a escutar de olhos fechados.

Recordava-se do receio que ela sentira de tocar para ele na noite em que tinham jantado juntos e como esse medo era injustificado. Não tinha o toque raro do brilhantismo e o egoísmo enérgico do verdadeiro virtuosismo, mas tocava muito bem violino e era um prazer escutá-la.

A música parou.

Dylan abriu os olhos e viu que ela o observava com o violino encostado à face e o arco colocado sobre as cordas.

— Não pare — disse ele ao vê-la baixar o instrumento e o arco para o colo. — Não o faça por minha causa, pois estou a gostar muito.

Sem sequer sorrir, o rosto de Grace iluminou-se como uma vela. Elogiar as mulheres era para ele uma segunda natureza e, contudo, o brilho de prazer no rosto dela, ao ouvir aquelas palavras, fizeram-no sentir repentinamente pouco à vontade e inesperadamente comovido.

— Continue, por favor.

Para seu desapontamento, ela abanou a cabeça.

— Estou a praticar há várias horas e agora, que parei, apercebi-me de há quanto tempo o estou a fazer, pois doem-me as mãos.

— Sei como é. — Fechou e abriu os punhos com uma careta. — Principalmente hoje.

— Esteve a compor desde depois do almoço?

— Sim.

— E correu bem.

— Não — respondeu ele em tom ligeiro. — Estou aborrecido porque a minha musa não me tem assistido.

— Ah, não? — Grace guardou o violino e o arco no estojo que estava no chão junto aos seus pés. — É pouco generosa.

— De facto, pois durante as últimas duas semanas não foi ver como eu estava, muito menos inspirar-me. — Atravessou o aposento e sentou-se na cadeira em frente dela com um longo suspiro sofredor.

Ela fingiu não reparar na referência ao impasse em que se encontravam.

Fechou a caixa do violino, sentou-se e alisou a saia como se retirasse uma partícula de pó.

— Que musa horrível.

Ele notou o movimento e reparou que ela usava um vestido novo azul pervinca. Tinha elegantes ombros descaídos e as mangas tufadas acima dos cotovelos. A grande gola de renda, sobreposta, condizia com os punhos altos.

— Grace — disse Dylan, surpreendido —, hoje não traz os farrapos de ajudante de cozinha.

Ela fez uma careta ao perceber o tom de troça.

— Mande fazer uns vestidos na modista quando levei Isabel às compras. Chegaram esta manhã. Tenho de confessar que é agradável ter coisas novas e bonitas.

— Fazem-lhe justiça. E vejo que, ao contrário da minha filha, a renda não a incomoda.

Grace riu.

— Talvez Isabel ache que a renda seja como o alemão. Um gosto adquirido.

— Ela coopera com as lições de alemão?

— Com muita relutância. Considera o alemão uma língua muito feia.

— Mas obedece-lhe e faz os trabalhos?

— Obedece-me quase sempre, mas não de boa vontade. Implica com muitas coisas apenas para me aborrecer. Não está habituada a ser contrariada e não gosta quando o faço. Mas vamos vivendo um dia de cada vez — Grace sorriu. — Parece que vamos aguentando um longo cerco.

— Se precisar que eu intervenha e lhe imponha alguma disciplina, fá-lo-ei em qualquer altura.

— Preferia que lhe desse mais atenção — afirmou Grace em voz baixa.

Dylan desviou os olhos.

— Estou a trabalhar numa sinfonia que me ocupa grande parte do tempo — disse encostando-se na cadeira. Sabia bem que se tratava de uma desculpa, mas, que diabo, o seu trabalho era importante. Era tudo. Olhou para Grace, que o observava. — Vou tentar arranjar mais tempo para ela — acabou por dizer.

— Lamento que a composição não esteja a correr bem.

Dylan tentou não dar importância ao assunto.

— Vim ver a minha musa, contudo, quando a procuro, desesperado pela sua ajuda, encontro-a a tocar Beethoven.

— Podia ser pior — disse ela com um breve sorriso. — Podia ter-me apanhado a tocar Mozart.

— Nunca tive inveja de Mozart, por isso não me teria incomodado tanto.

— Certamente não terá inveja de Beethoven.

— Não, de modo algum. Ele apenas criou a mais brilhante peça musical jamais escrita — Dylan fez uma pausa com pesados olhos. — Canalha — acrescentou.

Grace riu e entrou no espírito da conversa.

— Qual foi então a mais brilhante peça musical jamais escrita? — perguntou ela. — A *Nona*?

— Claro. Em forma de sonata surpreendentemente transformada. Marchas fúnebres, choques nos tímpanos, duetos em adágio. Deveria ser a confusão mais incoerente que já se ouviu, mas não. É exata e bela. Impecável, pois, de facto, é impossível imaginá-la de outra maneira. É de um enorme brilhantismo, Grace, e eu invejo-o como tudo.

O sorriso dela desapareceu após ter pronunciado as últimas palavras com tal veemência.

— Esqueceu-se de mencionar que ele era surdo quando a escreveu — disse ela delicadamente. — Certamente que esse problema não será de invejar.

A ironia quase o divertiu. Não, Dylan não era surdo. Pelo contrário, ouvia de mais. Uma das pequenas partidas de Deus.

— Não — disse. — Esse problema não será de invejar.

Grace não respondeu. Observou-o com os olhos cheios de compaixão e uma espécie de estranho entendimento. Ele não gostou e mexeu-se na cadeira, subitamente inquieto.

— Porque olha para mim assim? — perguntou. — Em que está a pensar?

Ela ergueu os olhos, como se outra pessoa tivesse entrado no aposento.

— Estou a pensar no meu marido.

Dylan sentiu-se tenso. Tivera de resistir à vontade de se voltar. Era como se ali estivesse outro homem.

O passado é um assunto doloroso para mim.

Recordou-se daquelas palavras e quis saber porquê.

— Onde está o seu marido?

Grace devolveu-lhe o olhar.

— Morreu. Morreu há dois anos.

Deveria ser aquele o motivo da dor, mas declarara-o com o mesmo desprendimento com que falaria de um estranho. Não havia qualquer sentimento discernível no rosto ou na voz da jovem. Era estranho. Dylan também nunca se preocupara que ela tivesse ou não marido e, já que o homem tinha morrido, não havia razão para sentir curiosidade. Mas sentia.

A pergunta óbvia pairou no ar e ele fê-la.

— Porque estava a olhar para mim e a pensar no seu marido?

— De certa maneira, o senhor recorda-mo. Mais nada.

— E isso é bom? — quis Dylan saber. — Ou será mau?

— Nem uma coisa nem outra. Estava apenas a fazer uma observação para mim mesma.

Grace pedira-lhe que não fizesse perguntas sobre o seu passado, mas havia uma coisa que ele precisava de saber. Dylan descontraiu-se e inclinou-se para diante. Estendeu o braço, tomou a mão dela nas suas, puxou-a acariciando-lhe os nós dos dedos com o polegar.

— Dois anos depois e ainda o chora?

— Choro? — repetiu ela, pronunciando com esforço a palavra como para determinar que era a forma correta de a dizer. — Eu... — soltou um suspiro profundo e entrecortado, a única sugestão de que sentia qualquer emoção — ... deixei de o chorar há muito tempo.

— A sua mão parece de gelo. — Dylan podia ter sido um cavalheiro e acendido a lareira, mas havia melhores maneiras de a aquecer e ele não era um cavalheiro. Tomou-lhe a mão e ergueu-a entre as suas, sentindo-a apertar-se num punho. — Descontraia-se. Deixe que a aqueça.

— Não quero que o faça — disse Grace, mas havia na sua voz uma espécie de incerteza que o espírito e o corpo dele reconheceram como sinal de que as coisas estavam a melhorar. A sua curiosidade desapareceu na contingência de possibilidades mais emocionantes. Grace tentou soltar a mão, mas ele agarrou-a com força e ergueu o olhar para ela.

— De que tem medo?

— De ser magoada — admitiu com simples frontalidade e de forma irrefutável.

— Não vou magoá-la.

Ela fechou os olhos.

— Não, não vai. Não vou deixar.

— O seu marido magoou-a?

— Ele... — Grace engoliu em seco e abriu os olhos, mas não olhou para Dylan, preferindo fitar de novo o espaço. — O meu marido deu-me alguns dos momentos mais felizes da minha vida.

A voz dela parecia estranha ao falar de emoções fortes com tal desprendimento, porém, não sentia esse desapego. Dylan não gostou de a ver olhar por cima do seu ombro como se fitasse o fantasma de outro homem. Mesmo assim deixava que ele a tocasse, o que era suficiente.

Foi sentar-se ao lado dela, rodeando-lhe os ombros com o braço, sem lhe largar a mão. Ela

não se voltou para ele, mas não se soltou; continuou a olhar em frente e não se mexeu. Nada havia na sua pose rígida que denotasse qualquer encorajamento, mas ele aceitaria o que dela viesse.

— Gostaria de a fazer feliz. — Dylan inclinou a cabeça sobre a mão dela, tocando-lhe o pulso com um beijo; depois abriu os lábios sobre o nó do dedo médio para sentir o sabor da pele dela. Sentiu-a abrir a mão e voltou-lhe a palma para a beijar. — Eu podia, Grace. Eu podia fazê-la feliz.

— Sim, penso que podia — murmurou ela, com alguma surpresa na voz, como se o admitisse também a si própria. — Durante algum tempo.

Ele ergueu o olhar da mão que ela descansava no colo.

— E não basta? Só Deus sabe como há poucas alegrias nesta vida. Não poderemos agarrá-las quando as encontramos e gozá-las enquanto duram?

— E ter prazer nas recordações quando elas acabam? — ripostou ela em voz subitamente dura. Se o tom cortante era fruto da recordação do marido, Dylan tencionava afastar imediatamente esse homem dos pensamentos dela.

Endireitou-se e soltou-lhe a mão para levar a sua ao rosto dela. Voltou-lhe a face para si e inclinou-lhe a cabeça para a beijar. Ela fechou os olhos, mas não abriu os lábios para tocar os dele. Dylan passou a língua por aquela boca cerrada, insistindo para que ela a entreabrisse.

Foi o que ela fez, momentos depois, com um ruído surdo, provocando centelhas de prazer no corpo de Dylan, ameaçando nesse instante o controlo que ele mantinha. A mão dele deslizou-lhe pela parte de trás da cabeça e o cabelo dela parecia de seda enquanto ele aprofundava o beijo, explorando a suavidade dos lábios dela, a linha dura dos dentes e o doce sabor daquela boca.

Enquanto a beijava, baixou a mão livre tocando-lhe ao de leve o pescoço com as pontas dos dedos, passando às clavículas, baixando até ao espaço entre os seios. Enquanto prosseguia ao longo das costelas, para lhe chegar à cintura, reparou que Grace ganhara algum peso durante as três semanas que vivera naquela casa e sentiu-se satisfeito.

Pousou-lhe na anca a palma da mão e sentiu-lhe o corpo tenso. Deteve-se, deixando aí a mão e aguardou. Como ela não o impedisse, aproveitou o assentimento tácito, curvando a mão sobre a coxa dela. Grace agitou-se nos braços dele e afastou o rosto com um suspiro sufocado, interrompendo o beijo. Um som inarticulado subiu-lhe na garganta.

Seria uma recusa? Concluiu que não. Fez deslizar a mão pela coxa dela, passando-lhe de novo o outro braço pelos ombros. Percorreu-lhe a face com os lábios, beijou-lhe a pele aveludada da orelha e acariciou-lhe a parte detrás do joelho através do vestido.

A respiração de Grace era agora mais rápida e ele sentia-lhe no corpo os leves arrepios, mas ela não lhe tocava e aquela contenção era mais erótica do que alguma vez imaginara. Ergueu-lhe as pernas de encontro às dele e baixou-a para lhe encostar a cabeça ao braço do sofá. Inclinou-se sobre ela, passou-lhe o nariz pela orelha e percorreu-lhe o corpo com a mão até lhe chegar ao seio. Abarcou-o, pequeno e perfeito, com a mão. Não conseguiu sentir-lhe o mamilo por baixo da roupa, mas imaginou-o, o suficiente para o inflamar. Soltou um ruído rouco, um gemido da sua garganta, que esmagou contra o ouvido dela, continuando a contornar-lhe o seio com a mão.

Ela tocou-o no pescoço, com um movimento leve, intencional e o desejo dentro dele incendiou-se como brande no lume.

— Grace — gemeu, tocando-lhe o botão da gola de renda. — Grace, és tão bela. Tão doce. — O botão soltou-se, mas a mão dela segurou-lhe o pulso quando a renda se abriu.

Não o digas, por amor de Deus. O corpo dele parecia pesado de desejo. Agora não. Ainda não. Os dedos dela seguravam-lhe ainda a mão enquanto ele lhe abria o botão de cima do vestido, junto à clavícula.

— Deixa-me fazê-lo — murmurou-lhe ao ouvido. O botão soltou-se e ele passou ao seguinte. — Deixa que te ame.

Ela imobilizou-se no abraço dele, como se Dylan lhe tivesse lançado um jarro de água gelada.

— Amor, amor! — exclamou e, antes que ele pudesse recompor-se, Grace empurrou-lhe os ombros conseguindo sair do sofá e cair no chão. Ao levantar-se, ficou fora do alcance de Dylan, antes mesmo de ele se aperceber do que se passava.

Dylan sentou-se, com o corpo cheio de desejo, sem poder compreender o súbito afastamento de Grace.

— Como pode falar de amor com tanta ligeireza! — Grace continuava ofegante, mas agora já sem aquele suave calor. Tinha os olhos verdes frios como um glaciar do Ártico. — O senhor nem sabe o que é o amor.

Dylan esforçou-se por afastar o corpo do caos e conseguir controlar-se. Encostou-se no sofá, sem se preocupar que a sua ereção fosse tão evidente através das calças justas.

— Claro que a senhora sabe muito mais do que eu acerca do amor.

— Sim. Creio que sim. — Grace olhou em frente, como se pudesse ver na escuridão lá fora, através dos reposteiros de veludo. Partira para outro lugar, algures onde ele não podia segui-la, onde o seu rosto se suavizara no brilho das chamas, com uma espécie de ternura melancólica que nunca antes vira. Detestava aquela expressão porque não lhe era destinada.

Levantou-se.

— Perdoe-me. Não sabia que tinha enterrado o seu coração depois da morte do seu marido.

— O que sabe o senhor do meu coração? — inquiriu Grace. — Amei o meu marido. Amei-o de um modo que possivelmente o senhor nunca poderá entender. Não sabe o que é amar outra pessoa mais do que a nós próprios. Duvido que saiba o que é o amor ou o que ele significa.

Dylan levantou-se, com o corpo em chamas e a raiva mais ardente enquanto o desejo arrefecia nele.

— Agora é a senhora que presume saber o que vai num coração alheio. Estive uma vez apaixonado, Grace, embora lhe seja difícil acreditar.

Havia um peso no peito dele, um peso que lhe dificultava a respiração.

— Estive apaixonado pela mesma pessoa desde os sete anos, uma jovem que era tudo o que eu nunca fui, a única que alguma vez quis. Tinha vinte e um anos naquele verão depois de sair de Cambridge e vim para casa para lhe pedir que se casasse comigo. Mas eu era o desregrado filho mais novo do senhor da terra, nessa altura já marcado. Todos acharam natural quando ela me recusou. Já passou uma década e as minhas ilusões sobre o amor podem ter desaparecido, mas recordo-me com dolorosa clareza daquilo que senti... em todos os momentos gloriosos, fantásticos e agonizantes.

Dylan respirou fundo, sentindo-se afundar em areias movediças, sufocado pelas recordações de uma jovem arruivada, do campo, da aldeia, dos beijos roubados e de uma declaração oferecida à sombra de castanheiros numa morna noite de verão.

— Chamava-se Michaela Gordon. Sim — acrescentou ao ver que os olhos dela se abriam de surpresa. — Era a filha do vigário. — Esboçou um sorriso quase trocista. — E, embora me transformasse num libertino, parece que ainda mantenho uma certa fraqueza por mulheres virtuosas. Que diriam as pessoas?

Fez uma vénia e afastou-se, batendo com a porta da biblioteca atrás de si. E não sentiu qualquer satisfação no eco ruidoso.



Patrocinado pelas famílias Whig, o Brooks era o clube dos liberais, em especial do Devonshire, mas não era exatamente um clube para quem se interessasse por política. Era, na verdade, um clube de radicais, artistas e grandes jogadores. Um clube perfeito para Dylan.

Porém, naquele momento, não estava ali por nenhuma daquelas razões. Procurava Hammond que também era membro. O visconde estava sempre pronto para divertimentos pouco respeitáveis e era deles que nesse instante Dylan mais precisava. O mordomo do visconde conseguira ser exato em relação ao paradeiro do seu patrão e Dylan foi encontrá-lo escondido num canto do Brooks com dois dos seus mais inquietos amigos, Lorde Damon Hewitt e o jovem e atrevido Sir Robert Jamison. Um grupo perfeito para os seus objetivos. Depois da cena na biblioteca, havia uma hora, conseguira dominar a turbulência das suas emoções, sabendo que não seria necessária grande provocação para que surgissem de novo. Precisava de libertar energias. Os *pubs* e tabernas perto do Temple Bar pareciam um excelente começo e os seus três amigos estariam mais que dispostos a participar nos excessos alcoólicos, na busca de mulheres fáceis e em fazer troça de tudo e todos que encontrassem.

O visconde Hammond era um homem alto, magro e musculado, que se equiparava a Dylan na habilidade e rapidez com a espada. Tinha cabelo e olhos castanhos e, naquele momento, usava uma pequena peruca bem cuidada. Como não estava na moda, Dylan aprovava.

— Moore, seu demônio! — exclamou Hammond ao vê-lo. — Estávamos justamente a falar de si!

Os homens bebiam porto, um vinho que Dylan não apreciava. Fez sinal a um criado, que conhecia a sua bebida preferida e acenou com a cabeça, indicando que lhe traria. Dylan sentou-se.

— Estão então a falar de mim. Que tema tão enfadonho.

— Exatamente! — exclamou Hammond. — Há muito que não o vejo no Angleo.

— Estou a trabalhar numa sinfonia. Tenho tido pouco tempo.

— Pois arranje tempo, meu caro. Não tenho um espadachim decente com quem praticar.

— Praticar? — ripostou Dylan. — Posso fazê-lo em fatias se me apetecer

— Era bom — disse Hammond a rir. — Dei cabo de si da última vez que nos defrontámos.

— Só porque eu pisei uma pedra e caí do muro.

Da última vez que tinha defrontado Hammond, os dois haviam esgrimido sobre um muro de pedra em Regent's Park para grande interesse dos transeuntes. Como grande parte dos feitos de Dylan, chegara aos jornais de escândalos.

— Falo a sério acerca da sua ausência, Moore — disse Hammond. — A temporada já tem um mês e o meu amigo ainda não deu que falar.

— Nem uma palavra a seu respeito nos jornais de sociedade — acrescentou Sir Robert. — Não se ouviram graças suas nos jantares. Nem uma corrida de obstáculos no Hyde Park. Não se conta nada acerca de si e das trigémeas no bordel...

— Gémeas — corrigiu Dylan. — E não foi num bordel, mas nos banhos públicos. Banho, Sir

Robert, não bordel.

— Moore, tem de admitir que está a ser um pouco enfadonho esta temporada — comentou Lorde Damon. — Tem o nome impecável. Não é altura de fazer uma coisa ousada?

— Esta noite convém-vos? — perguntou Dylan enquanto o criado colocava uma garrafa do seu brande preferido sobre a mesa. — Estou disposto às mais ousadas aventuras com que possam sonhar — prosseguiu servindo-se de uma generosa dose da bebida. — Especialmente se tiver a ver com uma ou duas devassas. — *E as mulheres virtuosas que vão para o inferno*, pensou, erguendo o copo e bebendo o brande de um só gole.

— Que faremos então, cavalheiros? — perguntou Hammond. — Vamos enfiar-nos no Seven Dials ou talvez Dylan e eu possamos ir esgrimir sobre o corrimão da Ponte de Westminster.

Dylan voltou a encher o copo e abriu a boca para concordar com ambas as sugestões, mas Sir Robert falou antes dele o poder fazer.

— Olhem, ali vem Sir George Plowright? Ontem, Givens tentou quebrar o seu recorde, mas apenas durou oito minutos. Plowright continua a ser o pugilista campeão no Gentleman Jackson. Já há três anos que detém o título.

— A esgrima necessita de muito mais habilidade do que o pugilismo — declarou Damon, recebendo a concordância de Hammond e Dylan.

— Não sou bom a nenhum dos dois — disse Robert em tom lúgubre.

Dylan inclinou-se e deu-lhe uma afetuosa palmada na cabeça.

— Ainda é muito jovem, meu amigo — recordou-lhe. — Mal fez os vinte e dois anos. Daqui a algum tempo ultrapassa-nos a todos.

Sir George aproximou-se, pavoneando-se, o seu corpo enorme vestido com o traje de noite de cores espalhafatosas. Era tão famoso pela cor escolhida para os seus fatos como pelas proezas no boxe.

— Creio que esta noite se suplantou a si próprio — comentou Dylan, observando o sujeito sobre o qual falavam no espelho de parede por trás da cabeça de Damon, enquanto Sir George e o seu companheiro, Lorde Burham, se sentavam ali perto. — Um colete cor de rosa e uma casaca azul berrante? Valha-me Deus!

— Nem lembra ao diabo — disse Hammond, soltando uma gargalhada — que um pavão assim de calças de riscas cor de rosa e azuis e colete cor de rosa pese mais de cem quilos e seja o campeão inexpugnável do pugilismo em todo Westminster.

— Irónico, não é verdade? — acrescentou Robert. — Quem olha para ele deve pensar que gosta de rapazes.

Dylan soltou uma gargalhada.

— Não, meu jovem amigo. Nada há nada de estranho com Sir George. O problema dele é bem diferente.

Robert olhou para Sir George e novamente para os homens que estavam sentados com ele, com os olhos muito abertos de curiosidade.

— Que problema?

Lorde Damon decidiu explicar-lhe.

— As senhoras de castidade duvidosa dizem que ele é demasiado rápido no gatilho — disse, tentando manter uma expressão séria. — Parece que não consegue colocar a pistola em posição correta antes de disparar.

Os olhos do jovem mostraram ter por fim compreendido. Começou a rir.

— Não pode ser. Estão a trocar de mim!

Os outros abanaram a cabeça e começaram os quatro a rir ao mesmo tempo com tanto gosto que o alvo da conversa ergueu a voz para se fazer ouvir.

— Burham, só lhe digo que é uma desgraça que Moore recuse o pugilismo. Imaginem! Começo a pensar que a reputação de que goza pela sua ousadia não passe de uma fraude.

Dylan fitou o outro pelo espelho e ergueu o copo a sorrir. Nada disse.

— E é ele o homem que todos pensam ser tão corajoso. — Sir George acenou na direção de Dylan, falando cada vez mais alto. — E porquê? Porque leva uma vida degenerada? É por isso que é tão admirado?

— Cautela, Moore — murmurou Sir Robert. — Está a desafiá-lo de propósito. E em público.

Dylan bebeu outro gole de brande sem deixar de fitar o homem no espelho.

— É compreensível — respondeu. — Eu e Sir George não morremos de amor um pelo outro.

— Há uns anos esse idiota desafiou Moore a esgrimir com ele — explicou Lorde Damon. — Claro que foi despedaçado. Ainda tem esperança de se vingar desafiando Moore para um combate de boxe.

— Ou tentando que a sociedade me ostracize — acrescentou Dylan. — As duas coisas de preferência.

— Uma vida de espetáculos ridículos — prosseguiu Sir George em voz ainda mais alta. — Gestos grandiosos e o desafio de princípios morais. Porém, as pessoas toleram-no por ser tão dotado para a música. Será aceitável? Não creio!

No aposento fizera-se um silêncio tenso e aguardavam-se os acontecimentos. Continuando a falar como que para Burham, Sir George continuou:

— Moore leva uma vida de deboche e excessos, o que é desprezível nesta nossa Época de Reforma. — Voltou-se para falar para toda a assistência. — Será uma coisa inofensiva beijar jovens nos bailes públicos? Viver abertamente com atrizes e privar com prostitutas? Chamo a isso devassidão.

Dylan endireitou-se, os dedos apertaram ainda mais o corpo, perguntando a si mesmo se alguém saberia de Grace. E Isabel? Não se preocupava com a sua própria reputação, tinha até orgulho nela, mas, se ouvisse uma palavra aviltante acerca de Grace ou da filha, exigiria a cabeça de Sir George.

Voltou-se na cadeira, exibindo o seu sorriso mais trocista.

— Sir George, o senhor fala assim por tencionar entrar para o clero?

— O senhor parece precisar de um excesso de companhia feminina. Vive num jardim de devassidão

— Como sabe? — retorquiu imediatamente Dylan. — Pelo que tenho ouvido, o senhor não consegue passar o portão, muito menos viver lá.

As palavras de Moore causaram uma onda de risos atónitos na sala. Como se lhe tivesse surgido um súbito pensamento, Dylan acrescentou:

— E ainda por cima o seu nome é Plowright². Que infelicidade.

Como o riso se tornasse ainda mais ruidoso, o rosto de Sir George tomou um tom vermelho-escuro.

— Não precisa de ficar tão perturbado, meu amigo — continuou Dylan. — Ouvi dizer que há certas ervas que se podem tomar para ajudar a... bem... ter mais resistência.

Como seria previsível, Sir George deu um passo em frente e deteve-se com as mãos fechadas

junto ao corpo.

Dylan reparou no gesto e agitou-se na cadeira. Sentiu Hammond puxar-lhe pelo casaco.

— Moore — acautelou-o este em voz baixa. — Isso é um disparate, não vale a pena discutirem. Deixe.

Dylan não queria. Tal como Sir George, precisava de uma desculpa para uma luta. Olhou para Hammond.

— Não creio que o faça — disse em tom agradável.

O visconde colocou as mãos na borda da mesa e moveu-as como se tocasse piano. Abanou a cabeça.

Dylan respirou fundo, exasperado. Hammond estava a ser sensato. Voltou-se de novo para Sir George e, contrariado, tentou livrar-se dele.

— Eu pratico esgrima e o senhor pugilismo, Sir George. Somos ambos amantes de diferentes desportos e, como todos os homens, apreciamos a companhia feminina. Por favor, não vamos discutir.

Sir George aproximou-se mais da mesa, dando três pancadas no tapete com a ponta da bengala de marfim.

— Diz-se o senhor amante do desporto? Nada disso. Recusa constantemente praticar o verdadeiro desporto de um homem honrado, independentemente da provocação. Sinto-me ofendido por não ter a coragem de o provar. Moore, o senhor não é um cavalheiro. Não passa de um cobarde.

Aquilo seria o suficiente para um duelo, mas ele contentar-se-ia com uma luta. Dylan bateu com o copo, empurrou a cadeira e levantou-se.

— O senhor está a ir longe de mais! — gritou, enfrentando Sir George. — Não admito que me chamem cobarde, muito menos um pavão cor de rosa!

Avançou tal como Sir George, mas intervieram cabeças mais frias. Hammond ergueu-se e passou o braço pelos ombros de Dylan, de modo a segurá-lo. Burham agarrou Sir George pelo braço. Tentaram manter uma distância mais segura entre os dois homens, mas tal parecia não resultar.

Dylan sacudiu os braços que lhe seguravam os ombros.

— Não vou permitir este insulto, Hammond — disse, voltando a cabeça. — Há anos que Plowright deseja esta luta. Desta vez vai tê-la. E com os meus punhos, já que é isso que quer.

Sir George esboçou um sorriso de triunfo.

— Quando e onde?

— Moore! — Hammond puxou o braço de Dylan, obrigando-o a voltar-se. — Não seja estúpido. Não pratica pugilismo desde que esteve em Cambridge e nem sequer o praticou a sério. Pense nas suas mãos, homem!

Dylan soltou-se mais uma vez.

— O meu amigo permitiria que outro homem o denunciasse publicamente como cobarde? — Olhou para Sir Robert e Lorde Damon. — Permitiriam?

Nenhum deles respondeu e Dylan continuou:

— Qual é o tempo recorde com este trapaceiro?

Ninguém respondeu.

Dylan voltou-se e olhou em redor.

— Não há um homem que me diga qual o recorde contra Sir George Plowright num combate?

— Vinte e um minutos e quatro segundos, sem que a contagem comece — gritou alguém.

— É fácil — Dylan olhou para Sir George e apontou para a porta. — Vamos?

O outro ergueu as sobrancelhas.

— Agora? Na rua? É mesmo seu, Moore.

— Então nas cavaliças, já que a rua não serve as suas refinadas sensibilidades. Não estou disposto a aguentar essa acusação canalha nem mais um instante. Que se passa, Sir George? — acrescentou ao ver que o outro hesitava. — Receia que a sua bela camisa de folhos se suje com estrume de cavalo.

— Então seja. Nas cavaliças. — Sir George fez uma vénia e afastou-se.

— Eu marco as linhas — disse Burham com um suspiro, dando meia volta para sair do clube atrás do amigo.

Assim que saíram, o silêncio desfez-se e a conversa começou a zumbir por toda a sala. Os dados estavam lançados e começaram a fazer-se as apostas. Afinal, o Brooks era um clube de grandes jogadores.

— Não o faça, Moore — aconselhou Lorde Damon. — Pode dar cabo das mãos.

Dylan não respondeu. Despiu o casaco e começou a abrir os botões do colete. Saía apenas para se divertir, mas aquilo fora de mais. Tratava-se de um caso de honra. Além do mais, sentia o sangue percorrer-lhe o corpo como um trovão e queria que a tempestade comesse, de preferência sobre a cabeça de Sir George Plowright. Arrancou o colete de quadrados preto e branco e a gravata, depois desabotoou a camisa enquanto os amigos prosseguiam as suas tentativas para o dissuadir dos seus intentos.

— Pense homem — implorou Hammond. — Não quer dizer nada. Ninguém aqui, a não ser Sir George, lhe chamaria covarde e todos sabem que o deseja desde que o cortou com uma espada. O homem está bêbado que nem um cacho.

— Ah está? Pois eu estou perfeitamente sóbrio — Dylan tirou a camisa pela cabeça. — Será uma vantagem para mim, creio eu.

— Duvido, mas se está decidido a fazê-lo, pelo menos use as luvas do treino.

— Hammond, não seja aborrecido — censurou-o Dylan. Pegou na gravata de seda que estava sobre a mesa e prendeu o cabelo. — Um homem só usa luvas de treino quando está a treinar. Quer ser o padrinho?

— Com certeza. Recorda-se das regras?

— Faça-mas lembrar, rapidamente. — Dylan dirigiu-se à porta e Hammond acompanhou-o repetindo as regras de Broughton³. Sir Robert e Lorde Damon seguiram-nos.

Todos os que se encontravam no clube saíram igualmente para St. James' Street e dobraram a esquina, dirigindo-se às cavaliças das traseiras. A notícia deveria ter-se espalhado pois os frequentadores do White também saíram para assistir à luta. Chegaram às cavaliças, onde já fora aberto espaço no pátio dos estábulos e onde Sir George, Burham e outros conhecidos já estavam reunidos, aguardando Dylan.

— Moore, não o faça! — gritou alguém, uma voz que Dylan reconheceu. Ao voltar-se, avistou facilmente o duque de Tremore que era vários centímetros mais alto do que todos os outros homens na multidão. O seu velho amigo tentava afastá-lo dali, mas Dylan fingiu não o ver. Voltou-se e dirigiu-se ao trémulo círculo de giz branco que marcava a terra no centro do pátio dos estábulos.

Enfrentou Sir George. Este despira também alguma roupa, mas ficara com a camisa cujas mangas enrolara. Dylan calculou que os verdadeiros cavalheiros não expunham os seus peitos cor

de lírio ao ar fresco da noite.

Havia muitos anos que não lutava com os punhos. Recordou as palavras do treino de Cambridge sobre os rudimentos do pugilismo e lembrou-se de encolher os polegares. Mesmo a tempo, pois a primeira oportunidade de ataque surgiu no momento em que os dois homens escolhidos como árbitros baixaram os braços e afastaram-se. Sir George acenava ainda a alguns amigos quando Dylan o atacou, lançando com um golpe a cabeça do adversário para o lado e enviando vagas de dor pelo seu braço.

Jesus, esquecera-se do que custava o pugilismo. Baixou a cabeça à tentativa de Sir George para ripostar e lançou um segundo ataque, fazendo o soco acertar no tórax do adversário.

Mas depois, porém, as suas vitórias foram poucas. Quando Sir George o derrubou, Hammond tentou convencê-lo a ficar no chão.

— Deixe, Moore — disse enquanto o árbitro contava. — Deixe-se ficar.

— Nunca na vida! Terei pelo menos de passar vinte e um minutos com este galo de capoeira. — Pôs-se de pé num salto, os árbitros afastaram-se e o combate prosseguiu.

O punho de Plowright veio em direção ao seu rosto, obrigando-o a baixar-se e a atacar com o seu no momento em que se endireitou, acertando um golpe no queixo do atual campeão e fazendo-o vacilar. Mas Sir George vingou-se um momento depois com uma série de socos na cabeça de Dylan, que fez com que o gemido lhe penetrasse o cérebro numa série de assobios agudos e insuportáveis e que sentisse o crânio abrir-se como um melão.

Dylan ripostou assestando seis golpes rápidos e fortes nas costelas do adversário e tendo a satisfação de ouvir um estalo parecido com um ramo a quebrar-se.

Mas a satisfação não durou muito. Logo a seguir, Sir George derrubou-o pela segunda vez. Ouviu um dos árbitros recomeçar a contagem e a voz rouca de Tremore gritar algures à sua esquerda.

— Hammond, por amor de Deus! O senhor é padrinho dele. Arraste-o dali.

Sentiu as mãos do visconde nas axilas, afastando-o para terminar o combate.

— Largue-me! — exclamou, arrancando-se às mãos do outro homem. Levantou-se para enfrentar o adversário, sem atender às súplicas dos amigos.

E o combate continuou, mas Dylan nunca antes se apercebera de como vinte e um minutos podia ser demorados. Até três semanas atrás fora seu hábito praticar esgrima e pesos no Angleo, seis dias por semana e foram esses momentos que serviram para lhe recordar que, com sinfonia ou sem ela, teria de arranjar tempo para a sua prática diária.

Apesar de estar em excelente forma, sentia já o corpo cansado contra o contínuo ataque do adversário e a sua superior capacidade para o pugilismo. Baixava-se quando podia, aparava os golpes que lhe acertavam quando tudo o resto falhava. Cada vez que caía levantava-se. Mas cada vez era mais difícil.

O som dos socos e dos gritos da multidão desvaneceram-se até nada mais conseguir ouvir senão o gemido dentro do seu cérebro. Irritava-o que nem enquanto todos os órgãos do seu corpo estavam a ser moídos com pancada o ruído desaparecesse.

Transferiu toda a sua fúria para o rosto que tinha diante de si. Movimentando o braço num arco, usando todo o corpo nesse movimento, atingiu Sir George diretamente no queixo. A cabeça de Plowright girou para o lado e, no brilho da luz do candeeiro atrás das cavalariças, Dylan viu gotas de sangue e suor espalharem-se num anel iridescente em redor da cabeça do outro homem. Lançou um segundo soco que empurrou a cabeça de Sir George na direção oposta, mas, antes que o pudesse atacar pela terceira vez, sentiu que algo vinha de encontro ao seu peito, uma dor dilacerante atingiu-o por baixo do maxilar para logo se sentir lentamente lançado pelo ar como se estivesse a flutuar.

Caiu no chão batendo com as costas na terra dura. Todos os ossos do seu corpo estremeceram de dor.

Dylan pestanejou, mas não conseguiu ver senão estrelas cintilando num mar negro. Estranho, pensou, pois a fuligem do carvão e os candeeiros de gás impediam a visão das estrelas na cidade. Pestanejou de novo e, desta vez, até as estrelas desapareceram na escuridão. Sentiu que mãos o arrastavam para fora do quadrado destinado ao combate. Fechou os olhos e deixou-se ir. Não sabia quanto tempo passara desde o início da luta, mas esperava que tivessem pelo menos sido vinte e um minutos e cinco segundos.

Momentos depois as mãos deixaram de o arrastar. Desejava levantar-se mas não conseguia mexer-se. Não podia abrir os olhos. Tentando concentrar-se, apertou lentamente as mãos e depois descontraíu-as. Doíam-lhe, mas, pelo que sentia, apercebeu-se de que não estavam partidas.

Sorte maldita, pensou, quase com vontade de rir. O que quer que acontecesse, por mais violentas que fossem as ações que praticava, por mais que maltratasse o corpo ou o espírito, acabava sempre por se sair bem. O láudano nunca o viciara, as práticas pouco regradas nunca lhe haviam causado doenças, as façanhas nunca o tinham mutilado.

Até o odiado gemido se tinha agora esbatido o suficiente para poder ouvir a multidão. Apercebia-se de vozes mesmo por cima de si. Abriu os olhos, sentindo como se estivesse a abrir ostras vivas, mas desta vez conseguiu ver.

Dois rostos conhecidos estavam curvados sobre ele. Cumprimentou o homem mais importante em primeiro lugar, pois estavam ambos ajoelhados junto de si, um de cada lado.

— Tremore — disse em voz rouca, ignorando a dor que sentia no maxilar. — Já vi que veio do campo para passar a temporada. Como está, meu caro amigo?

— Presentemente estou melhor do que o meu amigo, creio.

Dylan olhou para o homem à sua direita. Hammond. Olhou de novo para o duque e, ver aqueles dois homens juntos pareceu-lhe tão divertido que, desta vez, soltou uma breve gargalhada que lhe magoou as costelas.

— Ora aqui temos um facto digno de uma boa aposta. Quanto tempo conseguirão o duque de Tremore e Lorde Hammond manter-se aqui sem se matarem um ao outro?

Nenhum deles respondeu. Dylan sentiu que o examinavam em busca de ossos partidos e outras feridas. Sabia que as mãos estavam bem. Não se preocupava com outros ferimentos. Provavelmente, a preocupação surgiria no dia seguinte, mas naquele momento estava interessado apenas numa coisa.

— Bati o recorde? — perguntou a Hammond franzindo a testa ao ver o rosto do amigo começar a esbater-se, depois voltar ao normal, para se esbater de novo.

— Bateu.

— Por quanto tempo?

— Não sei. Depois de ter passado o tempo, gritei-lhe que o conseguira, mas foi como se não me tivesse ouvido.

Dylan humedeceu os lábios que lhe souberam a sangue.

— Quero saber qual foi o tempo.

— Descobriremos depois.

Dylan tentou abanar a cabeça.

— Quero saber agora.

— Mesmo que não tivesse batido o recorde — declarou Tremore colocando-lhe um lenço na

face —, ofereceu-nos a todos um ótimo espetáculo. Há de ser falado durante anos.

Dylan pestanejou mais duas ou três vezes, depois semicerrou os olhos para fitar o rosto de Hammond tentando não o ver desfocado.

— Quero saber o maldito tempo.

— Que diabo, Dylan — entrou outra voz na conversa, uma voz que havia muito não ouvia e que parecia decididamente irritada. — Que diferença faz isso agora?

— Quero que o tempo seja registado no livro das apostas — disse ao visconde, ignorando a outra voz. — E quero que Plowright retire a sua acusação diante de testemunhas.

— Vou tratar disso. — Hammond endireitou-se e desapareceu da vista. Outro homem tomou o seu lugar e a visão do rosto reprovador sobre si fez com que Dylan desejasse não ser tarde de mais para se fingir inconsciente.

— Ian — saudou. — Não deverias estar em Veneza?

— Desembarquei em Dover esta manhã. — O irmão de Dylan abanou a cabeça com um pesado suspiro. — Tenho assuntos a tratar no Devonshire e tencionava ir diretamente para lá, mas mudei de ideias e pensei ficar uma noite em Londres para te fazer uma visita. Nem sei porquê, já que, depois de seis meses ausente, descubro que nada mudou.

Dylan tentou sorrir, mas sentia o rosto rígido como se sobre ele tivesse sido espalhada cola que depois secara.

— O que para ti é um descanso, não é verdade?

Ian não respondeu e ajoelhou junto do irmão.

— De todas as coisas estúpidas, imprudentes e temerárias que já fizeste — disse ajudando Tremore a examiná-lo —, esta é a pior.

— Tenho uma reputação a manter.

Ian não respondeu. Olhou para o homem que tinha na sua frente.

— Vossa Graça...

— Excelência — respondeu Tremore. — Parabéns pelas excelentes negociações em Viena.

— Muito obrigado.

— Bom, Moore — disse o duque momentos depois. — Não creio que tenha partido qualquer osso. Mesmo assim, creio que seria melhor ser examinado por um médico.

Antes que Dylan pudesse responder, o rosto de Hammond apareceu de novo na sua linha de visão, desta vez de cabeça para baixo. Dylan ergueu o queixo para ver melhor o homem que estava junto de si.

— Então? — perguntou. — Quanto tempo aguentei?

— Vinte e dois minutos e dezassete segundos, seu canalha assombroso! — Hammond abanou a cabeça a rir. — Não só estabeleceu um novo recorde como os membros obrigaram Plowright a retirar a acusação de cobardia que lhe tinha feito.

— Cobardia? — perguntaram em uníssono Tremore e Ian.

— Chamou-me covarde — confirmou Dylan com a voz entrecortada. — Porque não pratico pugilismo.

Ian gemeu.

— E como és o homem mais teimoso, exasperante e mal-humorado de Inglaterra, tiveste de provar que ele não tinha razão.

— E fê-lo de uma maneira... — disse Hammond. — Enquanto aqui estamos a conversar, Sir George está a ser enfaixado pelos amigos como se fosse um ganso de Natal. Pensam que tem uma costela partida.

— Com os diabos! — Apesar das suas dores, Dylan soltou uma gargalhada sufocada. — Garanto que tudo isto vai aparecer nos jornais da sociedade. — Respirou fundo. — Cavalheiros, ajudem-me a levantar.

— Julgo que deverias ser transportado — aconselhou Ian.

— Não serei transportado para lado algum, a menos que seja em ombros. — E sentou-se antes que Ian pudesse argumentar. Sentiu uma onda de dor invadir-lhe o corpo que o fez sorver o ar através dos dentes. Contou até três e pôs-se de pé, passando um braço pelos ombros de Tremore e outro pelos ombros de Ian. Sorriu para o irmão. — Mais uma leviandade para as minhas escandalosas memórias que algum dia serão publicadas.

— Memórias? — resmungou Ian enquanto se dirigiam para a elegante carruagem marcada com o brasão dos Tremore. — Só por cima do meu cadáver.

Havia vinte e quatro botões de rosa bordados na bainha da sua colcha. Grace sabia-o porque os contara três vezes, reconhecendo cada um ao tocá-los na escuridão do quarto. Havia também dezoito rosas desabrochadas e trinta e seis folhas.

Soltou um suspiro de frustração e dobrou a colcha para trás, perguntando a si própria se não deveria acender um candeeiro e ler um pouco. Estava deitada no escuro há o que lhe parecia uma eternidade, a contar botões de rosa e folhas e até mesmo carneiros, mas sem resultado. Não conseguira adormecer.

A culpa era de Moore. Do maldito homem e dos seus beijos. Ainda sentia o corpo arder em todos os sítios que ele tocara.

Tenho uma fraqueza pelas mulheres virtuosas.

Grace mordeu o lábio. Não era virtuosa. Nada disso. Houvera uma época em que se considerara assim. Tivera tanto orgulho em ser uma boa menina — a irmã mais velha, em quem se podia confiar, que adorava cuidar de seis irmãos mais novos, a boa amiga que guardara confidências e se recordava dos aniversários, a aluna que cumprira todas as tarefas, a filha séria que nunca dera aos pais um momento de preocupação. Uma menina doce e equilibrada, diziam as pessoas de Stillmouth, e essa aprovação apelava à sua vaidade mais do que qualquer comentário sobre a sua beleza. Cantara no coro da igreja. Fizera obras de caridade. Rezara todas as noites as suas orações. E fizera-o com tanta presunção e a firme convicção de que era boa e virtuosa, mas a sua bondade e virtude nunca tinham sido testadas.

Depois chegou à Cornualha um insensato pintor francês com olhos cor do céu. Com tantos outros lugares no mundo para pintar, Etienne Cheval escolhera Stillmouth, uma pequena aldeia nos rochedos de Land's End, onde nunca chegavam desconhecidos, onde nada acontecia e onde era fácil ser bom.

Aos dezassete anos conhecera o grande Cheval na encosta do monte e, nesse instante, todo o seu mundo mudara. Dez anos mais velho que ela, Etienne sabia tudo da vida e ainda mais do amor. Dezassete anos de responsabilidade e seriedade desapareceram da primeira vez que ele a fez rir. Entregou-lhe a virtude com o primeiro beijo. Uma semana depois, Grace Anne Lawrence, a doce, calma e sensata jovem admirada por todos, fugia com um pintor francês sem fortuna e de dúbia reputação, mudando para sempre a sua vida.

Os dois primeiros anos com Etienne haviam sido os mais felizes que conhecera, dois anos de amor doce e profundo e de sexo louco. Depois tudo correu mal. Com o humor triste e sombrio,

começou a culpá-la por não ser capaz de pintar. Ficando mais sombrio a cada dia, fez com que ela deixasse de rir e o amor terminara.

Grace abraçou a almofada. Como seria possível conservar o amor e a felicidade? Pagara um preço muito alto por aqueles dois primeiros anos de alegria. Durante os anos em que se ausentara de Inglaterra, nenhum membro da família respondera a qualquer das suas cartas. Ao regressar a Stillmouth nesse outono, descobrira que os pais tinham morrido e que o irmão herdara a propriedade e o peso do escândalo. A mulher que James amara quebrara o compromisso e ele casara com outra muito abaixo da sua posição. As irmãs tinham ficado solteiras. Cinco solteironas, porque ela arruinara o nome da família.

Haviam passado oito anos desde aquele dia na encosta. As suas noções infantis de virtude haviam desaparecido, a sua reputação estava irremediavelmente destruída e a família desgraçada. Grace vira o mundo para lá de Land's End e descobrira que não era assim tão maravilhoso como a princípio pensara.

Queria voltar a casa, o que não era possível, no sentido literal, mas podia ficar ali durante um ano, apenas um ano, e poderia ter uma casa só sua e o tipo de vida adequado a uma vulgar mulher inglesa. Uma vida estável, decente, mundana.

Permita que a ame.

Amor. Aquele homem não tinha a mais pálida noção. Talvez se tivesse apaixonado pela tal filha do vigário quando era rapaz, mas agora ser-lhe-ia impossível. Os artistas amavam a sua arte. Todos e tudo o resto vinha em segundo lugar.

Dylan Moore não era um rapaz apaixonado por uma jovem com quem sonhava casar. Era um homem e Grace sabia exatamente o que ele queria dela. Soubera-o no momento em que o vira naquela rua. Queria-a sim. Como amante. Aquilo não era amor, nada disso.

Grace não fora feita para ser amante de um homem, para palavras doces sobre o amor e dinheiro numa conta pelos serviços prestados no quarto. Não era suficientemente dura para essa vida, nem o queria ser. Depois de Etienne — e até durante o tempo que vivera com ele — muitos homens a haviam tentado com dinheiro e palavras de amor. Fazem sempre essas ofertas a uma mulher bonita.

Fora esta a primeira vez que se sentira tentada a aceitar. Apesar da reputação de Moore e do que sabia acerca de homens como ele, desejava que ele a tocasse de novo. A cada beijo dele mais atraída se sentia. Encostou os dedos aos lábios e abraçou com força a almofada.

Passara tanto, tanto tempo, e sentia-se tão só. Grace não sabia amar unicamente com o corpo, mas havia ocasiões, como aquela, em que desejava poder fazê-lo.

2 O significado do nome pode ser «pessoa que repara os arados». (N. da T.)

3 As primeiras regras escritas do boxe, criadas em 1743 por Jack Broughton depois de uma reunião com os pugilistas de Londres. (N. da T.)



Parecia pior do que realmente era, supôs Dylan, olhando para a sua imagem no espelho do quarto. Calças rasgadas, um corte feio sobre um olho, hematomas no rosto e no peito, mas o médico limpou o sangue e não tinha contusões nem ferimentos graves no corpo. Foi avisado de que sentiria dores durante talvez uma semana, mas depois ficaria bem. Os hematomas levariam mais tempo a desaparecer. Talvez um mês.

— Sorte maldita! — resmungou Ian.

— Não há dúvida — concordou o médico olhando para Phelps. — Recomendo que trate os músculos com uma aplicação de gelo ou com banhos de água gelada — disse ao criado. — Mais ou menos vinte minutos, várias vezes por dia, especialmente as mãos. Daqui a um ou dois dias a dor desaparece e poderá usá-las de novo.

— Muito obrigado, doutor Ogilvie — disse Ian. — Acompanho-o à saída.

Os dois homens dirigiram-se à porta, mas o médico deteve-se e voltou-se mais uma vez para Dylan.

— Mister Moore, antes de partir, quero dizer-lhe que eu e a minha mulher gostámos muito de ouvir o desempenho do seu trabalho. Vimo-lo reger a sua *Décima Segunda Sinfonia* em Saddler's Wells, há alguns anos. Foi uma experiência maravilhosa. Comovente.

— Muito obrigado. — Dylan sentia-se sempre gratificado por saber que as pessoas apreciavam a sua obra, mas esperava que o médico não lhe fizesse a inevitável pergunta... quando voltaria a reger uma orquestra. — Ainda bem que gostaram.

O médico partiu com Ian e Dylan mandou Phelps sair. Voltou-se depois para Tremore, que estava sentado numa das cadeiras de veludo junto à lareira. Hammond, que estava de relações cortadas com o cunhado, não os acompanhara a Portman Square na carruagem do duque.

— Então? — perguntou Dylan, sentando-se cuidadosamente no banco estofado aos pés da cama. — O que quer saber primeiro: por que razão entrei nessa estúpida competição com Sir George ou porque me encontrava na companhia de Hammond?

— Nenhum homem se deve rebaixar quando outro lhe chama publicamente covarde, mas o meu amigo poderia ter tratado do assunto de outro modo. Pugilismo? Tem muita sorte em não ter ficado com as mãos gravemente feridas. Quanto ao resto, reconheço que se sente especialmente atraído por se divertir com Hammond e vice-versa, mas não compreendo. Quando isto se tornar público, Viola saberá que estava com Hammond, no entanto...

— A infelicidade entre um homem e a sua mulher não é da minha conta, nem da sua, Tremore, por muito que goste da sua irmã. Hammond e eu somos conhecidos, não amigos. Ambos precisamos ter como amigos homens de bom caráter — disse Dylan a sorrir. — E como tem passado o meu amigo de bom caráter e a sua bela duquesa de olhos cor de violeta?

— A minha duquesa... — Tremore respondia com uma acentuação especial, que muito divertia Dylan, sempre que este o espicava em relação a Daphne — está de excelente saúde. Um pouco indisposta de manhã, claro — acrescentou com a expressão triste tão própria de um homem cuja mulher está grávida. — Mas, de contrário, encontra-se muito bem.

— Já apostei que seria um rapaz — disse-lhe Dylan. — Não acredito que seja de outro modo.

— Uma filha tornar-me-ia igualmente feliz, garanto-lhe...

— Valha-me Deus! — interrompeu-os uma voz horrorizada vinda da porta. Grace encontrava-se ali com uma mão na ombreira da porta e a outra apertando o roupão. Estava mais bela que nunca com o cabelo preso numa trança que lhe caía sobre o ombro e os pés nus espreitando por baixo da batinha da simples camisa de dormir branca.

Os dois homens levantaram-se. Dylan fê-lo tão depressa que sentiu todas as costelas em que Plowright tinha assentado os punhos. Grace soltou um grito e correu imediatamente para ele, examinando-lhe, assustada, os hematomas no rosto e peito nu.

— Sente-se bem? Ouvi todo o movimento, os criados a correr para cima e para baixo e resolvi levantar-me. Osgoode disse-me que esteve metido numa luta. — Grace baixou os olhos para as mãos de Dylan. — Oh, não — disse sufocada. — Dylan, o que foi fazer?

Fora aquela a primeira vez que o tratara pelo nome. Horas antes sentira-se tão zangada com ele, contudo, estava ali, delicada, despenteada e bonita, a cheirar a sabonete, preocupada. Preocupada com ele. Dylan esboçou um enorme sorriso.

— Calma, Grace, são apenas umas nódoas negras, garanto que não tenho nada partido. Daqui a pouco estou fino. Olhe!

Estendeu a mão enfaixada, mexendo-a para mostrar que não tinha nada partido. Ela hesitou mas tomou-lhe a mão entre as suas, olhando para as ligaduras de linho, tocando numa mancha de sangue que o médico não lhe retirara do dedo. O ruído aquietou-se na cabeça de Dylan e esqueceu-se das dores do seu corpo.

Subitamente, Grace soltou-lhe a mão e ergueu os olhos, de testa franzida.

— Onde está o seu bom senso?

— Não tenho — confessou ele, gostando da covinha no queixo dela, que surgira quando franzira as sobrancelhas. Fitou-a a sorrir.

— Por amor de Deus, o senhor é compositor! O que lhe deu para se envolver numa luta com os punhos? Podia... podia ter... as suas mãos... francamente, Dylan!

Grace estava zangada, tão zangada que gaguejava. Apertou os lábios e franziu ainda mais a testa. Dylan sabia que ela o queria fazer compreender a estupidez que tinha cometido e que, por isso, estava muito zangada com ele, mas, por muito que tentasse, não conseguia mostrar uma expressão severa. A boca era macia, os olhos meigos. Uma austeridade que nem um cachorrinho intimidaria.

Teve vontade de lhe dar um beijo nos lábios apertados. Só a ideia foi bastante para lhe fazer aquecer o sangue e minorar as dores do corpo, que logo se transformaram noutras, muito mais agradáveis. Apercebeu-se que estava a melhorar.

Uma tosse delicada recordou-lhe que mais alguém se encontrava presente no quarto. Ergueu os olhos e viu que Tremore se levantara e o observava a pouca distância.

Grace soltou um suspiro abafado. Apertou ainda mais o roupão, apercebendo-se de que estavam no quarto de Dylan e que se encontrava pouco vestida. Baixou a cabeça com as faces afogeadas.

— Perdão — murmurou e passou a toda a pressa por Tremore para sair do aposento.

O duque viu-a partir e voltou-se para Dylan com uma sobrancelha levantada como que para o inquirir.

O sorriso do amigo desapareceu imediatamente.

— Acredite ou não, ela não é aquilo que está a pensar.

— Não me compete pensar seja o que for.

Talvez, mas Dylan conseguia ler os pensamentos do seu honrado amigo como num livro aberto.

Mais uma.

Dado o que já testemunhara, e às intenções de Dylan, a conclusão de Tremore era inevitável e precisa. Mesmo assim, ficou zangado com a implicação e sentiu a obrigação de negar tudo.

— Ela não é minha amante.

— Não disse que era.

Dylan ignorou a resposta.

— Não é nada que se pareça. É uma respeitável viúva de boa família. — Mas o que estava ele a dizer? Não sabia absolutamente nada acerca da família dela. — Não se passa nada.

— Moore, não tem de me dar explicações.

— Claro que não — declarou imediatamente Dylan. — Bem o sei. — Então porque o faria? O duque olhava-o com uma expressão impecavelmente neutra. — Que raio, Tremore, terá de ser sempre tão delicado? Nem entendo como continuamos tão bons amigos.

Antes que o duque pudesse responder, outra voz se fez ouvir.

— A delicadeza é geralmente considerada uma qualidade apreciável, Dylan — disse Ian entrando no quarto. — Há quem se esforce por cultivá-la.

Dylan fingiu não ouvir o irmão e continuou a olhar para Tremore.

— Ela não é minha amante.

— Claro que não.

— Que amante? — Ian olhava para os dois homens. — De quem estão a falar?

— Não viu o anjo de camisa de dormir branca que flutuou por aqui há momentos? — perguntou Tremore. — Olhos lindos — acrescentou com um súbito sorriso. — Está a compor uma sonata para ela?

Dylan não viu qualquer humor na pergunta. Recordou-se perfeitamente da noite, dois anos antes, em que troçara e aguilhoara o duque acerca de Daphne, provocando Tremore só pelo prazer de o ver descontrolado. Nessa ocasião, Tremore não achara graça, embora parecesse tirar algum prazer na retribuição.

— Não é uma sonata — replicou Dylan, respondendo com toda a sinceridade. — Trata-se de uma sinfonia.

— Muito bem — disse o duque inesperadamente. — Meu amigo, já era altura de compor de novo uma coisa importante. Tanto melhor, se essa jovem o inspirou.

— Que se passa? — perguntou Ian. — Tens de novo uma mulher a viver contigo?

— E é adorável — declarou Tremore. — Loira, de olhos verdes.

— Estou chocado — declarou Ian com toda a franqueza. — Conforme já disse, há coisas que não mudam.

— Ela não está a viver comigo! — A afirmação era tão ridícula que ele a corrigiu imediatamente. — Isto é, está, mas não assim. Não como estão a pensar.

Ian soltou uma gargalhada incrédula.

— Como se eu acreditasse.

Dylan soltou um suspiro exasperado. Talvez fosse aquele o momento de contar ao irmão e ao

seu melhor amigo o que acabaria por ser do domínio público. Ao diabo com tudo aquilo.

— Não se trata apenas de uma mulher — corrigiu. — Grace é a precetora da minha filha.

— Filha? — exclamaram os dois homens em uníssono.

Dylan desfrutou momentaneamente dos dois rostos espantados.

— Sim, cavalheiros, minha filha. Isabel tem oito anos, a mãe morreu e foi deixada à minha porta por uma freira católica francesa há duas semanas.

Ian começou a falar.

— Mas como...

— Contratei uma precetora — continuou, interrompendo as inevitáveis perguntas do irmão, antes que ele as fizesse e lhe dissesse o que era certo para Isabel e o que não estava bem em relação a Grace viver naquela casa, antes que ele pudesse ser enfadonho, adequado e inconveniente. — Tenciono providenciar o sustento da criança a partir do rendimento que recebo das propriedades da família, bem como dos meus outros proventos, por isso ainda bem que voltaste de Veneza. Precisamos ambos de assinar documentos nos advogados. Vou mandar prepará-los.

— Antes que o faças, deverás ter como certo que és o pai dessa criança — disse Ian.

— É minha filha.

— Como sabes?

— Se a conhecesses, meu querido irmão, não farias uma pergunta tão ridícula. E não quero discutir mais a questão da paternidade dela.

— Se esperas fundos adicionais das propriedades para pagar as coisas dela, prepara-te para uma discussão. Como podes saber que essa criança é tua?

— Sou filha dele, claro que sou.

A voz que se ouviu fez com que os três homens se voltassem para ver junto à porta outra pessoa do sexo feminino de camisa de dormir branca, mais morena, mais jovem e de expressão mais feroz do que a primeira. Isabel apertava as pequenas mãos, olhando para Ian.

— Ele é meu pai e não se atreva a dizer que não!

Dylan sorriu. *Mostra-lhe como é, menina*, pensou aprovando-lhe a atitude. *Mostra-lhe como é.*

— Oh, diabo — disse Tremore em surdina.

— Valha-me Deus! — retorquiu Ian olhando para ela. Pelo tom de voz já estava convencido.

Isabel correu para Dylan. Passou-lhe um braço pela cintura e olhou para o tio.

— Pareço-me mais com ele do que o senhor — exclamou, apontando um dedo acusador a Ian. — Como sabemos que é mesmo irmão dele?

Tremore sufocou uma gargalhada.

— Excelente pergunta.

Ian olhou-a por uns momentos e levou uma mão ao rosto.

— Suponho que todos sabíamos que, mais dia, menos dia, isto haveria de acontecer — resmungou.

Isabel olhou para Dylan e franziu o sobrolho.

— Andaste à luta.

— Sim. Mas vou ficar bem. Obrigado por te preocupares.

— E as tuas mãos? Estão bem?

— Sim.

— Estás com péssimo aspeto, papá.

Dylan baixou-se à altura dela.

— Não deverias estar a dormir a esta hora? O que fazes aqui a ouvir as conversas das outras pessoas?

— Oiço sempre as conversas das outras pessoas. Como pensas que descubro as coisas? Além disso, a culpa é tua se não estou a dormir. Quem pode dormir com toda esta confusão?

— Mesmo assim, vais voltar para a cama, menina. Tenho de contar a tua história ao teu tio Ian.

O queixo dela tremeu.

— Eu sou tua filha! — exclamou como se precisasse convencê-lo enquanto o olhava no rosto tão parecido com o seu. — Sou mesmo.

Dylan ergueu a mão ligada e acariciou-lhe o cabelo sentindo-se pouco à vontade.

— Bem sei.

Ela olhou para Ian ressentida.

— Não deixes que te digam o contrário.

— Não deixo — Dylan voltou-a na direção da porta. — Vai para a cama — ordenou com um leve empurrão e ficou a vê-la sair.

Ian fechou a porta atrás dela.

— Ora bem... — começou. Depois deteve-se.

— É espantoso — murmurou Dylan. — Isabel conseguiu fazer uma coisa que eu não consegui durante toda a nossa vida, Ian. Deixou-te sem palavras.

— Moore — disse Tremore —, juro que pensei que a menina se atirasse ao seu irmão para lhe assentar uns socos. Parecia-se consigo quando há pouco foi direito a Plowright.

— É verdade — admitiu Ian. — Deixou-me mesmo sem palavras.

Dylan sorriu com alguma timidez.

— Já vos disse que compõe maravilhosamente?

Seguiu-se um longo silêncio. Depois Ian respirou fundo.

— Bom — continuou, afundando-se na cadeira mais próxima —, então o assunto está decidido, penso eu. — E depois, com o seu habitual talento diplomático para tudo compreender: — Foi uma noite e peras.

— Pronto, já acabei este trabalho estúpido — Isabel empurrou a ardósia na direção de Grace, batendo com os pés no chão enquanto se encaminhava para a secretária de pau-rosa. Sentou-se na cadeira, cruzou os braços e lançou à precetora um olhar ressentido. — Já acabámos?

— Depois de ter passado um mês como minha pupila deveria saber que essa conduta não resulta, Isabel — recordou-lhe Grace, recusando-se a ser provocada. A criança ainda combatia a estrutura da sua nova vida, uma vida com regras que lhe eram impostas. Naquele dia, Isabel decidira desafiar essa imposição, revertendo ao seu comportamento anterior, mostrando-se insolente para com Grace e Molly, uma autêntica criança mal-educada.

Grace olhou para o canto do aposento, onde Molly estava sentada a coser. Molly olhou para Grace e, quando os seus olhos se encontraram, encolheu os ombros, também espantada pelo comportamento da criança.

Depois de mais algumas visitas às agências, Grace transformou Molly em ama permanente de Isabel, pois a criada mostrara ser suficientemente boa, paciente e teimosa para não ceder quando a menina tentava mandar nela. Surpreendentemente, ou talvez porque temesse os dragões que Grace entrevistara nas agências, Isabel aceitara a situação.

— Já estava assim quando se levantou, Mistress Cheval.

Isabel sentou-se direita na cadeira.

— Assim, como?

— Rabugenta — respondeu Molly.

— Não estou rabugenta — lançou a Grace um olhar penetrante e bocejou. — Estou aborrecida.

Grace ignorou o olhar de desafio.

— Creio que vamos terminar a nossa lição sobre Shakespeare.

O queixo da criança ergueu-se um pouco.

— Não, vou tocar piano. Quero trabalhar no meu novo concerto.

— Não — respondeu Grace calma e firme. — Esta manhã vamos estudar Shakespeare. E retire esse tom insolente da sua voz, por favor.

Isabel inspirou com força e depois fez passar o ar entre os lábios fechados, fazendo um som que afastaria qualquer jovem da sociedade durante semanas.

— Modere o seu tom, minha querida — imitou Isabel num tom nada parecido com a voz de Grace. — Sente-se direita. Coma as cenouras. Não corra.

— Estou muito satisfeita por ter tomado atenção ao que eu lhe digo — respondeu Grace, parecendo muito feliz. — É excelente.

Isabel deitou a língua de fora e dirigiu-se à janela, irritada. Voltou as costas para olhar para fora, para as cavalariças e para a movimentada rua de Londres que ficava mais adiante.

Grace voltou a sua atenção para a ardósia e leu as linhas que a menina escrevinhara.

Não se pode culpar Iago pelo que aconteceu a Desdémona. Otelo matou-a porque quis. Iago disse apenas o que Otelo já suspeitava. Queria matar a mulher e Iago não o obrigou a fazê-lo. Ninguém pode obrigar uma pessoa a fazer uma coisa se essa pessoa não a quiser fazer.

Grace apertou os lábios, tentando não sorrir. Tratava-se de uma análise verdadeira e invulgar da personagem de Iago. Isabel era, de facto, inteligente. Não que precisasse de utilizar as lições sobre Shakespeare para mostrar a sua rebeldia. Era evidente.

Grace gostaria que Dylan passasse mais tempo com a menina. Tinham já passado duas semanas desde que, naquela noite na biblioteca, prometera tentar passar mais tempo com a filha. Agora vinha aos aposentos das crianças todas as tardes, antes de começar a compor, mas as suas visitas eram breves, quinze ou vinte minutos apenas. Ouvia-a tocar piano, falava com ela sobre as lições, mas não brincava com ela, não a levava a parte alguma, nem sequer tomava as refeições com ela. Mas, afinal, como poderia levá-la a algum lado se ficava fora toda a noite e não se deitava antes das oito ou nove da manhã? Por vezes, diziam-lhe os criados, nem sequer vinha a casa.

Grace gostaria de discutir o assunto com ele, mas, exceto ao fim da tarde ou princípio da noite

quando se fechava na sala de música, raramente estava em casa para que ela discutisse o que quer que fosse com ele. Isabel precisava do amor e do afeto do pai e quinze ou vinte minutos por dia não chegavam.

Grace pôs de lado a ardósia e olhou para a menina que estava junto à janela.

— Sente-se, Isabel, e vamos continuar a nossa discussão sobre *Otelo*.

A menina não se mexeu.

— Estamos aqui há uma eternidade. Devem ser quase três horas.

— Nem sequer são duas e meia.

— Oh, valha-me Deus! — exclamou Molly ao ouvir falar nas horas. — Prometi a Mistress Ellis a receita de pão irlandês há horas e ela queria fazê-lo para o jantar de hoje. — Molly pôs de lado a costura e levantou-se, olhando para Grace. — Se a senhora não se importar...

— Claro que não — respondeu Grace e a ama saiu do aposento.

Grace olhou de novo pela janela.

— O seu pai deve chegar mais ou menos daqui a meia hora. Até lá, vamos continuar com Shakespeare. Depois de o seu pai sair pode ir para a outra sala e trabalhar no seu concerto.

A menina não se voltou.

— Já lhe disse que não estudo mais Shakespeare. Detesto-o.

— Claro que não detesta Shakespeare. Estudou-o o suficiente para corrigir a citação do seu pai de *Muito Barulho por Nada*, há três ou quatro semanas. Se detestasse a sua obra não a conheceria tão bem.

Isabel voltou-se com má cara.

— É divertido com o meu pai, com a senhora não tem graça. — Voltou a dar atenção ao que se passava na rua. — O que vai fazer? Vai proibir-me de tocar piano? Proíba. Não me importo.

Havia outra opção possível para aquele tipo de comportamento, e ela lembrava-se da sua própria infância, e de a usar nos seus irmãos e que, se fosse empregue judiciosamente, seria muito mais eficaz do que as proibições. Grace decidiu que era altura de a pôr em prática.

Endurecendo o rosto, atravessou o aposento, agarrou Isabel por uma orelha e puxou. O resultado foi imediato e previsível. A menina deu um grito de protesto, mas viu-se obrigada a seguir Grace, que a sentou à secretária.

Empurrou-a com alguma força para a cadeira. Isabel esfregou a orelha de novo com má cara.

— Odeio-a.

— Lamento — respondeu Grace. — Porque, por acaso, gosto muito de si e vou continuar a gostar apesar destes momentos.

Grace voltou-se para a sua secretária e pegou na ardósia.

— Suponho que possamos agora voltar ao *Otelo*. Na sua composição, a menina disse uma coisa muito válida, Isabel. Se uma pessoa não pode ser obrigada a fazer aquilo que não quer...

— Então — interrompeu Isabel — tem uma precetora ineficaz.

O som de uma gargalhada fez com que Grace e a sua pupila se voltassem para o outro extremo do aposento e vissem Dylan, de braços cruzados, encostado à ombreira da porta a observá-las. Os hematomas do rosto, resultado da luta de há quinze dias antes, estavam já amarelados, dando-lhe um aspeto ainda mais duvidoso.

Apanhada de surpresa, Grace apertou com força a ardósia que tinha na mão. Dylan viera mais cedo.

— Papá! — Isabel lançou a cadeira para trás e correu para ele. Dylan endireitou-se imediatamente e inclinou-se, abrindo os braços à filha como qualquer pai faria. Sorriu-lhe o que fez com que Grace pensasse que deveria ser aquela a expressão dos anjos caídos quando sorriam — encantadora, bela e magoada.

Ergueu a criança nos braços sem mostrar qualquer dor, o que significava que deveria estar já recuperado da sua aventura pugilística.

— Estou tão contente por teres vindo! — exclamou Isabel.

— As lições foram difíceis hoje?

— Ela fechou-me aqui durante horas com o *Otelo* — respondeu Isabel, estremecendo. Lançou os braços ao pescoço de Dylan com ar dramático. — Leva-me daqui, por favor!

Dylan olhou para Grace enquanto punha a filha no chão.

— Foi outra vez um general do exército? — perguntou, voltando para ela o seu sorriso.

Grace fingiu não ver e olhou para o relógio.

— Isabel, a menina passou exatamente quarenta e dois minutos a estudar Shakespeare. Por favor, não exagere.

— Não acredites nela, papá — disse Isabel num murmúrio teatral para que Grace ouvisse. — Foram horas. Ela está a ser muito cruel para mim.

— Cruel? — lançou a Grace um olhar divertido. — Não acredito.

Isabel passou a contar-lhe o horror ditatorial de Grace que a obrigara a ler *Otelo*, uma das mais enfadonhas peças de Shakespeare.

— É a pior, papá — declarou. — Pior do que todas as peças históricas juntas. Prefiro as comédias.

— Não terás de te preocupar com *Otelo* muito mais tempo — consolou-a o pai. — Não serão quase horas da tua prática de piano?

— Sim. Hoje quero usar o teu piano.

— Posso usar... — corrigiu Grace.

Isabel soltou um suspiro, como que para mostrar ao pai como as precetoras eram enfadonhas.

— Posso usar hoje o teu piano?

— Podes sim — respondeu ele.

— Estou a escrever um concerto. Vem ajudar-me.

— Isabel — respondeu o pai. — Não precisas da minha ajuda. Compões maravilhosamente.

— Então é um dueto? — sugeriu a menina. — E se tocasses um dueto comigo?

— Gostaria muito, mas não posso. Hoje não. — Baixou-se e beijou-lhe o alto da cabeça. — Tenho de ir. Esta tarde tenho um compromisso.

Voltou-se, mas a criança estendeu o braço para lhe pegar na mão.

— Papá! — exclamou. — Mesmo agora chegaste!

— Bem sei, minha querida, mas tenho de ir, se não chego atrasado. — Retirou a mão da dela, mas não viu a expressão magoada da filha, pois afastava-se já. — Esta noite volto muito tarde, mas talvez amanhã possamos tocar os dois.

Grace olhou de novo para o relógio. Tinha ficado exatamente quatro minutos. Esses momentos depois do almoço eram os mais felizes do dia de Isabel, e ele dava-lhe apenas quatro minutos. Grace endureceu a expressão do rosto. Nessa noite falaria com ele a esse respeito.

Esperaria até que chegasse a casa, toda a noite, se necessário fosse. Aquilo não poderia continuar.

— Então amanhã. — Isabel partiu na direção oposta e voltou para a janela, baixando a cabeça para esconder a sua expressão, ao passar por Grace, mas era tarde de mais. Esta já se tinha apercebido da tristeza da menina. Não estava zangada, não chorava, mostrava apenas uma horrível e esmagadora desilusão. Isabel encaminhou-se para a janela e ficou de costas para o aposento, olhando para as ruas de Londres.

Grace não o pôde suportar. Voltou-se para o seguir, mas deteve-se porque Dylan ainda não tinha saído.

Olhava para as costas de Isabel e não sorria. Deu um passo para ela, mas parou. Apertou os lábios sem pronunciar palavra, mas deu meia volta e saiu do aposento.

Grace saiu também, a correr atrás dele. Quando chegou à escada, espreitou pelo corrimão a tempo de o ver ainda no patamar.

— Dylan! — chamou-o. — Dylan, preciso de falar consigo!

Ele parou no patamar e ergueu o rosto para ela com uma expressão imperscrutável.

— Vai ter de esperar. Tenho um compromisso.

Não esperou pela resposta e continuou a descer a escada, desaparecendo da vista de Grace.

Maldito homem. Frustrada, Grace bateu com força no cimo do pilar de madeira da escada de caracol. *Esta noite*, prometeu, e voltou para os aposentos de Isabel para a ver ainda voltada para a janela.

Com o coração pesado, Grace atravessou a sala e aproximou-se da menina seguindo-lhe o olhar até à rua.

Dylan estava no passeio à espera da carruagem que acabava de entrar na praça. Parou diante da casa, ele subiu e a carruagem partiu.

No relógio passou outro minuto, depois dois.

— Ele não me quer — disse Isabel, ainda a olhar para a janela.

— Isso a menina não sabe — disse Grace imediatamente. — Há pouco tempo que é pai. Dê-lhe tempo para que se habitue a si.

— Já passou um mês.

Grace quase achou graça. Para uma criança, um mês era de facto muito tempo.

Isabel suspirou.

— Esperava que aqui fosse diferente.

A afirmação confundiu Grace, que olhou para o perfil da menina.

— Diferente, como?

— Não sei — parecia desorientada, muito triste. — Diferente. Como as famílias de verdade. Eu e o meu pai, como uma família verdadeira.

Grace pensou na sua infância. Tivera uma família verdadeira e sabia como fora importante.

— Percebo o que quer dizer. Mas a menina e o seu pai são uma verdadeira família.

Isabel abanou a cabeça.

— Ele sai todas as noites e só volta para casa a meio da manhã. Onde será que vai?

Grace mordeu o lábio. Pensou que seria melhor não o saberem.

— Se gostasse de mim, não sairia. Ficaria aqui para jantarmos juntos. Tocaria piano comigo e

iria aconchegar-me a roupa. Levar-me-ia ao campo para comermos maçãs e ensinar-me-ia esgrima. Podia dar-me um pónei para eu aprender a montar. — Fez uma pausa e continuou com voz mais dura. — Sai sempre e bebe muito. Fuma haxixe e toma láudano. Envolve-se em sarilhos com mulheres e entra em duelos e lutas e coisas assim. Sabia tudo sobre ele antes de vir para cá. Pensei que assim que cá chegasse ele gostaria de mim e deixaria de fazer essas coisas. Que mudaria.

Oh, minha querida menina, pensou Grace olhando-a com compaixão. Se se pudesse mandar nos afetos dos outros. Se, ao menos, os homens mudassem. Se, ao menos, fosse assim tão fácil.

De repente, a menina deixou de olhar para a rua e voltou-se para a precetora, erguendo o queixo. No seu rosto havia aquela expressão de determinação que Grace já conhecia tão bem.

— Vou fazer com que goste de mim! — exclamou, batendo com um punho na palma da outra mão, com uma comovente veemência infantil. — Vou mesmo.

Grace puxou a menina para os seus braços e acariciou-lhe as costas para a reconfortar.

— Sei que sim — disse, esperando de todo o coração que a criança o conseguisse.



Estava tudo em ordem. Todos os documentos haviam sido preparados segundo os desejos de Dylan. Incluíam o reconhecimento formal da filha, a alteração do seu apelido para Moore, a especificação de Ian como seu tutor, se alguma coisa lhe acontecesse, e o seu novo testamento, deixando-lhe tudo o que possuía.

Assim que assinasse os documentos, Isabel seria legalmente sua filha. Dylan olhou para o monte de papéis que tinha diante de si sobre a secretária do Mr. Ault e, embora soubesse que o advogado aguardava, não fez qualquer movimento para os assinar.

Não eram dúvidas. Conforme dissera a Ian naquela noite, duas semanas atrás, não havia dúvida de que Isabel fosse sua filha e até o seu irmão, tão prático e sensato, admitira que era verdade. Não era a questão da paternidade que fazia com que Dylan estivesse sentado no escritório do advogado, deixando passar os segundos.

Era a expressão do olhar de Isabel, a mesma expressão que lhe mostrava sempre que a ia ver aos aposentos das crianças. Não queria estar com ele apenas uns minutos por dia e que tocassem alguns duetos, queria muito mais. Queria que ele a amasse.

Dylan agitou-se na cadeira, inquieto e pouco à vontade. Vira a mesma expressão noutros rostos. Rostos cheios de esperança, de uma tímida esperança que ele mudasse, que fosse bom, que fizesse o que era certo. Rostos que refletiam ansiedade em lhe agradar e a esperança de que o amor fosse retribuído. Isabel era uma menina, mas, independentemente da idade, todas as mulheres queriam de mais. Colocavam as esperanças e os sonhos em quem não merecia e esperavam que o resultado fosse a felicidade.

E ele não merecia. Estava obcecado apenas por uma coisa. Era duro, temperamental e completamente egoísta. Apreciava os prazeres da carne, não fazia segredo da sua natureza — alardeava-a até. Porém, parecia ser o seu destino que uma mulher o olhasse assim, desejando dele uma coisa que não podia oferecer.

Isabel era sua filha. Se alguém no mundo lhe importasse, deveria ser a filha. Que se passava então?

Dylan apertou com os dedos a cana do nariz. Meu Deus, os olhos da filha, tão parecidos com os seus em aparência e tão diferentes nas emoções que refletiam — olhos inocentes, vulneráveis e cheios de fé, olhos a que desejava escapar. Não conseguia atingir as suas expectativas. Olhos que o sufocavam.

Nem sequer sabe o que é o amor.

Grace estava errada. Sabia o que era o amor. Mas não lhe chegava. A música levava-o todo. Parecia nunca sobrar para outra pessoa.

Não fora por essa razão que Michaela o rejeitara?

Estarei sempre em segundo lugar na sua vida, Dylan. Não quero estar em segundo lugar. Quero estar em primeiro.

E a filha, ao olhá-lo, também queria estar em primeiro lugar.

Impossível. Ninguém poderia estar em primeiro lugar. Nem sequer a sua filha, uma menina

precoce de oito anos semelhante a um trovão, quando se zangava, e olhos cheios de esperança no pai.

Mr. Ault acordou-o do seu devaneio com uma leve tosse. Dylan olhou para o homem baixo e preciso, sentado atrás da secretária.

— Um trabalho excelente, Mister Ault. Exatamente o que eu pretendia. Muito obrigado.

— Esperamos prestar sempre o melhor serviço ao senhor e à sua família. — O advogado entregou-lhe a pena.

Independentemente das esperanças que a filha depositara nele, a sua responsabilidade não se alterara. Recebeu a pena da mão do advogado, mergulhou a ponta no tinteiro da secretária e rabiscou o nome nas páginas em que a sua assinatura era necessária.

Quando terminou, entregou a pena ao advogado e levantou-se.

Mr. Ault imitou-o.

— Enviarei a seu irmão mais velho todos os documentos relativos ao rendimento que o senhor recebe das propriedades da família para que ele os assine.

— Sim, muito obrigado, Mister Ault. Muito bom dia.

O homenzinho fez uma vénia e Dylan imitou-o. Pôs o chapéu e abandonou o escritório do advogado, saindo para a rua para respirar ar fresco. Estava feito. Depois de declarar oficialmente Isabel como sua filha, esperava sentir-se pai.

Nessa noite, depois de jantar com Molly e Isabel nos aposentos das crianças, Grace deixou a menina ao cuidado da ama e dirigiu-se à biblioteca para praticar violino enquanto a menina tomava banho. Não queria sentir-se zangada com Dylan, nem preocupada com Isabel, nem sequer pensar na cena emocionante do dia anterior. O seu patrão era um homem complicado e a sua pupila extremamente cansativa, de modo que tudo o que Grace desejava naquele momento era um pouco de sossego para si. Fechou a porta, fechou o mundo e perdeu-se no seu passatempo preferido.

Quando, uma hora depois, regressou ao quarto, encontrou uma surpresa a aguardá-la sobre o toucador, um ramo de meia dúzia de túlipas cor de rosa, colhidas no parque. Estavam atadas com uma fita de seda e junto a elas havia uma nota. Um pequeno papel apenas com uma linha de palavras numa caligrafia redonda e direita já muito sua conhecida.

Desculpe ter sido tão estúpida hoje. Isabel.

Grace tocou com a ponta dos dedos numa das flores na jarra e sorriu. A menina era, de facto, uma provação, mas também fazia coisas muito delicadas. Um sinal encorajador, pensou Grace que logo quis mostrar a Isabel como apreciara o seu gesto.

Grace teve uma ideia. Foi à sua mala procurar o caderno de recortes. Retirou-o de lá juntamente com uma caixa de madeira onde guardava recordações até poder colá-las no caderno. A seguir, pegou no ramo de túlipas e foi em busca de um criado. Vinte minutos depois entrava na sala de música.

Isabel estava sentada ao piano de cauda de Dylan, exatamente como Grace esperava. Tinha o cabelo solto, ainda húmido do banho e o roupão já vestido. Estava sentada a bater nas teclas, mas não tinha uma pauta na estante e também não parecia estar a compor porque não tinha papel ou pena. Ergueu os olhos quando Grace entrou na sala. O criado seguia-a com o caixote de madeira que enchera com os objetos necessários ao seu projeto.

— Coloque-os ali, Weston, por favor — disse Grace, apontando para o canto da sala. — Depois pode ir.

— Sim, minha senhora.

Isabel afastou as mãos das teclas.

— O que vai fazer?

— Vou pôr umas coisas no meu álbum de recordações. — Grace ergueu o ramo de túlipas. — Muito obrigada pelas flores.

Isabel mexeu-se no banco, um pouco embaraçada, com esperanças que Grace não se mostrasse demasiado emocionada.

— A Molly ajudou-me — murmurou. — Saímos e fomos colhê-las ao parque. — Olhou para Weston, que dava a volta ao piano de cauda e se dirigiu à porta para sair. Depois olhou para Grace, confundida.

— Tem um álbum de recortes?

— Sim. E estas túlipas são tão bonitas que quero conservá-las para sempre — explicou Grace. — Por isso vou secá-las. Também tenho outras coisas para pôr no caderno. Quer ajudar-me?

Isabel seguiu-a com o olhar e viu-a dirigir-se à mesa, retirar do caminho uma cadeira e começar a dispor os objetos que o criado trouxera. Em breve a menina aproximava-se para ver o que ela fazia.

— Vai esmagá-las assim?

Grace ergueu os olhos enquanto Isabel apontava para os quatro blocos de mármore sobre a mesa.

— Sim — respondeu e pegou nas túlipas. — Primeiro temos de ter a certeza de que as flores não estão molhadas.

Depois de desatar o laço, Grace colocou as flores em fila sobre o pano branco, examinou-as uma a uma, usando uma tesoura para cortar os caules, deixando-os com apenas cinco centímetros.

— Agora — continuou enquanto colocava folhas de papel mata-borrão sobre dois dos quatro blocos — temos de as dispor para que fiquem bonitas quando estiverem secas. Colocamos sobre elas o papel mata-borrão e, por cima, os outros dois blocos. — Às palavras de Grace seguiram-se as ações. — Pronto. Dentro de duas semanas poderemos retirá-las e colocá-las no caderno.

— E haverá espaço? — perguntou Isabel a sorrir, olhando para o grosso volume.

— Provavelmente não. Creio que vou começar um novo álbum com estas flores. Será apropriado, pois a minha vinda para aqui é, de facto, um novo capítulo na minha vida.

Grace passou para um canto da mesa em que tinha mais espaço para trabalhar e puxou uma cadeira.

— Mas primeiro tenho outras coisas para colocar neste álbum e pensei que o poderia fazer esta noite.

Isabel chegou-se à cadeira assim que Grace se sentou.

— Que coisas?

— Já nem me lembro quando foi a última vez que trabalhei no meu álbum de recordações. Já passou tanto tempo. Vamos ver. — Grace pegou na caixa de madeira que trouxera do quarto, levantou a tampa e espalhou o conteúdo sobre a mesa.

— Porque guarda estas coisas? — perguntou Isabel, olhando para os vários objetos dispersos pela toalha branca.

Grace não respondeu. Olhou para um velho pincel, muito gasto, um pincel tão fino como o pé de uma pena. Olhou e ficou espantada por descobrir que a visão do pincel já não lhe trazia desgosto, apenas o doce e difuso prazer de uma recordação muito antiga que já não tinha o poder de magoar.

— Porque guarda essas coisas? — perguntou de novo Isabel. — Quer dizer, afinal nem sequer parecem valiosas.

— Para mim têm valor. Cada uma destas coisas tem para mim um significado especial. — Grace olhou para a menina. — Não tem um álbum de recortes?

Isabel abanou a cabeça surpreendida.

— Não, nunca guardo nada. Exceto a minha música, claro. Essa nunca deito fora.

— Porque não guarda coisas?

A menina encolheu os ombros.

— Não tenho nada para guardar.

Grace achou aquela afirmação infinitamente triste, mas não o mostrou. Preferiu sorrir.

— Talvez queira começar agora um álbum de recortes, porque agora terá coisa para colocar nele.

— Que coisas?

— Não sei. Um caracol do cabelo do seu pai, talvez, ou um pouco de seda vermelha para se recordar do vestido que a sua precetora não a deixou comprar.

— Mas porque haveria eu de querer guardar essas coisas?

Grace riu-se do espanto genuíno de Isabel. Tal como o pai, nada havia de sentimental naquela criança.

— Acredite ou não, Isabel, um dia talvez olhe para esse pedaço de tecido e se recorde do primeiro dia que fomos às compras. Depois há de rir do assunto, perguntando a si própria por que razão queria um lagarto de estimação. Acontecem-nos muitas coisas que no momento não parecem significativas, mas depois, quando olhamos para trás, ficamos contentes por terem acontecido e recordá-las faz-nos felizes.

Isabel apontou para os objetos na mesa.

— Essas coisas fazem-na feliz?

— Algumas, sim. — Grace ergueu nos dedos uma borla dourada. — Esta é de um vestido que usei num baile no Palácio de Schönbrunn. — Riu, ao recordar aquela noite. — Dancei todas as valsas.

— A senhora dançou a valsa no Palácio de Schönbrunn? — perguntou Isabel. — Com quem?

— Com o meu marido. Toda a gente disse que era incrível um casal dançar todas as valsas. Mas nós não nos importámos. Gostávamos de escandalizar os aristocratas.

— A senhora tem mesmo um marido? Não o inventou?

Um pouco surpreendida, Grace inclinou a cabeça, observando a menina.

— Tive um marido, sim. Morreu há dois anos. Porque pensou que o tivesse inventado?

— Há mulheres que não têm marido, mas dizem que têm para que as pessoas pensem que elas são respeitáveis.

— Isabel! — exclamou Grace sem saber se havia de rir ou de repreender a criança por tal afirmação. Sabia as coisas mais inesperadas sobre a vida.

Como sempre, a repreensão escorregou por Isabel como água.

— Nunca falava no seu marido e comecei a perguntar a mim mesma como ele seria, mais nada. Lamento que tenha morrido. — Baixou a cabeça e ficou a olhar para os objetos sobre a mesa. — A senhora... — deteve-se.

— Eu... — incentivou-a Grace, querendo saber o que a criança lhe iria perguntar.

— Nunca se sente só, Mistress Cheval?

Só? Grace fechou os olhos, sentindo um peso no peito.

— Às vezes.

— Eu também.

Grace abriu os olhos e olhou para a criança. Isabel continuava com a cabeça inclinada, o cabelo sobre o rosto, os ombros caídos. Grace estendeu a mão para afastar o cabelo dos olhos da criança.

— Todos se sentem sós de vez em quando, Isabel.

— Bem sei. — A menina fez uma pausa e depois disse num murmúrio, em tom de confiança: — Não é verdade, aquilo que eu disse, sabe... Eu não a detesto — acrescentou ao ver a expressão confusa de Grace.

— Ainda bem, porque aquilo que eu disse é mesmo verdade. Gosto muito de si.

— Gosta? — Isabel sorriu, mostrando de repente uma das suas habituais mudanças de humor tão parecidas com as do pai. — Então nunca mais me obriga a bordar, está bem?

— Está — respondeu imediatamente Grace. — Mas não se queixará mais de ter de aprender alemão.

Isabel fez uma careta, depois capitulou, com uma expressão alegre.

— Suponho que me ajudará a compreender melhor as óperas de Weber, não é verdade?

— Exatamente — concordou Grace a rir, desejando ter-lho feito notar logo de princípio. — Tem toda a razão.

Isabel apontou para um saquinho de veludo azul que estava sobre a mesa.

— O que é aquilo?

— Ah! — Grace pôs de lado a borla dourada e pegou no saquinho, desatou o cordão e retirou de lá uma luva de homem que estendeu a Isabel. — Esta luva pertenceu a Franz Liszt.

— Não! Impossível! — exclamou Isabel, mas pegou na luva. — Está a troçar de mim.

— Não. Consegui-a no ano passado quando deu alguns concertos em Paris. Ele vive lá, como sabe.

— É verdade que ele arrancava a luva antes de tocar?

— Sim. Eu estava a tocar na orquestra e vi que o fazia.

— Tocou com Liszt? De verdade?

— Sim. Três vezes.

Grace percebeu que tinha impressionado Isabel.

— Uma vez vi um retrato dele — afirmou a menina. — É assim tão bonito?

— Sim. É muito bonito. Provavelmente, o homem mais bonito que já vi.

— Liszt não é mais bonito que o meu pai!

— Assim é que eu gosto, uma filha fiel!

O som da voz de Dylan fez com que Grace e Isabel erguessem os olhos e o vissem entrar na

sala de música, surpreendendo-as com a sua inesperada aparição.

— Voltaste — disse Isabel, mas desta vez não correu para ele. Voltou-lhe as costas e sentou-se à mesa com os braços cruzados. — Disseste que voltavas muito tarde.

— Mudei de ideias. — Afastou os olhos da filha e Grace viu na expressão dele algo que nunca esperaria ver: uma centelha de culpa, o que a fez sorrir.

Ele apercebeu-se e não gostou. Franziu o sobrolho parecendo, de repente, querer defender-se.

— Os meus compromissos terminaram mais cedo do que esperava. É tudo.

Grace queria dizer-lhe que nem ela nem Isabel tinham pedido qualquer explicação.

— Claro — afirmou, sorrindo ainda mais. — É perfeitamente compreensível.

Grace apercebeu-se de que ele não gostava de ser censurado. Voltou-se, tirou o casaco e atirou-o para cima de uma cadeira. Dirigiu-se ao piano e ficou a olhar para as teclas, observando as pautas espalhadas pelo tampo de nogueira envernizado.

Grace disse para consigo que não era daquele tipo de mulheres que devorava os homens com os olhos. Porém, isso não a impediu de lhe espreitar longamente a figura, para apreciar. A camisa de linho branco, o colete de riscas pretas e douradas e as calças pretas serviam para acentuar ainda mais o seu poderoso físico. Demorou o olhar no corte apertado das calças. Só uma mulher cega não apreciaria tal visão.

Nunca se sente só, Mistress Cheval?

Só? Meu Deus, como lhe custava.

Recordava-se dele meio nu no quarto. Sim, recordava-se bem de mais. Todas as linhas dos seus músculos e tendões da parede forte do peito e dos ombros mantinham-se vivas no seu espírito. Os hematomas tinham apenas acentuado a atração da sua força masculina.

Grace observou-o junto do piano, recordando a si própria que não poderia seguir aquele caminho, imaginando o seu corpo nu. Se o fizesse, sabia qual seria o resultado. A ideia da sua sensação ao tocar-lhe a pele nua e de ele a tocar a sua invadia-a em doces ondas de calor.

Obrigou-se a desviar os olhos e voltou a atenção para o caderno de recortes, que tratou de abrir.

— Pensei em voltar para casa para passar algum tempo com a minha filha antes de ela se deitar — declarou Dylan.

Grace olhou para Isabel, ainda sentada de braços cruzados, os lábios apertados, sem parecer preparada para o perdoar.

Grace olhou para Dylan e apercebeu-se de que ele a observava em vez de olhar para a menina. Que pensaria? Que ela iria intervir para suavizar a situação? Se era isso, estava completamente enganado. Não teria qualquer ajuda. Desviou o olhar e começou a mexer nas coisas que tinha sobre a mesa, como se estivesse mais interessada no seu álbum de recortes do que nas dificuldades paternas de Dylan.

Passou um minuto antes que ele atravessasse o aposento para ir ter com a filha. Ajoelhou junto à cadeira em que ela se sentara.

— Pensei que poderíamos tocar duetos. A menos que ela quisesse atirar-me o piano à cabeça.

Grace ergueu os olhos mesmo a tempo de o ver esboçar um sorriso. Qualquer mulher, mesmo sem coração lhe perdoaria tudo.

Porém, com Isabel não valia a pena, porque a menina não voltou a cabeça para olhar para ele.

— Não conseguiria levantar um piano — resmungou.

— Ainda bem. Sabes quanto me custou esse *Broadwood* de cauda?

Foi o suficiente. Isabel começou a rir, incapaz de resistir por mais tempo ao encanto arrasador do pai.

— Vais então tocar em dueto comigo? — Dylan começou a fazer-lhe cócegas. — Ou vais continuar a fazer beicinho?

— Não estou a fazer beicinho. — Voltou a cabeça, viu o sorriso dele e riu ainda mais. — Oh, papá!

A capitulação final foi tão fácil. Grace não sabia se haveria de se sentir feliz pela menina ou de sentir pena de si mesma.

— Excelente! — Dylan levantou-se e puxou a cadeira de Isabel. — Vai — disse e apontou para o teto.

A menina levantou-se e olhou-o, confusa.

— Vou onde?

— Vai buscar a tua pauta. Não estás a pensar que eu iria tocar outros duetos que não os teus, pois não?

Isabel riu, saltou da cadeira e saiu da sala com a rapidez de um raio.

— Foi fácil para si — disse Grace.

— Bem sei que a senhora teria sido muito mais severa. — Dylan desviou-se da cadeira de Isabel para ficar junto da de Grace.

— Muito — concordou ela sem o olhar. Agarrou no frasco da cola e fingiu estar completamente absorvida na disposição da borla dourada na página. — Eu tê-lo-ia feito sofrer muito mais.

— Durante quanto tempo, Grace? — A mão dele, ainda marcada pelos hematomas, entrou na sua linha de visão. Dylan inclinou-se e tocou na borla. — Quanto tempo me teria feito sofrer?

Grace ficou a ver a mão dele brincar com os fios de seda dourada e a recordação das pontas daqueles dedos passando-lhe pela pele enviaram-lhe imediatamente uma onda de calor por todo o corpo. Ele inclinou-se mais para ela.

— Quanto mais sofrimento terá um homem de suportar?

Dylan nem lhe tocava, por amor de Deus, e ela sentia o corpo em fogo. Fechou os olhos. Nenhuma mulher sensata se envolveria com Dylan Moore, disse para consigo três vezes antes de abrir os olhos.

Dylan deixou de brincar com a borla. Segurou então a luva branca, passando o polegar pelos fios de seda negra das iniciais do outro compositor que nela estavam bordadas. Endireitou-se atrás da cadeira.

— Liszt deu-lhe isto, não é verdade? Se fazia parte da orquestra, provavelmente atirou-lha para o colo.

Dylan deveria ter ouvido grande parte da sua conversa com Isabel.

— Sim, atirou-a para o meu colo. — Ela ergueu os olhos com um sorriso provocador. — Não é surpreendente?

— Meu Deus, não. — Dylan fez uma pausa, envolvendo com a mão a luva, num contraste tão masculino com o tecido imaculado e o monograma de cetim. — Sabia porque ele o fez, claro.

— Claro que sabia — disse ela, alargando o sorriso, brincando com o fogo.

Houve uma longa pausa.

— Aceitou o convite dele?

Grace apercebeu-se de que Dylan se sentia irritado com a ideia de que ela pudesse ter aceitado. Poderia também atormentá-lo.

— Está a fazer-me uma pergunta impertinente — respondeu com afetação.

— Mas responda, seja como for — inclinou-se para ela. — Aceitou?

Os passos de Isabel a correr, salvaram-na de ter de responder à pergunta. Dylan endireitou-se, lançou a luva para a mesa e afastou-se de Grace antes de a filha entrar na sala.

— Grace — disse, voltando-se para trás enquanto se encaminhava para o piano de cauda. — Quer voltar as páginas para nós?

Ela olhou para Isabel e viu-a olhar para o pai com tal adoração que foi impossível recusar. Foi ter com eles junto do piano de cauda, tomando o lugar competente, à direita de Dylan, ligeiramente atrás dele. Isabel colocou a pauta dos duetos na estante e abriu-a.

— Um e dois e três — contou Dylan e começaram. O ritmo era rápido e a melodia alegre. Enquanto voltava as páginas, Isabel observava as mãos deles passarem pelo teclado, a dele tão grande, a de Isabel tão pequena, lado a lado. Tocavam tão bem juntos, que pareciam tê-lo feito desde que Isabel tinha idade para se sentar.

Mesmo sem ensaiarem juntos, cometeram apenas dois erros, tendo chocado quando a música exigia que as mãos se cruzassem. Grace voltou a última página, tocaram os últimos acordes e depois detiveram-se. Começaram os dois a rir.

— Excelente dueto — disse Dylan à filha. Agarrou-a de repente pela cintura, fazendo-a gritar de alegria e pô-la no colo. — Vamos tocar assim. Tu ficas com metade da minha parte no dueto e eu fico com metade da tua parte.

— Papá — gritou ela, continuando a rir, mesmo enquanto protestava. — Isso não dá resultado!

— Porque não?

Voltou a cabeça para olhar para o pai.

— Não podemos tocar um dueto assim!

— Quem disse? — perguntou Dylan. — Vamos experimentar.

E fizeram-no. Mas a confusão foi tão grande que Grace nem precisou de lhes voltar as páginas. Pai e filha desistiram, pois Isabel ria tanto que nem conseguia tocar com coerência.

Nesse momento, Molly entrou na sala e o riso de Isabel desapareceu imediatamente, sabendo que a chegada da ama significava o final da diversão.

— Peço perdão, senhor — disse com uma reverência. — São horas de deitar a menina Isabel.

— Oh, não! — exclamou Isabel, voltando-se para encostar o rosto ao peito do pai. — Oh, papá! — gritou lançando-lhe os braços ao pescoço. — Ainda não! Não poderíamos tocar outra vez? Estou a divertir-me tanto. Por favor.

Só um homem feito de pedra não se comoveria. Grace viu-o fechar os olhos, apertar os lábios e levar as mãos atrás do pescoço para lhe pegar nos pulsos e retirá-la. Depois, para surpresa de Grace, mudou de ideias, abraçou a filha e voltou a cabeça para enterrar a face nos cabelos dela.

Grace pestanejou e afastou os olhos. Talvez Isabel tivesse razão e ela estivesse errada. Talvez os homens pudessem mudar. Alguns homens. Por vezes.

Momentos depois, Dylan levantou-se com Isabel ao colo.

— As meninas têm de ir para a cama, porque precisam de dormir — disse. — Agora chiu — advertiu-a quando ela começou a protestar. Dirigiu-se à porta, levando-a nos braços. — Temos muito tempo para os duetos.

Grace e Molly seguiram-nos pela escada até aos aposentos das crianças e ao quarto de Isabel. Molly abriu a cama e Dylan deitou Isabel, puxou a roupa e sentou-se na beira da cama. O seu corpo parecia diminuir a pequena cama e a criança ainda ficou a parecer mais pequena.

Grace observou-os um pouco afastada, enquanto Molly andava pelo quarto, arrumando as coisas. Do local onde se encontrava, um pouco atrás de Dylan, Grace não lhe podia ver o rosto, mas via o de Isabel e observava a expressão subitamente pensativa da criança.

— Papá? — Isabel olhava para ele com a testa franzida. — Vais sair esta noite?

Passou um segundo, depois dois.

— Sim.

Isabel tirou um braço para fora da roupa e agarrou-lhe a mão.

— Tens mesmo de ir?

— Tenho compromissos a cumprir.

— Compromissos como?

Grace viu-o mudar de posição e inclinar-se para beijar o nariz de Isabel.

— Que te importa? — disse a rir. — Vais estar a dormir.

Para surpresa de Grace, Isabel não fez mais tentativas de discutir o assunto. Acenou com a cabeça e soltou-lhe a mão, continuando com a testa franzida e expressão abstrata.

Dylan levantou-se, colocou o braço da criança dentro dos lençóis e aconchegou-a.

— Boa noite, pequenina — murmurou e puxou-lhe a colcha para o queixo.

Isabel não replicou nem tentou discutir com o pai sobre o assunto, o que causou algumas suspeitas a Grace. Ficou a olhá-la mais um momento, mas Isabel fitava o teto, sem dúvida perdida nos seus pensamentos. Grace daria tudo para saber o que se passava no espírito daquela inteligente criança. Tinha a certeza de que dali viria um problema.



Grace e Dylan deixaram Isabel ao cuidado de Molly e saíram juntos dos aposentos das crianças. Como ele tencionava ausentar-se, Grace esperava que se despedisse no primeiro andar e se dirigisse ao quarto para mudar de roupa, mas, para sua surpresa, não o fez. Acompanhou-a até ao rés-do-chão.

— Vai trabalhar? — perguntou, apontando para aquilo que deixara sobre a mesa quando entraram na sala de música. — Posso levar as minhas coisas para a sala de visitas.

— Não. Deixe estar. Eu vou sair.

Porém, não fez qualquer movimento para sair. Seguiu Grace quando esta voltou para a mesa, mas não se sentou. Enquanto ela retomava o trabalho no álbum, Dylan foi observando os fragmentos da vida da jovem, espalhados sobre a toalha branca.

Grace observou-o por entre as pestanas enquanto ele andava em redor da mesa. Era um homem imprevisível. O seu humor alterava-se de um momento para o outro e fazia as coisas mais inesperadas. Nessa noite, por exemplo. Se alguém lhe dissesse nessa tarde que ele praticamente fugira dos aposentos das crianças, que, à noite, iria aconchegar a roupa da menina, Grace não acreditaria. Se alguém lhe dissesse que ele sentiria remorsos acerca fosse do que fosse, teria dito que esse alguém estava a sonhar.

Baixou os olhos para as mãos dele que parara na sua frente, passando os dedos por um pequenino objeto de ouro cintilante, para logo o observar.

— Um gancho de cabelo?

Grace olhou para o fino objeto de ouro que ele tinha entre os dedos.

— Houve uma época em que tinha uma caixa cheia deles — disse. — Tive de os vender, mas guardei esse.

— Porquê guardar um? E porquê colá-lo num álbum de recordações?

— Os ganchos foram presentes da minha mãe quando fiz dezassete anos. Guardei um porque não queria... — Grace calou-se e engoliu em seco, sem erguer os olhos da mão dele e do gancho. — Porque não queria esquecer.

Ele deu mais um passo em redor da mesa, aproximando-se dela.

— Esquecer o quê?

Dylan deteve-se à direita dela, um pouco atrás. Grace fez um esforço para erguer a cabeça e voltá-la, para lhe olhar para o rosto. Dylan observava-a, a boca séria, sem sorrir, enquanto esperava a resposta, de vital importância, ou talvez não.

— Não queria esquecer a minha mãe, a minha infância, o sítio de onde vim. A minha casa e a minha família.

Falou em voz entrecortada, afastando os olhos para os objetos que estavam sobre a mesa. Toda a sua vida estava ali, toda ela, naquele álbum e naquele pequeno monte de objetos. Restava-lhe aquilo e as recordações. Tudo se turvou quando viu passar diante dos seus olhos toda a confusão que era a sua vida.

— Grace, não chore.

Como poderia ele saber que ela estava a ficar estupidamente chorosa? Não conseguia ver-lhe o rosto daquele ângulo, pois encontrava-se um pouco atrás.

— Não estou a chorar.

Ele aproximou-se e inclinou-se para lhe tocar nas pestanas. Ela pestanejou, esmagando uma lágrima com a ponta de um dedo, mostrando que estava a mentir.

— Não — disse ele delicadamente, retirando a mão. — Sei que a senhora é demasiado sensata para ficar tão sentimental por causa de um gancho de cabelo. Perdoe-me por pensar em tal coisa.

Grace percebia pelo tom de voz que ele estava a sorrir.

Recordou-se de que Dylan Moore era um libertino. Sabia tudo acerca dele e como lhe era fácil obter a mulher que quisesse. Tinha dinheiro para a comprar, sorrisos para a seduzir, encanto para a vencer, coragem para lhe agradar em tudo o que fosse necessário em qualquer momento. Sabia jogar com tudo isso tão bem como com as notas musicais e construir uma melodia capaz de apaixonar muitas mulheres.

A reputação de Dylan tornava-a consciente das outras mulheres a quem oferecera as suas potentes atenções. Agora fazia-o com Grace. O pior era ela não querer acreditar que se tratava de uma farsa. Queria tanto pensar que ele lhe oferecia tanta atenção por gostar dela. Mas era uma ilusão perigosa.

Os seus casos amorosos eram lendários, bem como o modo como terminavam. Grace suspeitava que Dylan nunca se preocupava verdadeiramente com essas mulheres e, o que era pior, não achava nisso nada de estranho.

As mãos dele entraram-lhe na linha de visão, mas já sem o gancho de cabelo. Não sabia o que lhe tinha feito. Dylan estendeu a mão para a mesa, inclinando-se por trás dela, tocando-lhe com o peito no ombro, para apanhar uma fita cor de rosa que ela guardara de uma caixa de bombons vienenses.

Endireitou-se com a fina tira de seda cor de rosa nos dedos. Ela seguiu o movimento com os olhos, sem os desviar da mão dele. Assim, na mão dele, a fita parecia uma bagatela absurda e frívola. Dylan ergueu a outra mão e Grace viu-o fazer um laço com o bocadinho de seda. Antes que ela se apercebesse da intenção, já ele estava atrás dela pondo-lhe o laço no cabelo, provavelmente com a ajuda do gancho.

A jovem manteve-se perfeitamente imóvel enquanto ele arranjava o improvisado enfeite entre a massa de tranças enroladas na nuca. Depois não se afastou. Abriu as mãos sobre a fita e as tranças e manteve-se imóvel.

Que estará a fazer?, perguntou quando se passaram vários segundos e ele não se mexeu. Como se respondesse a essa pergunta silenciosa, ele passou-lhe os dedos nas têmporas e inclinou-lhe a cabeça para trás, ficando a olhá-la com as pestanas negras tão próximas e a centelha de um sorriso a curvar-lhe os lábios. Ele inclinou-se mais até ela deixar de lhe ver a face e a boca, conseguindo apenas divisar a coluna longa e forte do pescoço de Dylan e a pulsação que nele batia. Pegando-lhe na cabeça com as mãos e acariciando-lhe a testa com os polegares, beijou-a.

Grace sentiu-se desarmada por aquele contacto, pela terna pressão dos lábios dele nos dela, naquele beijo invertido. Para ele, era apenas um jogo, mas era difícil Grace preocupar-se com isso quando ele lhe puxou o lábio inferior com os seus sugando suavemente como se fosse um rebuçado, mordiscando, provando, saboreando.

Grace estava dividida. O seu bom senso e respeito próprio ameaçavam abandoná-la completamente na pesada aura do desejo. Beijos invertidos, emoções turvas e ele, as suas mãos, a sua boca, os seus longos cabelos como uma cortina junto ao rosto dela. Estava tão confundida que já nem sabia em que acreditar, mas sabia que desejava acreditar nele. Desejava-o como havia muito

não o desejava.

Dylan endireitou-se, passou as mãos pelos braços dela e ajudou-a a levantar-se.

— Grace?

Ela sentiu que a cadeira que os separava estava a ser retirada do caminho.

— Sim?

— Teve um caso com Liszt? — perguntou com os lábios junto aos cabelos dela. Como ela não respondesse, ele puxou-a para o peito, passou-lhe as mãos pelos braços e rodeou-lhe a cintura. — Diga-me. — E inclinou a cabeça para o ouvido dela. — Se não me disser — acrescentou com a voz baixa e sedosa —, terei de ficar aqui a beijar-lhe a orelha até que o faça.

Fez seguir a ação às palavras e Grace estremeceu, com o corpo a tremer da cabeça aos pés.

— Gostou, não é verdade? — perguntou. Grace sabia que ele estava a sorrir. Beijou-a de novo, provocando-a. — Ou não?

— Sim — respondeu ela sufocada. — Sim.

— Meu Deus, adoro essa palavra.

Quando ele lhe tocou com a boca no lóbulo da orelha, Grace soltou um gemido sufocado e sentiu que os joelhos lhe cediam. Dylan passou um braço em volta dela, estreitando-a ainda mais, tocando-lhe com os dentes na orelha. Com a mão livre começou a abrir-lhe os botões do corpete. Grace deveria impedi-lo. Mas não o fez.

Era flagrante que se sentia excitado. Mesmo através das camadas de roupa dela e da sua, Grace sentia-lhe o pénis de encontro às nádegas e moveu-se, saboreando essa sensação, procurando instintivamente o que o espírito lhe dizia que não deveria querer. Ele continuou a desapertar-lhe os botões do vestido ao mesmo tempo que a apertava de encontro a si e ela sabia que deveria impedi-lo enquanto ainda era possível.

— Dylan... — disse inspirando profundamente, mas ele impediu-a antes que ela pudesse dizer-lhe que parasse.

— Teve ou não um caso com Liszt? — perguntou-lhe ele de novo, desta vez em voz baixa e rouca, exigindo uma resposta. — Quero saber.

— Porque haveria de se preocupar?

— Porque me preocupo. — Passou a mão por baixo da beira do corpete para lhe acariciar o seio. Tomou-o na mão por cima do tecido. — A senhora preocupou-se?

Grace ouvia os seus próprios gemidos sufocados.

— Não sou esse tipo de mulher — disse, ofegante, voltando-se nos braços dele, tentando recordar-se disso mesmo, naquele momento. — Sabe disso. Não tenho casos amorosos.

— Virtuosa. — Parecia tão feliz, o danado.

Ele riu em surdina, soprando o seu hálito quente sobre a garganta de Grace.

— Pobre Franz.

Aflorou-lhe com os dedos o lado do seio dentro dos confins do corpete, pousando-lhe em seguida no ombro vários beijos ardentes até onde a orla do vestido parcialmente aberto lhe punha a pele a descoberto. Dylan emitiu um som impaciente e deixou de lhe acariciar o seio, erguendo as mãos para abrir mais botões do vestido.

— Ouvi o que disse. Falava a sério, Grace? — Tinha a respiração entrecortada enquanto lhe abria os restantes botões do vestido e desapertava as fitas da camisa com grande habilidade, recordando-a de quantas vezes já o deveria ter feito. Puxou o tecido do vestido e da camisa, pondo-lhe os ombros a descoberto. — Sente-se só?

Era uma pergunta injusta. Grace não respondeu, pois, de facto, não tinha de o fazer. Dylan entretinha-se a explorar aquilo que já sabia. E ela deixava-o.

Tomou-lhe os dois seios, passando os polegares pela pele nua por cima do corpete. Insinuou a coxa entre as dela. Sem se sentir impedido pelos folhos da saia fez deslizar a sua coxa para onde o calor mais a invadia.

— Sente?

— Eu... não acredito... oh, meu Deus. — A voz dela desvaneceu-se. Sentia-se a perder a razão, sabia que tinha de o mandar parar. A sua solidão não deveria ser mitigada por um garanhão frenético. Tratava-se de um ato sem amor que a deixaria a sofrer ainda mais do que sofria. Se esperasse, se permitisse que ele agisse assim, Dylan apagaria nela todos os sinais de respeito próprio. Mesmo quando a coxa dele deslizou provocadora contra as dela, arranjou forças para dizer: — Dylan, pare.

Pare. Algures para lá do fogo do seu corpo e do ruído na sua cabeça, Dylan ouviu a palavra. Não queria ouvi-la, tentava pensar que de facto não a ouvira. As mulheres diziam todo o tipo de tolices naqueles momentos.

Grace não podia estar a falar a sério. Não podia mesmo. Logo naquele momento, logo quando as suas mãos continham os seios dela, quando sentia a cabeça às voltas e uma enorme ereção e ouvia os seus gemidos eróticos. Logo quando tudo o que queria era levantar-lhe as saias, entrar nela e terminar aquela tortura. Parar, naquele momento, não seria possível.

Dylan sentiu-a de novo junto a si, mas com um movimento diferente. Estava rígida e afastava-se.

Não podia deixá-la ir. Tudo dentro de si exigia que terminasse. Agarrou-lhe os ombros para a manter junto a si.

— Também eu me sinto só, Grace. — Apercebia-se da urgência do seu tom de voz. — Suba comigo. Agora.

Ela estava gelada, completamente rígida.

— Pensei que ia sair.

— Quando podia passar a noite consigo? — Se não sentisse tão grande desejo, rir-se-ia do que estava a dizer. Naquele momento, nada se poderia comparar com a mulher que tinha nas mãos. Mergulhou o rosto no pescoço dela, sabendo que tinha de esquecer a louca ideia de parar por ali. — Sair agora? — gemeu-lhe ao ouvido. — Nem pensar nisso.

Sentiu-a vacilar por um segundo, mais doce, estremecendo nos seus braços e levando-o à loucura. Depois, sem aviso, ela afastou-se, soltando-se das mãos dele.

— Não — disse num tom tão sincero que nem os excitados sentidos de Dylan poderiam ignorar. — Não posso fazê-lo. Não quero.

Ele gemeu um irritado protesto e o corpo revoltou-se-lhe contra aquele súbito e inexplicável afastamento.

Grace afastou-se dele abotoando o vestido com a cabeça baixa. Dylan pôs-se em frente dela e viu que as mãos lhe tremiam.

— Grace — disse, tentando ser delicado quando dentro dele nada mais havia que um escaldante caos masculino. — Grace, fique comigo.

— Fico. — Falava num tom orgulhoso e frio, irritante de tão normal. Apenas a tremura dos dedos dela ao apertar o último botão a denunciava. — Tenho de ficar um ano.

— Não é disso que falo. — Estendeu o braço, segurou-lhe o rosto com as mãos.

— Eu disse que não — lembrou Grace em voz suave e sem tentar fugir-lhe. Olhou-o nos

olhos. — Deu-me a sua palavra de honra.

Dylan gostaria de naquele momento se ter rido das ideias de honra, mas os olhos dela estavam tão firmes, não vacilavam. De súbito, apercebeu-se de que ela teria medo. Se ficasse mais um instante não sabia o que poderia fazer. O gemido no seu cérebro era agora um guincho e parecia-lhe que a cabeça queria explodir.

Soltou o pior impropério que conhecia e voltou-lhe as costas, para se dirigir às portas, odiando-a, odiando-se. Tinha de sair dali antes que se descontrolasse. Nunca na vida estivera à beira de forçar uma mulher.

Atirou com as portas com tanta violência que provavelmente danificara as paredes. O criado que estava sentado na cadeira perto da porta pôs-se de pé de um salto.

— Manda vir a minha carruagem — ordenou Dylan, sabendo que gritava mais alto que o ruído que lhe soava no cérebro. — Vou sair.

Subiu as escadas a correr até ao quarto, mandou Phelps ir buscar água quente e, em menos de quinze minutos, fizera a barba, vestira um traje de cerimónia e já se encontrava no vestíbulo à espera da carruagem, o corpo raivoso de sensualidade contida, a cabeça atordoada com os sons, a estática e os gemidos eróticos que ouvira a Grace dois segundos antes de ela lhe ter fugido dos braços.

Certamente estaria a ultrapassar os limites da loucura. Grace que deveria ser o seu antídoto, enlouquecia-o. Havia semanas que ofegava atrás da mulher como um cachorrinho, sempre rejeitado, mas sempre em busca de mais.

Nas duas últimas semanas, enquanto o seu corpo sarava, tentara não pensar nela para poder trabalhar na sinfonia, mas ela continuava a interferir, invadindo-lhe os pensamentos com tal persistência que ouvir música fora-lhe impossível. Afinal, as coisas não eram assim tão diferentes do tempo em que Grace não estava. Continuava a não conseguir compor. Saía, passeava pela cidade, procurava os seus prazeres, satisfazia os seus caprichos, fazia tudo o que lhe era habitual, com uma flagrante exceção.

Nunca mais tocara numa mulher nem tão-pouco levara alguma para a cama. Não o quisera fazer. Ficara completamente cativo da mulher que vivia sob o seu teto.

Quanto mais tempo duraria aquilo? Havia semanas que esperava conseguir beijos apaixonados e algumas fantasias eróticas. Mas queria realidade erótica, que diabo!

Antes de a noite terminar, haveria de ter uma mulher debaixo dele, uma mulher desejosa e disposta, que não se negaria no preciso momento em que sentia as calças rebentarem-lhe. Uma cortesã, uma prostituta, uma mulher da rua — tudo era melhor que uma mulher de virtude. Quando diabo se esquecera disso?

No instante em que a carruagem chegou diante da casa, Osgoode colocou a capa nos ombros de Dylan e um criado abriu a porta para ele sair para o ar suave da noite.

Aliviar-se-ia daquele tormento. Sabia exatamente do que precisava e não era de uma mulher virtuosa.

Ainda bem que a casa do papá ficava à esquina da praça, pensou Isabel acocorada nas sombras da noite, observando por entre as grades do portão lateral quando o landau do pai saiu das cavalariças e estacionou diante da casa. Soltou um suspiro de alívio por terem erguido a capota e o landau estar fechado.

Quando a carruagem passou por ela, pegou no cobertor de lã negra que trouxera consigo, abriu o portão e seguiu-a até à esquina da casa, onde o veículo voltou à esquerda.

Isabel não continuou a segui-lo. Parou, encostando-se à parede à escuta e à espera que o landau passasse pela sua porta a uns passos de distância. Ouviu a porta da carruagem abrir-se e o pai dar a direção a Roberts e depois a porta a fechar-se. Nesse momento, espreitou e viu que Roberts estava de costas para ela e se encaminhava para o assento do cocheiro, à frente.

Isabel sabia ser aquela a sua oportunidade. Afastou-se da esquina e correu para a carruagem. Agarrou a barra e içou-se para a plataforma traseira, onde costumava ir o criado.

— Adiante — disse Roberts. O landau deu um salto para a frente e partiram. Isabel não era suficientemente alta para que Roberts a visse, se por acaso olhasse para trás, mas também não queria ser notada por quem passava na rua, pessoas que pudessem ser suficientemente inteligentes para se aperceberem de que o criado na traseira da carruagem era muito baixo, muito pequeno e não usava libré. A última coisa de que precisava era que alguém avisasse Roberts de que transportava um clandestino. Cobriu-se completamente com o cobertor negro e enrolou-se na plataforma, na esperança de que quem a visse pensasse que se tratava de um fardo que transportavam.

A menos que chegasse aos jornais de sociedade, como acontecera com a luta na quinzena anterior. Isabel não ignorava o paradeiro do pai quando ele saía à noite. Podia deitar-se a adivinhar. Dylan pertencia ao Brooks e a vários outros clubes, embora ela não fizesse a mínima ideia daquilo que os homens lá faziam. Sabia que jogavam e bebiam. Não se preocupava com isso. O pai parecia ganhar muito dinheiro às cartas e até podia dar-se ao luxo de perder. Bebia, mas nunca se tornava um desses homens horríveis que faziam coisas más quando estavam embriagados, por isso não havia problema.

Quanto às outras coisas, de algumas até se orgulhava muito. Era emocionante ter um pai bem parecido que praticava esgrima em cima de muros de pedra e que fazia corridas de faetonte com outros membros do Four-in-Hand.

Porém, as suas aventuras com mulheres eram um assunto diferente. Isabel sabia do assunto e iria pôr fim a essa história. Se ele ia ser o tipo de pai que ela desejava, teria de se casar com uma mulher simpática. Depois, ela teria irmãos e irmãs com quem brincar e já não se sentiria só. Queria viver na propriedade do pai, no campo, onde havia pomares, pintainhos e póneis.

Na viagem de Metz, planeava como haveria de ser a sua vida com o pai e estava decidida a que não se afastasse desses planos. O papá teria de mudar e ela ajudá-lo-ia.

Não sabia durante quanto tempo andaram nem a que distância se deslocaram, mas pareceu passar muito tempo antes que o landau abrandasse por fim e depois se detivesse.

Sentiu a carruagem estremecer um pouco quando o cocheiro desceu para abrir a porta e o pai sair. Ouviu a conversa dos dois homens, qualquer coisa acerca de o papá estar disposto a ficar ali durante várias horas e como Roberts poderia levar a carruagem para as cavalariças. Enviaria um recado quando quisesse o landau de volta.

Isabel fechou os olhos com força e manteve-se perfeitamente imóvel, na esperança que nenhum dos homens olhasse para as traseiras do veículo. Se o fizessem, vê-la-iam certamente. Mas quando sentiu a carruagem movimentar-se por Roberts ter subido para o seu lugar, espreitou por baixo do cobertor e viu o pai entrar numa casa. Era uma pequena vivenda, rodeada por um pequeno parque com árvores.

A carruagem deu a volta pelas traseiras da casa e Isabel puxou de novo o cobertor para a cabeça. Quando o landau parou nas cavalariças, Roberts foi cumprimentado pelas vozes masculinas dos outros cocheiros e Isabel concluiu que o pai já tinha estado naquela casa, pois os seis cocheiros pareciam conhecer-se bem.

Isabel tinha de esperar por uma oportunidade para se escapar sem ser vista, o que levou muito tempo. Só surgiu a ocasião quando os homens começaram um jogo de dados. Pelo som das vozes, apercebeu-se de que jogavam junto à parte da frente das carruagens e, quando o jogo ficou mais emocionante, Isabel espreitou por baixo do cobertor. Como viu apenas a porta dos estábulos à sua

frente, desceu da plataforma e fugiu, ouvindo atrás de si os gritos excitados do vencedor.

Com a ajuda da hera, trepou o muro da vivenda. Experimentou abrir várias portas em volta do edifício, mas estavam todas fechadas, até que chegou a uma estufa do lado oposto da casa. A porta estava aberta. Grata aos criados descuidados, entrou.

Ouiu música de piano, vozes e risos vindos do andar de cima. Talvez houvesse uma festa. Penetrou na casa evitando os poucos criados e conseguiu chegar à escada sem que ninguém a visse. No cimo desta, apercebeu-se do tipo de festa que estava a acontecer.

Isabel já havia espreitado festas daquelas. A mãe dera algumas. Lançou um olhar para as escadas e espreitou rapidamente, escondida pela ombreira da porta da sala.

Sim, era exatamente o que esperava. Palmeiras de seda, muitos espelhos dourados e papel de parede vermelho. Não compreendia por que razão as casas das cortesãs haveriam todas de ter papel de parede vermelho, mas algum significado teria. Havia fumo no ar e sentiu o cheiro do tabaco e do haxixe. O pai deveria estar naquele salão, ou então ter subido ao andar seguinte com uma das mulheres. Tinha de o saber.

Espreitou mais um pouco. Havia um piano a um canto e um rapaz a tocar e várias mesas de jogo com homens e mulheres que jogavam póquer e iam tirando a roupa. Havia casais semiestendidos em cadeirões, sofás e no chão mas não estavam a conversar. Um rapaz negro suave, abanando um enorme leque sobre o grupo, mas a atmosfera saturada de fumo dos charutos e dos cachimbos de vidro tornava fútil o esforço.

Isabel escondeu-se de novo, com os lábios apertados de raiva e desagrado. As coisas não eram muito diferentes ali em Inglaterra do que tinham sido em Metz. Não era a mãe, mas era o pai. E já lhe bastava.

O pai estava algures ali e ela ia encontrá-lo. Lançou um novo olhar, desta vez mais demorado, a todo o salão e foi então que o viu. Estava no canto oposto, deitado ao contrário numa *chaise longue*, com a cabeça para a porta, o cabelo apanhado em parte pela mão de uma mulher que se encontrava debaixo dele, uma mulher de longo cabelo loiro que caía pela frente da *chaise longue* e chegava ao chão. Isabel viu-o sorrir à mulher e sentiu como se tivesse levado um pontapé no estômago. Era o seu pai, não havia engano possível.

Ele baixou a cabeça e enterrou o rosto no quase exposto colo da prostituta que arqueava o corpo na sua direção. O braço dela caía para o lado, deixando que o cabelo dele caísse como uma cortina negra sobre ambos. Ao ver aquela cena, Isabel sentiu que todos os seus planos de fazer parte de uma verdadeira família passariam ao esquecimento. Entrou no salão.

Durante alguns momentos ninguém reparou nela. Depois o piano parou de tocar, as pessoas começaram a murmurar na sua direção e a sala aquietou-se. Por cima do murmúrio de vozes abafadas ouviu-se o riso entrecortado de uma mulher.

— Com que então! — exclamou ela. — Mas o que temos nós aqui?

Isabel não se voltou para olhar para a mulher que falara. Manteve o olhar fixo no pai, cruzou os braços e disse em voz alta e clara.

— Vim buscar o meu pai para o levar para casa.

Dylan ergueu a cabeça e sacudiu o cabelo enquanto a filha esboçava um sorriso implacável e satisfeito ao ver a expressão abismada do rosto dele.

A sua voz chocada de barítono quebrou o silêncio da sala.

— Valha-me Deus!



Dylan não esperou que lhe fossem chamar a carruagem. Nem olhou para as pessoas que se encontravam no salão. Nem sequer apanhou do chão o casaco de cerimónia. O seu único pensamento foi retirar a criança daquele local. Em silêncio, tomou-a nos braços e levou-a para fora do salão, tapando-lhe os olhos enquanto passavam pelos casais apaixonados e meio despidos que se encontravam na escada. Depois dirigiu-se à porta da rua.

— Papá.... — começou ela enquanto ele a levava a toda a pressa para os estábulos atrás da casa.

— Nem uma palavra, minha menina — disse ele. — Nem uma palavra.

Isabel pareceu aceitá-lo com submissão, pois nada mais disse e ele sentiu-se satisfeito por isso. Não queria discutir o assunto, nem quando sentia o estômago às voltas só de pensar o que ela poderia ter visto. Inspirava longos haustos de ar, tentando eliminar o efeito do haxixe. O pulso batia-lhe como um tambor e o gemido no cérebro aumentava de novo. Nunca na sua vida se sentira tão zangado.

— Roberts! — berrou entrando nos estábulos e interrompendo a emocionante partida de dados do cocheiro. — Vamos embora! E é imediatamente!

O jovem e bem-disposto cocheiro perdeu o sorriso ao aperceber-se do que o seu patrão trazia nos braços.

— Mas que raio — exclamou e, ao olhar para a expressão lúgubre de Dylan, tocou no chapéu para demonstrar a sua aquiescência e começou a puxar os cavalos. Dylan retirou Isabel do pátio dos estábulos e ficou à espera e só recuperou a fala quando os dois estavam dentro do landau e a carruagem já se dirigia para casa.

— Mas que diabo estavas tu a fazer? — perguntou. — E como chegaste lá?

— Fui na plataforma traseira da carruagem, como se fosse um criado, mas o que importa isso? Queria saber onde ias à noite e parece-me que já sei, ou não? — Isabel olhou o pai e o luar iluminou-lhe o rosto. A expressão da menina era de repugnância e desprezo feminino. Ao olhá-lo daquele modo, a filha perturbava-o de uma maneira que nunca uma mulher conseguira perturbá-lo.

— Sabes como Londres pode ser perigosa? — gritou ele. — Quando penso no que te poderia ter acontecido... — Interrompeu-se, furioso, horrorizado, alarmado pelos possíveis perigos que poderiam ocorrer a uma menina pequena, sozinha, à noite numa rua de Londres. — Se me seguires mais uma vez que seja, esfolo-te!

Isabel voltou o rosto e olhou pela janela da carruagem. Dylan apercebeu-se do brilho de uma lágrima no rosto da menina, uma lágrima de dor genuína, e sentiu uma força maior que um golpe físico atingir-lhe o peito. Doeu-lhe o coração e um nó na garganta parecia sufocá-lo. Desde o princípio que sabia que seria um mau pai. E ali estava a prova.

Dylan passou as palmas das mãos pelo rosto, sem saber o que fazer. Se Grace ali estivesse, poderia aconselhá-lo, mas, tendo em conta onde estivera, ser-lhe-ia difícil explicar e pedir o seu conselho.

A cortesã loira parecia-se um pouco com ela, esguia, com o cabelo como seda dourada. Fora

por isso que a escolhera, claro. Tinha olhos azuis, não verdes, mas como estavam fechados e os lábios dela se abriam num êxtase fingido enquanto a acariciava por baixo das saias, quase acreditara na fantasia. Uma pobre substituta para um homem desesperado.

Agora olhava para a filha, que era quem sofria, e não sabia o que lhe dizer. Estendeu a mão e tocou-lhe a face, secando-lhe a lágrima.

— Isabel... não chores.

Ela deu-lhe uma palmada na mão para a afastar.

— Não me digas que não posso chorar — ripostou com toda a fúria infantil de que uma criança de oito anos era capaz de demonstrar. — Nada é diferente aqui — acrescentou limpando ela própria a lágrima. — Onde quer que estivesse, sentava-me no meu quarto, olhava pela janela e sonhava que um dia tu me irias buscar e eu teria um pai verdadeiro. Pensava que me virias buscar para me levar para Inglaterra e que viveríamos numa casa no campo e eu teria um pónei, um pomar de macieiras, e tomarias conta de mim. — Os olhos da menina penetravam-no, acusadores, zangados, cheios de desprezo. — Nunca apareceste.

— Não sabia que existias.

— Mas agora sabes — contrapôs Isabel e ele não a podia contradizer. — Mesmo assim não importa. — A voz dela prendeu-se num soluço. — Só queres afastar-me do teu caminho! És como todos os outros!

Dylan franziu a testa.

— Quem são todos os outros?

Ela inclinou-se para trás no assento. Fungou, puxou as pernas e abraçou os joelhos e olhou para ele.

— Os amigos da minha mãe. De cada vez que ela arranjava um novo amigo, mudávamos de casa, ele vinha, ficava, a mamã dizia que ele seria o meu papá, mas nenhum deles o era. Eras *tu* e nunca apareceste. Quando esse novo papá fingido se cansava da mamã, mudávamo-nos outra vez. Esse lugar... — Fez uma pausa para apontar com o polegar para o local de onde acabavam de sair. — A mamã vivia num assim quando tu foste a Metz. Ouvi-a contar a história a uma pessoa.

Vivienne. Passou-lhe pelo espírito a vaga recordação de uma bonita cortesã de cabelo escuro e olhos castanhos. Não tinham conseguido entender-se. Passara uma ou duas noites com ela, mas o preço da sua exclusividade era demasiado elevado e ele não a achara digna do valor que exigia.

Dylan sentiu a terra abrir-se debaixo dele e cair numa caverna profunda e escura em direção ao inferno.

A culpa não foi minha, tentava dizer a si próprio. *Eu não sabia*. Mas não encontrava consolação. Diante dele tinha uma criança, que era sua filha e compreendia agora com terrível clareza a vida que a menina vivera. A dor que sentia no peito era ainda mais profunda.

Inconsolável, Isabel começou a soluçar.

— Pensei que serias diferente. Pensei que, como és o meu pai de verdade, tomarias conta de mim, que me quererias, mas não és o meu pai, és um pai a fingir, tal como os outros.

Aquelas palavras arrasavam-no.

— Não sou estúpida, sabes! — exclamou. — Aqueles homens, naquela casa, sei muito bem que espécie de homens são. São iguais aos que iam visitar a minha mãe, sei muito bem o que querem. — De repente, atirou-se a ele, batendo-lhe com os pequenos punhos. — És igual a eles.

Igual a eles. Dylan abraçou a pequena fúria que o atacava. Sentia-se doente e envergonhado como nunca na vida se sentira. *Igual a eles*.

Meu Deus, e era mesmo.

Pôs a menina no colo e abraçou-a com força. Não sabia o que dizer para a consolar. Só podia abraçá-la e acariciar-lhe o cabelo enquanto ela chorava, cada lágrima sua enviando-o para o inferno.

Enquanto a carruagem se dirigia a Londres, Dylan sentiu invadi-lo um instinto protetor que nunca antes sentira e soube que tinha de fazer alguma coisa para compensar aquilo que a menina sofrera, a triste vida que ele e a mãe lhe tinham oferecido até aí. Isabel era sua filha. Tinha de a criar, defender e proteger. Era sua responsabilidade e de mais ninguém. Não podia fugir ao seu dever. Não queria fugir ao seu dever.

— Desculpa, minha querida — murmurou junto ao cabelo da menina. — Lamento muito. Não sabia que existias. Se soubesse, teria ido buscar-te. Juro-te que teria ido buscar-te.

Dylan não estava completamente certo, mas teria de dizer qualquer coisa para lhe deter as lágrimas. Qualquer coisa.

— Só queria uma verdadeira família — disse sufocando os soluços no peitilho da camisa do pai.

— Bem sei — Dylan beijou-lhe a testa. — Bem sei. Seremos uma verdadeira família, tu e eu. Verás.

Isabel não respondeu. Agarrou-se à camisa do pai e enterrou a cabeça no ombro dele, ainda a chorar. Só quando chegaram ao Hyde Park conseguiu adormecer. Dylan encostou os lábios ao cabelo da menina adormecida e murmurou:

— Vou mudar, Isabel. Vou ser um pai verdadeiro para ti. Juro.

Grace estava em pânico, mas como o mesmo se passava com todas as outras pessoas da casa, tentava ser a mais calma.

— Pensem — ordenou aos criados que a rodeavam no vestíbulo. — Onde poderá estar a menina?

Molly começou a chorar.

— Minha senhora, a culpa é toda minha. Deixei-a apenas uns minutos. Não conseguia dormir e descí para ir buscar uma chávena de chá. Pensei que ela estivesse a dormir.

Grace levou a mão à testa e a renda do punho da camisa de dormir tocou-lhe na face.

— Bem sei, Molly, mas não te culpes mais. Não serve de nada. Ela levou alguma roupa?

— Não minha senhora, verifiquei duas vezes para ter a certeza. Vestiu apenas um dos saíotes velhos e a camisa branca velha, que usava nas freiras, sabe. Um par de sapatos e a capa.

Grace ergueu a cabeça para olhar para Osgoode e depois para Mrs. Ellis.

— Não estará na cozinha ou no quarto de algum criado? Não está lá fora no parque?

O mordomo e a governanta abanaram a cabeça.

— Não faz sentido — disse Grace. — Se tirou a camisa de dormir e pôs a capa, deve ter fugido, mas porque não terá levado as outras coisas? — Ninguém respondeu, mas Grace também não esperava uma resposta.

— Faremos nova busca à casa e, se não a encontrarmos, teremos de avisar a polícia. Osgoode mande, por favor, que os criados voltem ao parque, que procurem nas cavalariças norte e sul e em volta da praça. Se virem alguém na rua a esta hora, eles que perguntem se viram a menina. Mistress Ellis, leve as criadas para procurarem nos aposentos dos serviçais. Trabalhem com método. Molly e eu ficamos com os aposentos das crianças e fazemos o mesmo. Molly vem comigo.

O grupo começou a separar-se quando tocou a campainha da porta.

— Talvez alguém a tenha encontrado! — exclamou Molly enquanto Osgoode abria a porta.

Molly tinha razão. Era Dylan sem a casaca e a capa, com Isabel adormecida nos braços. Grace ficou tão aliviada quando os viu que sentiu as pernas fracas.

Dylan olhou para o grupo, todos de camisa de dormir e roupão.

— Procuram alguma coisa? — perguntou entrando no vestíbulo.

— Graças a Deus! — exclamou Molly. — Esteve sempre com o senhor.

Os criados começaram a fazer perguntas, mas Dylan interrompeu-os.

— Silêncio, se não acordam-na. Ela está bem. Está só cansada. Molly vem comigo. Os outros voltem para a cama.

Molly acompanhou o patrão que subiu as escadas com a menina ao colo. Grace, que não tinha intenções de voltar para a cama sem saber o que acontecera, seguiu-os até aos aposentos das crianças. Esperou enquanto Molly puxou os lençóis para que Dylan deitasse Isabel. Quando a ama estendeu o braço para o lençol de cima e para a colcha para cobrir a menina, Dylan impediu-a.

— Eu faço isso.

Grace viu-o aconchegar a filha pela segunda vez naquela noite. Observou-lhe a expressão e a posição dos ombros e percebeu que se passara uma coisa horrível. Suspeitava que Dylan não levara a filha com ele voluntariamente, mas as suas especulações não passavam daí até Dylan se endireitar e afastar da cama.

Dylan olhou para Molly que torcia as mãos numa agitação nervosa.

— Se a deixares sozinha outra vez, despeço-te imediatamente — disse em voz baixa. — Entendes, Molly.

— Oh, sim, senhor! — murmurou ela, tão aliviada por ter uma segunda oportunidade que os joelhos quase lhe cederam. Agarrou-se à coluna da cama. — Obrigada, senhor!

Dylan inclinou-se para beijar a testa da filha adormecida.

— Dorme pequenina — Grace ouviu-o dizer. — E não chores mais.

Dirigiu-se à porta do quarto e Grace seguiu-o pelas escadas.

— Porque chorava Isabel? — perguntou quando chegaram ao rés-do-chão. — O que aconteceu?

— Grace, vá deitar-se.

Espantada, ela viu-o abrir a porta da rua.

— Onde vai agora?

— Dar um passeio. — Fechou a porta trás de si.

Grace deu meia volta e subiu as escadas. No quarto, apagou a vela, mas estava demasiado agitada para voltar a adormecer. Chegou à janela e olhou para baixo, para a praça. O luar brilhante iluminava os arbustos e as árvores do parque no centro da praça. Avistou Dylan quase imediatamente, mas este não andava a passear. Estava sentado num banco do parque, o corpo inclinado para diante, o rosto enterrado nas mãos.

Passava-se qualquer coisa horrível.

Grace apanhou as botas de cabedal preto de debaixo da cama, calçou-as e apertou-as apressadamente e vestiu de novo o roupão. Agarrou na capa, lançou-a por cima do que tinha vestido e desceu as escadas. Saiu e notou que Dylan ainda se encontrava no mesmo lugar e na mesma posição. Como o suave bater da porta não o fizesse erguer a cabeça, Grace dirigiu-se ao local onde ele estava sentado.

Dylan só a viu quando ela estava já diante de si. Endireitou-se imediatamente e retirou as mãos do rosto.

— Pensei que lhe tinha dito para voltar para a cama.

— Não faço as coisas só porque me diz para as fazer.

Ele nem sequer sorriu.

— É verdade.

Grace sentou-se ao lado dele.

— Dylan, que se passa? O que aconteceu?

Dylan manteve o silêncio durante tanto tempo que Grace pensou que ele nem lhe fosse responder, mas fê-lo por fim.

— Esta noite, Isabel subiu para as traseiras da minha carruagem e foi atrás de mim. — Fez uma pausa e voltou a cabeça para a olhar nos olhos. — Estava num prostíbulo.

Grace olhou-o, chocada, mas nem percebia porque deveria sentir-se assim. Depois daqueles beijos apaixonados e de ela se lhe ter recusado, ele iria a um bordel. O corpo dela recordava-se de todos os pontos em que ele a beijara ou tocara e ele fora para um bordel.

— Percebo. — Grace desviou os olhos. *Não importa*, disse para consigo. *O que importa é a criança*. — A Isabel... — Calou-se demasiado atónita para prosseguir.

— Viu-me, sim.

A sua voz rouca fez com que Grace voltasse a olhar para ele e continuasse a fitá-lo enquanto se inclinava para descansar os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos, tal como se encontrava antes de ela descer.

— Não sei como entrou no local sem que alguém desse por isso — disse baixando a voz para um murmúrio silencioso e agonizante. — Viu-me com uma...

— Prostituta? — Grace sugeriu a palavra que ele não queria pronunciar.

Dylan nem estremeceu com o tom cortante da voz dela.

— Não me censuro por isso. Estava em fogo, bem sabe.

— Está a censurar-me? — perguntou ela em voz baixa.

— Não, que raio! Não é isso que estou a dizer! — Voltou-se no banco de ferro forjado para olhar para ela. — Estou a dizer que a queria tanto que não podia aceitar não a ter. Por isso fui ter com a cortesã que mais se parecia consigo!

Grace olhou-o, espantada com a revelação. Um momento depois perguntou.

— Devo sentir-me lisonjeada?

— Garanto-lhe que é uma fraca substituta, mas, lá está, sou homem, sou solteiro e estou habituado a ter amantes. Quando não as tenho, procuro outra companhia feminina e esse facto não é segredo. Não vou defender-me pelas necessidades e desejos que são justos e naturais.

Grace nem sabia o que sentir acerca do facto de ele ter ido procurar uma cortesã parecida com ela por não a poder ter. Enojada? Elogiada? Atónita?

Recordou-se que não tinha qualquer direito a ele, que o rejeitara, fora a sua opção. Dylan fora ter com uma prostituta, fora a opção dele. Ali não havia grande surpresa exceto em relação à menina que, fosse o seu pai uma pessoa diferente não teria sentido necessidade de o seguir naquela noite.

Um pensamento afligiu-a, fazendo-lhe estremecer o estômago.

— Isabel testemunhou esse... bem... interlúdio?

— Ainda não nos tínhamos despedido, se é isso que quer saber!

— Poupe-me os pormenores, por favor. — Imaginou uma loira escassamente vestida, as mãos dele percorrendo o corpo dele da mesma maneira que ele tocara no seu. Grace sentiu subitamente uma dor dentro de si. — Se não sente necessidade de defender as suas ações, porque está tão perturbado?

— Porquê? — Levantou a voz. — Não deveria estar perturbado? Retirei Isabel de lá o mais depressa possível, mas nem será preciso dizer que ficou arrasada pelo incidente. Chorou durante todo o caminho. Disse-me... — deteve-se.

— O que lhe disse?

— Disse... — fez uma pausa para respirar fundo. — Disse-me que eu era igual aos outros homens que a mãe conhecia.

— Valha-me Deus. — Grace sentiu-se incomodada. Tapou a boca com a mão. — A mãe era cortesã.

— Sim — Dylan desviou o olhar. — Já me recordo dela. Uma jovem francesa com olhos e cabelos castanhos. Quis exclusividade, mas ainda não tinha recebido a minha herança e, embora andasse em turné, naquela época não ganhava o suficiente para a manter. Separámo-nos após pouco mais de uma semana.

Grace não queria saber mais nada. Levantou-se do banco.

— Então, sabe agora onde a sua filha passou os primeiros oito anos. Depende de si onde passará o resto da vida. Que vai fazer?

— Ser um pai de verdade. Que outra coisa poderei fazer? — Levantou-se e olhou-a de frente. — Sairemos de Londres assim que eu possa fazer os preparativos e os criados consigam tratar da bagagem. Vamos para o Portão do Rouxinol, a minha propriedade no Devonshire. Isabel quer um pônei, um pomar de macieiras e um pai e, juro, que terá tudo isso.



Quando Dylan tomava uma resolução, nada o dissuadia. Foi mandado um recado urgente ao Devonshire para alertar a escassa criadagem que o patrão chegaria em breve e que seria bom que o piano de cauda estivesse afinado. Antes disso, metade dos criados de Londres foram enviados à frente para completar o pessoal e os que ficaram em Londres trataram de preparar a bagagem enquanto Grace e Molly tentavam conter a excitação de Isabel por ir finalmente para o campo.

Uma semana depois, encontravam-se as três no landau de Dylan, viajando para ocidente ao longo da costa do sul do Devonshire. Passaram Seaton e dirigiram-se à pequena aldeia piscatória de Cullenquay e ao Portão do Rouxinol, a propriedade de Dylan.

— Mas como é? — perguntou Isabel pela centésima vez. Levantava-se na carruagem aberta e abria os braços num gesto que abrangia todo o campo em seu redor... as sebes, os montes ondulantes a norte e a costa marítima a sul. — É parecido com isto?

— Talvez.

— Sei que já estamos perto. Muito perto. Quando chegamos?

— Em breve.

— Papá. — Isabel lançou-se nos braços do pai e, num gesto brincalhão, batia-lhe nos ombros. — Porque não me dizes?

Dylan sorriu.

— Porque estás sempre a perguntar-me.

Grace e Molly riram, mas Isabel soprou, exasperada. Voltou ao seu lugar ao lado de Grace e ficou em silêncio durante uns minutos. Depois, com a persistência de que apenas as crianças são capazes, tentou de novo.

— Tem mesmo pomares de macieiras?

— Sim, de macieiras, pereiras e ameixeiras.

— Então está bem. Porque se chama Portão do Rouxinol? Há lá rouxinóis?

— Sim.

— Papá! — exclamou quando ele não desenvolveu a resposta. — Não vais dizer-me mais nada?

Ele abanou a cabeça.

— Não é preciso — respondeu e apontou para uma extensão de bosque que se erguia do outro lado de uma pequena baía pouco profunda. — É ali.

Isabel saltou de novo e, com um grito, ajoelhou-se no banco ao lado do pai, inclinando-se o mais possível para a frente na carruagem aberta.

Grace também se inclinou sobre a sua pupila para poder ver a terra onde se aninhava uma enorme casa de tijolo no alto do rochedo e entre as árvores.

— Está maravilhosamente situada. Que vista tem para o mar!

— Ai, meu Deus, uma pessoa pode ficar tonta a olhar para o mar lá do alto.

Ainda de joelhos no assento, Isabel voltou-se para o pai.

— Podemos tomar banho no mar, papá?

— Sabes nadar? — perguntou.

— Sim. — Quando o pai lhe lançou um olhar perspicaz, mordeu o lábio inferior e admitiu: — Não, mas tu ensinas-me, não é verdade?

— Ensino — prometeu e olhou para Grace. — Sabe nadar?

— Claro — garantiu ela. — Nem me recordo de não saber.

— Fala como uma verdadeira filha da Cornualha!

Aquelas palavras invadiram-na de uma dolorosa onda de saudade que a fez olhar para o mar. Enquanto decorria a viagem para o Devonshire, Grace recusara-se a pensar na sua visita a casa, no último outono, mas agora essa ida ao oeste invadia-lhe o espírito com uma clareza brutal, recordando-se de como ficara no caminho junto à casa onde crescera, olhando para o rosto das cinco irmãs que espreitavam à janela, por trás das cortinas de renda, sentindo o ódio que lhe devotavam a ela e ao que fizera.

— Mas não vejo a casa. — A voz excitada de Isabel interrompeu-lhe os pensamentos, obrigando-a a afastar do espírito as recordações do passado.

A menina agitava-se no assento, mais impaciente que nunca.

— Como vamos chegar lá a cima? — perguntou quando a carruagem virou e se afastou do mar.

Dylan limitou-se a apontar em frente para onde a estrada se dividia em duas. Um dos caminhos seguia a direito e terminava no final da pequena península, onde havia uns degraus, cortados na rocha, e um atalho estreito levava à casa. A estrada à direita descrevia uma curva afastando-se do mar e foi por ela que a carruagem seguiu, por vários montes cobertos de erva que os conduziam para noroeste numa subida serpenteante e gradual. Passaram pela quinta, pela vacaria e por extensões de pomares, onde macieiras, ameixeiras e pereiras estavam cobertas de flores, com o gado a pastar à sua sombra. Isabel queria parar, mas Dylan não o permitiu, dizendo que voltariam a descer no dia seguinte. Passaram pelos estábulos e recintos de cavalos e, quando Isabel avistou um casal de pôneis do Devonshire, quase saltou da carruagem.

A carruagem meteu por um bosque pequeno mas frondoso, descrevendo as curvas da estrada por mais algum tempo até chegar ao cimo. A partir daí, desceu até um caminho coberto de gravilha que o levou diante do solar de tijolo vermelho, uma casa aninhada por entre as árvores, com uma frente de janelas e enfeitada com trepadeiras de glicínias e clematites. As flores de maio abriam-se e o azul brilhante do mar cintilava por entre as árvores.

A carruagem mal tinha parado e já Isabel saltara dela. Para Grace, o resto da tarde passou numa névoa de frenéticas corridas, tentando acompanhar a menina que passava rapidamente de um lado para outro.

Tinha de ver o seu quarto e não pareceu importar-se que este se situasse nos aposentos das crianças, já que tinha vista para os estábulos e conseguia ver os pôneis das janelas. Satisfeita, agarrou na mão do pai e arrastou-o para fora, para poder ver a propriedade.

Também queria ver o mar e Dylan desceu com ela pelo atalho íngreme, através de um jardim em terraço e do bosque, que levava aos degraus que já haviam visto. Quando subiram de volta, Isabel corria à frente, pelos degraus de pedra dos jardins da casa, chamando por Molly, para que esta viesse ver a estrela-do-mar que encontrara lá em baixo na areia.

— Sinto-me como se tivesse caminhado mais de cinquenta léguas — disse Grace a Dylan, em voz ofegante, enquanto subiam a parte mais íngreme do caminho. — Já lhe mostrou tudo o que é

seu?

— Tudo? — Dylan abanou a cabeça. — Mesmo à velocidade a que esta menina corre, não lhe poderíamos mostrar os trezentos e dez hectares num só dia.

— Não — disse Grace a sorrir. — Acho que não. Onde fica a propriedade da sua família?

Ele apontou para trás, para noroeste.

— Plumfield fica para o lado de Horniton a cerca de duas léguas daqui. Também tem pomares. Não sei se Ian lá está agora. Não costumamos partilhar essas informações.

— Quando o seu irmão esteve na sua casa de Portman Square, nem sequer passou lá a noite. Não tive oportunidade de o conhecer. Não são muito chegados, pois não?

— Não. — Dylan fez uma pausa antes de prosseguir. — Ao contrário de quando éramos pequenos.

— O que aconteceu?

— Ele reprova a minha maneira de viver. Não tolera as minhas paixões artísticas e os meus... pecadilhos, digamos assim. Pensa que prejudica o nome da família. E eu não tenho paciência para ele. É muito consciente da propriedade e da posição. Fala uma linguagem própria dos diplomatas, um dialeto que me é incompreensível. — Encolheu os ombros. — Somos como a água e o vinho, mais nada.

Grace deteve-se a meio dos degraus de pedra e olhou em redor.

— É um lugar muito bonito.

Ele parou ao lado dela.

— Obrigado. Há algum tempo que tenho cuidado da propriedade. As propriedades da família são um morgadio, mas eu e Ian recebemos heranças substanciais. A minha incluía fundos para a compra de uma propriedade só para mim — Dylan soltou uma gargalhada, olhando para o mar. — Creio que foi a única maneira de que o meu pai se lembrou para me obrigar a assentar e a ser respeitável.

— Dylan?

Ele olhou-a.

— *Hum?*

— Não creio que tenha dado resultado.

Dylan sorriu.

— Os homens da minha família sempre foram um epítome da nobreza inglesa: fidalgos rurais honrados e íntegros. Tenho a certeza de que sabe a que me refiro.

Grace pensou no seu próprio pai.

— Sim, sei.

— Os homens Moore sempre foram assim. Sempre adoraram cavalos e cães tanto quanto amavam as suas mulheres. Eram caçadores e pescadores, passavam por Harrow e Cambridge antes de casar com uma jovem com o dote adequado e de assentarem como membros da nobreza rural. O meu pai estragou tudo, apaixonando-se inexplicavelmente por uma doce e jovem galesa sem vintém, cuja cabeça estava cheia de ideias românticas. Tocava flauta. Muito diferente daquilo que os Moore tinham na árvore genealógica, garanto-lhe.

— Quer dizer que o senhor é uma mistura dos dois lados da família, música como a sua mãe, amante do desporto como o seu pai. E de onde vem o lado desregrado?

Ele lançou-lhe um olhar malicioso.

— Esse é só meu.

Grace viu como o vento lhe puxava o cabelo para a face e como ele o sacudia e perguntou a si mesma o que teriam os homens desregrados e de má reputação que a atraíam tanto. Parecia ser o fardo da sua vida.

— Como a sua mãe tinha dotes musicais, deve ter compreendido a sua paixão pela música.

— Sim. Adorava a minha mãe. Sabia o que é a música, sabe, compreendia-a do mesmo modo que eu. Escrevia poemas sinfónicos antes de eles assim serem chamados. Era a única pessoa que apoiava o meu talento. O meu pai nunca pôde compreender porque tínhamos ambos esta paixão pela música. Apesar de amar a minha mãe até ao dia da morte dela, nunca a compreendeu. Nunca me compreendeu. Ian também não me compreende. É muito parecido com o nosso pai. A minha mãe morreu quando eu tinha onze anos.

— Deve ter sido difícil para si.

— Sim. — Dylan inclinou-se e começou a recolher pequenas pedras junto ao carreiro. — Quando ela morreu — continuou —, ninguém na minha família compreendia aquilo que faço e por que razão é tão importante para mim. Comecei a mostrar-me rebelde e a fazer o que me apetecia e o meu pai não conseguia controlar-me. Não queria saber da minha música e, por isso, eu também não queria saber o que ele pensava de mim. — Dylan endireitou-se, levou o braço atrás e lançou uma das pedras que tinha na mão e que descreveu um arco desde o rochedo até ao mar. — Depois de Cambridge passei quatro anos na Europa. Fiz uma turné. Primeiro concertos de piano, depois a reger — lançou outra pedra por cima do rochedo.

— Compreendo que agora não faça turnés. Não precisa do dinheiro — disse Grace. — Mas porque não rege?

— Porque não. — Nada explicou e ela não insistiu. — Assim como assim, eu e o meu pai nunca nos entendemos — disse momentos depois. — Só voltei a casa para poder vê-lo antes de morrer.

Grace olhou de novo para a paisagem que a rodeava.

— Mesmo assim, quando procurou uma propriedade, foi esta que escolheu — comentou. — Perto daquela em que cresceu e que tem pomares como a sua casa.

— Sim. — Dylan olhou para ela e soltou uma pequena gargalhada. — Meu Deus, é verdade. Nunca pensei nisso assim. Só sabia que adorava este sítio desde o primeiro momento em que o vi.

— Então, porque não vive sempre aqui?

Ele ficou em silêncio durante tanto tempo que ela pensou que não obteria resposta.

— Londres é... mais fácil. Há muito tempo que não vinha cá. Há pelo menos dois anos.

— Porque não? — Grace fez um gesto que abarcou todo o cenário espalhado diante deles, as árvores dos dois lados, o branco edifício da rotunda, que cintilava a uns passos de onde se encontravam, os jardins em socacos, a relva que descia acompanhando o emaranhado de arbustos e árvores antes de cobrir o rochedo e chegar ao oceano. — Como pôde afastar-se daqui?

— Esqueci-me do muito que antes gostava disto — murmurou sem lhe responder à pergunta. Depois, abanando a cabeça, voltou-se e começou a subir a escada em direção à casa.

— Antes gostava disto? — repetiu ela, seguindo-o. — Já não gosta?

— Não sei. — Deu vários passos no terraço, percorrendo-o a todo o comprimento, depois deteve-se para admirar mais uma vez a paisagem. Isto é tão sossegado, tão sereno. Tinha-me esquecido.

— Fala como se a calma e a serenidade fossem coisas negativas. A calma e a serenidade não o ajudariam a compor?

— Não. — Grace viu que ele apertava os lábios ao voltar-se para o mar. Sentou-se na beira do pequeno muro que rodeava o terraço, com as mãos agarrando a pedra de ambos os lados do corpo. Fechou os olhos. — Já nem sei o que é a serenidade.

Grace pensou em Etienne e nas suas erráticas alterações de humor.

— O que é a turbulência? — perguntou-lhe quase como se o fizesse a si própria. — As coisas têm de ser sempre emocionantes?

— A senhora não compreende — Dylan abriu os olhos, mas não olhou para ela. Preferiu endireitar-se e afastar-se do muro para se dirigir a casa.

Grace viu-o ir, mas qualquer coisa fez com que o chamasse.

— Dylan!

Ele deteve-se mas não se voltou para trás.

— Sim?

— Gostaria de compreender.

— Duvido que alguma vez seja possível. — E, dizendo isto, entrou em casa.

Só depois de se deitar nessa noite, Dylan se apercebeu da razão por que nunca mais tinha ido ao campo. Não havia divertimentos. Não havia distrações. As horas do campo. Nada que lhe distraísse a atenção àquela hora da noite senão o rouxinol a cantar junto à janela. Nada que o afastasse do odioso som que gemia dentro dele.

Gostaria de compreender.

Como poderia alguém compreender o que aquilo representava, aquele som que o enlouquecia, dia após dia, noite após noite? Só quem o ouvisse e vivesse com ele poderia compreender.

Tentou esquecê-lo, mas, como de costume, quanto mais tentava, mais alto se tornava o som. Tinha o láudano à mão, pronto para lhe ofuscar os sentidos numa névoa induzida pelo ópio que poderia passar por descanso. Trouxera também haxixe, mas sentia-se estranhamente relutante em utilizar qualquer das suas substâncias. Pensou em Isabel e no haxixe que tinha fumado naquela noite em casa de Angeline e, por uma qualquer razão que não sabia definir, já não queria anular os sentidos. Não era coisa própria de um pai.

Voltou-se de lado e ficou a olhar para a porta envidraçada que deixara aberta para a varanda, de modo a poder sentir a brisa fresca do oceano que brincava ao luar com as cortinas de gaze branca. Se ao menos pudesse passar a noite como uma pessoa vulgar; como seria bom deitar a cabeça, fechar os olhos e adormecer.

Sabia por experiência própria que o seu espírito acabaria por se render às exigências do corpo e que o sono acabaria por chegar. Talvez amanhã, no dia seguinte, mas não nessa noite. Atirou com o lençol, saiu da cama e saiu para a varanda completamente nu. As noites do princípio de maio eram ainda frescas ali, na costa, mas mal sentiu a aragem. Inspirou a fragrância das ervas lá de baixo, do jardim, e o cheio penetrante do mar. Ao longe, o luar refletia a crista das ondas como centelhas na noite.

Dylan voltou para dentro e fechou a porta. Foi até ao quarto de vestir. Tendo o cuidado de não acordar Phelps, andou à procura no escuro e encontrou um par de calças de cossaco, retirou do cabide da porta o seu roupão preferido e saiu. Vestiu as calças largas e o roupão de pesada seda negra, sem se preocupar em fechá-lo. Como não conseguia dormir, podia muito bem trabalhar na sua sinfonia, por isso decidiu ir para baixo. Como a sala de música do Portão do Rouxinol ficava no rés-do-chão, a uma boa distância dos quartos, provavelmente não acordaria ninguém.

O luar permitiu-lhe encontrar um candeeiro e fósforos antes de passar por uma das três arcadas que levavam à sala de música. Serviu-se de um copo de clarete, abriu a porta envidraçada para deixar entrar o ar fresco e sentou-se no banco almofadado do piano, colocando o candeeiro no suporte do lado direito da estante. Phelps já lá colocara uma resma de papel de pauta, um conjunto de secretária e a sua pasta sobre a tampa do piano, tudo pronto para quando ele quisesse trabalhar. Para diminuir o som deixou a tampa fechada.

Quando podia escolher, preferia o piano de Londres ao do Devonshire, pois o tom era um pouco mais rico, mas seria impossível transportar um piano de cauda numa carruagem só para o trazer consigo. Este instrumento era praticamente excelente e, quando passou a mão pelas teclas, percebeu que Mrs. Hollings tinha seguido as suas instruções. Estava perfeitamente afinado.

Tocou escalas durante dez minutos, depois sorveu um gole de vinho enquanto observava o que já escrevera.

Estava no meio do segundo movimento e, quando passou os olhos pelas notas que rabiscara na pauta, recordou-se porque eram assim. Estava bloqueado. Os acordes que por fim criara para a exposição feminina não funcionavam aqui, no lento e lírico segundo movimento. Não sabia bem porquê. Tentou várias variações sobre o tema, mas nenhuma o satisfazia e era esse o problema. Já não tinha a certeza do que resultava e, como tal, não se sentia satisfeito com o que tinha e continuava. Ficava constantemente bloqueado.

Dylan deixou de tocar. Passou a mão pelos olhos e rangeu os dentes, desesperado.

— As coisas não vão bem?

Dylan ergueu os olhos ao som da voz suave de Grace. Esta encontrava-se em traje de dormir sob o arco que se abria para a sala de visitas, com um candeeiro na mão, o cabelo preso naquela trança grossa sobre o ombro, os pés descalços sob a bainha sem enfeites da camisa de dormir. Tinha uns pés muito bonitos.

Dylan respirou fundo e olhou-a.

— Acordei-a? — perguntou.

Ela bocejou e acenou afirmativamente.

— Peço desculpa. Não pensei que se ouvisse nos quartos.

— Tinha a janela aberta para que me chegasse um pouco de ar do mar e ouvi-o. — Olhou em redor das paredes azuis, viu as colunas brancas e os adornos e o mobiliário sólido e despretensioso. — Estas duas salas são bonitas.

— Que tal o seu quarto?

— É bonito. Papel verde e um tapete macio. Gosto. Tenho de lhe dizer que gosto de facto da sua casa, Dylan. — Deu a volta ao piano para ficar por trás deste e dar uma olhadela à música, mas ela fez uma pausa e olhou para ele. — Posso olhar ou é daquelas pessoas que não deixa ninguém ver o seu trabalho?

Dylan abriu as mãos na direção das pautas que tinha na estante.

— Não critique — disse com uma breve gargalhada. — Detesto críticas.

Ela não riu.

— Não vou criticar — prometeu e passou para trás dele para lhe espreitar por cima do ombro. Colocou o candeeiro no suporte do lado esquerdo da estante da música e inclinou-se para diante. Pousou a mão direita no teclado e tocou desajeitadamente alguns compassos. — Apesar da minha falta de habilidade para o piano, creio que está maravilhoso.

— Obrigado. — Dylan olhou para a música e franziu a testa. — Só que está toda errada.

— Errada? Mas é tão bonita.

— Mas não está certa. Não sei explicar porquê. — Apertou a cabeça com as mãos, soltou um pesado suspiro e fechou os olhos. — Não me parece certa.

Grace pousou-lhe a mão no ombro.

— Talvez deva interromper e desconstrair-se um pouco. — Inclinou-se mais para o ouvido dele. — Com Liszt dava sempre resultado.

Soltou uma gargalhada e começou a afastar-se, mas ele agarrou-a pela cintura e obrigou-a a voltar.

— Oh, não — disse. — Não se escapa com essa. Como sabe o que dava resultado com Liszt?

— Estava a brincar — disse ela a rir, agarrando-lhe os pulsos para que ele lhe soltasse a cintura. — Estava apenas a brincar. Juro!

Depois deste juramento, ele deixou-a ir e ela afastou-se.

— Vou à cozinha fazer chá.

— Não precisa. Toque para chamar uma criada.

— Acordar uma criada a esta hora? Para me fazer chá? — Abanou a cabeça. — As criadas trabalham muito e precisam de descansar. Eu trato disso. Também quer uma chávena?

Ele estremeceu.

— Detesto chá — disse ele e levantou o copo. — Além do mais, tenho o clarete. Mas creio que vou aproveitar a pausa que me sugeriu.

— Não gosta de chá? — Quando ele se levantou ela olhou-o atónita. — Como pode não gostar de chá? Toda a gente gosta.

— Eu não.

Dylan seguiu-a até à cozinha. Enquanto ela ia à despensa procurar por entre as provisões de Mrs. Blake, ele acendeu o fogão e pôs uma chaleira de água ao lume para o chá.

— Quer comer alguma coisa? — perguntou Grace do interior da despensa. Apareceu à porta com uma caixa de chá na mão e um sorriso no rosto. — Há aqui uma lata de bolachas.

— Traga-a.

Ela riu-se.

— Não sei porquê, mas bem sabia que as bolachas o atraíam.

Retirou-a da despensa e colocou-a sobre a mesa da cozinha. Enquanto ela fazia o chá, ele serviu-se de uma bolacha e ficou a olhá-la.

— Não põe nada no chá — comentou enquanto ela erguia a chávena para soprar a bebida escaldante.

— Dantes punha, mas depois... — Deteve-se e desviou os olhos com um risinho envergonhado. — Há tanto tempo que não ponho leite e açúcar no chá que nem me lembro do sabor.

Dylan sabia o que ela queria dizer e porque se sentia envergonhada. Não pensara muito acerca da pobreza e desespero da jovem e, mesmo quando pensara, não fora para ponderar o efeito que esses estados tivessem sobre ela. Por isso estava zangado consigo próprio, zangado e um pouco envergonhado.

— Porque não nos vamos sentar lá em baixo, no jardim? — sugeriu, pegando no copo de vinho e apontando para a porta da cozinha.

— Agora?

— Porque não? Devia saber que a melhor altura para nos sentarmos junto ao mar é de noite e gosta de jardins, principalmente dos que têm rosas. Vamos sentar-nos na rotunda. Se a memória não me falha, há aí cadeiras.

— Há. Reparei nelas quando esta tarde passámos pela rotunda.

Saíram da casa pela porta envidraçada da sala de música, desceram os degraus de pedra guiados pelo luar, até chegarem ao edifício circular com teto em abóbada, onde quatro cadeiras de ferro, pintadas de branco, estavam colocadas em redor de uma mesa.

Grace não se sentou. Sorveu um pouco de chá, colocou a chávena e o pires sobre a mesa e encaminhou-se para a beira da rotunda, onde o atalho continuava a descer através das árvores e dos jardins até ao rochedo. Olhou para as ondas que, ao longe, cintilavam ao luar.

— Senti sempre a falta disto — murmurou. — Londres, Paris, Florença, Viena... onde quer que fosse, tinha sempre saudades do mar.

Dylan passou para trás dela.

— Grace, alguma vez me vai dizer por que razão andava a vender laranjas e vivia numa mansarda em Bermondsey?

Ela hesitou e depois disse:

— O meu marido morreu e eu não tinha dinheiro.

— Mas a senhora é de boas famílias, sempre o soube... nota-se pelo seu sotaque. Nota-se pela maneira como anda, como se tivesse passado grande parte da sua vida a caminhar com livros sobre a cabeça e a praticar vénias. Há em si qualquer coisa de muito... fino. Teve uma educação elegante.

— Sim.

— Então, porque não regressou à Cornualha depois da morte do seu marido? Porque não volta para casa?

Ela não respondeu e vários minutos passaram. Quando Dylan pensava que ela não lhe diria nada, Grace falou.

— Voltei. Uma vez. Foi um erro. Já não posso voltar outra vez para casa.

Grace olhou para ele com uma expressão magoada no rosto iluminado pelo luar. Também ele se sentiu magoado. Recordou-se de quando arrastara Isabel para casa, na carruagem, havia uma semana. Tinha o mesmo aperto no peito, a mesma sensação de impotência, a mesma afronta. Sentia-se magoado em nome de outra pessoa, coisa que não sentia havia muito tempo.

— Grace — murmurou e estendeu a mão para lhe tocar no rosto, passando os dedos pela lágrima prateada que lhe brilhava no rosto, ao luar. — Quando lhe pergunto sobre o seu passado, perturbo-a sempre. Minha querida, o que lhe aconteceu? O seu marido fez-lhe alguma coisa? — Só de fazer a pergunta sentia o peito ainda mais apertado. Mas ela abanou a cabeça e ele tentou mais uma vez. — Foi a sua família? Que lhe fizeram de tão doloroso que nem consegue falar do assunto?

— Não me fizeram coisa alguma. Fui eu. Foi o que eu lhes fiz. É por isso que não posso voltar a casa.

A ideia de que Grace pudesse magoar ou prejudicar alguém era absurda, impossível. Ela sentia remorsos até de comer doces durante a tarde. Grace admitia até nunca ter sido maliciosa.

— Ora — disse ele, incrédulo. — O que poderá ter feito que seja assim tão horrível?

— Fugi com um homem há oito anos.

— O quê? — Dado o que sabia sobre ela, era tão improvável que Dylan quase desatou a rir, mas a expressão do rosto dela deteve-o. — Está a falar a sério?

Ela acenou afirmativamente e mordeu um lábio, parecendo uma criança culpada que ia ficar

sem jantar.

— Era francês. Conhecia-o havia uma semana. Tinha má reputação, era pobre e dez anos mais velho que eu. Eu tinha dezassete anos e era a jovem mais séria que se pode imaginar. Nunca ninguém sonhara que Grace Anne Lawrence, a mais generosa, sensata e, sim, virtuosa de Stillmouth causaria o maior escândalo que já se vira em Land's End.

— Então fugiu. Muitas jovens fogem. É sempre um escândalo, mas geralmente o noivo e a noiva são perdoados.

Houve uma longa pausa.

— Não quando eles não pronunciavam os seus votos durante quase dois anos e andam a passear por toda a Europa sem concretizar o casamento — disse por fim. — Esse tipo de coisas não pareceu bem à minha família nem a Stillmouth. A respeitabilidade e a reputação significam tudo para uma mulher, principalmente numa pequena aldeia.

— Viveu dois anos com o seu marido antes de casar com ele? — Dylan estava cada vez mais surpreso. — Grace, a senhora que nem roubava doces na cozinha. Disse-me que nunca fazia partidas. Como fuge com um homem que mal conhecia e vive com ele dois anos sem estar casada?

— Fiquei louca.

Ele olhou-a, sobressaltado.

— Como?

— Quer dizer, apaixonei-me. Apaixonei-me pelo meu marido a primeira vez que o vi. — Os lábios dela esboçaram um sorriso triste e ele sentiu um nó no estômago. — Fazia-me rir. Senti-me viva pela primeira vez na vida. Antes de conhecer o meu marido não sabia a alegria que um coração podia conter.

Dylan desviou o olhar. Não queria pensar nela apaixonada. Não queria pensar nela a fazer amor com outro homem, principalmente um francês, principalmente o marido dela, um homem que esperara dois anos para se casar com ela.

— Ele amava-a?

— Sim. Amava-me.

Dylan sentiu-se aborrecido.

— Então porque não se casou logo consigo, como seria digno? Era um canalha. Um canalha francês — acrescentou.

— Olhe para si! — exclamou ela, soltando uma gargalhada por entre as lágrimas que limpou com as costas das mãos. — Com quantas mulheres viveu?

— Com sete.

— Casou com alguma delas?

— Não é a mesma coisa. Não amei nenhuma delas. Elas não me amaram.

— Tem a certeza de que não o amaram?

Dylan pensou em cada uma das amantes com quem vivera. Não conseguia imaginar que tivessem sentido amor por ele, mas não podia ter a certeza.

— Poderá alguém ter a certeza dos sentimentos alheios? No meu caso, nunca se pôs a questão do casamento. Mas a senhora certamente esperava o casamento.

— Claro. E sabia que casaríamos assim que ele estivesse preparado para isso. Não era homem que se acomodasse, por isso levou algum tempo.

— Também não sou homem de me acomodar, porém, não viveria com uma jovem de família

respeitável sem me casar com ela. Ele devia ter casado consigo.

— E casou — recordou-lhe ela. — Um dia, depois do pequeno-almoço, declarou: «Devíamos casar», assim, sem mais nem menos. E casámos.

— E seis anos depois desse casamento, a sua família não lhe perdoa? — perguntou ele.

— Perdoar? — Grace sentiu-se sufocar ao ouvir a palavra. — Dylan, tenho cinco irmãs. Nenhuma delas casou ou sequer tem pretendentes. Nunca tivemos muito dinheiro; o rendimento da propriedade era o bastante para viver confortavelmente, mas não era grande coisa para os dotes. As minhas irmãs vivem todas em casa e, provavelmente, morrerão solteironas por causa da minha desgraça. O meu irmão casou com uma jovem respeitável, mas não com a que amava, que rompeu o noivado por minha causa. James deu-me dinheiro quando lho pedi, mas sou demasiado orgulhosa e estou envergonhada por isso... — Interrompeu-se com um profundo suspiro. — Oh, foi um escândalo tão grande. As consequências da minha decisão arruinaram tantas vidas e foram consequências em que nunca pensei quando fugi. Os meus pais morreram ambos à sombra da minha desgraça, foi o choque e o desgosto, disse-me o meu irmão. Eu era a menina dos olhos deles e partilhes o coração. O meu irmão e as minhas irmãs só desejam esquecer-me e esquecer o que aconteceu. Não posso censurá-los.

— Posso eu. — Dylan sentia-se ofendido e não se coibia de o mostrar. — Os seus pais morreram porque um dia todos haveremos de ir para debaixo da terra. As suas irmãs têm de acabar com essa amargura e encontrar homens decentes, que não se preocupem com o que diz a sociedade. O seu irmão parece-me exatamente igual à maioria dos homens de altos princípios e espírito nobre que conheço. Aceitam apenas os convites mais distintos, vão ao clube para se verem livres das mulheres e aos bordéis porque casaram com jovens respeitáveis e não com aquelas que de facto os amavam. E se a noiva o deixou por sua causa, não era digna de casar com ele. Quanto a si... — Fez uma pausa para recuperar o fôlego. — Grace, penso que a senhora é a pessoa melhor e mais sensível que já conheci. É demasiado boa para todos eles.

Ela ficou a olhar para ele, pestanejando para evitar as lágrimas, profundamente admirada por aquele discurso longo e furioso.

— Muito obrigada — conseguiu dizer momentos depois.

— De nada. — Dylan olhava-a desejando apenas apagar-lhe do rosto e do espírito toda a dor que ela sentia. — Ainda bem que me contou tudo isso — sorriu numa tentativa para a distrair.

Ela franziu as sobrancelhas suspeitando do sorriso.

— Porquê?

— Até agora, estava a pensar escrever ao arcebispo de Cantuária para que ele desse início ao seu processo de santidade. É um alívio saber que não será necessário. Sinto-me esquisito quando tenho de escrever aos bispos.

Ela soltou uma gargalhada misturada com soluços.

Dylan estendeu a mão para o bolso do roupão. Certamente haveria ali um lenço.

— Tome.

— Como sabia que eu tinha um lenço no bolso?

— As meninas bonitas trazem sempre um lenço. Assoe-se e não gaste nem mais uma lágrima por ter feito aquilo que queria de facto fazer e por ter desfrutado de alguma felicidade. E, por amor de Deus, deixe de se penitenciar por se ter apaixonado por uma pessoa de quem a sua família e os seus vizinhos não gostavam. Suponho que uma jovem não pode escolher por quem se apaixona.

Ela esboçou um inesperado sorriso.

— Sentirá o mesmo se Isabel se apaixonar por um homem que o senhor deteste?

Dylan olhou para ela, desorientado como se tivesse levado um murro no estômago. Que raio, nunca tinha pensado no assunto.

— Ela não o fará!

— Oh, acha que não?

— Não. Fecho-a à chave no quarto. Acha que vinte anos serão suficientes?

— Duvido. Além disso, o que o faz pensar que as fechaduras a impedirão? — Cruzou os braços e estremeceu. — Estou a ficar com frio. Vamos entrar.

Em vez de responder, Dylan despiu o roupão e envolveu-a nas dobras de seda. Depois, pousou-lhe as mãos nos ombros, voltou-a para o oceano e envolveu-a nos seus braços. Grace endireitou-se imediatamente e tentou escapar, mas ele não lho permitiu.

— Siga o seu próprio conselho e descontrai-se. Sei que sou o maior tratante que Inglaterra já teve. Exceto Byron, claro. Mas nunca tentaria nada desonroso. Juro.

Ela pousou-lhe a mão no pulso.

— Como já disse uma vez, o senhor pode ser um ótimo amigo.

— Não. Não posso. Desejaria sempre espreitar-lhe para debaixo dos saíotes. — Voltou a estreitá-la de encontro ao peito e assim ficou durante algum tempo, mantendo-a quente no círculo dos seus braços. Com a face encostada ao cabelo dela, ouvia o mar diante deles e o canto dos rouxinóis nas árvores, inalava os aromas do jardim e do oceano e sentia o movimento da respiração de Grace nos seus braços. Não se lembrava da última vez que tinha abraçado uma mulher pelo simples prazer de a abraçar. Passara certamente muito tempo.

Só quando regressavam a casa se apercebeu de que não notara o gemido na sua cabeça durante todo o tempo que ali estivera. Agora não passava de um leve sussurro e, por isso, sabia que tinha a ver com a paz que Grace o fazia sentir, uma paz que havia muitos anos não sentia. Se ao menos ela pudesse manter sempre esse ruído silenciado... mas ele sabia que era impossível. O guincho voltaria, uma vez e outra, provavelmente para o resto da sua vida.

Quando entraram em casa, ela voltou para a cama e Dylan para o piano. No momento em que se sentou e olhou para a pauta, soube o que não estava bem.

Era demasiado, apercebeu-se, e toda a sua anterior frustração desapareceu transformando-se numa súbita claridade. Os acordes eram pesados de mais. Precisava de uma coisa mais leve. Mesmo sem consciência tocou uma nota menor, extraindo suavemente o som delicado de uma nota de ornamento⁴. Estava certo, perfeito.

Pegou na pena, mergulhou-a no tinteiro e rascunhou uma série de notas, alternando as principais com outras mais curtas e leves, de um tom próximo. Momentos depois, fez uma pausa para observar o que acabara de escrever. Exato. *Notas de ornamento*, pensou. *Perfeito*.

4 Grace note em inglês. (N. da T.)



Durante a semana seguinte, Grace nem tentou retomar as lições de Isabel. Para a menina, seriam férias, já que, no campo tudo era tão novo e emocionante. Além do mais, as atenções do pai eram mais importantes do que as lições de alemão ou de matemática. À luz do novo mundo em que se encontrava, Isabel punha mesmo a música em segundo lugar.

Escolheu um pónei e mudou prontamente o nome do animal de *Betty* para *Sonata*. Dylan começou a ensiná-la a montar. Levou-as aos pomares e mostrou-lhes o moinho e a destilaria onde se fabricava a cidra, a aguardente de pera e de abrunho, o vinagre e os sabonetes perfumados. Uma semana após a sua chegada fizeram um piquenique.

Levaram um cobertor e um cesto com carnes frias, fruta, queijo e pão e dirigiram-se à praia. Depois do piquenique, exploraram as poças deixadas pela maré cheia. Grace mostrou a Isabel como usar delicadamente um pauzinho para procurar os animaizinhos escondidos nas poças das rochas. A menina sentia-se fascinada pelo ambiente exótico, pelos caranguejos, ouriços-do-mar e pequenos peixes.

Passaram parte da tarde a explorar as grutas por baixo dos rochedos e a seguir Dylan levou Isabel para um passeio ao longo da praia. Grace ficou sentada no cobertor a ver pai e filha caminharem de mãos dadas e descalços, à procura de conchas. Por baixo da aba larga da sua touca, Grace observava-os enquanto enchiam os bolsos do vestido de Isabel com conchas e estrelas-do-mar.

Grace pensou naquela horrível noite em Londres, dez dias atrás, quando perguntara a Dylan o que tencionava fazer com a menina.

Ser um pai de verdade. Que mais poderei fazer?

E a resposta fora sincera. Em vez de minutos, passava agora dias inteiros com Isabel. Falava com ela não só por simples obrigação. Transformara-se num verdadeiro pai, num pai no verdadeiro sentido da palavra. Grace sorriu ao vê-lo erguer Isabel sobre os seus ombros largos e entrar até à cintura na espuma das ondas, com os braços erguidos para segurar a menina pela cintura.

Era de dias assim que a criança precisava. Atenção, carinho, amor. Grace perguntava a si própria o que sucederia quando passasse o ano e terminasse o seu acordo com Dylan. A casinha que ele lhe prometera ficava algures ali, na propriedade dele, e ela estava disposta a continuar a ser a preceptora de Isabel. E o pai da menina? Se ele permanecesse no Devonshire, poderia ela ficar?

Grace fez um esforço para afastar do espírito essas especulações. Sabia que eram inúteis. Voltou as suas atenções para pai e filha, vendo Dylan sair do mar com Isabel.

Quando regressaram para junto dela, Isabel despejou o conteúdo dos seus bolsos no cobertor para mostrar a Grace os seus tesouros, mas pouco depois a atenção da menina foi desviada por outra coisa. Começou a explorar a zona que ficava por trás deles, indo passear por entre a massa de flores brancas e rosadas que cobriam a encosta do monte.

— Cuidado — avisou-a quando ela se inclinou para apanhar uma mão-cheia de flores brancas.
— Se apanhares essas flores podes ficar encantada.

— O que quer isso dizer? — perguntou a menina endireitando-se e olhando para ele confundida. — Como, encantada?

Grace e Dylan olharam um para o outro e riram, mas foi ela que respondeu à pergunta de Isabel.

— Pode querer dizer que será transformada ou perdida ou até embruxada.

— Ou embriagada — acrescentou Dylan num murmúrio.

Grace fingiu não ter ouvido e explicou a Isabel.

— Os duendes não gostam que as pessoas colham estas flores e por isso enfeitiçam-nas.

Isabel olhou para o pai, ligeiramente incrédula.

— Isso é verdade?

— Claro — disse ele muito sério. — Todos conhecem os duendes.

Isabel não ficou convencida. Cruzou os braços.

— Alguma vez encontraste esses duendes, papá?

— Claro que sim. São adoráveis.

— O quê? — protestou Grace, tentando parecer o mais séria possível. — Os gnomos não são adoráveis! São criaturas verdes e diabólicas, tão pequeninos que costumam andar montados em caracóis. E — acrescentou para Isabel — detestam crianças malcomportadas. Se for má, vêm puxar-lhe o nariz e transformam-lho num chouriço.

— Não acredito — disse a menina decidida. — Se fosse verdade, o papá teria um chouriço em vez de nariz. Porta-se sempre mal.

Dylan soltou uma gargalhada, mas Isabel ficou séria. Voltou para junto do cobertor e deixou-se cair na areia. Abanou a cabeça com ar reprovador.

— Sabem que não têm muito jeito para inventar histórias? — perguntou com ar entendido. — Quando se quer enganar alguém, é preciso combinar bem as coisas.

Os lábios de Dylan quase esboçavam um sorriso divertido com o conselho da filha.

— Que queres dizer com isso?

— Mistress Cheval chamou-lhes gnomos. Tu chamaste-lhes duendes. Tu disseste que eles eram adoráveis, ela disse que não eram e que eram verdes. Tu não disseste nada disso. Estás a ver? Estão a inventar tudo.

— Não, não — garantiu Grace. — Eu sou da Cornualha e lá chamamos-lhe gnomos. — Olhou para Dylan com ar entendido. — E esses não são bonzinhos. São maus.

Ele ignorou-a.

— Não são maus. São amorosos. Bonitos.

— Estão os dois a troçar de mim — disse Isabel, fungando.

— Não estamos — garantiu Dylan. — Cada pessoa vê uma espécie diferente.

Isabel revirou os olhos.

— Tudo isso me parece uma parvoíce. Não acredito que existam duendes de verdade.

Grace e Dylan olharam um para o outro.

— Grace — disse ele, como se estivesse atónito —, a minha filha não acredita em duendes.

— Eles ficam muito zangados quando as meninas não acreditam neles — replicou Grace. — Cortam-lhes o cabelo quando elas estão a dormir — acrescentou com ar sinistro, fazendo com os dedos o movimento de uma tesoura. — Podem pintar-lhe o cabelo de verde e nunca conseguiremos retirar-lhe essa cor.

— Não fariam isso! — exclamou Isabel, suspendendo a sua incredulidade por um momento em face do aviso de Grace. — Pois não, papá?

— Não, não — garantiu-lhe ele. — És minha filha e os duendes gostam de mim.

Grace voltou-se para Isabel.

— Os gnomos podem gostar dele, mas as meninas são diferentes, por isso o melhor será portar-se bem. — Grace avisou-o com o olhar que lhe lançou por baixo da aba da touca para que não a contradissesse e ele assentiu.

— Senhor? — Dylan ergueu os olhos e Grace voltou-se. Molly estava ali num dos degraus da encosta do rochedo. — São horas do jantar de Isabel — avisou a ama.

A criança soltou uma exclamação de desânimo.

— Oh, não. Tenho mesmo de ir?

— Tudo isto estará aqui amanhã — recordou-lhe Dylan. — Não te esqueças de que vives aqui. Vai lá.

Isabel levantou-se com alguma relutância, sacudindo a areia da parte detrás do vestido enquanto se dirigia para o de grau de pedra em que Molly se encontrava à sua espera. Deu a mão à ama, mas fez uma pausa antes de se dirigir à casa.

— Papá! — dirigiu-se a Dylan com um sorriso malicioso. — Isto quer dizer que da próxima vez que eu faça uma maldade posso dizer que foi um duende que me obrigou?

— Não! — disse Grace antes que ele pudesse responder.

Quando Isabel começou a subir os degraus com Molly e desapareceu por entre os arbustos e as árvores, Grace voltou a sua atenção para Dylan.

— Estava a tentar convencê-la a portar-se bem e o senhor estragou tudo! — protestou numa exasperação bem-humorada. — Belos gnomos, não há dúvida!

— Desculpe. Mas não suportava que ela pensasse que ia ficar com a cabeça verde.

— Ora valha-me Deus! — exclamou ela a rir. — Era só o que faltava!

— Que quer dizer com isso?

— O senhor está encantado, Dylan Moore, perfeitamente encantado pela sua menina.

— Talvez esteja — disse ele a sorrir, um pouco espantado com a ideia. — Quem teria pensado que tal seria possível?

— Nunca o duvidei. Nem por um momento — mentiu Grace.

Dylan estendeu o braço para trás e apanhou uma mão-cheia de flores cor de rosa e brancas de uma moita próxima. Voltou-se para ela, pôs-se de joelhos e meteu-lhas na fita da touca. Grace ficou a olhar para a parede branca que era o peitilho da camisa de Dylan, que estava molhada e deixava entrever através do linho as linhas duras do corpo dele.

— Bonito serviço — comentou ela abanando a cabeça, tentando impedi-lo. — Colheu todas essas flores e agora vai ser encantado pelos gnomos.

— Tarde de mais. Fiquei encantado há cinco anos.

Aquelas palavras sobressaltaram-na e ela tentou erguer os olhos, mas ele colocou-lhe firmemente a mão sobre a cabeça.

— Não se mexa — disse e meteu-lhe uma flor branca na fita da touca, depois escolheu outra flor das que tinha colhido. Mas, em vez de a meter na fita do chapéu, passou-lha suavemente por baixo do queixo com um leve sorriso. — Não se mexa. Os duendes são adoráveis — declarou. — Bonitos.

Grace sentiu a pétala acariciar-lhe o queixo e afastar-lhe as ideias de virtude. Dylan passou-lhe a flor pelo maxilar, pela face, por cima da touca e juntou-a à que já estava presa à fita.

O Sol descia a oeste enquanto ele erguia os braços, transformando o tronco numa sombra escura dentro do tecido. Sob a aba do chapéu, Grace ergueu os olhos o mais possível sem mexer a cabeça e pousou-os de novo nele: na barba por baixo do queixo, na forte coluna do seu pescoço, na camisa desabotoada e na sugestão do peito moreno por baixo dela. A recordação ofereceu-lhe o resto — um triângulo escuro ao fundo do tronco desaparecendo dentro do cóis das calças.

Grace fechou os olhos e cravou os dedos de ambas as mãos na areia por cima do cobertor. Estava perfeitamente imóvel, sentindo a atração dele como se fosse a força da gravidade de Newton, tentando manter à distância as leis naturais agarrando mãos-cheias de areia.

Ele baixou os braços e inclinou-se para lhe ver o rosto por baixo da pala rígida da touca.

— Lindo chapéu — disse e meteu a cabeça por baixo dele.

Se ele a beijasse, se a deitasse na areia ela deixaria. Num segundo. Cada beijo dele desgastava um pouco mais a sua resistência, que agora era semelhante à de uma folha de papel e que lhe dava a saber que era ela que estava enfeitiçada. Pelo feitiço dele. Dylan não lhe tocava, mas a sua boca estava muito perto e o seu olhar era como uma carícia. Sentia-se vacilar à beira de um rochedo. Da última vez que se sentira assim, acabara por saltar. Flutuara, voara como um pássaro, apenas para se estatelar dolorosamente no chão.

Se ele a beijasse naquele momento, ela daria aquele passo imprudente, lançar-se-ia pelo espaço e esqueceria as lições duras e dolorosas que aprendera acerca dos homens atraentes e de má reputação. Se ele a beijasse, arrastá-lo-ia consigo e saltaria com ele do rochedo. Puxaria o corpo dele, longo e pesado, para cima do dela, sentiria o seu peso, a sua boca, as suas belas mãos.

Mas Dylan não a beijou. Pelo contrário, recuou, distanciando-se dela.

— Tentava mesmo usar os duendes para fazer com que Isabel se porte bem? — perguntou na voz mais natural, sentando-se de novo, estendendo as pernas ao lado dela, mas sem a tocar.

Grace recuou daquele rochedo alto e perigoso para um local seguro e sensato em terra firme. Esforçou-se por se concentrar na conversa que estavam a ter. Disciplina parental, um bom tema, um assunto seguro.

— Deu resultado com a minha precetora.

— Demasiado, na minha opinião.

— Destruíu a minha melhor arma — disse ela, ignorando o comentário. — A melhor arma que as pessoas do West Country têm para utilizar com os filhos. Por vezes, o medo dos gnomo dá muito jeito, Dylan.

— Teremos de arranjar outro modo de a afastar dos problemas.

— Demasiado tarde. Receio que, agora, de cada vez que quiser qualquer coisa, diga que foram os duendes que pediram.

— Não a censuro por isso. — Dylan colheu outra flor cor de rosa. Retirou-lhe as pétalas e deitou-as fora, depois meteu o caule entre os dentes, inclinou-se para trás, apoiando-se nas mãos e sorriu como um pirata de Penzance. — Comigo sempre deu resultado.

Dylan estava lá em baixo. Grace sabia-o porque o piano acordara-a de novo. Todas as noites acontecia o mesmo. Ela nunca sabia quando ele dormia, mas eram certamente poucas horas de cada vez, pois passava grande parte do dia consigo e com Isabel.

Todas as noites Grace adormecia ao som do piano. Em Londres, Dylan saía à noite, mas ali

não havia onde ir. Não parecia gostar da calma e da serenidade do campo, o que não fazia sentido, pois comprara uma propriedade rural.

Grace escutou, reconhecendo a parte da composição que ela tocara umas noites atrás e as variações que ele fizera sobre o tema. Havia mais, peças que ela nunca ouvira. Fechou os olhos e, enquanto escutava, recordava-se do que sentira quando ele a tocara, da alegria quente e selvagem que ele evocava nela com cada carícia, com cada beijo.

Tentou dizer a si própria que teria de ser sensata. Ele fora ter com uma cortesã. Lamentava que Isabel lá o tivesse visto, mas não lamentava ter lá ido. Grace devia ter agora mais juízo, mas não.

Tentava recordar-se de que, para ele, as mulheres eram brinquedos, bagatelas que o entretinham durante algum tempo e que depois deixava de lado. Como seria ser o seu brinquedo só por algum tempo?

Grace gemeu e puxou o lençol para cima da cabeça. Recordava-se de que queria ser respeitável e virtuosa, mas isso não tinha graça nenhuma. Tentou recordar-se de Etienne, porém, o marido era já uma recordação vaga no seu coração, vencida pela do homem para quem não existiam segundos lugares.

Dylan Moore fazia com que ser uma respeitável viúva fosse tão satisfatório como... por exemplo... as papas de aveia. Havia semanas que combatia aquilo, mas não se poderia esperar que uma mulher resistisse a um homem assim. Tratava-se de um metro e oitenta e noventa quilos de pura sobremesa.

Mas Dylan era um homem de caráter muito mais profundo, complexo e volátil e um pai melhor do que alguma vez acreditara ser. Pensou na infinita ternura com que ele tratara a filha, mostrando uma paciência com Isabel que Grace nunca pensara que ele possuísse. Embora não desejasse as responsabilidades de uma paternidade, quando estas lhe haviam batido à porta, assumira-as completamente. Mais ainda, acabara por amar a filha. E isso, Grace sabia, era o que a estava a lançar pela beira do rochedo.

Grace receava-o, não o desejava. Combatera-o com todas as suas forças, mas não podia impedi-lo. Estava a apaixonar-se por ele.

A música terminara. Esperou, mas como ela não recomeçou e não ouviu Dylan subir a escada para se dirigir ao seu quarto, lançou a colcha para trás, vestiu o roupão e desceu a escada. Encontrou-o a olhar para as pautas na estante do piano, com os braços cruzados. Sobre a tampa fechada do instrumento viam-se mais folhas de pauta, penas, tinta e um boião de pó mata-borrão.

— Outra vez acordado, já vejo — murmurou ela.

Ele mudou de posição e olhou-a.

— Receio que sim.

Grace olhou para a estante e pôs-lhe a mão no ombro.

— Porque não dorme bem? — perguntou ela.

Como ele não respondesse, ela aventurou-se.

— Consciência pesada?

Recebeu dele a sombra de um sorriso.

— Não.

Dylan não explicou e Grace olhou para a pauta.

— Que tal vai a música?

— Até agora não me satisfaz. Este terceiro movimento deveria ser um minuete, mas continuo

a escrevê-lo como um *scherzo*. Quer ser um *scherzo* e eu estou a contrariá-lo.

— Quer que vos deixe sozinhos?

Aquilo fê-lo soltar uma gargalhada.

— Não, por favor. Se o fizer, continuará a torturar-me. — Fechou o livro das pautas e ergueu os olhos. — Chá na rotunda, minha senhora? — sugeriu.

— Não. — Grace hesitou mas saltou do abismo. — Penso que quero ir ver a minha casinha.

— O quê? Agora?

— Tem alguma coisa melhor para fazer? — A voz dela estava um pouco trémula.

Ele reparou e voltou-se para ela com ar pensativo, inclinando a cabeça para trás.

— Quer mesmo vê-la esta noite?

— Sim. — Passou-lhe a mão pelos ombros, sentindo a seda do roupão deslizar-lhe sob a palma da mão que logo a seguir curvou junto ao pescoço dele. — Quero vê-la imediatamente.

Ele inclinou-se e olhou-lhe os pés descalços, depois levantou os olhos e sorriu um pouco.

— Será melhor que calce sapatos. É quase um quilómetro a pé.

Ela foi ao quarto, calçou meias e as botas curtas e passou um xaile pelos ombros. Quando desceu, viu que ele também calçara as botas por cima das presilhas das calças de cossaco às riscas pretas e castanhas.

Dylan levou-a ao jardim e aí entraram num caminho lateral. Deu a mão a Grace e conduziu-a pelo atalho de terra batida, através de arbustos e árvores. Depois, ele apontou para o sopé do monte e ela viu as linhas sombrias das sebes e as manchas prateadas do prado ao luar. Aí aninhada, Grace viu a linha de um telhado e as paredes caiadas de uma casinha.

Desceram a encosta e, quando se aproximaram da porta da frente, Grace percebeu que a casinha se parecia com milhares de outras em todo o West Country, com o seu telhado de colmo e as mansardas que ela tão bem conhecia, mas esta era diferente e muito mais importante. Seria sua.

— Tem janelas de vidro — disse ela, olhando-o, invadida por uma onda de alegria. Começou a rir baixinho.

— Gosta? — perguntou ele.

Ao luar, os dragões vermelhos do roupão de Dylan mal eram visíveis, mas Grace sabia que eles estavam lá e pensou nas histórias trazidas para Stillmouth pelos marinheiros que declaravam ter estado à beira do mundo.

Para lá daquele lugar, só havia dragões.

Grace não tinha medo de dragões, pelo menos naquela noite. Sabia que naquele momento nada havia que temer ou esperar. Sentia apenas o desejo de estar com ele. Poderia suportar mais uma noite só, mas não seria preciso. Por muitas noites que tivesse com ele, desfrutaria de todas elas. Não tinha ilusões sobre o que aconteceria depois. Estatelar-se-ia algures, num momento qualquer, mas como seria doce essa descida.

— Gosta? — repetiu Dylan.

— É perfeita. — E deu-lhe a mão. — Vamos entrar.

Entraram. Na casinha havia uma salinha à direita e uma sala de jantar à esquerda. Cada aposento continha um mobiliário proveniente de outras casas — cadeiras velhas, caixotes cheios de objetos variados e mesas pouco firmes. Dylan entrou na salinha, abrindo caminho por entre um labirinto de coisas espalhadas pelo chão. Dirigiu-se a uma das janelas ao lado da lareira e Grace seguiu-o.

— Lá fora fica o jardim — disse-lhe, olhando para trás e apontando para fora. — Ah, e tem roseiras.

Grace foi ter com ele. Olhou para fora e viu o arbusto com botões pálidos, semiabertos, cintilando ao luar. Pousou as mãos nos ombros de Dylan. Sentiu a seda do roupão macia e quente sobre a pele dele, sentiu-lhe os músculos tensos e fortes. No dia seguinte olharia para as rosas.

Sentindo o toque dela, Dylan voltou-se e ela ergueu o rosto para o dele, sentindo as madeixas do seu longo cabelo tocarem-lhe na mão quando lhe acariciou o pescoço.

— Obrigada — murmurou. — Obrigada por isto.

Aproximou-se, pondo-se em bicos de pés.

— Quis vir aqui por outra razão — disse e usou a mão livre para lhe puxar o cinto do roupão.

— Qual é a razão? — Ele mantinha-se rigidamente imóvel enquanto ela lhe acariciava os tendões do pescoço com as pontas dos dedos.

— Preciso de lhe dizer uma coisa. — Tocou com os lábios nos dele. — Sim — murmurou encostada à boca de Dylan.



Sim. Aos ouvidos de Dylan, a palavra ecoou como um grito pelo aposento. Quando ela lhe dissera que queria ir ali, tivera esperança de que fosse exatamente o que lhe diria, mas não quis tirar quaisquer conclusões. Deixou que os lábios dela tocassem os seus, mas não se moveu.

Recordou-se com todos os pormenores daquela noite duas semanas atrás e por isso não tomava agora nada como certo. Da última vez fora uma agonia ter de a deixar com o corpo em alvoroço. Não ia permitir que o mesmo acontecesse. Se ela o quisesse teria de o provar.

Os lábios de Grace tocavam os dele ao de leve, tal como a flor com que ele a acariciara. Dylan entreabriu os lábios o suficiente para a encorajar, mas não retribuiu o beijo. Fechou os olhos, fechou as mãos e aguardou.

Ela assentou os pés no chão, pousando-lhe a mão na nuca e esperou que ele seguisse o movimento. Dylan não o fez.

Grace agitou-se, já com dúvidas.

— Dylan, passa-se alguma coisa?

— Se passa... Oh, meu Deus, claro que não.

— Então... — A voz dela desvaneceu-se e a pergunta ficou no ar.

— Tem a certeza de que é isto que quer?

Ela acenou afirmativamente. Parecia certa. Talvez fosse verdade. O seu baixo-ventre estremecia perigosamente de desejo. Dylan baixou o queixo e olhou-a.

— Não vai mudar de ideias a meio?

Ela acenou afirmativamente com a cabeça e fez deslizar os dedos por baixo do roupão, acariciando-lhe o peito.

— Não vou mudar de ideias.

Dylan sentiu-se invadido pelo triunfo e apeteceu-lhe gritar, porém, apenas permitiu que um sorriso lhe brincasse nos lábios.

— Então — murmurou, desafiando uma jovem séria a transformar-se numa má mulher —, leve o que quiser.

Viu-a morder o lábio inferior e olhá-lo de soslaio, inclinando a cabeça. O luar iluminou-lhe a face e o queixo. Grace sorriu gostando da ideia.

E excitou-a apenas com esse sorriso. Desejou possuí-la imediatamente ali no chão e ter com ela um prazer libertino.

Grace abriu-lhe o roupão e inclinou-se para lhe beijar o mamilo. Ele inclinou a cabeça para trás, inspirando com força, invadido por ondas de prazer. Ela percorreu-lhe ao de leve o mamilo e a zona mais escura que o rodeava com a língua, provocando-o. Dylan gemeu, sentindo um aperto no baixo-ventre. Quando ela fez descer a mão sobre o seu estômago, quase perdeu o controlo. Quase.

Grace beijou-lhe o outro mamilo, acariciando-o abaixo do cóis das calças.

— Quero despir-te.

A agonia quase o matou, mas declarou erguendo o queixo.

— Adiante, então.

Ela ergueu as mãos para lhe fazer deslizar o roupão pelos ombros e braços. Este caiu no chão, ouvindo-se um restolhar de seda no quarto silencioso. Grace tocou-o, explorando-lhe os ombros, as costas, o tronco. Passou-lhe os dedos pelo abdómen. Ele tudo suportou em silenciosa agonia.

Dylan sentiu que ela lhe desapertava os botões das calças. Depois, Grace ajoelhou diante dele e naquela posição submissa, com a ponta da sua ereção logo abaixo do queixo e um sorriso feminino no rosto erguido, transformara-se numa visão tão erótica que ele abriu a mão e colocou-lha sobre o cabelo, embora não fosse o que desejava. Retirou a mão e agradeceu ao destino não estar completamente vestido quando ela começara. Teria sido uma enorme tortura para qualquer homem.

Sem deixar de lhe olhar o rosto, Grace ergueu-lhe o calcanhar para abrir as presilhas dos tornozelos e descalçar as botas. Primeiro o esquerdo, depois o direito.

Dylan sabia que ela certamente despira o marido. Tinha a certeza, ao sentir-lhe a segurança das mãos. O ciúme atingiu-o como golpes de uma faca pontiaguda; uma emoção inesperada, pois nunca a experimentara. Mas rapidamente a esqueceu, pois ela puxava-lhe as calças. Dylan retirou-as e lançou-as para o lado com a ponta do pé.

Grace levantou-se, olhando-o como se ele fosse uma boa sobremesa. Ele gostou do olhar. Gostou mesmo muito.

Dylan estendeu o braço para ela e puxou-a para si num gesto que a fez soltar uma exclamação abafada. Desta vez, beijou-a num contacto completo com os lábios dela para lhe roubar todo o domínio. Saboreou o beijo. Deixou cair os braços, gozando o prazer de a sentir enlaçar o seu corpo, puxando-o para ela. Contudo, sabia que não poderia continuar assim durante muito tempo.

Afastou os seus lábios dos dela e beijou-lhe a orelha como ela gostava.

— Grace — murmurou baixinho, chegando o lábio inferior ao ouvido dela. — Tira a roupa.

Ela soltou uma gargalhada entrecortada e deixou que o roupão lhe deslizesse pelos ombros.

— Quem és tu para me dares ordens? Pensei que fosse eu que mandasse.

— Estás a demorar muito. — Estendeu a mão para os botões da camisa de dormir. Desapertou os cinco botões, fez deslizar as mãos até às ancas dela, agarrou os folhos de linho e fez subir a camisa. — Quero-te nua, já!

— A paciência é uma virtude — disse ela enquanto erguia os braços acima da cabeça.

— A virtude é a última coisa que agora me preocupa. Lembra-te de com quem estás a falar.

— Íamos fazer aquilo que eu queria — disse ela com a voz abafada pelo tecido que ele lhe fazia subir pela cabeça.

Dylan lançou-lhe a camisa de dormir para o lado. Demorou um momento a afastar-se para olhar para ela, para os seios doces e belos, agora mais cheios. A pele dela era pálida e translúcida ao luar e a visão do velo loiro-escuro entre as coxas dela causou-lhe uma terrível tensão por ter de se conter.

Encostou-lhe os lábios ao ouvido e tomou-lhe um seio. Sim, era agora mais cheio, mas maravilhosamente torneado. Passou o polegar pelo mamilo e pela auréola aveludada.

— É isto que desejas?

Ela emitiu um som de assentimento que logo sufocou na garganta. Ele sorriu ao sentir uma madeixa do cabelo dela a tocar-lhe no rosto.

Inclinou a cabeça e abriu os lábios sobre o mamilo para o sugar com a boca. Foi a sua vez de se aproveitar, provocando-a suavemente com a língua, mordendo-lhe várias vezes a ponta do seio. Tomou-lhe o outro seio na palma da mão.

Ela agarrou-lhe os ombros e, instintivamente, aproximou as ancas das dele tocando-lhe ao de leve a ereção como se do contacto da seda se tratasse. Ele riu junto à pele dela fazendo deslizar a mão pelas costelas e pelo umbigo. Tocou-lhe com os dedos no macio triângulo de pelos, acariciando com o dedo médio a abertura do sexo.

— Não queres isto? — Ela gemeu o nome dele, sem forças nos joelhos e envolveu-lhe o pescoço com os braços enquanto apertava convulsivamente as coxas na mão dele. — Preferes isto? — introduziu nela a ponta do dedo e Grace gritou. Estava molhada e macia. Ele recuou e ela arqueou-se de encontro a ele, desejosa e pronta a receber mais. Ele mordeu um lábio, sentindo a dor causada pelos dentes enquanto se esforçava por se conter um pouco mais.

— É isto que queres, não é verdade? — Dylan mergulhou de novo, nela acariciando a sua abertura, espalhando a humidade com a sua mão.

— Sim — disse ela, ofegante, frenética, enterrando a cabeça no ombro dele, a respiração sufocada escaldando-lhe a pele. — Sim, sim... oh... sim, ohhh.

Agitou as ancas e atingiu o orgasmo com um longo suspiro de êxtase feminino, apertando com força as coxas em redor da mão dele, pronunciando-lhe o nome.

Ele retirou a mão e acariciou-lhe o interior das coxas.

— Creio que chegou o momento.

— Sim — concordou ela com um gemido. — Há por aí uma cama?

— Não. — Dylan pousou-lhe as mãos nos ombros e levou-a consigo. Encostou as costas ao canto da parede para se apoiar. Depois tocou-lhe nas nádegas. — Será que precisamos de uma cama?

Antes que ela pudesse responder, puxou-a com mais força.

— Abre as pernas — ordenou e ergueu-a. — Passa-as à minha volta.

Ela obedeceu, com um gemido sufocado e ardente quando a cabeça do pénis a tocou e ele inspirou profundamente o feminino aroma de pera. Deteve-se um pouco junto às dobras macias e húmidas sem entrar nela, com a respiração entrecortada.

— Também queres isto, Grace? — perguntou em voz rouca. — Também?

Ela apertou as pernas em redor do tronco dele.

— Sim — respondeu ofegante.

Dylan penetrou-a, mas não completamente.

— Tens a certeza?

A voz dele parecia rude, brutal. Dylan ouvia a sua própria voz. Não conseguia ser delicado.

— Sim — exclamou ela, ofegante, junto ao pescoço dele, dando ela agora as ordens. — Sim, por favor, sim. Sim.

Dylan agarrou-a com força e penetrou-a completamente para expulsar o homem que ela antes conhecera. *Minha*, reclamou-a. *Minha*.

Com as pernas e os braços a rodeá-lo, ela seguiu-lhe o ritmo, gritando no seu ponto culminante, estreitando-se ainda mais de encontro a ele, sentindo-lhe as mãos nas nádegas e as investidas que fazia dentro de si, numa paixão que se soltava numa cadência violenta e frenética. Com um grito rouco de posse total, Dylan atingiu o orgasmo e o seu corpo estremeceu no prazer insuportável da sua própria libertação.

Ele encostou a cabeça ao canto e ela descansou a sua no ombro dele. Dylan manteve-a suspensa, manteve-se dentro dela e ambos ficaram imóveis. O gemido que ouvia dentro de si era agora um murmúrio distante, ultrapassado pela violenta respiração de ambos e pelo doce calor do corpo dela, envolvido no seu.

Momentos depois, afastou-se dela e colocou-a no chão.

— Queres conhecer a casa? — perguntou-lhe ele beijando-a na boca. Ela beijou-lhe as faces, os ombros nus, o queixo e o cabelo.

Ela apenas desejava que ele a abraçasse, a acariciasse, entrasse nela de novo. Abanou a cabeça e beijou-lhe o queixo, agarrando-se a ele.

— Não tens sentido de aventura, pois não? — perguntou ele e, pelo tom da sua voz, ela sabia que ele sorria de encontro ao cabelo dela. De súbito, Dylan ergueu a cabeça e olhou em volta.

— Tenho uma ideia — disse. — Não te mexas. Volto dentro de um ou dois minutos.

Afastou-se e Grace ficou encostada à parede vendo-o andar pelo quarto iluminado pelo luar, por entre as coisas por ali espalhadas.

Dylan tinha um corpo magnífico, forte e sólido. Belo de uma maneira masculina. Grace sorriu, sentindo-se um pouco embriagada e satisfeita, como se tivesse bebido demasiado vinho e estivesse presa de uma espécie de euforia que a fazia querer rir, chorar e repetir tudo.

Ouvia-o andar pelo outro aposento e perguntava a si própria o que estaria a fazer. Não teve de esperar muito. Quando voltou, trazia um enorme rolo ao ombro e, ao aproximar-se, Grace viu à luz fraca que ele trazia um tapete.

— Pensei que poderia haver ali um ou dois — disse, atirando o tapete para o chão. Dobrou-se, segurando com uma mão nas franjas e empurrando o tapete com a outra. Este desdobrou-se, mas, quando ficou completamente aberto, começou de novo a enrolar-se junto aos pés dele.

Grace pisou o belo tapete *Axminster* para o fixar e começou a rir. Ele ajoelhou, lançando o cabelo para trás e observando-a de um modo irónico. Olhando para os seus próprios pés, ela comentou:

— Pensei que só os homens o faziam com as botas calçadas.

Ele soltou uma gargalhada e inclinou a cabeça para a observar.

— Gosto — disse, lançando-lhe um olhar malicioso. — Mas creio que preferia que chegasses aqui e deixasses que eu tas descalçasse.

— Sim? — Humedeceu o lábio inferior, dirigiu-se ao centro do tapete, sentou-se e estendeu-lhe uma perna.

Dylan aproximou-se e ajoelhou para lhe pegar no pé. Descalçou-lhe o botim, lançou-o para o lado, retirou-lhe a liga e a meia, pousando-lhe o pé junto a si. Repetiu todos os gestos com o pé esquerdo e abriu-lhe as coxas, mas não se aproximou. Descansou as mãos nos joelhos e olhou para ela.

— O teu cabelo, Grace — disse, baixando o olhar para a fita de musselina que lhe prendia a trança. — Deixa-me vê-lo solto.

Ela derretia-se por baixo do olhar escuro e quente. Com os dedos soltou a fita enquanto a ponta da trança brincava com o seu seio e começou a desmanchá-la.

Dylan estendeu-se apoiado nos cotovelos e ficou a vê-la abanar o cabelo para que lhe caísse solto sobre os ombros.

— Sonhei centenas de vezes com essa visão — confessou ele em voz trémula. — Meu Deus, quem me dera que fosse dia e pudesse ver todas as cores do teu cabelo. Vem cá.

Ela obedeceu, fazendo deslizar as palmas das mãos pelo corpo dele enquanto abria as pernas sobre as suas ancas e ele se deitava no tapete. Ela agarrou-lhe o pênis e baixou-se sobre ele, gritando quando ele se ergueu para fazer a sua enorme ereção entrar nela. Penetrou-a com força e deitou-se de novo, erguendo as mãos para lhe acariciar os seios.

Ela colocou as palmas das mãos no peito e cavalgou-o. Dylan acompanhou-lhe os movimentos, olhando-a nos olhos. Uma das mãos brincava com o seio dela enquanto lhe pousava a outra no ventre, no local onde estavam unidos, passando o polegar por onde mais prazer lhe dava. Ela balançava sobre ele em movimentos rápidos e frenéticos para atingir o orgasmo. E atingiu-o antes, mas ele seguiu-a imediatamente, com o corpo rígido, investindo uma vez mais dentro dela e estremeceu enquanto ela se deixava cair sobre ele, com o cabelo sobre o rosto.

Ele começou a rir, com um riso exaltado e franco. Ela ergueu a cabeça, sorrindo e comendo o cabelo ao mesmo tempo que o olhava através da cortina loira.

— Se isto é virtude — disse ele, afastando-lhe o cabelo para lhe acariciar o rosto —, habituava-me bem.

Grace sentia o coração cheio de uma calorosa felicidade como há anos não acontecia. Esquecera-se de como era maravilhoso apaixonar-se.

— Obrigada — murmurou e beijou-o.

— Porquê, valha-me Deus?

— Porque... — Grace escondeu o rosto no ombro dele, embaraçada. — Já não me sinto uma viúva seca.

— Nunca o foste. — Dylan puxou-a para o seu lado e beijou-lhe o cabelo, mas não a provocou. Abraçou-a durante muito tempo, um braço servindo-lhe de almofada para a cabeça, o outro envolvendo-a.

Grace não conseguia dormir, demasiado cheia de emoções, mas sentiu o corpo dele descontraí-lo lentamente e, algum tempo depois, adormecer.

Ela sorriu observando-lhe o rosto tão próximo do seu. Mesmo com as feições descontraídas tinha um ar estouvado. Estendeu a mão para o rosto dele, mas deteve-se e não lhe tocou. Não queria acordá-lo. Deixou-se ficar deitada, olhando para o teto da casa que seria sua.

Era tudo o que ela sonhara durante três longos anos a tentar voltar a casa. Era cómoda e confortável. Tinha um jardim e um pombal e tudo o mais que ela poderia desejar. Porém, de um modo que não sabia definir, havia com ela qualquer coisa de errado.

Dylan mexeu-se a dormir e, subitamente, Grace apercebeu-se do que não estava certo com a casa. Olhou para o teto em abóbada e percebeu que, quando aquele caso amoroso terminasse, não poderia viver ali porque não o suportaria.

Quando Dylan acordou, Grace partira. Sentira a sua ausência antes de abrir os olhos, o seu perfume enchendo-lhe ainda os sentidos. Quando ergueu as pálpebras, pestanejou na inesperada luz que entrava na sala.

— Grace?

O grito de Dylan ecoou pela casa e ele imediatamente olhou em seu redor. A roupa dela, as meias e as botas tinham desaparecido, mas a fita do seu cabelo estava sobre o tapete, uma fita de musselina azul pervinca. Pegou-lhe e acariciou-a com os dedos.

Dormira. Percebeu-o como se alguém lho murmurasse aos ouvidos na súbita claridade da aura do acordar. Dormira durante horas até, a julgar pelo sol que lhe entrava pelas janelas.

Com ela a seu lado dormira como dorme um homem vulgar, um sono descansado e satisfeito. Um sono calmo. O ruído estava lá, claro, mas mais suave do que já fora. Não lhe doía a cabeça. Sentia-se verdadeiramente descansado pela primeira vez em muitos anos. Dylan passou a fita pelos dedos e sentiu como se tudo dentro dele estivesse bem. Encostou os lábios à fita e depois meteu-a no bolso.



Na noite seguinte, Grace e Dylan acamparam de novo na casinha, mas, desta vez, Dylan estava preparado. Trouxe um colchão de palha para o chão, lençóis e um cobertor que ali ficariam. Mais tarde, arranjaria decentemente a casa para ela, mas, por enquanto, aquilo deveria bastar.

Trouxe também fruta, vinho e uma bolsa de seda vermelha onde guardava camisas de Vénus. Na noite anterior trouxera um desses preservativos no bolso do roupão, mas, no momento em que Grace o beijara, esquecera tudo menos o gosto e as sensações que ela lhe causara e perdera a cabeça. Para proteger Grace de uma gravidez, teria de se lembrar de, a partir dali, usar preservativo.

Munira-se também com um candeeiro pois queria ver o corpo de Grace nas suas verdadeiras cores e não prateado e cinzento na sombra do luar.

Quando nessa noite fizera amor com ela fora com a intensidade feroz e ardente da posse absoluta, mergulhando nas vagas da paixão até a ouvir pronunciar o seu nome nas várias vezes que atingia o clímax.

Da segunda vez, fez tudo com requintada lentidão, beijando-lhe o rosto, o nariz, as faces, explorando demoradamente o corpo dela, como se o tempo tivesse parado para eles. Procurou os pontos secretos que lhe davam prazer e explorou-os. A parte detrás dos joelhos, a pele sensível por baixo dos seios, a base da coluna e a nuca. Murmurava-lhe palavras de amor, doces e sugestivos elogios, indecências sexuais, até a fazer corar e agitar-se sob as suas carícias de forma ardente e feminina. Penetrou-a lentamente e excitou-a com o seu corpo, erguendo as ancas para mal se mexer dentro dela, aumentando a força das suas investidas apenas quando ela o exigia, arqueando-se num desejo frenético para atingir o orgasmo.

Depois, perguntou-lhe se queria dormir e, quando ela disse que não, saíram. Troçou porque ela se vestiu, mas ela olhou-o tão chocada ao ver que Dylan queria sair nu que este sentiu-se obrigado a vestir as calças e o roupão. Deitaram-se sob as estrelas num tufo de erva macia e ficaram a ouvir o rugido do mar.

— Também não tenho sono — disse ele.

— Será por estares habituado a dormir durante o dia? — perguntou ela.

— Não. Não importa a hora do dia. Durmo apenas quando estou tão cansado que não consigo ficar acordado nem mais um momento. Costumava sair todas as noites para chegar à exaustão.

— É um modo difícil de conseguir descansar — Grace inclinou-se sobre o cotovelo e levou a mão ao rosto dele. — Sabes porque não consegues dormir? — Ele não respondeu e, momentos depois, ela voltou a deitar-se na relva e mudou de assunto. — Sempre quis dormir ao ar livre, a ouvir o mar, mas nunca me autorizaram. Isto é maravilhoso. — Juntou a mão à dele e entrelaçaram os dedos.

— Tenho um zumbido nos ouvidos — disse Dylan.

Grace voltou a cabeça. Ele estava de perfil, olhando para o céu onde algumas nuvens azul-escuras passavam pela Lua e pelas estrelas, e não olhava para ela.

— É por isso que não durmo bem.

— Tens um zumbido nos ouvidos? — Grace não percebia muito bem. — Mas quando?

— Sempre. — Falava por entre dentes. — Vinte e quatro horas por dia. Não é um som como o dos sinos ou qualquer coisa assim. Não, parece um gemido constante e firme. Como o som de um diapasão. Há momentos em que mal o ouço. Outras vezes parece que tenho um guincho horrível dentro do cérebro.

Ela sentou-se e olhou-o no rosto, lembrando-se de coisas estranhas que na ocasião não haviam feito sentido. Tapava os ouvidos com as mãos. As dores de cabeça. Dizia que não gostava do silêncio do campo. Tentou imaginar o que seria viver com um ruído permanente dentro da cabeça, como seria intolerável estar na cama a tentar dormir, mas não conseguiu imaginá-lo. Porém, sabia que seria uma tortura.

— Foi há cinco anos e meio, uma queda do cavalo no Hyde Park que o causou. Galopava mais do que devia, caí e bati com a cabeça numa pedra. O meu ouvido direito sangrou durante dois dias e depois começou o gemido. Meu Deus, como foi horrível, como ainda é. Ainda o ouço.

Grace apertou-lhe a mão.

— Foi por isso que te quiseste matar, não é verdade?

— Sim. O ruído enlouquecia-me. Já não conseguia ouvir música. É por isso que não conseguia compor.

— Mas isso passou-se há cinco anos. Depois já publicaste obras extraordinárias.

— Não. Não publiquei.

— Como podes dizer uma coisa dessas? E *Valmont*, a tua ópera? E o teu *Concerto Número Catorze para Piano*? E a tua *Fantasia ao Nascer do Sol*?

— Grace, não adivinhaste? São peças antigas, algumas compu-las quando ainda era rapaz. De vez em quando, vou buscar uma e assim ninguém saberá a verdade. Compus a *Fantasia ao Nascer do Sol* quando tinha catorze anos. O concerto, compu-lo com vinte anos, só que ainda não lhe dera um nome. Completei o *Valmont* no dia anterior ao acidente. — Levou as mãos aos olhos e soltou uma curta gargalhada. — Peças que nunca pensei dignas de serem publicadas.

— Não são dignas de serem publicadas? Dylan, são maravilhosas. — Grace sentia-se triste por ele, aflita pelo que ele sofria todos os dias. — Talvez não sejam dignas para ti, mas elas não são para ti, sabes. São para prazer e desfrute de todas as pessoas. Há quem pense que o *Valmont* é a tua melhor ópera.

Dylan afastou-lhe uma madeixa de cabelo do rosto.

— Até te ter encontrado de novo, não compus uma única peça musical, e passaram cinco anos. Nem uma.

Grace recordou-se das palavras dele na noite em que se tinham encontrado. *Nunca mais escreverei música.*

Pensou em Etienne que dizia sempre que não voltava a pintar, para voltar ao trabalho semanas depois, com renovada paixão.

A resposta que dera a Dylan, naquela noite no Palladium, fora muito confiante. *Voltará sim. Um dia.* Não tinha compreendido.

Ele apertou na mão as longas madeixa de cabelo.

— Depois apareceste e deste-me esperança.

— Oh, Dylan. Não foi por minha causa. — Inclinou-se para ele e pousou-lhe a mão no rosto. — Estava tudo dentro de ti. Não sabes como és forte!

— Forte? — Ele abanou a cabeça. — Na noite em que me conheceste ia suicidar-me, por amor de Deus. É a coisa mais fraca e mais covarde que um homem pode fazer.

— Todos temos as nossas fraquezas, Dylan, mas tu provaste ser forte. Tens vontade de viver quando a vida é um inferno e só te resta a esperança. — Fez uma pausa. — O meu marido era um homem volátil, um homem sujeito a mudanças de humor abruptas e inexplicáveis. Era um homem brilhante, mas permitia que as fraquezas do seu caráter se apoderassem dele e dominassem tudo o que fazia.

— O mesmo pode ser dito a meu respeito, Grace.

— Não. Há uma grande diferença. Deixei o meu marido não pelas suas fraquezas, mas pela sua falta de vontade em combatê-las. Perdeu a esperança. Se tivesse ficado com ele, teria perdido a minha e ele ter-me-ia destruído. Morreu um ano depois.

— Grace. — Puxou-a para si e beijou-a. — És a pessoa mais compadecida que conheço. Acalmas-me sempre que estou contigo. A tua voz — disse e tocou-lhe na garganta. — Os teus olhos, tão verdes, frescos e verdes... — Tocou-lhe nas pestanas com a ponta dos dedos. — Quando os vi à luz do dia, pensei que eram como a primavera. Acalmas o ruído da minha cabeça. Ontem dormi toda a noite pela primeira vez em cinco anos. Sempre que estou contigo, o zumbido diminui, afasta-se e consigo ouvir a música.

Ela sorriu.

— Pensei que estavas apenas a ser ardente e a fazer amor comigo. A ser o mais doce possível para me levares para a cama.

— Bem, isso também. — Ergueu-a para ele e lançou-lhe aquele sorriso de pirata à luz da Lua. — E deu resultado — disse, abrindo-lhe o roupão. — Não é verdade?

— Dylan, não — murmurou ela, olhando em volta e tentando fechar o roupão. Em vão pois ele já lho afastava dos ombros. — Não podemos! Aqui não.

Indiferente aos receios dela, Dylan ignorou as mãos que o empurravam e acariciou-lhe os seios.

— Podemos sim — disse ele, provocando-a com os polegares e com a voz. — Vá, Grace, desafio-te. Faz amor comigo, nua, ao luar. Eu não digo a ninguém.

E ela assim fez. Uma dança pagã, com ele, às escuras. Homem malicioso, tentando-a com tais delícias.

Depois, na casinha, ele adormeceu profundamente ao lado dela, passando-lhe um braço pela cintura e o outro servindo-lhe de almofada. Grace observava-o, satisfeita por ele conseguir dormir. Amava-o. Ele fazia-a rir. Fazia-a sentir-se feliz por estar viva.

Voltou a cabeça e murmurou o seu segredo junto da mão dele, em voz tão baixa que mal se conseguia ouvir a si própria.

— Amo-te.

Beijou-lhe a palma da mão e dobrou-lhe os dedos descontraídos, suavemente, para não o acordar. Não adormeceu. Ficou ali com os lábios colados ao punho dele, onde ficara guardado o seu segredo. Sentia-se viva de corpo e alma. Agradecia-lhe todos os momentos de felicidade, mas o medo ainda lançava uma sombra sobre ela, o medo da dor passada e o terror do que sentiria quando tudo se desmoronasse.

Junho seguiu-se a maio. Por acordo tácito, eram discretos. Durante o dia, na presença dos outros eram delicados e talvez um pouco mais distantes do que antes. Quando estavam sós, as coisas que ele lhe fazia reacendiam a chama sufocada pelas horas do dia e pela antecipação.

Não era apenas ele que ardia de desejo. Grace começou a descobrir coisas secretas que a

levavam ao êxtase e, amando-o, adorava praticá-las.

Havia momentos em que era difícil manter o segredo. Por vezes, erguia os olhos durante as lições de Isabel e dava por ele a olhá-la. Sabia então que pensava nas noites que passavam juntos no escuro, nas palavras que lhe murmurava ao ouvido e naquelas que a levava a dizer quando faziam amor.

Descobriu que Dylan gostava de brincar com as palavras na cama e que também ela gostava. Ignorava esse seu lado malicioso, mas quando ele lhe sussurrava ideias excitantes e chocantes enquanto lhe tocava ela desejava que as pusesse em prática. Ele exigia que ela lhe dissesse o que queria pelo puro prazer de lhe ouvir a voz. Ela fazia-o com todo o gosto.

Dylan adorava o cabelo dela. Todas as manhãs ela o penteava ao alto e ele deliciava-se a soltá-lo todas as noites. Passava-o pelos dedos, puxava-o para que caísse sobre o rosto dela quando estava sobre ele. Por vezes, passava por trás dela e, quando não havia ninguém a ver, roubava uma travessa, fazendo com que lhe caíssem as tranças. Ou pior, retirava-se com a travessa no bolso deixando-a sem possibilidade de prender o cabelo.

Sempre que o tempo estava bom, à noite, ficavam ao ar livre a conversar, a fazer amor deitados na relva. Se chovia, permaneciam dentro da casinha, deitados no colchão, com a janela aberta, escutando a chuva cair. Grace descobriu que Dylan gostava da chuva. Dizia que o som, tal como a voz do oceano, o acalmava.

Umaz vezes dormia, outras não. Quando chegou a altura das regras de Grace, dormiu com ela da mesma maneira, sempre que a ela lhe apetecia, contentando-se em abraçá-la e ela apreciava-o por isso. Por vezes, se sentia dores e queria estar só, ele retirava-se. Outras, quando não conseguia dormir, dava longos passeios sozinho pelos montes ou junto ao mar. Grace ignorava o que ele fazia ou onde ia, mas voltava sempre para se deitar ao lado dela. Dia após dia, lentamente, Grace esquecia o que era ficar só.

Os belos dias de junho transformaram-se nos dias quentes de julho. Dylan compunha todas as manhãs enquanto Isabel tinha as suas lições. Era uma luta, uma nota de cada vez. De vez em quando chegava-lhe uma centelha de inspiração. Via Grace passar, ou Isabel ria-se, ou o oceano chamava-o e ele escrevia a música. Esses momentos eram preciosos e raros, uma doce satisfação sempre que chegavam. Pouco a pouco, ia compondo a sinfonia fazendo-a chegar ao quarto e último andamento.

Antigamente, a parte final de qualquer peça era, para Dylan, a mais fácil de compor, mas não agora. Não conseguia arranjar um modo satisfatório de a fechar. Aquele opus era decisivo e representava o início de uma nova fase da sua vida; era muito importante. Queria que o final fosse certo, mas talvez estivesse a exigir de mais.

Agora sabia que, quando se sentia assim, quando estava exasperado pelas horas que passava sem conseguir chegar a lado algum, era tempo de parar e de se descontraír e decidiu procurar as suas duas melhores fontes de inspiração.

Nesse dia, ao subir aos aposentos das crianças, encontrou Grace ensinando Isabel a dançar a valsa ao som fraco de uma caixa de música colocada sobre a secretária da filha. Sem querer interromper, fez uma pausa, à porta, e ficou a ver.

Grace ergueu os olhos enquanto conduzia Isabel e viu-o à porta. Levou o dedo aos lábios e continuou com a aula enquanto ele observava sem que a filha desse por isso.

A cabeça dourada de Grace estava curvada sobre os cabelos escuros de Isabel. Dylan ouviu a sua voz líquida contar a cadência, uma voz tão melodiosa como a valsa de Weber que dançavam. Ou tentavam dançar, corrigiu para consigo quando a filha tropeçou.

Isabel percebia o que era uma valsa do ponto de vista musical, mas dançar ao som de uma era efetivamente muito diferente, conforme a filha estava a descobrir. Grace tentava, com doce paciência, conduzi-la ao som da melodia cadenciada, mas Isabel mostrava-se rígida e desajeitada, incapaz de se descontraír.

A maioria das pessoas ficaria surpreendida que Isabel, com a sua habilidade para compor, não fosse também dotada para a dança, mas Dylan entendeu-a imediatamente. Sentia-se frustrada pela ideia de ter de ser conduzida.

— Não gosto disto — disse Isabel e confirmou a sua conclusão instintiva perguntando: — Não posso conduzir eu desta vez?

— A senhora nunca conduz o cavalheiro — respondeu Grace.

— Mas a senhora está a conduzir-me, Mistress Cheval, e é uma mulher. E, afinal, quem fez essa regra estúpida que diz que uma senhora não pode conduzir.

Dylan levou a mão aos lábios para ocultar um sorriso. A sua filha era tão determinada e independente. E tenaz, também, questionando sempre o mundo, tal como ele, lutando contra as convenções e limitações com a mesma natureza contestatária que ele possuía. Se ele não conseguia perceber a razão por que era assim, muito menos a sua filha. Porque necessitava dramatizar para conseguir que o poço criativo ficasse repleto ou ser consumido por uma irrequieta energia. Lutava contra o mundo talvez simplesmente por ele ali estar e a vida seria perfeitamente aborrecida se alguém não a combatesse.

Era esta a sua ligação com Isabel, a verdadeira, mais profunda ainda do que a música. Ele compreendia-a e ela fazia com que se compreendesse a si próprio. Partilhavam traços de carácter muito profundos, que tinham passado de pai para filha numa afinidade para além do ato sem amor que a gerara.

Isabel era tão teimosa que o preocupava. A vida de uma mulher com aquele temperamento não poderia ser feliz. Quase desejava que ela tivesse nascido rapaz, mas, depois, olhava para ela com o seu vestido branco, enfeitado com uma fita escarlata — uma fita de vitória na batalha das cores apropriadas para as meninas. E a bainha tinha folhos de renda — *renda*, aquele horrível tecido que picava.

— Papá!

Parou cambaleando, olhando-o com os enormes olhos escuros e a sua boca absurda e bonita em forma de botão de rosa a sorrir para ele. Dylan baniu a ideia dos rapazes.

— Posso conduzir eu? — perguntou ele.

Grace afastou-se e dirigiu-se à caixa de música para recomeçar a valsa, enquanto ele avançava e pegava na mão da filha.

— Confias em mim? — perguntou.

— Sim, papá.

Não havia a mínima hesitação na resposta, mas antes uma convicção nada fácil nela, uma inexplicável confiança que ele ainda não conseguira. *Haveria de conseguir*, jurou.

— Se me deixares conduzir-te — disse —, não te deixo tropeçar. Prometo.

Ela acenou afirmativamente e olhou de soslaio para Grace. Esta observava-os parecendo um quente dia de primavera, com o seu cabelo dourado e os olhos verdes, o vestido cor de pêssego e sorriso radiante. Era a coisa mais bonita que Dylan vira na vida e a mais doce sobremesa que provaria.

Enquanto olhava para Grace, sentiu a mão da filha na sua, tão pequena, tão vulnerável. Sentiu a garganta apertada, o coração oprimido. Aquele sentimento era excessivo, cobria-o, entranhava-se-lhe nos ossos e subia-lhe no peito como uma onda, quase o impedindo de respirar.

Voltou a cabeça e olhou as pereiras, ao longe, através das janelas abertas. Voltou a cabeça de novo e viu o mapa do Devonshire na parede. Ao lado estava o desenho que Isabel fizera de *Sonata*, o pônei — um desenho um pouco desproporcionado. Perto, a coleção de conchas da filha repousava numa taça de vidro sobre a mesa escura de cerejeira. Entrara ali inúmeras vezes desde que haviam chegado, dois meses antes, contudo, desta vez, olhava em seu redor numa espécie de tontura, como uma borboleta que nunca ali tivesse estado. *Em casa*, pensou estupidamente. *Estou em casa*.

— Papá, estás pronto?

Olhou para o rosto erguido da filha e tocou-lhe na face, compreendendo por fim o que Grace lhe quisera dizer cinco anos antes quando lhe explicara porque precisava ele de viver.

Pode ser necessário para uma coisa importante.

Era aquilo mesmo. Aquilo, todos os dias, durante toda a vida, até o enterrarem. Dylan segurou com força a mão da filha e soltou um profundo suspiro entrecortado.

— Sim, minha querida, estou pronto como um pai deve estar.



Dylan e Isabel dançavam havia uma hora quando a lição foi interrompida.

— Senhor — disse Osgoode da porta, erguendo levemente a voz para se fazer ouvir. — Sir Ian Moore veio visitá-lo.

Dylan terminou a dança com Isabel e olhou para o mordomo. Hesitou, sem querer terminar o que ele e Isabel estavam a fazer, mas não poderia deixar o irmão para sempre à espera na sala de visitas.

— Diz-lhe que iremos imediatamente.

Olhou para Grace e para Isabel e apontou para a porta.

— Vamos?

Lá em baixo, Ian esperava na sala de visitas e levantou-se logo que entraram. Assim que olhou para Grace, os olhos abriram-se um pouco mais e o seu rosto, geralmente impávido, iluminou-se de surpresa e admiração pela beleza dela e por mais alguma coisa. Mas a expressão delicada e diplomática voltou-lhe ao rosto antes que Dylan pudesse definir o que vira de facto no rosto do irmão.

— Ian — saudou-o. — Lembras-te da minha filha, Isabel?

— Sim, claro — Ian fez uma vénia. — Menina Isabel.

— Boa tarde, senhor meu tio — respondeu ela, fazendo uma profunda vénia. Logo a seguir deu a mão ao pai e lançou a Ian um olhar de arrogante e gloriosa superioridade, como o de qualquer rainha que o irmão deste pudesse ter conhecido. Dylan quase lia as palavras *Eu bem te disse* sobre a cabeça dela como se as visse escritas numa caricatura. Os lábios de Ian esboçaram uma leve centelha de humor, mas, à parte isso, o seu rosto era perfeitamente sério.

— E esta é Mistress Cheval, a precetora de Isabel.

— Excelência... — Grace executou a reverência perfeita, devida ao posto de Ian. — Tomará chá connosco? — perguntou.

— Com certeza.

Grace fez soar a campainha e, quando a criada apareceu, deu-lhe as suas ordens para o chá e sentou-se numa das cadeiras do centro da sala, levando consigo Isabel, para que se sentasse a seu lado. Dylan, sempre inquieto, não se sentou.

Houve um momento de silêncio. Grace lançou um olhar a Dylan para lhe indicar que ele deveria conduzir a conversa, mas, nesse momento, Molly entrou.

— Se me dá licença, senhor — disse a Dylan. — Vou agora à quinta e pensei que a menina Isabel gostaria de me acompanhar para ver os gatinhos recém-nascidos. Já têm os olhos abertos.

Isabel levantou-se de um salto. Pelos vistos, Ian ainda não tinha sido perdoado por ter duvidado da paternidade de Dylan.

— Posso, papá?

Os gatinhos pareciam mais interessantes e Dylan lançou à filha um olhar de inveja.

— Podes, sim.

Rápida como um raio, dirigiu-se à porta, arrastando Molly consigo, mas Grace deteve-a.

— Isabel, não se esqueceu de nada?

A criança voltou-se para o tio, fez uma profunda vénia e disse bom dia. Recebeu a resposta apropriada e desapareceu imediatamente. Dylan soltou uma gargalhada ao vê-la partir.

Porém, quando se voltou para o irmão, a sua boa disposição desapareceu imediatamente. Ian voltara-se de novo para Grace, desta vez lançando-lhe um olhar mais demorado, numa análise minuciosa da sua pessoa. Não parecia próprio de Ian, que nunca fitava uma pessoa por mais de um momento, conforme exigia a escrupulosa delicadeza. Era má educação olhar fixamente para uma pessoa.

A Dylan não escaparam as nuances do olhar atento do irmão. Grace, cheia de tato, parecia ignorar aquele interesse masculino, mas Dylan reparou e aquilo rasgou dentro dele algo de primitivo e elementar.

Osgoode entrou e colocou o chá sobre a mesa, entre Ian e Grace.

— Como prefere o chá, Excelência? — perguntou Grace, fazendo com a sua voz delicada um profundo contraste com o que Dylan sentia. Este debruçou-se à janela para que a luz brilhante nas suas costas lhe ocultasse a expressão. Geralmente, não se sentia assim ao reparar no interesse de outros homens nas mulheres que levava para a cama, mas aquela não era uma mulher qualquer. Aquela era Grace, com as suas intenções virtuosas, as suas maneiras elegantes e o seu coração generoso. Grace, que o olhara uma hora atrás como se ele fosse o rei da Terra. O instinto de posse que o invadia com tão grande violência, novo e desconhecido, não era do seu agrado. Sentia-se sufocado por ele. Apertou os lábios ao ver o irmão observar Grace.

Esta serviu o chá a Ian, juntou o açúcar e o leite conforme ele solicitara e apresentou-lhe a chávena e o pires com gestos delicados e discretos. Parecia perfeitamente à vontade.

Ian aceitou o chá com a mesma reserva delicada. Dylan perguntou então a si próprio porque se sentiria como se estivesse numa peça de teatro e fosse o único que não soubesse o papel. Grace olhou-o, mas não lhe perguntou se queria chá, pois sabia que ele não gostava da bebida. Limitou-se a servir uma chávena para si mesma.

— Li acerca dos esforços diplomáticos de Vossa Excelência — disse Grace a Ian. — Deixe-me que o felicite pelo êxito das negociações. O casamento da princesa italiana impedirá de facto a guerra com a Áustria?

Grace escutou Ian com interesse, enquanto este falava das negociações de um casamento real e do nacionalismo italiano, com a expressão de um homem a olhar para o céu envolto em seda cor de pêssego.

Dylan afastou-se da janela e passou para trás da cadeira de Grace. Fitou o irmão e pousou deliberadamente as mãos sobre os ombros macios da jovem, logo abaixo da linha redonda do decote do vestido.

Perturbada por aquele contacto íntimo diante de outra pessoa, Grace agitou-se um pouco, mas logo se aquietou. Ian ergueu uma sobrancelha, com um ar digno e reprovador, mas Dylan não retirou as mãos.

Por fim, a visita pareceu não ter outro objetivo senão o habitual: Ian vinha, como de costume e de acordo com a sua noção de delicadeza, apresentar os seus respeitos. Fazia-o sempre que estavam na mesma cidade porque era o que devia fazer. Mesmo quando os seus pensamentos não eram os mais apropriados, Ian fazia sempre o que era devido. Depois de dez minutos de conversa educada, Ian levantou-se para partir. Grace também se ergueu e Dylan retirou-lhe as mãos dos ombros.

— Foi um prazer, Excelência — disse, estendendo-lhe a mão.

Ian beijou-lha da maneira mais delicada, sem lhe tocar com os lábios. Olhou depois para Dylan.

— Acompanhas-me à saída?

Dylan ficou surpreendido.

— Claro — murmurou e os dois homens dirigiram-se ao caminho em que a carruagem e o cocheiro de Ian o aguardavam. Detiveram-se junto do veículo, mas, em vez de subir, Ian olhou para o irmão.

— Gostaria que me visitasses esta noite. A qualquer hora será conveniente.

— Como? — Dylan não podia acreditar que um tal convite saíra da boca do irmão. Nunca era convidado para Plumfield. E se o fosse teria declinado.

— Sim — disse Ian com uma expressão franca e grave e ainda mais formal do que era costume. Afastou uma madeixa de cabelo castanho. — Não estou a fazer este pedido de ânimo leve. É importante, Dylan, um assunto importante, por isso peço-te o favor de compareceres.

Certamente Dylan não levaria Grace consigo.

— Muito bem. Às seis horas?

— Então às seis.

Ian subiu para a carruagem e tomou as rédeas das mãos do cocheiro. Dylan viu-a entrar no caminho cheio de sombras e voltou para casa, sentindo-se vagamente incomodado.

Quando regressou à sala encontrou Grace à porta.

— Podemos falar em particular? — perguntou-lhe ela em voz baixa, olhando em redor sem querer ser ouvida pelos criados. Sem esperar resposta, dirigiu-se ao pequeno gabinete do outro lado do corredor.

Dylan seguiu-a e fechou a porta atrás de si. Para surpresa dele, ela fechou também a janela. Depois voltou-se.

— Dylan, sei que não passou assim tanto tempo desde que... nos envolvemos, mas há coisas que têm de ser entendidas nesta nossa combinação — disse em voz baixa e serena. — Por favor, não voltes a tocar-me daquela maneira.

Também ele arrefeceu ao ver o gelo ártico nos olhos dela. Esboçou um leve sorriso, sentindo o estômago apertado e o ruído aumentar nos ouvidos.

— Adoro tocar-te.

— Não posso permitir que o faças na presença de outra pessoa. É indecoroso. Nem deveria ter de to fazer notar, Dylan, bem sabes. Para que foi aquilo? Sei que não te entendes bem com o teu irmão, mas...

— Entender-me? — interrompeu ele. — Bem vi como olhou para ti.

— Foi escrupulosamente educado, que é mais do que posso dizer a teu respeito. Humilhaste-me, Dylan.

Foi como se um chicote brandisse no ar e caísse sobre ele. Não podia defender-se, sabia-o bem, por isso atacou.

— Educado? — repetiu. — Maldição, sei o que ele estava a pensar. Estava a olhar para ti como se quisesse despir-te.

Para espanto de Dylan, ela não o desdisse. Pareceu até indiferente.

— E se estivesse?

— Grace, és minha amante, não estás disponível para ele. Só o quis recordar desse facto.

— Não sou tua amante, Dylan. Uma amante é uma posse, uma coisa comprada e paga, uma coisa que se possui. Não permitirei que me trates como se fosses meu dono. Pagas-me apenas como precetora da tua filha. Na cama, não há trocas de dinheiro entre nós. Não sou a tua amante. Sou a mulher que te ama.

— De qualquer maneira, és minha.

— Não — contrariou-o Grace, calma e contida, no seu desafio. — Pertenço a mim mesma e é minha a decisão de me dar ou não a uma pessoa. Não és tu que decides.

Voltou-se para se retirar, mas ele estendeu o braço para lhe rodear a cintura, impedindo-a de sair e encostando o rosto ao pescoço dela. Mas ela manteve-se rígida naquele abraço, sem ceder e ele desistiu. Assim que ele a soltou, Grace saiu do gabinete, fechando suavemente a porta atrás de si. Dylan ficou a olhar para a superfície branca, sentindo-se sufocar no aposento sem ar.

— Minha — disse-lhe através da porta fechada, como se ela o esperasse do outro lado. Porém abriu-a e ela não estava lá. Dylan recordou os olhos dela, o sorriso, nessa tarde nos aposentos das crianças, e sentiu no peito a dor da raiva e do ciúme e, que Deus tivesse piedade dele, tinha medo.



Dylan dirigiu-se a passos largos para a sala de música e sentou-se. Nunca se sentira assim e não compreendia o que se passava consigo. Abriu o fólio e pôs-se a trabalhar usando a música para destruir o ciúme doentio e o medo e expulsá-los do seu organismo. Não havia tempo para ficar inundado nas agonias da composição que ultimamente o invadiam, de modo que batia nas teclas com tanta força para que as notas ultrapassassem o ruído que tinha na cabeça. Escreveu rápida e furiosamente, terminando a sinfonia com um final tão exuberante que, se tocado por toda uma orquestra, deitaria uma casa abaixo.

Agarrou de novo na pena. No fundo da última página escreveu uma palavra. *Finis*.

Respirando com força, pousou a pena e ficou a olhar para a palavra, sem conseguir acreditar no que acabara de fazer. Terminara a sinfonia e, depois de dias a esforçar-se por lhe encontrar um fim, sentara-se e escrevera-a de um modo que havia muito lhe era impossível, sem esforço, sem se sentir bloqueado pelo ruído. Completara toda uma sinfonia quando, havia apenas uns meses, pensara que só por milagre voltaria a compor.

Riu-se, exultante. Terminara. Por fim!

Dylan pegou nas pautas, meteu-as no fólio e levantou-se do piano. Tinha de ir ter com Grace para lhe dizer. Provavelmente, ainda estaria zangada com ele, mas perdoá-lo-ia, era demasiado bondosa para não o fazer. Era assim mesmo, suave e doce, mais indulgente do que ele merecia.

Ao deixar a sala de música para ir procurá-la, ouviu o relógio marcar as horas. Olhou para o cima da lareira e apercebeu-se de que eram já seis horas.

«Valha-me Deus», pensou. Já devia estar em Plumfield. Ian ficaria todo irritado com o atraso de uma hora, mas teria de ir. Nessa noite, quando regressasse, faria as pazes com Grace. Nessa noite, na casinha, faria as pazes com ela, como ela desejasse.



Um cavalo seria mais rápido do que uma carruagem. Dylan partiu para Plumfield, onde chegou faltava um quarto para as sete. Esperava encontrar o irmão indisposto pelo seu atraso, mas

Ian não pareceu importar-se. Aceitou a explicação de ele ter perdido a noção do tempo ao terminar a sinfonia, sem sombra de repreensão. Parecia preocupado com os seus pensamentos, de tal forma que Dylan apercebeu-se de que o que quer que o irmão precisasse de discutir com ele deveria ser de vital importância.

Havia muito que Ian se habituara aos modos de todas as culturas e a todas as delicadas situações políticas e, por muito importante que fosse o problema a discutir, nunca ia direito ao assunto. Conduziu Dylan à sala de visitas, serviu vinho para ambos e falaram de assuntos aparentemente triviais durante uma hora.

Discutiram, em primeiro lugar, os assuntos da propriedade e a seguir Ian desviou a conversa para Isabel. Perguntou ao irmão o que tencionava fazer com a filha. Dylan respondeu que a manteria consigo e que, dentro de um ou dois anos, quando ela estivesse preparada, fariam juntos uma viagem — um plano que ia decidindo à medida que falava.

Ian foi mais cauteloso.

— Uma jovem não pode ultrapassar as restrições da sociedade — comentou. — O seu futuro será, inevitavelmente, o de todas as outras mulheres, um casamento adequado e filhos.

A ideia do destino da filha foi o suficiente para fazer com que Dylan se opusesse. Mencionou casualmente alguns nomes, incluindo o de Safo e Maria Teresa d'Agnesi, e tentou dizer a si próprio que Ian não tinha culpa de ser tão enfadonho e convencional como um sermão.

— Pelo menos até lá, ficará ao cuidado da Mistress Cheval? — perguntou Ian.

A pergunta fora feita num tom calmo, mas Dylan sentiu o queixo endurecer à menção de Grace e todos os seus músculos ficaram tensos. Enfrentou o olhar curioso do irmão, fitando-o do pequeno espaço que separava as suas cadeiras.

— Sim.

O outro suspirou e recostou-se.

— Dylan, acerca dessa mulher. Conhece-la, não é verdade?

— Se a conheço. Sei que é de boas famílias da Cornualha e que é viúva.

— Não. Estou a perguntar-te se sabes *quem* ela é? Se sabes a história do marido e tudo o mais.

— Sei que fugiu com ele e que foi a desgraça da família — disse Dylan irritado. — Embora não saiba como tiveste conhecimento do assunto. Certamente que isso ofende a tua sensibilidade, mas não a minha. E também não estou preocupado em relação a Isabel. Grace é uma excelente preceptora e Isabel gosta muito dela.

— Sim, Dylan, mas sabes certamente... — Ian sorveu um gole de porto como que para tomar coragem. — Estás aqui há dois meses no Devonshire — disse, pensando em voz alta. — Não soubeste de nada.

Dylan sentiu-se assustado e arrepiaram-se-lhe os cabelos do pescoço. Bebeu um gole de vinho.

— Ian, por amor de Deus, não nos vamos envolver num combate de esgrima diplomática. Diz-me diretamente o que tiveres a dizer-me. — Ergueu o copo para novo gole de vinho.

— Ela é a viúva de Etienne Cheval. Deves sabê-lo. Por isso... — baixou a voz delicadamente.

Dylan imobilizou-se antes de o copo lhe chegar aos lábios.

— Etienne Cheval, o pintor?

— Sim. O Grande Cheval.

Dylan soltou uma interjeição de troça.

— Deves estar enganado. Cheval é um nome muito comum.

— A pintura confirma-o. Reconheci-a assim que a vi.

Era francês... dez anos mais velho que eu... não era homem de assentar... artistas, porque serão sempre tão atormentados?

Era verdade. Soube-o imediatamente, com toda a certeza. Claro que ela sabia como eram os artistas, estivera casada com um. Porque não lhe teria dito quem era o seu defunto marido? Cheval, o pintor. Que importância tinha? Fechou os olhos e sentiu qualquer coisa quebrar-se dentro e si. Se não tivesse importância, deveria ter-lhe dito.

— Não quero saber que seja tua amante, desde que sejas discreto — disse Ian e a voz do irmão obrigou Dylan a abrir os olhos. — Mas terás de ter a tua filha em consideração.

Grace tratava melhor Isabel do que qualquer outra mulher o faria e Dylan não percebia por que razão Grace, mesmo sendo a viúva de um pintor famoso e com má reputação, poderia afetar Isabel. Pousou cuidadosamente o copo.

— Ian, o que queres dizer com isso?

— Até tu deves perceber que uma mulher assim não pode ser preceptora da tua filha. Quando se souber que ela vive na tua casa...

— Continuo sem perceber porque estás tão preocupado com a minha amante.

— Cheval matou-se há dois anos. Parece-me que deixou de comer depois de ela o deixar.

Dylan apertou o copo. Conhecia, melhor que ninguém, o desespero que poderia levar um homem ao suicídio, mas dificilmente a culpa seria de Grace. Qualquer um poderia tomar essa decisão.

— Cheval sempre foi um homem instável — prosseguiu Ian. — Sem dinheiro. Quando morreu, em Viena, os credores levaram tudo, incluindo as obras que estavam no estúdio. Vários meses depois, três quadros que não faziam parte dos seus pertences foram encontrados quando morreu o conde d'Augene.

— E então?

— Foram encontrados na coleção de arte privada do conde em Toulouse. Sabes que a mãe dele é inglesa. Entregou toda a coleção do filho na Christie's para ser leiloadada. Ninguém conhecia a existência desses três quadros de Cheval, porque não havia esboços deles nos cadernos do pintor. Estão a ser vendidos individualmente e cada um deles, sem dúvida, por uma soma muito alta. E com razão. São magníficos. Já os vi.

— Por amor de Deus, Ian, porque não vais direito ao assunto? Diz-me de uma vez de que diabo estás a falar ou aperto-te o pescoço! O que têm os quadros de Cheval a ver comigo ou com a minha filha?

Ian levantou-se e dirigiu-se à secretária que estava encostada à parede da sala. Da única gaveta, retirou um panfleto que colocou nas mãos de Dylan. Tratava-se da brochura do próximo leilão da Christie's.

— Página dezanove.

Dylan abriu o panfleto, passando por faqueiros *Luís XVI*, tapeçarias isabelinas e cerâmica romana. Na página dezanove encontrava-se a gravura de um quadro que seria leiloadado, um dos três nus de Cheval. A primeira descrição era: *Jovem de Olhos Verdes Numa Cama*.

Grace. Estava semirreclinada numa cama, o peso do corpo apoiado na anca e no braço, o cabelo caído. Completamente nua, o rosto tão sorridente e cheio de vida que qualquer homem se deitaria com ela naquela cama. Voltou a página e encontrou os outros dois nus: *Jovem de Olhos Verdes no Banho*. *Num Baloço*.

Dylan conhecia bem aquele corpo. Pelo espírito passaram-lhe imagens dos seios dela, das

pernas e das nádegas, dos belos pés, do cabelo comprido espalhando-se-lhe no ombro. Ali na brochura de uma leiloeira, para os homens licitarem.

Dylan percebia agora por que razão o irmão a observara com tanta atenção naquele dia, quando Ian nunca cometia a incorreção de olhar fixamente para uma pessoa. Estava a imaginar o corpo dela.

Sentiu a cabeça em fúria, o coração apertado. Via com os seus próprios olhos.

Teve vontade de se atirar ao irmão e de o espancar por ter visto o corpo de Grace.

Ian apercebeu-se do que Dylan sentia. Olhou-o com firmeza e viu-o fechar os olhos, tentando controlar-se. A culpa não era de Ian. Qualquer homem que tivesse visto os quadros faria o mesmo se estivesse sentado em frente dela.

O estranho era que não era apenas o corpo dela exposto em público que o enraivecera, que fazia com que o gemido na sua cabeça se transformasse num grito e que sentisse que lhe arrancavam o coração do peito. Não. Era o rosto dela. O belo rosto mostrava uma expressão que ele nunca vira.

Sentia-se desfeito. As mãos tremiam-lhe e a brochura caiu no chão, voltada para cima. Dylan inclinou-se para diante, com os antebraços sobre os joelhos, olhando para o rosto dela. Não admirava que Cheval fosse um dos grandes mestres da sua geração. Pintava fielmente aquilo que via: o amor e a adoração por si estampados no rosto de uma jovem.

Amava o meu marido.

Agora ele apercebia-se de quanto. A essência do amor captada na tela, imobilizada para sempre no tempo. Disponível agora para ser vista por qualquer homem, que, na sua imaginação, poderia desfrutar daquela sensualidade. Ian dissera que eram magníficos e Dylan percebia porquê. Um dia as telas seriam exibidas nos museus para toda a gente as ver. Grace numa exposição pública oferecendo a todos os homens o olhar amoroso que deveria ser apenas seu, mas não o era.

— Meu Deus — murmurou Ian. — Amas essa mulher.

Dylan sentia-se em brasa. Sentia a raiva ferver no seu interior, sentia-se a perder a razão. Tinha de sair dali, de caminhar, de se mover, não importava para onde. Não podia ficar ali nem mais um minuto.

Agarrou na brochura, levantou-se e lançou o cabelo para trás. Afastou-se de Ian, da casa da sua infância, e saiu inspirando ar em grandes haustos. Montou o cavalo e afastou-se o mais rapidamente possível. Não sabia para onde ia. Sabia apenas que nunca vira Grace olhá-lo com aquela expressão amorosa no rosto. Nem uma única vez.

Nessa noite, Dylan não foi à casa de campo. Grace esperou-o durante horas, mas ele não apareceu. Como não voltasse na manhã seguinte, partiu do princípio que tivesse passado a noite com o irmão. Deveriam ter tido muito que discutir.

Chegou a casa ao final da tarde. Isabel estava na quinta com Molly e Grace plantava gerânios num canteiro ao sol quando ele apareceu. Só deu pela sua chegada quando a sombra dos seus ombros largos surgiu no canteiro que ela semeava.

— Por fim! — exclamou, aliviada, voltando-se para ele. Levantou-se e sacudiu a terra das mãos. — Estava a ficar preocupada contigo.

Olhou para ele e, no momento em que lhe viu o rosto, soube o que se passava. Dylan ia acabar tudo.

O coração rejeitava-o, mas a cabeça sabia-o. Era inevitável, sempre o soubera. Grace sentiu-se estremecer interiormente e cruzou os braços para se conter. Tentou dizer a si própria que estava enganada.

— Quero que se vá embora — disse ele. — Já. Hoje.

Não havia engano possível.

Grace olhou para um molho de papéis que ele trazia na mão e que deixou cair no cesto vazio junto aos vasos de gerânios. Documentos e dinheiro. Outra coisa caiu sobre eles, uma coisa pequena e pesada. Uma chave.

— Porquê? — perguntou, tentando pensar, mas sentia as ideias confusas como alcatrão.

— Tenho uma casa em Gales que herdei da minha mãe. Fica a umas léguas de Oxwich, em Swansea. É sua. Está aqui a escritura, com a minha assinatura. Um criado e a mulher tomam conta dela e tem aqui uma carta com o meu selo que lhes diz que a senhora é a nova dona e que passará a viver nela a partir de agora. Tem aqui um bilhete para atravessar o canal de Bristol e quinhentas libras. Enviei uma carta expresso aos meus agentes em Oxwich, que terão outras quinhentas libras depositadas numa conta quando lá chegar. A casa tem um... um jardim, penso eu.

O tom de voz dele arrasou-a. Respirou fundo e fez a coisa mais difícil que alguma vez fizera. Mais difícil do que deixar o marido, mais difícil do que olhar para o rosto das irmãs. Fitou os olhos negros de Dylan.

— Porque me fazes isto? Porquê? Por causa da nossa discussão de ontem? Se é isso... — Sentiu a voz vacilar, sentiu que ia dizer coisas desesperadas, fazer perguntas deploráveis de amante rejeitada. Não, não as faria. Aquilo não tinha a ver com a discussão. Olhou-o fixamente e esperou pela resposta.

Não a receberia. Foi ele que desviou o olhar, curvando-se para pegar no cesto. Com a mão livre, endireitou os documentos e arranjou as notas de dez libras num maço perfeito.

— Se precisar de alguma coisa... — Fez uma pausa, com as mãos imóveis, e Grace sentiu-se invadida pelo pânico. — Aqui tem a sua casa de campo — disse, emendando o que quase dissera. Empurrou o cesto para junto dela e afirmou. — Pronto. Parta.

Ela não recebeu o cesto e ele voltou a colocá-lo sobre a terra. Grace sabia que ele era frio, mas

não tanto, não sabia que seria tão abrupto, que se recusaria a explicar.

— Sabia que um dia tudo acabaria entre nós — disse ela. — Não esperava que fosse tão cedo. — Sentiu um nó na garganta e nada mais pôde dizer. Ele punha-a de lado, como fazia a uma amante qualquer. Que mais haveria para dizer?

Aquele era o homem que fizera amor com ela como se a adorasse, que sabia sorrir e fazer com que uma mulher acreditasse em qualquer coisa, que compunha música tão bela e cheia de amor como só as coisas feitas por Deus poderiam ser. Um homem que fora ter com uma prostituta sem pensar em mais nada, mas que se arrependera só porque vira a filha chorar. Um homem que sabia fazê-la rir e desejar viver, um homem que podia destruí-la com algumas palavras e olhá-la como se fosse uma perfeita desconhecida.

— Ias dar um tiro na cabeça — referiu ela. — Porque te impedi?

Incapaz de o olhar por mais um momento, voltou-se para os gerânios que acabara de plantar. Sabia que, durante toda a sua vida, se recordaria exatamente daquele tom de vermelho.

— Canalha! Oh, meu Deus! És um canalha. Porquê agora? Porquê assim, sem explicações?

Passaram segundos, mas ele não respondeu. Grace voltou-se e viu que ele desaparecera.

Grace ajoelhou na terra. Queria chorar, mas a dor impedia-a, de tão aguda, permitindo-lhe apenas soluços secos que, como areia do deserto, lhe atravessavam os pulmões. Não conseguia acreditar no que ele lhe fizera.

Tinha de se dominar. E se Isabel chegasse a casa e a visse naquele estado? Era muito difícil, mas Grace conseguiu.

Momentos depois, pegou no cesto e pôs-se de pé. Pegou na chave que se encontrava sobre os papéis. Era uma chave perfeitamente vulgar, mas Grace observou-a como se fosse a coisa mais importante do mundo. Ao erguer a chave à luz do Sol, sentiu invadi-la uma espécie de desprendimento, quase como se estivesse a viver um sonho. Sentia as pernas dormentes, mas a cabeça cheia de bom senso próprio das pessoas da Cornualha. Apertou a chave na mão e meteu-a no bolso. Disse para consigo que, pelo menos, teria para onde ir e tentou não pensar na tristeza que tudo aquilo lhe causava.

Examinou a escritura e os outros documentos e olhou para o maço de notas. Desejou poder ir atrás dele para lhas lançar à cara e gritar, mais uma vez, que era um canalha.

Não o fez. Pegou nos documentos, na carta fechada e na chave. Era aquilo que tinham combinado e já que Dylan queria terminar o contrato mais cedo, seria uma estupidez recusá-lo. Tinha de sair dali. Para onde mais haveria de ir?

Grace olhou para o dinheiro. Levaria consigo apenas o que fora definido no acordo. Retirou duas notas de dez libras para pagar a roupa que comprara e meteu o resto do dinheiro no bolso. Levou o cesto com os documentos para dentro de casa.

Levou as duas notas até ao piano para as deixar onde ele pudesse encontrá-las. O fólio estava sobre a estante e Grace abriu-o para meter o dinheiro nas últimas páginas da sinfonia. Tinha a certeza de que ele o encontraria ali.

Preparava-se para partir quando viu o título escrito no cimo da página e fez uma pausa.

Inamorata. Uma mulher que amava um homem. Apercebeu-se de que a sinfonia era sobre ela. Sobre o seu caso amoroso. Passou as páginas e contou os quatro andamentos. Sabia que todas as sinfonias tinham quatro andamentos. Puxou a última pauta e viu a prova no final da página, escrita pela mão dele. *Finis*.

Terminara a sinfonia e o caso amoroso. Claro. Soubera desde o princípio que seria assim. Os artistas e a sua arte, os compositores e a sua música. Eram todos iguais. O trabalho estava em primeiro lugar. Em primeiro e em último, e a pintura e a sinfonia eram sempre tudo.

Foi então que começou a chorar. Sentia as lágrimas rolares-lhe pelo rosto turvando as notas da pauta que tinha na mão e borrando a tinta. Deixou cair a folha, sem se importar onde ficava, afastou o banco e pegou no cesto dos documentos que deixara no chão. Chamou Osgoode, que felizmente não fez qualquer comentário acerca das lágrimas que lhe manchavam a face ou a incoerência das suas palavras quando lhe pediu que chamasse uma carruagem. A sua expressão nem se alterou. *Deve estar habituado a que mulheres chorosas mandem vir carruagens*, pensou, voltando as costas para ir para o quarto. Era humilhante pensar quantas vezes o mordomo deveria ter visto aquela cena.

Fez as malas precipitadamente, atirando a roupa sem se preocupar em dobrá-la, pensando apenas em sair dali. Guardou os álbuns de recordações, colocou a escritura, a chave e o dinheiro no cimo, prendeu as correias da mala e correu para a carruagem que a esperava. Não olhou para trás. Quando a carruagem passou pela casinha a caminho da aldeia, não conseguiu olhá-la e voltou o rosto.

Só depois de se encontrar na estalagem em Cullenquay, à espera da mala-posta que viria no dia seguinte, se apercebeu de que não se despedira de Isabel. Escreveria uma carta à menina, pois agora não podia voltar atrás. Não se podia voltar atrás. Não se podiam fazer as coisas de novo. Nessa noite, Grace deitou-se na cama dura do quarto da estalagem e, pela primeira vez em muitos anos, chorou até adormecer. Quando aprenderia as lições mais importantes da vida? Não havia segundas oportunidades, nem sequer para o amor.

Dylan chegou ao pôr do Sol no Portão do Rouxinol, mas não entrou em casa. Deixou o cavalo nos estábulos com o moço de estrebaria e foi dar um passeio a pé. Anoteceu, mas, mesmo assim, Dylan não regressou a casa. Não soube que distância percorreu durante as horas que se seguiram, mas foi a todos os lugares onde haviam estado juntos, reviveu tudo o que se lembrava que tinham feito. Voltou à praia, ao sítio onde tanto gostavam de fazer piqueniques. Foi aos moinhos, aspirou o cheiro a óleo de pera até ficar fisicamente enjoado. Deitou-se sobre a erva a olhar para as estrelas.

Entrou na casinha e deitou-se no colchão, torturou-se com as recordações de tudo o que naquele quarto acontecera entre eles. Tentou dormir sem ela. Não conseguiu, mas ficou ali deitado durante muito tempo.

Plantou os gerânios ao luar porque ela os deixara fora dos vasos, sobre o canteiro de terra. Poderia ter chamado os jardineiros, mas eles estavam a dormir e, conforme Grace lhe dissera uma vez, os criados trabalhavam muito e precisavam de descansar.

Não podia tirar da cabeça a expressão do rosto de Grace nas telas. O ciúme comia-o vivo por ela ter amado tanto outro homem. Nunca o amaria assim. Como poderia?

Muitos considerariam aquela situação divertida. Os seus inimigos troçariam, se soubessem, seria uma bela piada. Dylan Moore com ciúmes de outro homem, e de um homem morto. Enquanto metia os gerânios na terra, apercebia-se de que nunca conhecera o ciúme porque nunca gostara o suficiente de outra pessoa para o sentir. Era essa a triste verdade. Gostara sempre mais de si próprio e da sua música do que de qualquer outra pessoa.

Não sabes o que é o amor.

Grace tivera razão quando o dissera. Michaela; imaginara que aquilo era amor. A menina que o recusara fora a sua melhor desculpa para nunca entregar o coração, mas, de facto, não passara de uma desculpa.

Arrependia-se do que fizera, sem perceber por que razão desperdiçara o sentimento mais próximo do amor que alguma vez conhecera. Seis horas a caminhar sem parar pelo campo do Devonshire e ainda não sabia porquê. A expressão dos olhos dela. Não queria pensar nos olhos dela.

Voltou para casa um pouco antes do nascer do Sol. Subiu a escada e foi ao quarto de Grace, mas não encontrou nada. As coisas dela haviam desaparecido.

Espreitou o quarto de Isabel. Ergueu o candeeiro para ver se a menina estava a dormir. Para sua surpresa, Molly deitara-se com ela, abraçando-a. Percebeu então que a filha adormecera a chorar, consolada pela ama. Música e a capacidade de magoar os outros eram os seus principais dons.

Veio para baixo e dirigiu-se ao piano. Sentou-se, abriu o fólio que se encontrava na estante e, nesse momento, duas notas de dez libras caíram-lhe no colo. Ficou a olhar para elas e levou um instante a perceber porque estavam ali. Ela devolvia-lhe o dinheiro que ele gastara com os vestidos.

Grace, pensou, olhando para o dinheiro, *porque não me falaste dele? Se tivesse sabido... se tivesse sabido*. Mas soubera. Ela contara-lhe.

Amei o meu marido.

Não a ouvira, não quisera saber, não quisera pensar que outro homem, antes dele, pudesse ter sido mais importante. Nunca pensara muito na enormidade do seu ego, fazia-o agora, sem perceber como permitira que o seu egoísmo magoasse a pessoa mais maravilhosa, mais vibrante que conhecera. Odiou-se a si próprio.

— Papá?

Ergueu os olhos e viu a filha junto a si. Nem a ouvira entrar.

— O que fazes aqui em baixo a esta hora?

— Acordaste-me com o candeeiro quando entraste no quarto.

— Tens de voltar para a cama — disse-lhe, levantando-se. Pegou na filha ao colo e encaminhou-se para a porta.

— Porquê, papá? — perguntou-lhe ela junto ao pescoço.

Foi salvo por Molly que descia a escada com um candeeiro na mão e uma expressão assustada no rosto.

— Senhor — disse sufocada. — Peço perdão. Acordei e ela não estava. Desculpe.

Pensou que ia ser despedida.

— Não faz mal, Molly, está tudo bem. Ajuda-me só a metê-la na cama — disse Dylan, olhando o rosto assustado da ama por cima da cabeça da filha.

A criada seguiu-o, enquanto ele subia a escada com a menina. Isabel nada disse enquanto ele a deitou, mas, se Dylan pensava que ela esquecera o assunto, estava completamente enganado.

— Porque a mandaste embora, papá?

Dylan ficou imóvel, com a colcha na mão, olhando para o rosto da filha. *Não chores*, pensou, olhando-lhe o brilho dos olhos. *Não chores mais ou não resisto*.

Mais uma pessoa em quem não pensara. Não pensara como seria doloroso para a criança perder a mãe e depois a precetora que já se tornara sua amiga. Não, pensara apenas em si, no que sentia, em como estava magoado. Viu as lágrimas deslizarem pelo rosto da filha, já inchado de chorar, e ajoelhou junto da cama.

Agora já sei, Grace. Agora já sei o que é o amor.

— Obrigaste-a a partir.

Não o negou. Não podia, embora a acusação viesse de um ser tão vulnerável, que tanto o adorava. Afastou as lágrimas com o dedo.

— Sim.

— Porquê, papá, porquê? — perguntou a menina a chorar.

Dylan tentou evitar a pergunta.

— Pensei que não gostavas dela.

— Foi por isso que a mandaste embora? — Olhou para o pai, pensando que ele não percebia nada. — A princípio não gostava dela, mas isso foi há muito tempo. Disse-te como eram as precetoras, mas ela não me deixou pisá-la. E não era estúpida nem parva e eu já gostava dela. Apesar de tomar conta de mim, não me trata como uma menina, trata-me como uma pessoa e é por isso que gosto dela. — Isabel sentou-se com a cara entre as mãos. — Tu gostas dela, papá, a Molly disse. Ouvi-a falar disso com Mistress Blake.

Algures atrás dele, Molly fungou.

Deus todo-poderoso, pensou, será que todas as mulheres desta casa vão chorar?

Baixou as mãos de Isabel e segurou-as nas suas. Tentava encontrar terra firme, mas Grace partira e por isso não a sentia.

— Ouves muitas coisas.

— Gostas dela e mandaste-a embora.

— Porque estavas sempre a discutir com ela? — contrapôs Dylan, soltando-lhe as mãos para puxar os lençóis e os aconchegar.

— Ela quer que eu seja boa, e sei que tenho de ser boa, mas é muito difícil. — Isabel agitou-se. — Papá, estás a apertar muito a roupa.

— Desculpa.

Isabel olhou para o pai.

— Percebes o que estou a dizer, não percebes? Isso de ser boa.

— Sim, minha querida. Percebo.

— Então porque a mandaste embora?

Ele olhava-a, impotente.

— Não sei.

— Às vezes, também faço coisas sem saber porquê. Todos fazem, não achas? Tens de arranjar as coisas.

Arranjar as coisas. Claro. Oh, ter oito anos e acreditar que tudo se podia arranjar por muito danificado que estivesse.

— Tens de fazer com que ela volte — disse-lhe Isabel. — Tinha tudo planeado.

— Planeado?

Isabel acenou afirmativamente.

— Estava a pensar que, se gostasses dela, podias casar com ela e assim eu teria mãe.

A vergonha consumia-o. Quantas mulheres tinham chorado por sua culpa? Demasiadas, bem o sabia. Demasiadas.

— Terás de lhe pedir desculpa — continuou Isabel. — E isso é sempre difícil. E leva-lhe também flores. É o que eu faço e ela desculpa-me sempre.

Desculpas e flores. Quantas vezes usara essa técnica com as mulheres? Dezenas. Como eram frívolas. Fáceis, baratas e frívolas, porque nunca se preocupara que fossem verdadeiras. Dylan inclinou-se e beijou a testa de Isabel.

— Vai dormir.

Puxou-lhe a roupa até ao queixo e saiu do quarto. Desceu as escadas e, como não tinha onde ir, sentou-se ao piano e começou a tocar o que lhe vinha à cabeça. Era a única coisa que sabia fazer. Não lhe restavam outras distrações.

Não poderia voltar aos dias dos opiáceos e do haxixe, do jogo e das mulheres. De todas as mulheres. Não podia voltar. Sentia-se agora magoado, magoado e exposto, sem ninguém a quem recorrer e uma filha que dependia dele. Deixou de tocar.

— Grace — disse desesperado —, como hei de educá-la sem ti? Não sei ser pai.

Havia tantas coisas que ele não sabia, nem conhecia. Não se conhecia a si próprio, mas Grace conhecia-o. Compreendera-o desde o primeiro momento. Olhou para o fólio que se encontrava na estante. Olhou para a sinfonia em honra dela. Em honra do coração mais generoso que já magoara, em honra da jovem de olhos verdes. Olhos que o assombrariam por toda a vida, por causa do amor que havia neles e que não era para ele.

Amava-a. Sabia-o agora. Tarde de mais.

Canalha, dissera. E era-o. Cobriu o rosto com as mãos. Nada poderia dizer para a recuperar, nada podia fazer para conseguir o que queria.

Talvez houvesse alguma coisa que pudesse fazer por ela. Dar-lhe o que ela de facto queria. Dylan levantou-se. O Sol nascia e tinha muito que fazer.

Duas horas depois estava de volta a Plumfield insistindo com o mordomo para que acordasse o irmão, sem se importar que fossem sete horas da manhã.

Minutos depois, Ian entrou na sala de roupão.

— Dylan, que fazes aqui?

— Preciso de uma coisa. — Olhou o irmão nos olhos. — Preciso dos serviços de um diplomata.



Grace tentou gostar de viver em Gales. À medida que as semanas passavam, procurava não comparar a região com o Devonshire. A sua casa era pequena, mas confortável, aninhada num rochedo sobranceiro ao mar. Tinha um jardim, um telhado de colmo e estava até mobilada, coisa que não esperara. Se fosse poupada, poderia viver durante muito tempo com as mil libras que Dylan lhe dera.

Melhor seria não pensar em Dylan. Grace deixou de arrancar as flores mortas da roseira do seu jardim e fechou ao olhos, tentando expulsá-lo da ideia. Impossível. Ele estava ali, como uma sombra sobre tudo o que ela fazia, como um ferida aberta que nunca sarava. Quando deixara Etienne, nunca olhara para trás, pois o seu coração tinha-o deixado muito antes de ter feito as malas e partido. Dylan era diferente — olhava para trás dezenas de vezes por dia. E de todas as vezes sentia-se magoada.

Chegara setembro e nesse dia um vento frio agitava o ar. Havia dois meses que deixara o Portão do Rouxinol. Pareciam anos, nunca os dias e as noites tinham parecido tão grandes.

Deveria odiá-lo. Tentara, mas o ódio era uma emoção difícil de manter. Principalmente quando gostava de tantas coisas nele. A sua criatividade. A sua energia, o modo como escutava o que ela dizia e não se esquecia do que ouvira, o seu amor pela filha e a forma como cumprira as suas responsabilidades. Sentia a falta do seu encanto, do modo como a fazia rir, de como tomara o seu partido em relação ao desentendimento que ela tinha com a família. Sentia a falta dos seus beijos; de facto, a falta que sentia dele era-lhe extremamente dolorosa. Se o odiasse, seria muito mais fácil suportar o que ele tinha feito.

Grace desistiu de decapitar as flores. Era uma tolice, pois devia deixar as últimas criar bagas, mas precisara de fazer qualquer coisa. Talvez devesse ir dar um passeio.

Olhou para os montes verdes e húmidos que chegavam ao céu. Ia chover de novo. Em Gales parecia chover todos os dias. Meteu a tesoura de podar no bolso do avental e começou a subir o monte. Sim, resolveu. O melhor seria um passeio. Que importava um pouco de chuva?

Avistou uma carruagem, ao longe, a descer o atalho que levava à casa. Surpreendida, viu a carruagem fechada dar a volta e parar à sua porta. Voltou para trás, desceu a encosta e viu o cocheiro abrir a porta a um homem alto, magro e de cabelo loiro.

Deu mais um passo.

— James? — exclamou e começou a correr, olhando para o irmão à medida que se aproximava. — És mesmo tu?

O irmão fitou-a quando ela se deteve diante dele. Observou o vestido simples castanho muito usado, o avental, o lenço branco que tinha na cabeça. Deixou entrever no olhar um breve sentimento, talvez saudade, coisa que Grace não notara da última vez que haviam estado juntos.

— Grace.

— Oh, James, nem posso acreditar! — Um ano antes, não se tinham separado amigavelmente, mas, na sua solidão, Grace sentia-se feliz por ver o irmão, mais feliz do que pensava ser possível. Ergueu a mão e, para seu grande espanto, ele tomou-a. — Como me encontraste? — perguntou.

— Recebi a visita de um amigo teu. Um tal Sir Ian Moore.

— O quê? — exclamou, mais espantada do que antes. — Porque haveria Sua Excelência de te visitar?

— É uma longa história — apontou para a casa. — Talvez se entrássemos...?

— Claro! — Grace fez o irmão entrar em casa e conduziu-o à salinha. Pegou no atizador para espreitar o lume, mas o irmão retirou-lho da mão para o fazer ele.

— Queres tomar chá? — perguntou, mas ele abanou a cabeça. Grace sentou-se no pequeno sofá e o irmão numa cadeira em frente dela.

— Como estás, Grace?

— Muito bem — respondeu olhando os olhos tão verdes como os seus. — Mas confesso que muito admirada. O que fazes aqui?

— Como já te disse, recebi em Stillmouth a visita de Sir Ian. Veio a pedido do irmão e foi essa a causa da minha visita.

— Como? — Qualquer coisa se agitou dentro dela e a fez estremecer, obrigando-a a engolir em seco. Dylan mandara Sir Ian a casa do seu irmão? Mas disse a si própria que não lhe importava.

— Sir Ian e o irmão estão ambos muito preocupados com o teu bem-estar. Eras a precetora da filha de Mister Moore? — perguntou o irmão num tom levemente reprovador. Como não haveria de ser, dada a rigorosa natureza de James e a má reputação de Dylan?

— Era, sim. — Nem acreditava que Dylan se tivesse preocupado com ela. Porque haveria de estar? Dylan já não se interessava por ela e nem imaginava por que razão teria enviado Sir Ian a casa de James. — Sir Ian disse-te como Isabel tem passado? — perguntou ela, mudando de assunto enquanto tentava recuperar a compostura.

— Disse que a sobrinha estava muito bem, mas que sentia muito a tua falta.

— E Dylan... — Deteve-se. Era muito doloroso dizer o nome dele, mas desejava aquele tipo de dor, recebia-a com um certo prazer apenas por pronunciá-lo. — Mister Moore está bem?

— Sir Ian declarou que Mister Moore está de excelente saúde. A razão pela qual Sua Excelência me foi visitar foi o facto de ele e o irmão estarem arrasados pelo teu afastamento da tua família. Disse que estavam ambos perfeitamente cientes das circunstâncias e que o incomodava profundamente que uma coisa que aconteceu há tanto tempo ainda nos causasse um tão grande desgosto. Explicou que eras uma precetora tão maravilhosa para Isabel que tinham de estar preocupados com o teu bem-estar. Foi à Cornualha, na esperança de facilitar a tua reconciliação com a família. Será escusado saber — concluiu James — que fiquei admiradíssimo.

Não era o único. Grace ergueu-se e atravessou a sala para ficar diante da lareira. De costas para o irmão, abriu as mãos diante das chamas, tão confundida que nem sabia o que dizer. Não compreendia o que levava Dylan a agir dessa forma depois do modo gélido como a tratara.

— Sir Ian garantiu-me que outros amigos teus, incluindo Lady Hammond e o irmão, o duque de Tremore, estavam também muito preocupados com a tua situação e o teu afastamento.

Grace ficou imóvel e não se voltou. De que estaria ele a falar? Sabia, pelos jornais da sociedade, que aquelas pessoas eram amigas de Dylan, mas não suas. Nunca os vira. Bem, exceto o duque, que encontrara naquela noite, no quarto de Dylan, mas a quem não tinha sido apresentada. Apenas soubera a sua identidade no dia seguinte pelos criados.

— Minha querida Grace, não fazia ideia de que te movias em círculos tão importantes — disse o irmão interrompendo-lhe os pensamentos incoerentes.

— Nem eu — murmurou ela, voltada para o lume.

— Como? Que disseste?

— Nada. — Grace levou a mão à testa, tentando perceber o que se passava. Se Sir Ian dissesse tais coisas, deveria ter querido impressionar James para aumentar a possibilidade de uma reconciliação. — Estou... — Tossiu. — Estou muito admirada por eles... por eles... hum... se terem interessado tanto pela minha situação.

— Mas interessam-se. De facto, estão a tentar reparar a tua reputação e a das tuas irmãs, porque tiveram conhecimento dos factos. Parece que são ambos patronos das artes e admiradores do teu... falecido marido.

As últimas palavras foram ditas com tanto desprezo que a entristeceram. Etienne fora na verdade um péssimo marido, mas amara-a o mais que pudera e fizera-a muito feliz nos primeiros anos.

— Sir Ian perguntou-me se eu estava disposto a uma reconciliação — continuou James. — O facto de teres amigos tão influentes para defenderem o teu caso é mais do que prova que a tua reputação poderá ser reparada.

Ela mordeu o lábio inferior. Porque estariam Dylan e o irmão a tentar salvar-lhe a reputação?

Qualquer que fosse a razão, parecia resultar. Apercebia-se de uma nota de admiração na voz de James, mas, afinal, o irmão fora sempre um pouco pretensioso. A culpa não era dele. Nascera assim. Títulos, conhecimentos e coisas semelhantes impressionavam-no. E Grace compreendia perfeitamente a dor, dele e das irmãs, causada pelo que ela fizera tempos atrás. Os ressentimentos eram uma perda de tempo. Se ele estava disposto a fazer as pazes, ela também estaria. Voltou-se para ele.

— James, és a minha família. Nada me agradaria mais do que reconciliar as nossas diferenças. Mas, e as nossas irmãs?

— Estão de acordo. Sir Ian ofereceu-se para as apresentar à sociedade quando fossem à cidade na primavera. Lady Hammond e o duque e a duquesa de Tremore ofereceram-se para fazer o mesmo. Sem dúvida, a temporada ser-lhes-á muito agradável e Sir Ian comentou que, se fossem tão belas como a irmã mais velha, uma semana depois teriam à porta uma fila de pretendentes.

Como poderiam não os ter, com um embaixador cheio de encanto para as apresentar, juntamente com duques e viscondessas?

— Pareces admirada com tudo isto, Grace — comentou James. — Mas isto pode pôr fim ao nosso afastamento, não é verdade? Espero que sim.

— Oh, James — disse com a voz entrecortada. Voltou-se e correu para o irmão. Lançou-lhe os braços ao pescoço e abraçou-o. — Lamento tanto o que aconteceu, principalmente por Elizabeth! Sei que a amavas muito e que terminaste o noivado por minha causa.

— Já passou muito tempo — disse ele, percebendo-se-lhe ainda na voz o muito que ainda lhe custava. — Mas gosto muito da minha mulher, Marianne.

James não a abraçou exatamente, mas deu-lhe umas pancadinhas nas costas, pouco à vontade, tal como fazia quando eram pequenos, já que nunca gostara muito de abraços. Recuou, tossindo um pouco, mostrando-se claramente desconfortável.

— Grace, não te preocupes comigo depois de tantos anos. É nas nossas irmãs que temos de pensar.

Sentaram-se e James inclinou-se para lhe tomar as mãos. Como se ela não tivesse tido suficientes surpresas naquele dia, apertou-lhas com o que parecia ser um sinal de afeto genuíno.

— Ainda bem que isto aconteceu, Grace. De verdade. — Sem lhe largar as mãos, afastou o olhar e um rubor chegou-lhe às faces. — O nosso último encontro foi muito infeliz e lamento profundamente ter sido tão frio e implacável.

— Também estou satisfeita — disse ela com toda a franqueza. — Como estão as nossas

irmãs? Passou tanto tempo que gostaria de saber o que lhes aconteceu, a elas e a ti.

— Claro. Por onde queres que comece?

— Pelo princípio. Conta-me tudo.

Dylan estava deitado na erva no cimo do monte, olhando para a casa de Grace, à espera com o queixo apoiado nas mãos. Passaram três horas antes que o irmão dela de lá saísse. Grace acompanhou-o à carruagem que o esperava diante da casa.

Dylan encontrava-se ali desde antes da chegada de Lawrence e, sabendo que ele lá iria nesse dia, queria ver com os seus próprios olhos como se passariam as coisas. Chegara cedo, torturando-se a vê-la podar as roseiras. Estava tão bela e tão só que o entristeceu, pois a culpa era sua. Esquecera-se como era deserto o local a que a condenara. Tinha esperança que a visita do irmão corresse bem e que houvesse uma reconciliação. A família tratara-a tão cruelmente e ela não o merecera. Também não merecia estar só, merecia estar em segurança.

Do seu ponto de observação, escondido pela erva, viu-a lançar os braços ao pescoço do irmão, que lhe rodeou a cintura. Ian fizera o seu trabalho com a costumada habilidade diplomática e Dylan, enquanto observava Grace e o irmão, sentiu o coração apertado. Ela tinha sofrido um desgosto devido ao afastamento da família e, agora, com a ajuda de Ian, Tremore, Daphne e Viola, a sua reputação e a das irmãs estavam salvas.

Trazia um dos vestidos antigos, o vermelho, com um avental e um lenço branco cingindo-lhe o cabelo loiro. Sofria ao olhar para ela, sofria no mais fundo da sua alma por não poder tocá-la, por não poder abraçá-la. O dinheiro que lhe pagara gastar-se-ia e o orgulho não a deixaria aceitar mais, mas, ao vê-la com o irmão, percebeu que tomariam conta dela. Com a família por perto, nunca mais teria de vender laranjas na rua ou matar-se a trabalhar como mulher de limpeza ou tocar música senão para si própria. Agora poderia verdadeiramente começar uma nova vida, a vida que merecia.

Olhou para o ramo de rosas que tinha a seu lado para lhe oferecer. Seguiu o conselho de Isabel, mas duvidava que resultasse. Rosas e um pedido de desculpas nada significavam. Nunca o queria de volta. Como poderia? Não o amava, já não precisava dele. Certamente não o queria depois do modo cruel como a tinha posto de lado.

O seu olhar passou das rosas para o grande embrulho achatado que trouxera consigo. Poderia atirar-lhe as rosas à cara, mas o embrulho era diferente. Não sabia o que Grace faria com ele.

Dylan voltou a sua atenção para a cena que se desenrolava mais abaixo. Viu James entrar na carruagem e os dois irmãos fizeram as suas despedidas. Tal como ele, James ficara na aldeia próxima de Oxwich, mas este ignorava a sua presença. Sem dúvida, Grace voltaria com o irmão para a Cornualha; venderia a casinha, conseguindo assim um dote. Poderia casar com um homem bom e respeitável que tomasse conta dela. Um homem que a merecesse.

A dor que sentia no peito desde o dia em que ela partira tornou-se mais profunda. Não suportava pensar que ela se casaria com outro homem. Meu Deus, como era egoísta até ao fim, mesmo no seu amor por ela.

Dylan esperou que Grace entrasse em casa e que a carruagem de James entrasse no atalho para depois descrever a curva para a estrada. Voltou a cabeça, olhando para o outro lado do monte, onde a sua própria carruagem estava estacionada na beira do caminho. Viu o veículo de James passar por ela, em direção à aldeia. Assim que a outra carruagem desapareceu, Dylan levantou-se. Meteu as rosas debaixo do braço, pegou no enorme embrulho envolvido em serapilheira e dirigiu-se à casinha de pedra no sopé do monte.

Pousou as flores no chão, à porta dela, encostou o embrulho à parede de pedra da casa e bateu à porta. Ouviu passos aproximarem-se e sentiu o coração acelerado no peito, como se fosse um

pretendente apaixonado. Esfregou a cara com as mãos e respirou fundo várias vezes. Nunca na vida se sentira tão nervoso e esperava que ela batesse com a porta assim que o visse, mas não iria deixar que o fizesse. Tinha de lhe dar o que trouxera consigo, tinha de explicar e de pedir desculpas. Depois, quando ela o mandasse embora, obedeceria.

A porta abriu-se e ela ficou estática, olhando-o, imóvel como uma estátua. Entreabriu os lábios e os belos olhos verdes tornaram-se ainda maiores, a mão imóvel no puxador da porta.

— Olá, Grace. — Dylan tentou sorrir, um sorriso encantador, o que sempre usava para cortejar e acalmar as mulheres, mas não conseguiu. Com Grace, nunca mais.

— Que fazes aqui? — perguntou ela, levando a mão à garganta, puxando a velha gola branca do vestido e desviando os olhos, como se não suportasse olhar para ele.

— Vim trazer-te uma coisa.

Aquilo fê-la olhar para o rosto dele, embora não o olhasse nos olhos.

— O quê?

— Uma coisa que te pertence. — Inclinou-se e pegou no embrulho de quase quatro metros quadrados. Olhou-a nos olhos por cima da serapilheira. — Posso pô-la aí dentro?

Ela não se mexeu.

— Isso não me pertence — disse. — Tenho aqui tudo de que preciso.

— Juro que é teu, por favor, Grace. Deixa que ponha o embrulho aí dentro.

Ela hesitou e ele susteve a respiração, à espera, mas ela recuou e abriu mais a porta para o deixar entrar. Dylan pôs o embrulho de lado para que passasse pela porta e ela fê-lo entrar para a salinha que ele percorreu para o colocar sobre a mesa de canto.

Grace seguiu-o até à mesa, colocou a mão sobre a serapilheira, franziu a testa e olhou para ele.

— Não deixei nada no Devonshire e muito menos um embrulho deste tamanho. Seja o que for, não pode com toda a certeza ser meu.

— É teu. Agora é.

— Um presente teu? — Tinha a voz e os olhos gelados. — Não quero.

Dylan passou os dedos pelo cabelo, sem saber o que havia de fazer. Nunca antes estivera apaixonado, pelo menos daquela maneira. Apenas sabia o jogo. Não sabia como começar o que era verdadeiro.

— Sei que não tenho o direito de te pedir seja o que for, mas, por favor, aceita. — Apercebia-se do tom de desespero da sua própria voz. — Sei que não vai mudar nada, mas, por favor, Grace, abre.

Grace não podia imaginar o que ele lhe trouxera, mas, de qualquer forma, não o poderia aceitar. Mordeu o lábio inferior, olhou para o embrulho, para ele e, de novo, para o embrulho. Ele ali estava, o seu corpo belo e poderoso emoldurado pela porta, o cabelo despenteado pelo vento lá fora. A ternura também ali estava, a ternura que estampava no rosto, sempre que desejava, com qualquer mulher com que estivesse, para conseguir o que desejava.

Mas o que queria ele? Porque teria mandado o irmão e porque pedira aos amigos que lhe salvassem a reputação? Porque teria vindo a Gales para lhe trazer um presente? Não parecia próprio dele.

A menos que a quisesse de volta. Sentiu estalar, derreter-se o gelo que fora erguendo em redor do coração durante aqueles dois meses. Começou a estremecer interiormente, cheia de uma estúpida esperança. Sentiu de novo o seu estúpido coração ultrapassar-lhe a razão. Onde estaria o seu

orgulho? Dylan abandonara-a tão cruelmente, sem pensar, sem lhe dar uma explicação. Se a quisesse de volta, teria de ser sua amante até que ele se cansasse dela ou mudasse de humor. Vivera seis anos com um homem assim. Não voltaria a fazê-lo.

— Foi por isto que vieste? — Apontou para o embrulho, furiosa com ele e ainda mais consigo. — Para me ofereceres um presente como qualquer homem faz com uma amante? Queres demover-me e conseguir que eu volte?

— Não, e... — deteve-se e uma sombra parecida com o arrependimento passou-lhe pelo rosto. — Duvido que tenha a oportunidade de te fazer voltar. — Apontou para o embrulho que estava sobre a mesa. — Isto não é um presente que um homem desse a uma amante, acredita. Pensei que seria muito importante que o tivesses, mais nada. Comprei-o e trouxe-to. Tu decidirás o que fazer com ele.

Grace soltou uma exclamação mortificada e voltou-se para a mesa. Sabia que devia abrir o embrulho. Depois, rejeitá-lo-ia e dir-lhe-ia que levasse o presente de volta. Olhou para o embrulho de serapilheira, tirou do bolso a tesoura de podar e cortou o cordel. Começou a desdobrar o tecido grosseiro.

Quando descobriu o que estava por baixo da serapilheira, soltou uma exclamação chocada, pois viu a última coisa que esperava. Tratava-se de um quadro de Etienne. O nu em que ela aparecia na cama.

Grace olhou para o seu próprio rosto que lhe sorria da tela.

Jovem de Olhos Verdes Numa Cama. Havia quase oito anos que Etienne a pintara. Tão apaixonada como só uma pessoa tão jovem pode estar. Um amor louco, imaturo, o amor pouco profundo, a adoração de uma menina de dezassete anos por um homem que pusera num pedestal.

Grace ergueu a tela e viu outra por baixo, coberta por papel de seda — o quadro em que ela entrava no banho. Por baixo estava ela num baloço. Estavam ali os três nus que Etienne pintara dela. Voltou a colocá-los como estavam e olhou para o primeiro, para o seu corpo nu, semirreclinado na cama, sem que nada das suas formas ou dos seus sentimentos fosse deixado à imaginação.

Grace levou à boca as mãos fechadas, sentindo-se levemente indisposta.

— Etienne prometeu destruir os quadros quando o deixei — murmurou. — Como não apareceram depois da sua morte, pensei que tinha cumprido a sua palavra. Quase me esquecera de que existiam.

Ficou ali, durante muito tempo, a olhar para a sua imagem de tempos atrás. Pensou na jovem que fora com tristeza, pois amara com tanto desespero, acreditando que se podia apaixonar num instante e que duraria para toda a vida. Mas Dylan era a prova de que mesmo quando eram precisos meses para se apaixonar, o amor não durava. Sufocou um soluço na garganta.

— Não chores! — A voz rouca de Dylan interrompeu-lhe os pensamentos e, antes de se poder voltar, sentiu-o atrás de si passando os braços pela sua cintura, estreitando-a a si. — Não chores — repetiu, chegando os lábios à sua face, secando-lhe as lágrimas com beijos.

Era tão humilhante chorar diante dele. Tentou afastar-se, mas ele não o permitiu e ela acabou por desistir, deixando-se cair nos braços dele.

— Onde os encontraste? — perguntou sufocada.

— Comprei-os. — Hesitou, mas acabou por dizer: — Grace, estavam a ser leiloados pela Christie's.

— Valha-me Deus — gemeu ela, enterrando o rosto nas mãos. HorrORIZAVA-a a ideia de o seu corpo ter sido exposto publicamente, descrito e licitado diante de dezenas de homens. Recordou-se de uma noite em Londres em que pensara ter de posar nua para um desconhecido para arranjar dinheiro e agradecia a Deus não ter sido obrigada a fazê-lo. Posara para o marido, o homem que

amara. Enojava-a a ideia de que dezenas de homens a tinham visto.

— Ninguém mais te verá — murmurou-lhe Dylan ferozmente ao ouvido, como se lhe tivesse lido os pensamentos. — Já te disse que agora são teus para fazeres o que quiseres com eles.

Ela baixou as mãos, voltou-se e afastou-o. Desta vez, ele permitiu-o, recuando.

— Quanto pagaste por eles?

— Não importa.

— Quanto? — repetiu. Haveria de lhe pagar, por muito tempo que levasse. Não queria ficar a dever-lhe aqueles quadros.

— Grace... — Dylan cedeu, observando-lhe a expressão do olhar. Ela percebeu que ele não lhe queria dizer, mas, algum tempo depois, capitulou. — Vais acabar por saber, porque parece-me que tudo o que faço aparece nos jornais de escândalos — murmurou. — Trinta e seis mil libras.

— Oh, meu Deus — disse ela, aflita. — Nunca te poderei pagar. Toda a minha vida estarei em dívida contigo.

— Que diabo, Grace, não estás em dívida comigo. — Avançou e tomou-a nos braços. — Não quero que me pagues! Estou a oferecer-tos. Deviam ser teus e o teu maldito marido devia tê-los destruído quando lho pediste.

Grace afastou-se dele. Vê-lo, tê-lo ali, diante dela, deixar que ele a tocasse e lhe secasse as lágrimas, era de mais. Demasiado doloroso. Deus a ajudasse, amava-o tanto. Voltou-se e atravessou a sala, dirigindo-se à lareira. De costas para ele, ficou a olhar para o lume.

Dylan fora ao leilão e olhara para as imagens do seu corpo nu que tinham sido exibidas e descritas pelo leiloeiro. Comprara-as, pagando por elas um preço elevado e oferecera-lhas. Perturbada, voltou-se para ele.

— Nem sabia que estas telas ainda existiam. Como as descobriste?

— Disse-me Ian.

— Como?

— Mostrou-me uma brochura da Christie's, sabes do que estou a falar. Tem gravuras, desenhos e descrições dos objetos que vão ser leiloados. Tinha-a consigo no Devonshire e, quando te foi apresentado, reconheceu-te imediatamente.

— Foi por isso que me mandaste partir — disse Grace, compreendendo por fim. — Viste as gravuras... eu, sem roupa, e puseste-me de lado. Sem uma explicação! — Uma centelha de dor perpassou o rosto de Dylan, mas a sua era demasiado forte para se interessar pela dele. — Que diabo, desprezaste-me por essas estúpidas telas?

Horrorizada pela dor da sua voz, Grace tentou controlar-se, mas em vão. Estava desesperada.

— Porque o meu marido me pintou nua? — Um tom histérico subiu-lhe na garganta. — Não sabia que Dylan Moore era tão moralista.

— Não quero saber disso para nada! — gritou ele, aproximando-se. — Detestei a ideia de que outros homens olhassem para ti numa coleção ou num museu, garanto. Mas não foi essa a razão! Foi o teu rosto. Cortou-me o coração ver o teu rosto!

— O quê? Não compreendo.

— Olha para ti, olha para o teu rosto. — Dylan apontou para as telas que estavam sobre a mesa. — Tu amava-lo.

— Claro que amava — Grace olhou para Dylan, atónita. — Eu disse-te.

— Cheval era um grande pintor, não é verdade? Sim, um grande pintor. Pintava o que via... o amor no teu rosto, tanto amor, todo o amor do teu coração, todo o amor do mundo para ele.

— E então?

O rosto de Dylan tinha uma expressão perturbada, dorida, como a de um animal ferido.

— Nunca olhaste para mim daquela maneira.

Naquele instante, Grace soube que ele a amava, não pelo que dissera, mas porque olhava para ela destruído. Baixou as suas defesas e olhou para o homem orgulhoso e ferido que tinha diante de si. Nunca tinha visto tal dor na expressão de um homem.

— Oh, Dylan — disse, erguendo as mãos num gesto impotente. — Eu era uma menina, uma criança. Não sabia o que era o amor. Quando Etienne me pintou, eu tinha dezassete anos e o meu amor por ele era um misto de admiração e desejo físico. Amava o meu marido, sim, mas era um amor tão insubstancial que não durou mais que três anos. Era o homem que amava e nunca antes estivera apaixonada. Era tudo tão novo, tão romântico, tão emocionante...

A voz sumiu-se quando olhou para o rosto angustiado de Dylan.

— Conhecia Etienne havia uma semana quando fugimos — recordou-lho. — Só casou comigo dois anos depois de me conhecer, mas amava-me à sua maneira, o mais que era capaz. Era um homem de temperamento violento e viver com ele era um inferno. Pensava que eu era a sua inspiração.

Dylan respirou ruidosamente e voltou-lhe as costas.

— À medida que o seu humor piorava — continuou Grace —, tornou-se cada vez mais instável. Quando não conseguia pintar, culpava-me. Depois voltou-se para outras mulheres. As coisas correram mal e o amor morreu. Não consegui aguentar a culpa que me atribuía, os casos amorosos que me atirava à cara e por isso deixei-o. Oh, Dylan — exclamou —, amava-o, mas não era a mulher que agora sou. Não consegues entender?

Qualquer coisa o fez voltar.

— Odeio-o, Grace. Odeio-o porque te magoou, porque partiu o teu coração belo, generoso, adorável, porque te obrigou a deixá-lo. Eu fiz o mesmo. Odeio-o porque me odeio. Não soube apreciar o que tinha até que o perdi.

— Dylan...

— Espera — interrompeu. — Raios, quase me esquecia.

Saiu da sala e quando voltou trazia o ramo de rosas na mão, de todas as cores, atadas com uma fita, meteu-as na mão dela.

— Sei que as rosas são as tuas flores preferidas e tentei comprar-te um ramo bonito, mas não havia uma florista na aldeia. Roubei-as do jardim de uma pobre mulher quando vinha para aqui.

Grace viu as flores e começou a tremer interiormente.

— Porque me ofereces flores como se fosses um pretendente que viesse à minha porta?

— Foi ideia de Isabel. Sabes, ela disse que eu tinha de cá vir para te levar de volta. Tinha tudo planeado para que fosses mãe dela. Fazes parte da família que ela quer. E disse-me que viesse buscar-te, que te oferecesse flores e te pedisse desculpa. Disse que é o que faz quando se porta mal e pensei que valia a pena tentar. Grace, lamento tanto.

— Magoaste-me.

— Sim, bem sei. — Nem tentou desculpar-se. Apertou os lábios, mas não desviou o olhar. — Vi como choravas. Sei que dizer que se lamenta é a frase mais estúpida, banal e inadequada, mas não sei que mais dizer. Sei que te magoei enormemente e lamento tanto... tanto.

Ela respirou fundo, inalando o doce cheiro das rosas. Naquelas palavras apressadas ouvira qualquer coisa acerca de ser a nova mãe de Isabel, mas não tinha a certeza de que ele a estivesse a

pedir em casamento. Tantas coisas inesperadas tinham acontecido naquele dia que ela não conseguia pensar como devia ser.

— Não sabia que podia ser um homem ciumento, mas, quando Ian apareceu e se pôs a olhar para ti, senti-me devorado interiormente. Lembras-te de como discutimos?

— Sim, lembro-me.

— Depois vi aquelas gravuras e o teu olhar e não sei explicar o que se passou dentro de mim. Simplesmente... explodi. Tinha tanto medo, Grace, tanto medo, pensei que não me amavas. Como poderias, se olhavas assim para o homem que amavas e para mim nunca tinhas olhado com aquela expressão.

Soltou uma exclamação rouca e triste.

— Não quer dizer que eu o merecesse, depois de ter magoado tantas mulheres na minha vida, sem nunca ter pensado nelas. Não me lembro da maioria. Nunca pensei nelas nem no que sentiam. Só no que eu sentia. Agora sei o que lhes fiz... parti-lhes o coração e já sei o que custa porque o meu está despedaçado sem ti. Amo-te. Amo-te mais do que à vida. Amo-te mais do que à minha música.

— Dylan...

— Grace, não digas nada — interrompeu ele com um desespero na voz que ela nunca antes lhe ouvira. — Sei que provavelmente desejarás que eu parta, mas tenho de te contar tudo a meu respeito. Tinhas razão. Não sabia o que era o amor. Pensei que sabia, mas até com Michaela não sabia. Declarei-me a ela, mas não lhe entreguei o meu coração, nada disso. A música levava tudo.

— Dylan, compreendo. Não precisas de me explicar.

— Nunca dei o meu coração — prosseguiu ele como se ela nada tivesse dito. — Nunca, porque sabia que, quando o fizesse, nada restaria para a música. — Falava tão depressa que ela mal conseguia seguir o que dizia. — Estás a ver? Sem música eu nada seria. Nada fui sem música durante cinco anos.

— Não é verdade.

— É verdade. Depois voltaste a entrar na minha vida. — Meteu a mão no bolso de onde retirou um maço de papéis. — Aqui está a sinfonia. Escrevia-a pensando em nós. Dei-lhe este nome em tua honra.

— Bem sei — murmurou. — Eu...

— Quero que fiques com ela. Sem ti nunca a comporia. Sem ti não me interessa a música. Sei que não importa que te esteja a dizer isto, mas amo-te. E quero casar-me. Contigo, claro. Nós, tu e eu, publicar os banhos e tudo isso. Não te levaria para França para só me casar contigo dois anos depois como um francês qualquer.

— Percebo.

— Então — insistiu, desejando que ela ultrapassasse tudo aquilo e que o dissesse. — Grace, queres casar comigo?

Seguiu-se um longo silêncio. Dylan olhou-a e sorriu, mas, como ela nada dissesse, ergueu as mãos para lhe tocar. Depois, mudou de ideias e deixou-as cair.

— Diz qualquer coisa, por amor de Deus — ordenou num murmúrio feroz e agonizante. — Não vais dizer nada?

Ela soltou uma gargalhada trémula.

— Vais deixar que eu diga alguma coisa?

— Grace, se vais fazer-me sofrer, fá-lo. Deus sabe quanto o mereço.

— Não vou fazer-te sofrer. — Grace olhou para a sinfonia que tinha nas mãos e depois para as telas sobre a mesa. Pensou no que Dylan tinha feito pela sua família e em como viera ter com ela para confessar todos os seus erros numa litania para se castigar. — Que vou eu fazer com uma sinfonia?

— Queima-a. Não quero saber.

— Tu e Isabel. Convosco é sempre tudo tão dramático. Não podias apaixonar-te simplesmente e declarares-te como uma pessoa normal? Tinhas de compor uma sinfonia acerca de tudo isto? Por amor de Deus, sou uma simples mulher da Cornualha. Sabes, é muito bom para ti e para a tua filha que eu seja uma pessoa sensata, de contrário perder-se-iam os dois.

— Como? — Olhou-a e o único som que ouviu foi o do forte bater do seu coração. — Que estás a dizer?

— Estou a dizer que sim. Que te amo.

— Amas-me? — Ela acenou afirmativamente e ele tomou-a nos braços. Apertou-a tanto que sabia que quase a sufocava. — Grace, Grace, nunca mais me deixes. Nunca mais.

— És um homem imprevisível. Disseste-me que te deixasse, lembras-te?

— Nunca disse que não era um idiota. — Beijou-lhe os lábios, a face, a orelha. — Grace?

— *Hum?*

— Lembras-te de que te disse que não fazia tudo isto para te ter de volta?

— Sim.

— Estava a mentir.

Ela sorriu e abraçou-lhe a cintura.

— Bem sei.

Admirado, Dylan afastou-a para a olhar.

— Sabes?

— Sim. Quando mentes, sorris de uma determinada maneira.

— Não pode ser. Nunca te tinha mentido.

— Isabel mente e sorri da mesma maneira que quando disseste que não estavas a tentar convencer-me para me teres de volta. Tal pai tal filha. Foi assim que soube.

— Sempre tive razão a teu respeito. És um general do exército. Contigo a mandar em mim, nunca mais conseguirei fazer disparates.

Grace soltou uma gargalhada e afastou-lhe uma madeixa do cabelo.

— Como se eu pudesse mandar no mais famoso libertino de Inglaterra. És tu quem manda, porque cada sorriso teu, cada beijo teu, faz com que te ame ainda mais.

Ele puxou-a para si. Acariciou-lhe as ancas e deteve-se de novo sério. Esperava que ela tivesse razão acerca do sorriso porque agora não sorria. Aquilo era importante.

— A partir de agora, cada sorriso, cada beijo e cada sinfonia serão para ti. Só para ti. Pelo resto da minha vida. Juro.

Voltou a beijar-lhe a orelha e começou a puxar-lhe a saia, mas, em vez de ceder, Grace segurou-lhe os pulsos.

— Espera — disse franzindo um pouco a testa. — E todas as sonatas, os concertos e as óperas? Serão para quem?

Dylan soltou as mãos, desistiu da saia e tentou uma via alternativa. Estendeu a mão para o

botão de cima do vestido.

— Para Isabel, claro. Oh, e terei também de guardar alguns beijos para ela.

— Bom — murmurou Grace, cedendo por fim. — Compuseste uma sinfonia para mim.

— Sim. — Afastou-lhe o decote do vestido e beijou-lhe a pele macia e branca. Depois, ergueu a cabeça, olhando-a admirado, apreciando pela primeira vez aquele completo milagre. — É verdade. Compus mesmo. E disseste-me que as musas não existem. — Tocou-lhe com os lábios na boca. — Existem. Eu vou casar com a minha e passar o resto da vida a ouvir música por causa dela.

Fim



Agradecimentos

Os meus agradecimentos a Ms. Terry Rogers por todo o apoio que me proporcionou durante a escrita deste livro. Ms. Rogers, licenciada em Educação Musical e professora de piano durante dez anos, prestou-me uma preciosa ajuda nos aspetos musicais desta história.

Terry, estou-lhe eternamente grata.